



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

DANIELA ABREU MATOS

**DIÁRIOS, MAPAS E MEDIAÇÕES:
Comunicação, cultura e resistência da juventude periférica**

BELO HORIZONTE
JULHO, 2012

Daniela Abreu Matos

**DIÁRIOS, MAPAS E MEDIAÇÕES:
Comunicação, cultura e resistência da juventude periférica**

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Comunicação.

Área Temática: Comunicação e Sociabilidade
Linha de Pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais
Orientadora: Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva

BELO HORIZONTE
2012

Á Jorge e Tales, meus grandes amores,
que me fazem sentir o que há de melhor.

Agradecimentos

Aos meninos e meninas vaga-lumes, que iluminam e transformam o nosso mundo em um lugar melhor, a cada dia.

À FAPEMIG – Fundação de Apoio a Pesquisa de Minas Gerais – pela bolsa de estudos que possibilitou dedicação integral ao Curso de Doutorado que resulta nessa Tese.

À Lena, pela acolhida generosa desde o primeiro momento, muito antes de iniciarmos, formalmente, a orientação. E pelo trabalho em parceria, pelo olhar cuidadoso e incentivador. E por compartilhar um forma critica de entender as cidades e suas dinâmicas.

Aos Profs. Ângela Marques e Bruno Leal pelos preciosos comentários no exame de qualificação que contribuíram de forma decisiva para a proposição final da tese. E, principalmente, por terem me provocado a deixar falar os Diários, inclusive nas suas ambiguidades.

À Profa. Simone Rocha, pela cuidadosa e incentivadora orientação durante os primeiros anos do Doutorado.

Ao Prof. Cesar Guimarães, coordenador do PPGCOM, pelo apoio que possibilitou mudanças de percursos durante o curso.

À Profa. Vera França pela acolhida gentil, por fazer os alunos “de fora” se sentirem em casa na Fafich.

À Jorge Cardoso Filho, meu primeiro leitor, pelo seu apoio em todos os momentos, por suas incansáveis leituras, comentários críticos e incentivos imprescindíveis para a realização desse trabalho.

Às meninas do COMCULT – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Mídia e Cultura – Vivian Perón, Fernanda Salvo, Carol Abreu, Vanessa Lacerda e Mariana Souto pelos debates intensos que muito contribuíram para o desenvolvimento do projeto de pesquisa que deu origem a Tese.

À minha mãe, pelo amor incondicional, por estar perto em todas as horas. E por me mostrar, com atos mais do que com palavras, a importância de lutar por um mundo mais justo.

À meu pai e Bel, pelo amor de toda a vida, pelo apoio em todos os momentos e lugares. E por me mostrarem, desde cedo, a beleza de ser um(a) professor(a) e a importância de lutar por uma educação pública e acessível.

Aos meus irmãos Rafael, Lucas e Matheus; à Mel e à Camilinha, pelo carinho de cada um do seu jeito que fazem os meus dias mais felizes.

À Jorge Cardoso, Itatiaia, Fernando, Aiatiá e Inaiá, pelo carinho, pelo apoio em todas as nossas idas e vindas.

Ao CRIA – Centro de Referência Integral de Adolescentes – por ter me oferecido

experiências radicais de entendimento da minha realidade que me exigiram ação e atenção. Do que essa pesquisa é resultado.

À Maria Eugênia, Beth e Scheilla, pelos intensos momentos de criação e atuação no intenso processo de criar o CRIA.

À Milene Migliano, por ter nos recebido em Santa Teresa e nos apresentado os primeiros mapas de BH. Pela parceria nos modos de ver a comunicação e a cultura nas cidades e pela grande amizade expressa em todos os momentos desde o meu primeiro dia nas Minas Gerais.

À Rennan, Lili e Alice Mafra, pela acolhida em BH, pela deliciosa vizinhança em Santa Teresa. E pela amizade que nos fará criar pontes entre Cachoeira e Viscosa, Salvador e Belo Horizonte sempre que for desejado.

À Flávio e Ana Carla, pelos nossos domingos de família baiana em BH que fizeram da mudança para uma nova cidade um processo um pouco menos difícil.

À Fran, Val, Adriana, Marcos, Stefan, Monique e Alécio pela forte amizade nos tempos de Frankfurt, indispensável para que o período de estudos fosse também muito divertido e por deixar a nossa Alemanha com um sotaque brasileiro. Danke!

À Nília, Fred e João, amigos queridos, nossa família conquistense, pelo apoio incondicional, em todos os momentos, sem importar hora e lugar.

À Cleide Chaves, Dannilo e Clarice Duarte, pela boa amizade que iniciamos em Vitória da Conquista e nos deixa com vontade de voltar sempre.

À Fernanda Alamino, pela preciosa colaboração nas revisões e por ter aceitado desafio do tempo.

À Isolda Libório "Zí", amiga querida, pelo apoio em todas as horas e, especialmente, pela linda arte da capa.

À Ricardo Sangiovanni pelo ajuda com as versões em PDF das matérias jornalísticas que compõem o anexo do trabalho.

Essa tese foi gestada em 4 lugares diferentes – Belo Horizonte, Frankfurt, Vitória da Conquista e Salvador – e cada um deles está marcado nas páginas que serão apresentadas a seguir. Aqui, tem um pouquinho de tudo no mundo e muito de Salvador. Tem gente amiga de todos esses cantos e alguns outros também.

É uma homenagem à Salvador, para que a gente tente fazer dela um lugar melhor do que é hoje.

RESUMO

Essa tese de doutoramento identifica o potencial de resistência de práticas culturais-comunicativas empreendidas por quatro (4) grupos juvenis a partir da análise dos materiais expressivos produzidos por eles, denominados Diários Criativos. Os grupos *Art'Periférica*, *Jovens Realistas do Cotidiano*, *Trama dos Arteiros* e *Grupo Jovem Nova Geração* são formados por adolescentes e jovens que expressam o seu pertencimento territorial à quatro localidades consideradas periféricas na dinâmica urbana da cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia. São elas: Pernambués, Alto do Cabrito, Marechal Rondon e Cosme de Farias. O problema de pesquisa se conforma enquanto uma reflexão sobre a dinâmica de interação entre esses sujeitos "jovens", suas produções expressivas, seus contextos de inserção territorial e a forma como essa articulação implica em uma tomada de posição diante de outras discursividades operantes no contexto social. Essa tomada de posição é de natureza cultural, comunicacional e política. A abordagem metodológica é consequência dessa perspectiva de interdependência da relação entre contexto de produção e objeto expressivo, manifestada na opção pelo paradigma das mediações de Jesús Martin-Barbero e pela proposição do mapa-texto, a partir do tensionamento da escrita dos Diários com textos oficiais e midiáticos sobre a juventude e a periferia. Ao final do percurso investigativo, pode-se afirmar que os Diários evidenciam práticas resistentes capazes de desestabilizar padrões excludentes e preconceituosos que tentam fixar a juventude das periferias urbanas.

Palavras-chave: juventude, resistência, mediações, práticas culturais-comunicativas, grupos juvenis, Diários Criativos

ABSTRACT

This doctorate thesis identifies the resistance potential of cultural-communicative practices undertaken by four (4) juvenile groups from the analysis of expressive materials produced by them named "Diários Criativos" (Creative Journals). The groups "Art'Periferia" (Art'Periphery), Jovens Realistas do Cotidiano (Daily realistic youth), Trama dos Arteiros (Art Makers Plot) e Grupo Jovem Nova Geração (New Generation youth group) are constituted by teenagers and young who express their territorial belonging to four locations which are considered peripheral in the city of Salvador, capital of Bahia State. Those peripheral areas are: Pernambués, Alto do Cabrito, Marechal Rondon and Cosme de Farias. The research conforms as a reflection about the interaction dynamics between those young subjects, their expressive productions, their territorial insertion contexts and the way this articulation implicates in a stance against others operant discourses in the social context.

This stance is cultural, communicational and political. The methodological approach is consequence of that perspective of relational interdependence between the production context and the expressive object, expressed in the option for Jesús Martin-Barbero mediation paradigm, and for the map-text proposition, from the tensioning of the journals with official and mediatic texts about youth and periphery.

At the end of the investigative route, it's possible to assert that those Journals showed resistant practices capable of destabilize excludent and prejudiced patterns that try to determine the urban periphery youth.

Keywords: youth, resistance, mediation, cultural-communicative practices, juvenile groups, Creative Journals.

Lista de figuras e tabelas

FIGURA 01 – Contracapa dos Diários Criativos.....	05
FIGURA 02 – Tabela 1 Conteúdo dos Diários.....	59
FIGURA 03 – Tabela 2 Diário Criativo: Organização das seções.....	60
FIGURA 04 – Mapa das Mediações.....	65
FIGURA 05 – Histórico do Grupo JRC.....	90
FIGURA 06 – Trecho do espetáculo “A brincadeira acabou”.....	95
FIGURA 07 – Biografia Cosme de Farias.....	97
FIGURA 08 – Organização Feira Comunitária.....	99
FIGURA 09 – Objetivo Feira Comunitária.....	99
FIGURA 10 – Capa do Diário JRC.....	101
FIGURA 11 – Mapeamento dos serviços.....	102
FIGURA 12 – Mapeamento dos serviços.....	102
FIGURA 13 – Apresentação Comunidade.....	106
FIGURA 14 – Texto: Prazer, sou de Marechal.....	107
FIGURA 15 – Apresentação Comunidade.....	109
FIGURA 16 – Matéria publicada no A Tarde On-line.....	109
FIGURA 17 – Apresentação Escola Aberta.....	114
FIGURA 18 – Oficinas.....	114
FIGURA 19 – Mapeamento da cultura afro-baiana.....	119
FIGURA 20 – Apresentação do Grupo JRC.....	120
FIGURA 21 – Depoimentos.....	122
FIGURA 22 – Colagem elementos.....	122
FIGURA 23 – Apresentação da Comunidade.....	124
FIGURA 24 – Desenho Pernambués.....	124
FIGURA 25 – Desenho Jovem.....	124
FIGURA 26 – Articulação Comunitária.....	125
FIGURA 27 – Cultura Comunitária.....	126
FIGURA 28 – Capa do Diário Trama dos Artesãos.....	126
FIGURA 29 – Jovem Marechal.....	126
FIGURA 30 – Oficina de Grafite.....	127
FIGURA 31 – História em Quadrinhos.....	128
FIGURA 32 – História em Quadrinhos.....	128
FIGURA 33 – Pernambués pelo Grupo Art'Periférica.....	129

FIGURA 34 – Alto do Cabrito pelo JRC.....	129
FIGURA 35 – Marechal Rondon pelo Trama.....	129
FIGURA 36 – Jovens integrantes do Grupo de Teatro.....	132
FIGURA 37 – Imagem Site Salvador Cultura Todo Dia.....	137
FIGURA 38 – Imagem do link SALTUR.....	139
FIGURA 39 – Mapa Turístico Salvador.....	140
FIGURA 40 – Mapa de Salvador / Unidades Municipais.....	141
FIGURA 41 – Mapa Salvador / Detalhes Unidades Municipais.....	141
FIGURA 42 – Página 04 do Jornal A Tarde, 14/05/2008.....	147
FIGURA 43 – Página 11 do Jornal A Tarde, 17/04/2008.....	148
FIGURA 44 – Página 04 do Jornal A Tarde, 16/01/2008.....	149
FIGURA 45 – Página 09 do Jornal A Tarde, 09/06/2008.....	151
FIGURA 46 – Comunidade fala o que pensa.....	153
FIGURA 47 – Entrevista Moradores Pernambués.....	154
FIGURA 48 – Trecho página de apresentação.....	155
FIGURA 49 – Oficinas Projeto Escola Aberta.....	158
FIGURA 50 – Oficinas Projeto Escola Aberta.....	158
FIGURA 51 – Apresentação Bairro.....	160
FIGURA 52 – Imagens Bairro Cosme de Farias.....	161
FIGURA 53 – Capa Diário GJNG.....	162
FIGURA 54 – Página 05 da Revista Jovem Geração.....	168
FIGURA 55 – Página 04 do Jornal A Tarde, 02/01/2008.....	169
FIGURA 56 – Página 10 do Jornal A Tarde, 08/03/2008.....	174
FIGURA 57 – Capa do Diário Art'Periférica.....	175
FIGURA 58 – Eu e o meu Bairro.....	176
FIGURA 59 – Detalhe página Eu e o meu Bairro.....	177
FIGURA 60 – Fala dos Professores.....	178
FIGURA 61 – Fotos JRC.....	180
FIGURA 62 – Imagens do Grupo de Teatro.....	183

Sumário

Introdução	12
1. Juventude, periferia e resistência	21
1.1 Juventude enquanto prática.....	30
1.2 Cultura Juvenil e resistência: abordagens contingentes	41
1.3 Grupos Juvenis em ação: os Diários Criativos	53
2. Práticas Juvenis: modos de apreensão	62
2.1 Texto e sociedade: uma análise cultural.....	62
2.2 O lugar nos/dos Diários Criativos	68
2.3 Marcas de identificação, modos de pertencer	73
2.4 Diários Criativos: entre mediações e projeções cartográficas	79
3. Contextos de Produção: análise das mediações sociais	85
3.1 Socialidades.....	86
3.1.2 Modos de ser.....	87
3.2 Institucionalidades.....	97
3.2.1 “Menino de ONG”.....	99
3.2.2 É notícia!.....	104
3.2.3 Rastros acadêmicos.....	111
3.2.4 As redes e os lugares.....	111
3.3 Tecnicidades.....	116
3.3.1 Exercícios de escrita.....	117
3.3.2 Os desenhos nos/dos cadernos.....	123
3.4 Ritualidades.....	129
3.4.1 A costura dos nós.....	130
4. Composição do mapa-texto	133
4.1 Marcas do lugar.....	134
4.1.1 Textos oficiais.....	135
4.1.2 Textos midiático	144
4.1.3 Textos locais - Diários Criativos.....	151
4.2 Modos de ser jovem: identificação e pertencimento.....	162
4.2.1 Textos oficiais.....	163
4.2.2 Textos midiático	167
4.2.3 Textos locais: Diários Criativos.....	174
5. Considerações Finais	185
Referências	200
Anexos	209

INTRODUÇÃO

Essa tese é resultado de uma pesquisa sobre o potencial resistente de práticas culturais-comunicativas empreendidas por jovens moradores de lugares periféricos, articulados em grupos de atuação comunitária. Especificamente, este estudo está voltado para a compreensão de uma experiência de escrita coletiva vivenciada por jovens moradores da cidade de Salvador, na Bahia, e questiona a possibilidade de uma função transformadora associada a ela.

Tal campo de pesquisa ganhou contornos reais de experiência vivida a partir da minha inserção profissional no Centro de Referência Integral de Adolescentes (CRIA) e a aproximação à um determinado ambiente sociocultural soteropolitano, no qual jovens pobres enfrentam grandes adversidades tendo seus contextos culturais e suas expressões artísticas como principal instrumento de ação social.

A cada encontro com os jovens na sede da organização, nas escolas, nas praças das comunidades, nos centros comunitários, a pergunta pela eficácia das ações culturais-comunitárias, desenvolvidas pelo CRIA e pelos grupos locais, ganhava força. Tornou-se, então, a inquietação geradora desta investigação. Interessava-me pensar em graus, indicadores, eficácia... Estruturá-la de modo que pudesse comprovar aquela dinâmica transformadora que eu acreditava acontecer na vida dos sujeitos envolvidos em atividades de mobilização social.

O desenvolvimento do projeto de pesquisa serviu para desestabilizar, também, as minhas certezas. Como ponto de partida, busquei reconhecer um duplo posicionamento diante da questão: um deles enquanto militante, educadora envolvida em processos formativos voltados para a juventude; outro como investigadora, estudante do curso de doutorado exercitando caminhos da pesquisa no campo da Comunicação. Considero esse reconhecimento importante porque possibilitou uma negociação entre as posições, um polimento de arestas constante que impulsionou a busca por um rigor teórico-metodológico, sem desconsiderar a proximidade e o envolvimento pessoal com a

situação analisada.

Nesse processo, os índices de impacto e graus de transformação começaram a dar espaço à uma busca do entendimento da dimensão transformadora das práticas culturais – entendidas enquanto processos comunicativos exercitados pelos jovens no seu cotidiano – e da relação de afetação entre elas e a conjuntura de forças sociais que caracterizam os seus contextos de inserção. Essa perspectiva reconhece o fazer dos sujeitos na interação, na situação comunicativa, procurando realçar sua capacidade criadora e as práticas de negociação colocadas em funcionamento nos processos de construção de sentidos.

Assim, interessava-me pensar como a ação dos jovens poderia empreender alguma mudança na correlação de forças sociais. Como poderia, por exemplo, alterar posicionamentos estabelecidos pelos meios midiático-massivos – considerados como instância privilegiada de formulação de discursos potencialmente hegemônicos – sobre a juventude das periferias? Esse caminho me levou a uma perspectiva inicial de tensionamento entre a produção textual elaborada pelos próprios jovens e o texto midiático, a partir de uma oposição dualista que os considerava enquanto narrativas contra-hegemônicas e hegemônicas, respectivamente.

Mas essa formulação, ainda que reconhecesse a pluralidade de ambas as formações discursivas e as relações de porosidade entre elas, não oferecia espaço suficiente para visibilizar a riqueza e as ambiguidades do material identificado como prioritário na análise: os Diários Criativos. Era preciso abrir espaço para a fala dos jovens, lidar com elas na sua complexidade. Desse modo, a situação empírica exigiu um reordenamento das proposições teórico-metodológicas de modo que as condições de produção e a riqueza do produto comunicativo pudessem ser evidenciadas a fim de revelar, ou não, seu potencial enquanto “táticas” (CERTEAU, 2011) de reinvenção, desestabilizadoras de hierarquizações e relações de poder.

Nesse sentido, é importante reconhecer que o investimento teórico feito na discussão do conceito de resistência, fundamental para o direcionamento desta investigação, visou desconstruir uma relação automática entre cultura juvenil e ação contestadora, mesmo quando o coletivo em questão apresenta condições de inserção social desfavoráveis e desiguais em relação com outras parcelas da juventude.

A abordagem que proponho considerou o potencial resistente como uma

condição que poderia ou não ser efetivada. É uma consequência da capacidade de alteração das relações de poder previamente estabelecidas que passam a ser tensionadas pela existência de determinada ação, ou produto, em dado contexto. Desse modo, configurei uma análise voltada para a relação entre sujeitos, práticas e a sociedade, portanto atenta às práticas sociais na sua dimensão de produtora de sentidos.

Importante destacar que a concepção que orienta este trabalho reconhece variados níveis de transformação social, desde aqueles definidos por padrões mais objetivos – como acesso ao emprego, à educação e saúde de qualidade, a condições dignas de moradia e à segurança pública – até aqueles que operam em um patamar de ganhos simbólicos – como o fortalecimento subjetivo de laços comunitários e a implementação de redes de solidariedade, por exemplo. O que interessa-me, aqui, é a possibilidade do transbordamento, daquilo que escapa, que abala as certezas de certo conjunto de coisas com fronteiras rigidamente estabelecidas. Um movimento capaz de instaurar e dar consistência às zonas intervalares, ao território do aproximativo dos “espaços opacos” (SANTOS, 2006), constituindo forças autênticas de ação resistente.

Essa concepção associa a ação política a uma atuação desestabilizadora da ordem, do instituído, portanto, algo que instaura dúvida, coloca certezas em suspenso, interferindo no que Ângela Marques, a partir do diálogo com Jaques Rancière, caracterizou de consenso.

O consenso define distribuições hierárquicas nas quais a fala de cada um e o lugar ocupado pelas pessoas são definidos em termos de sua apropriação e de sua adequação a uma função previamente definida como útil. Ele mascara a reprodução do poder e da injustiça em um fenômeno sutil de reafirmação de um quadro de sentidos que direciona e molda a imaginação e o julgamento das pessoas. (MARQUES, 2012, p. 5).

Logo, a luta política que se expressa na desestabilização dos consensos é aquela que consegue incluir não apenas novas abordagens aos temas, digamos, polêmicos, e sim a ação de incluir novos sujeitos no debate a partir das suas complexidades e incompletudes, as quais se revelam no processo de construção de conhecimento que se dá simultaneamente ao momento de ocupação desse outro lugar.

Para captar um desses momentos de atuação política coletiva enquanto objeto de investigação teórica, optei por identificar uma situação marcada por condições semelhantes e que, por isso, me permitiu observar particularidades e recorrências na atuação de grupos juvenis, focando o potencial de resistência delas. A situação, acima

mencionada, diz respeito ao processo de elaboração do material expressivo identificado nesta pesquisa como Diário Criativo, realizado no âmbito do programa de formação de jovens dinamizadores do Centro de Referência Integral de Adolescentes – CRIA.

A respeito da juventude, vale destacar que as culturas e práticas juvenis foram reconhecidas enquanto campo de estudos a partir da década de 1950, no contexto do pós-guerra, inicialmente pela sua relação com as instâncias de controle e de consumo. Desde esse momento, surgem estudos de matriz sociológica que desestabilizam padrões etários ou biológicos para o reconhecimento desse grupo social. A ideia da juventude como uma construção social historicamente definida começava, então, a ganhar força.

Diante do amplo desenvolvimento desse campo de estudos com foco na juventude, optei por efetuar um recorte que me aproximasse da tradição de estudos preocupada com a cultura juvenil e as marcas que ela provoca na sua conjuntura social. Desse modo, o ponto de partida acionado foram os estudos surgidos no contexto do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham e sua preocupação com a dimensão política dessas práticas operadas “através de rituais”.

Nesse contexto a concepção de rituais estava associada às marcas ‘espetaculares’ relacionadas às subculturas juvenis que se tornaram visíveis no pós-guerra. Estas se articulavam àquilo que Dick Hebdige (1979) identificou como estilo – comportamento, roupas, músicas, cortes de cabelo, adornos e enfeites – e usou em sua crítica à perspectiva hegemônica, segundo a qual essas expressões significavam apenas a inserção dos jovens no crescente ambiente de consumo. Entre muitas divergências em torno do potencial efetivamente transformador ou do consumo hedonista e despreocupado desses rituais juvenis, passava a chamar atenção o lugar de destaque que as práticas simbólicas ocuparam nesse debate.

Ao analisar o contexto de surgimento e as proposições iniciais sobre resistência e cultura juvenil, Freire Filho (2007) comenta que “(...) integrantes do CCCS procuraram captar melhor o significado social e político da Cultura Jovem (notadamente, das ‘subculturas espetaculares’ da classe operária), dando ênfase maior às suas formas criativas de lidar com e resistir à ordem dominante” (p.32). E é exatamente desse sentido original que a perspectiva desta pesquisa se aproxima, buscando, assim, responder ao questionamento sobre quais seriam as dimensões ritualísticas acionadas pelos grupos juvenis e de que forma elas contribuiriam para uma “maneira distinta e

coerente de estar-no-mundo” (Clarke et al, 1976, p. 16 *apud* Freire Filho, 2007, p. 33).

Esse percurso originário foi acionado para contribuir com as bases teóricas da preocupação central deste estudo: perceber as dimensões políticas transformadoras das práticas culturais-comunicativas empreendidas por jovens das classes populares que vivenciam situações extremas de desigualdade social no espaço urbano de uma metrópole contemporânea, nesse caso, a cidade de Salvador na primeira década do século XXI.

Toda essa discussão está contemplada no capítulo 1, denominado *Juventude, Periferia e Práticas Resistentes*, no qual também apresento uma revisão do conceito de juventude a partir do acionamento de quatro abordagens macro, sistematizadas por Helena Abramo, para, então, reafirmar minha adesão àquelas conceituações que refutam critérios exclusivamente etários ou biológicos para compreender esse grupo. Desse modo, localizei a proposição desta pesquisa assentada numa perspectiva da juventude enquanto prática de inserção, como comunidade cultural que, portanto, partilha valores e marcadores identitários. Diante disso, explicitarei alguns percursos de investigação relativos à participação e ao ativismo juvenis com foco em estudos brasileiros, mas com breves referências à reflexão de estudiosos latino-americanos.

Ainda neste capítulo, são apresentados os quatro grupos juvenis autores dos Diários Criativos – *Art’Periférica*, *Jovens Realistas do Cotidiano*, *Grupo Jovem Nova Geração* e *Grupo de Teatro Trama dos Arteiros* – e o processo de elaboração desse material expressivo. Nesse ponto, o CRIA é brevemente apresentado a partir das principais marcas institucionais que reverberam na produção dos Diários. Estes também são descritos de forma inicial, com base em suas características físicas e de organização interna do conteúdo.

Em resumo, o capítulo 1 consiste na apresentação do problema de pesquisa – a partir da discussão dos principais conceitos para sua elaboração –, os objetivos da investigação, o estado da arte das pesquisas sobre juventude, o desenvolvimento do conceito de resistência associado às práticas juvenis e a apresentação do corpus empírico que compõe esta tese. Apesar de também funcionar como um espaço de revisão de literatura e partilha do estado da arte, o objetivo central do primeiro capítulo é apresentar e discutir o problema de pesquisa na relação com o objeto específico deste estudo e marcar a contribuição desta investigação para o campo de estudos, bastante

comum nos últimos anos, que relaciona a juventude urbana e a comunicação.

O segundo capítulo, denominado *Práticas juvenis: modos de apreensão*, é, em sua essência, de natureza teórico-metodológica, por essa razão os conceitos discutidos têm função, prioritariamente, de ferramentas analíticas. Seu ponto de partida foi empreender a articulação deste estudo com as marcas da análise cultural, mantendo o diálogo com outras concepções que também privilegiam a relação entre os contextos de produção e as formas culturais que resultam das práticas dos sujeitos inseridos nessas condições.

O paradigma das mediações, elaborado por Jesús Martín-Barbero, foi fundamental para o desenvolvimento dessa etapa da pesquisa, na medida em que ofereceu uma sólida base conceitual que desloca o debate no campo comunicacional para a atenção ao uso social dos meios, fortalecendo a necessidade de olhares investigativos interessados na articulação entre práticas comunicativas e movimentos sociais, a partir de sua dimensão cultural. O trecho abaixo é significativo na identificação desse posicionamento teórico-metodológico.

Mas algo radicalmente diferente acontece quando o cultural assinala a percepção de dimensões inéditas do conflito social, a formação de novos sujeitos – regionais, religiosos, sexuais, geracionais – e formas de rebeldia resistência. Reconceitualização da cultura que nos confronta com essa outra experiência cultural que é a popular, em sua existência múltipla e ativa e não apenas na memória do passado, mas também na conflitividade e na criatividade atuais. Pensar os processos de comunicação nesse sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias (MARTÍN-BARBERO, 2001a, p. 297).

O segundo capítulo também apresenta a apropriação que fiz das formulações desse teórico latino-americano como ferramenta analítica, o que resultou no primeiro movimento do procedimento metodológico proposto pela tese. Este acionou o “mapa das mediações” – formulação que compreende a sociedade a partir de quatro campos de força (socialidade, institucionalidade, tecnicidade e ritualidade) que operam simultaneamente e se entrecruzam formando zonas de intersecção – para a identificação das principais forças operantes no contexto de produção dos Diários Criativos. Essa utilização considera que os campos de força, nos quais os sujeitos estão inseridos, deixam marcas visíveis no material expressivo, o que permite realizar um movimento do texto para compreender o contexto e, desse modo, voltar ao material enquanto resultado

possível dessa inter-relação.

Ainda nesse capítulo, dois conceitos-chave para a análise são discutidos: as percepções em torno do lugar; e as marcas de identificação acionadas para posicionar o jovem das periferias. Estes foram utilizados como marcadores do segundo movimento do procedimento analítico: a composição do mapa-texto que prevê uma “projeção cartográfica” (SILVA *et al*, 2008) a partir do tensionamento entre o texto dos grupos juvenis – materializado nos Diários Criativos – e outros textos que compõem a trama discursiva na qual estão inseridos os jovens.

Com o debate em torno da dimensão espacial, busquei chamar atenção para a constituição dos lugares com base nas práticas dos sujeitos, nesse caso, a atuação dos grupos juvenis nos bairros de Pernambués, Alto do Cabrito, Marechal Rondon e Cosme de Farias, que fazem parte da cidade de Salvador. Estes estão localizados em três (3) diferentes macrorregiões – Miolo Central, Suburbana e Brotas – e, apesar da grande diversidade que as distingue, podem ser relacionadas a partir da seguinte condição: são espaços urbanos que não integram as regiões consideradas centrais, nem para as dinâmicas econômicas nem para aquelas simbólicas que caracterizam a capital baiana.

Assim, ratifico a compreensão de que os territórios ganham vida e existência a partir da sua apropriação, do uso que se faz do espaço. Nesta pesquisa, identifiquei marcas de um modo de uso que, segundo Milton Santos, é próprio das camadas mais pobres da população. Estes se vêem, cotidianamente, diante de um alto grau de adversidades e carências e, por essa condição, acabam dando respostas com um ainda maior grau de inventividade. É nessa relação tensa e ambígua que se encontram, hoje, os movimentos sociais com maior impacto de transformação do estado de coisas.

Essa perspectiva procura reconhecer a produtividade dos espaços periféricos, das zonas de intervalos, nos quais a relação entre sujeitos e território é vivida de forma mais intensa, relacionada com uma condição de sobrevivência imediata. Contudo, tal reconhecimento não idealiza essas articulações locais nem desconsidera as radicais carências que conformam a experiência dos sujeitos nesses espaços das cidades. Essa condição de desigualdade extrema é, justamente, a geradora dos movimentos e sua superação deve ser a meta para que os movimentos sejam efetivamente iniciativas transformadoras das realidades.

O segundo vetor de articulação do mapa-texto foi o debate em torno do processo

de identificação. Esse acionamento teve como principal objetivo reconhecer os modos como sujeitos constroem a sua adesão à juventude enquanto coletivo e, individualmente, aos modos de ser jovem. Esse percurso está assentado no debate em torno do conceito de identidade cultural proposto pelos Estudos Culturais a partir de entendimento de sua natureza provisória, enquanto um posicionamento que é atualizado a cada reordenamento do sujeito na relação com suas condições materiais de inserção.

A proposição deste estudo destacou a ideia de codeterminação como fundante do processo de identificação dos sujeitos em posições identitárias, o que implica uma dinâmica afetada pelas condicionalidades escolhidas e por aquelas dadas pelo contexto, além de destacar o caráter temporário e processual das identificações.

O terceiro e quarto capítulos, denominados *Contextos de produção: análise das mediações sociais* e *Composição do mapa-texto*, respectivamente, compreendem a etapa analítica da presente pesquisa. O primeiro deles empreende a análise do contexto e das condições de produção mediante a perspectiva do uso social dos meios. O segundo momento, que resultou na cartografia do mapa-texto, corresponde a uma perspectiva de análise textual na qual tensionamos a escrita dos jovens, que se expressam nos Diários, com as escritas oficiais e midiáticas. Esse movimento explicitou diferenças radicais de abordagem, mas também momentos de negociação e aproximação entre essas diferentes escritas.

O quinto capítulo é guiado pela pergunta “Que mapa nossos pés traçam?” – que foi “tomada de empréstimo” da contracapa dos Diários – e apresenta as considerações finais deste percurso investigativo. Com esse momento não espero acionar um tom conclusivo sobre as questões apresentadas ao longo da tese, e sim um fechamento provisório, à espera de outras perguntas que possam desestabilizar certezas e, dessa forma, dar continuidade ao processo de construção do conhecimento.

Nessa etapa da tese exercito um poder de síntese de modo a captar as marcas mais fortes deixadas nos Diários Criativos pelas diferentes instâncias de mediação – sociabilidades, institucionalidades, tecnicidades e ritualidades – e, dessa forma, efetivar um movimento de compreensão do contexto a partir do texto. É também o momento para destacar as principais posturas de contestação e crítica que a escrita dos grupos juvenis empreende na relação com as escritas oficial e midiática quando se trata de localizar a juventude das periferias.

Com essa trajetória acredito ter conseguido explicitar alguns momentos de interrupções de ciclos de invisibilização e repetição de padrões excludentes operados pelos Diários Criativos e, portanto, ter reconhecido momentos de “lampejos” (DIDI-HUBERMAN, 2011), de efetiva prática resistente.

1. JUVENTUDE, PERIFERIA E RESISTÊNCIA

Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas. Stuart Hall- Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais.

A partir da década de 1990 a juventude das periferias dos centros urbanos brasileiros entra, fortemente, na pauta de debates acadêmicos. Esse crescente interesse está articulado ao fortalecimento dos novos movimentos sociais no Brasil e a um ambiente político aberto às novas bandeiras de luta. Além das clássicas questões em torno do conceito de classe estão em foco as temáticas ambientais, étnicas, sexuais e geracionais.

Esse ambiente de reflexão ganha ainda mais fôlego, no início século XXI, devido ao fortalecimento de grupos e coletivos voltados para mobilização social que, apesar de suas múltiplas configurações, apresentam algumas características em comum: são formados por sujeitos diretamente implicados em condições extremas de desigualdades sociais e que buscam uma referência local como estratégia de consolidação do grupo¹.

Entram em cena os grupos juvenis com origem em bairros periféricos, comunidades, favelas, morros, aglomerados dos grandes centros urbanos que expressam demandas por igualdade social e visibilizam as situações de escassez em que vivem. São os sujeitos² que falam, exigem, contestam, aqueles que Stuart Hall chamou de “novos sujeitos no cenário político e cultural” (2003, p. 338) os quais ocupam algum espaço de fala em meio às discursividades sociais hegemônicas e colocam em prática “guerras de posição culturais” (2003, p. 339).

¹ Alguns desses grupos têm, hoje, ampla visibilidade midiática como o AfroReggae, o Nós do Morro, a CUFA – Central Única das Favelas, entre outros. No entanto vale reafirmar que existem inúmeras iniciativas espalhadas por todo o Brasil com diferentes graus de institucionalização e mobilização local que atuam sob princípios semelhantes.

² O debate sobre a ideia de novos sujeitos e movimentos sociais tem um marco importante, no Brasil, com a publicação do livro *Quando novos personagens entraram em cena – experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970/1980* de Eder Sader, em 1988. Essa obra que tem como objeto de estudo prioritário os movimentos sociais dos trabalhadores de SP, em um Brasil ainda sob a força da ditadura militar, vai além de uma minuciosa análise sociológica desse objeto para construir de maneira muito sólida a percepção “desses movimentos como criação de um novo sujeito social e político”(CHAUI, p.10,1995).

A concepção de que as periferias urbanas ocupam um significativo lugar como questão social é bastante evidente não somente pela quantidade de estudos e reflexões acadêmicas, mas também pela diversidade de empreendimentos com esse foco. São produtos midiáticos – de caráter jornalístico ou de entretenimento, movimentos artístico-culturais e, até mesmo, roteiros turísticos que apresentam as periferias urbanas como seu elemento articulador. Essa ampla visibilidade tanto pode oferecer uma perspectiva de posituação desse espaço, normalmente tematizado a partir suas ausências e violências desfazendo mitos e estereótipos, como pode reforçar preconceitos e construções simplificadoras sobre as dinâmicas sociais que marcam esses lugares das cidades.

Não é nosso objetivo desenvolver aqui uma reflexão sobre o conceito de periferia, pela sua tradição de estudos já consolidada nas áreas das ciências sociais, planejamento urbano, arquitetura, entre outras. Queremos, no entanto, deixar explícito um lugar de fala que considera a noção de periferia enquanto uma construção social. Desse modo, um mesmo espaço geográfico pode ser central ou periférico, sempre definido a partir do par centro-periferia que é proposto.

O conceito de periferia acionado neste trabalho também dialoga com uma perspectiva social que marca os espaços periféricos não pela sua localização geográfica-espacial na cidade, e sim pelas condições de vida que ele oferece aos seus moradores, tais como, habitação, serviços básicos de saneamento, segurança, serviços de saúde, educação, equipamentos culturais, etc. A partir de um olhar atento a essas questões podemos perceber se um bairro ou comunidade corresponde à noção de periferia social, ainda que esteja localizado em área mais central da cidade, ao mesmo tempo em que, por essas mesmas condições, bairros, embora distantes do centro da cidade, não podem ser considerados periféricos.

Apesar dessas observações, não estamos propondo um vetor de identificação ancorado apenas nas ausências, e sim na percepção desses espaços como territórios onde se vive, se cria, se compartilha e se produz “caprichosos modos de re-existência” (SALLES, 2004, p. 102). São lugares com marcas próprias, com carências e faltas, assim como presenças e riquezas; são espaços de fronteiras, interstícios – como define Homi Bhabha (2001) – caracterizados a partir dessa complexidade de presenças e ausências, da experiência materializada no corpo do ter e não ter direitos assegurados, e da

necessidade de invenção de formas para lidar com tal dinâmica.

Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade (BHABHA, 2001, p. 20).

Lugares nos quais o trânsito, as articulações entre as partes, a dinâmica entre ausências e presenças, possibilitam a elaboração de “estratégias de subjetivação”, como sugere o autor, táticas próprias para viver e ocupar esses espaços fronteiros, ou periféricos, carregadas de inventividade. Ações que percebemos quando um grupo de jovens se reúne para produzir arte ou debater questões de segurança urbana que os afligem; quando mães se revezam nos cuidados das crianças para possibilitar a saída para um trabalho temporário; quando crianças improvisam brinquedos e brincadeiras com materiais que estão disponíveis; quando os moradores se reúnem e queimam pneus para exigir mais segurança nas vias públicas; ou quando esses mesmos se organizam em mutirões para coletar o lixo e limpar as ruas e em tantas outras ações articuladas a partir da noção vivida de comunidade.

Na construção dessa perspectiva, estamos em intenso diálogo com as formulações do geógrafo Milton Santos. Estas afirmam o lugar do território, da localidade, como ponto de partida de qualquer experiência do sujeito, inclusive, na contemporaneidade.

Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. No fundo a questão da escassez aparece outra vez como central (SANTOS, 2001, p. 144).

A cultura da vizinhança, apresentada pelo autor, está assentada na intensificação da relação entre os sujeitos que compartilham um mesmo território e fazem dessa condição uma estratégia de negociação com a situação de exclusão (quase) absoluta que vivenciam. Essas proposições contribuem para a constituição de um modo de olhar para os espaços periféricos a partir da sua principal riqueza, a ação dos sujeitos que vivem nesses lugares. Essa ação, ainda que seja consequência das carências, é marcada pela possibilidade de experimentação de espaços menos controlados e, por isso, mais abertos ao exercício daquilo que Santos identifica como uma experiência de contraracionalidade.

Essas contra-racionalidades se localizam, de um ponto de vista social, entre os pobres, os migrantes, os excluídos, as minorias; de um ponto de vista econômico, entre as atividades marginais, tradicional ou recentemente marginalizadas; e, de um ponto de vista geográfico, nas áreas menos modernas e mais "opacas", tornadas irracionais para usos hegemônicos. Todas essas situações se definem pela sua incapacidade de subordinação completa às racionalidades dominantes, já que não dispõem dos meios para ter acesso à modernidade material contemporânea. Essa experiência da escassez é a base de uma adaptação criadora à realidade existente (SANTOS, 2006, p. 210).

Essa proposição compreende as cidades a partir das dinâmicas de negociação que se estabelecem entre “espaços luminosos”, aqueles nos quais a força da racionalidade, os vetores hegemônicos do capital globalizante, operam de maneira decisiva e “espaços opacos”, aqueles que por não estarem sob a luz, podem escapar aos vetores técnicos hegemonzantes, oportunizando ações de contra-racionalidade.

Na cidade "luminosa", moderna, hoje, a "naturalidade" do objeto técnico cria uma mecânica rotineira, um sistema de gestos sem surpresa. Essa historicização da metafísica crava no organismo urbano áreas constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao uso da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas 'opacas'. Estas são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços da exatidão. Os espaços inorgânicos é que são abertos, e os espaços regulares são fechados, racionalizados e racionalizadores (SANTOS, 2006, p.221).

A reflexão, empreendida aqui, considera os territórios periféricos – espaços opacos na concepção de Santos – como espaços produtivos devido, justamente, a dialética instaurada em torno da experiência de escassez. Essa contradição aparente – entre a pulsão criadora e a extrema escassez – é uma característica fundante da nossa investigação. Contudo, essa postura teórico-política que propomos não idealiza o movimento de sobrevivência exercitado cotidianamente pela população mais pobre das cidades. Ele é árduo, é resultado de violências sistemáticas pelas quais passam essas pessoas. Acreditamos que a eficácia dessa perspectiva é tanto maior quanto mais complexa e crítica forem as análises geradas a partir dela.

Entre os sujeitos que inventam e criam ações de contra-racionalidade, estão os jovens, homens e mulheres, que revelam maneiras próprias de viver esse lugar, sobreviver a ele e transformá-lo. Para essa atuação juvenil dedicaremos a nossa atenção e nosso exercício reflexivo.

A juventude, especialmente aquela das periferias, aparece caracterizada – por acadêmicos, ativistas, políticos, etc. – a partir do empreendimento de uma atuação

contra-hegemônica (ARAÚJO & COUTINHO, 2008) e como potenciais atores na construção de uma sociedade mais justa. A afirmação de Manuel Castells, no prefácio do livro *Gangues, galeras, chegados e rappers - juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*, é um exemplo dessa perspectiva: “enquanto organizamos, por cima, a nova ordem econômica e tecnológica, um amplo setor de jovens está construindo, por baixo, uma desordem alternativa feita de sua negação a um sistema que os nega” (2004 p.10).

Ao mesmo tempo, essa população jovem aparece como alvo privilegiado da violência simbólica através da manutenção de discursos estigmatizantes que reforçam o que Jailson Souza conceitua como kit-estigma, “ser negro, jovem e morador da periferia ou da favela” (2005, p.15) e perpetuam o “trinômio pobreza-juventude-criminalidade” (HERSCHMANN & GALVÃO, 2008). Um dado recente divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada³ (IPEA) corrobora a percepção da força social do discurso que implica o jovem pobre como sujeito potencialmente desviante. O estudo indicou que homens jovens entre 15 e 24 anos são mais abordados pela força policial do que o restante da população. Esses jovens representam 26% da população brasileira e 49% dos abordados em situações rotineiras de revista policial. Trata-se de um sintoma que contribui para o que Kliksberg (2006) chama de “um dos mitos sobre a juventude na América Latina”, de serem indivíduos conflituosos.

Nas sociedades da América Latina circula a imagem de que os jovens são desordeiros, com condutas em muitos casos censuráveis, basicamente imprevisíveis. É como se tivéssemos que “ter cuidado” com eles. A isso é acrescentada a percepção, no caso dos jovens pobres, de que seriam “suspeitos em potencial”. Poderiam chegar a ter condutas delituosas facilmente (KLIKSBURG, 2006, p. 396).

Esses jovens também são o alvo principal da violência física que acontece prioritariamente nas cidades. Estudos de perfil demográfico demonstram que ser jovem pobre, do sexo masculino, no Brasil é um fator de risco. Nas últimas décadas, há um aumento significativo nos índices de mortalidade juvenil por fatores externos, nos quais atos violentos correspondem à maioria⁴ (CASTRO *et al*, 2009).

O Mapa da Violência 2011, publicação do Instituto Sangari em parceria com o

³ Esses dados referem-se a pesquisa “Juventude e Políticas Sociais no Brasil”, publicada em 2009.

⁴ Em 1980, causas externas foram responsáveis por 61% dos óbitos de homens de 15 a 29 anos, já em 2006 essa taxa cresce para 77%. No mesmo período há uma elevação dos homicídios no total de mortes por causas externas, em 1980 correspondiam a 28,9% e em 2006 representaram 56,8%.

Ministério da Justiça, apresenta dados alarmantes sobre a violência urbana que atinge os jovens brasileiros, em sua maioria homens e negros. Alguns dados são impactantes, como por exemplo: em 1996 a taxa de homicídios no Brasil foi de 41,7 vítimas juvenis por 100 mil; em 2008 essa taxa cresce para 52,9. Nesse mesmo período, o número de vítimas brancas caiu de 18.852 para 14.650 (- 22,3%) enquanto na população negra o número de vítimas de homicídio aumentou de 26.915 para 32.349, o que equivale a um crescimento de 20,2%; em 2008 os dados apontam que 92% dos jovens vítimas de homicídios são homens (WAISELFISZ, 2011).

Ao lado desses dados, estão aqueles que relacionam os jovens das periferias à prática da violência urbana. Miriam Abramovay e demais pesquisadores (2004) afirmam que “embora a violência urbana não seja fenômeno recente, os estudos existentes chamam a atenção para as proporções que vem assumindo a sua manifestação entre os diversos setores da juventude”(p.13). A situação que percebemos na experiência cotidiana, nas reflexões acadêmicas, nos dados demográficos do nosso país é que os jovens pobres são as principais vítimas e, em alguma medida, também autores dos atos violentos que ocorrem no cotidiano das cidades brasileiras. Na pesquisa, já citada, do IPEA estudiosos afirmam que “a violência cotidiana que acontece no país hoje é, em grande parte, cometida por jovens contra jovens” (CASTRO et. al., 2009, p. 201).

Diante desse breve panorama revelador das contradições que implicam ser jovem e pobre no Brasil, identificamos um investimento significativo de pesquisadores da área das ciências humanas e sociais aplicadas em reconhecer as práticas desses jovens enquanto fundamentais para a compreensão do ambiente contemporâneo e, fundamentalmente, das dinâmicas sociais que o caracterizam.

Contudo, destacaremos apenas algumas abordagens feitas por teóricos do campo da comunicação, ou que se articulam com este, a fim de explicitar diferentes proposições e localizar a nossa contribuição nesse importante debate. Nessa direção, queremos apresentar um mapeamento parcial de como a juventude das periferias urbanas aparece ocupando lugares bastante diferenciados em estudos com abordagens prioritariamente comunicacionais.

Na nossa proposição as práticas desses jovens podem revelar novas formas de participação política, a partir de diferentes modos de se agrupar, de partilhar sensibilidades, e consolidar coletivos com marcas próprias em diálogo com duas

instâncias: 1) seu contexto sócio-cultural, suas experiências de escassez, de violência urbana, de criação artística e 2) com outros espaços institucionalizados como a escola, organizações não-governamentais, movimentos sociais ou mesmo, o campo do trabalho.

São jovens que não são ‘problemas’ nem ‘solução’, que vivem seu cotidiano e procuram um espaço, um tempo, uma forma, uma linguagem para expressar seus desejos, suas dores e alegrias, suas demandas e sentimentos, suas diferenças e diversidades, buscando ser ouvidos, ou simplesmente, ser visíveis. Que vivem e convivem com crianças, adultos, idosos e constroem com eles os sentidos de suas narrativas e trajetórias de vida. Que procuram espaços e tempos de autonomia, afirmação, resistência, entre os programas de controle e de ‘gestão da pobreza’ e a violência cotidiana com a qual convivem (TOMMASI, s/p, mimeo).

A busca dessa visibilidade, a qual se refere Tommasi, é uma demanda importante que tem sido identificada como fundamento para diversos movimentos contestatórios e ações políticas com pertencimento declarado aos lugares periféricos. Sejam eles oriundos de periferias das cidades brasileiras – como os bairros, favelas e comunidade aos quais nos referimos nesse trabalho – de periferias de outras grandes cidades do mundo, ou mesmo, de países que são periferias no contexto global. Em todas essas situações as demandas por se fazer visível e expressar sua pautas políticas parecem ser uma grande questão articuladora⁵.

Na perspectiva de Borelli & Rocha (2008) os jovens são os “escritores da urbanidade” que inscrevem nas cidades e são inscritas por elas, e que, nesse processo de ocupação, de reapropriações táticas do espaço urbano, são também vítimas de violências simbólicas e físicas.

A metrópole é suporte por meio do qual se faz circular uma miríade de linguagens juvenis. Em contrapartida, ela também se inscreve nos corpos de jovens homens e jovens mulheres, conformando o modo como andam, vestem-se, expressam-se, amam-se e colocam-se a sonhar. Escritores da urbanidade são por ela também escritos, em uma por muitas vezes tensionada relação de intercâmbio e negociação de

⁵ Uma lembrança aparece nesse exato momento e pelo seu valor pessoal e político aciono nessa nota. Em 2007, assisti pela televisão um episódio do programa Central da Periferia que me impactou muito porque abordava as manifestações ocorridas no ano de 2005, em Clichy subúrbio de Paris, após a morte de dois jovens negros. Além de toda uma realidade de exclusão ali apresentada, 6 segundos de imagens do documentário *365 jours a Clichy* reproduzidos no contexto do programa de tv realmente me mobilizaram e ecoam até esse momento. A partir de uma imagem desfocada na qual não somos capazes de identificar os rostos das pessoas mas sabemos pelo gestual, pelas roupas, pelos contextos que se tratam de jovens homens, o documentarista pergunta: “O que vocês têm a dizer? e um dos jovens responde de maneira contundente “Que a gente existe, a gente existe, a gente existe !”. Esse documentário realizado por Ladj Ly um jovem negro e morador de Clichy pode ser encontrado na internet em diversos links, como por exemplo <http://paris2005-conflitosocial.blogspot.com.br/2008/12/365-dias-em-clichy-montfermeil-1-de-3.html>

sentidos (BORELLI & ROCHA, 2008, p. 28).

A ideia de escritores nos parece bastante fértil no contexto da nossa investigação. Isso porque aciona duas dimensões do conceito, simultaneamente: escritores de textos, no sentido mais restrito, de articulação de palavras na construção de sentidos e significados, marcados em um determinado suporte comunicativo, no caso do nosso trabalho, os Diários Criativos; e, ao mesmo tempo, escritores do texto urbano, agora num sentido ampliado, a partir das marcas que suas ações, nas palavras de Michel de Certeau suas “enunciações pedestres” (2011, p. 165), deixam no texto polifônico (CANEVACCI, 1997) que são as cidades contemporâneas.

Essas marcas carregam as peculiaridades daqueles que as imprimem. Nesse caso, jovens pobres, articulados em grupos que tematizam suas preocupações com as imensas desigualdades sociais que conformam suas vidas. Estamos interessados em identificar no texto – seja qual for o suporte usado para registrá-lo: papel, filme magnético, muros da cidade – dos jovens moradores de espaços periféricos das/nas cidades a necessidade de construir e evidenciar esse pertencimento. Em perceber como a relação entre cada um e os seus lugares conformam uma partilha, seja do sentido de urbano ou da urbanidade, na medida em que é uma vivência compartilhada entre eles e deles com os “outros” na cidade.

No trecho destacado abaixo, Jailson Souza explicita uma experiência de busca por novos espaços com a constituição de redes locais de pertencimento, a partir do enfrentamento das condições adversas que marcam o cotidiano urbano de jovens moradores de favelas no Rio de Janeiro.

Nos espaços locais, em diferentes realidades, eles formam contrastantes redes sociais, marcadas pela produção de práticas inovadoras de sociabilidade, de regras de convivência, de parâmetros para disputas pelas posições mais prestigiadas. Eles formulam, enfim, variados mecanismos para a expressão dos seus desejos, temores e crenças – da subjetividade. Em uma ordem urbana marcada pela segregação, cada vez mais estão buscando novos contatos, novos espaços, novas redes. Seja, por exemplo, via cultura – música, dança, capoeira, teatro – engajamento na defesa ambiental ou na busca da democratização da educação, como demonstram os cursos pré-vestibulares comunitários. No cotidiano da cidade, das mais variadas formas, diferentes encontros estão ocorrendo, entre jovens e/ou seus grupos (SOUZA, 2005, p. 19/20).

Outro modo de identificar práticas de atuação juvenil é proposto por Maia & Prata (2008). Para esses autores os jovens das periferias são responsáveis por uma fértil

re-leitura das tecnologias que os caracterizam enquanto “agentes comunicacionais” que criam um cultura comunitária popular a partir do exercício cotidiano de sua cidadania cultural. Essa construção teórica chama atenção para a habilidade desses sujeitos em acionar elementos das novas tecnologias de comunicação articulados a sua cultura local, muitas vezes, empreendendo usos não previstos.

Esses jovens articulam alguns elementos digitais que são normalmente associados a uma racionalidade caracterizada pela velocidade moderna da produtividade objetiva, mas fazem um uso diferente nas relações de sociabilidade cotidiana e banal na comunidade. Em meio à celerada cidade contemporânea, o uso da cultura digital poderá servir de suporte para afirmar uma nova cidadania que se elabora a partir da cultura comunitária (MAIA & PRATA, 2008, p. 03).

Esses autores acreditam que essa apropriação das novas tecnologias feita pelos jovens das periferias põe em prática o que Milton Santos (2001, 2006) compreende enquanto uma experiência de “contra-racionalidade”, aquelas que tensionam e negociam com os processos homogeneizantes.

A nossa pesquisa procura, então, reconhecer o exercício de se fazer visível empreendido por jovens moradores de espaço considerados periféricos, articulados em grupos, na dinâmica urbana da cidade de Salvador. Fundamenta-se no entendimento das ações realizadas pelos coletivos juvenis enquanto práticas culturais-comunicativas que implicam uma tomada de posição diante de outras discursividades que compõem o jogo de forças na sociedade e, portanto, empreendem uma luta política no terreno da significação, campo estratégico de atuação social no contexto contemporâneo.

O cruzamento entre processos de produção de subjetividade, preocupações voltadas para a atuação sócio-política de grupos culturais-comunitários e a percepção de que a juventude urbana das periferias de grandes cidades está no centro dessas atuações, configura o cerne desta pesquisa.

As questões apresentadas conformam o problema de pesquisa enquanto uma reflexão sobre a dinâmica de interação entre esses sujeitos “jovens”, suas produções expressivas, seus contextos de inserção territorial e a forma como essa articulação implica em uma tomada de posição diante de discursividades que propõe localizações fixas e estáticas para a juventude e as periferias. Essa tomada de posição é de natureza cultural, comunicacional e política. Por sua vez, trata-se de um investimento teórico que reconhece instâncias de formulação de discursos potencialmente hegemônicos – meios

mediáticos, poder público etc. – ao mesmo tempo que reconhece a potencialidade de ações de resistência, práticas de negociação empreendidas pelos agenciamentos dos sujeitos, como força atualizadora e impulsionadora da produção de sentidos e de modos de estar no mundo. O olhar voltado para os coletivos juvenis pretende identificar o potencial resistente dessas práticas. A investigação terá como principal objetivo reconhecer se esse potencial efetivamente se realiza, e sob quais condições.

1.1) JUVENTUDE ENQUANTO PRÁTICA

Para o enfrentamento das questões apresentadas, torna-se indispensável a discussão de alguns conceitos e perspectivas antes mesmo da apresentação mais detalhada do objeto impulsionador dessa análise. O primeiro deles é conceito de juventude que norteia o desenvolvimento do percurso teórico aqui exposto. A ideia de juventude e as marcas que definem seus limites podem estar associadas a questões biológicas, psicológicas e sociais e, dependendo da abordagem teórica, algumas marcas são evidenciadas em detrimento de outras

A busca de marcos conceituais da juventude nos leva ao termo adolescência. Quais limites demarcam ser adolescente ou ser jovem no mundo hoje? São grupos excludentes, há uma interseção entre eles?

Historicamente, o termo adolescência é o primeiro a ocupar a agenda de debates e preocupação das sociedades ocidentais, ainda no início do século XX. Tem como marco fundador a publicação do livro *Adolescence: its psychology and its relation to psychology, anthropology, sociology, sex, crime, religion, education*, em 1904, do psicólogo norte-americano Stanley Hall (LÉON, 2005). Esse marco inaugural traz para o debate público, fundamentalmente, a construção da adolescência como uma etapa natural do ciclo de vida, como um período de transição entre a infância e a vida adulta; e do adolescente como problema com o qual a sociedade (o mundo adulto) precisava se preocupar e se ocupar. João Freire Filho afirma que nesse momento surge a constituição da adolescência como um “artefato da governamentalidade” (2006b, p. 07).

Em países economicamente avançados da Europa e dos Estados Unidos, a *adolescência* despontou como um *fato social* produzido por um conjunto de práticas materiais e educacionais que operavam tanto como uma tecnologia para regular a vida de rapazes e moças quanto para reforçar as normais sociais dominantes, num período de grande

transição e incertezas (FREIRE FILHO, 2006b, p. 06).

Essa perspectiva acaba configurando, durante muito tempo, o modo de olhar para o adolescente como um indivíduo em transição, em desenvolvimento, que necessita de instrução, supervisão contínua da família e, principalmente, do Estado para evitar o caminho “desviante”, apresentado quase como o caminho natural nessa fase da vida. Nesse momento, as marcas definidoras da condição de adolescente são aquelas relacionadas ao processo de desenvolvimento – seja biológico ou fisiológico, cognitivo ou intelectual (LÉON, 2005) – e sua tendência a um comportamento considerado como problema social.

Com as mudanças vividas pelas sociedades ocidentais no pós 2ª Guerra Mundial, o conceito de juventude aparece e passa a ocupar grande espaço na agenda de debates e temas relevantes socialmente. Nesse momento, os termos adolescência e juventude são usados de modo intercambiáveis para designar um mesmo grupo de indivíduos.

La juventud como hoy la conocemos es propiamente una "invención" de la posguerra, en el sentido del surgimiento de un nuevo orden internacional que conformaba una geografía política en la que los vencedores accedían a inéditos estándares de vida e imponían sus estilos y valores. La sociedad reivindicó la existencia de los niños y los jóvenes como sujetos de derechos y, especialmente, en el caso de los jóvenes, como sujetos de consumo (REGUILLO CRUZ, 2000, p. 06).

Nesse contexto, o conceito de juventude é marcado por duas das quatro principais concepções apresentadas por Helena Abramo (2005), ao sistematizar uma série de estudos sobre juventude e seus marcos regulatórios.

A primeira, a juventude como “período preparatório”, abordagem que predomina até a década de 1950 e persiste com bastante força explicativa até os anos 1970 na América Latina, compreende a juventude a partir de condições etárias e biológicas que demarcam uma etapa de transição entre a infância e a vida adulta como um momento de preparação. Esse entendimento demanda, fundamentalmente, políticas de Estado voltadas para as instituições de formação. “A política por excelência é a Educação; e apenas como complemento do tempo estruturado pela oferta educativa, programas dirigidos ao uso do tempo livre, de esporte, lazer e voluntariado, para garantir uma formação sadia dos jovens” (ABRAMO, 2005, p. 20).

A segunda concepção, a juventude como “problema social”, tem os jovens como agentes causadores de desordem e desequilíbrio nas relações sociais. Ela inaugura o

debate sobre a adolescência e continua predominante na caracterização da juventude no pós-guerra, “juventude, agora, como agentes do colapso social” (HALL & JEFFERSON *et al*, 2006, p. 57). As culturas juvenis provocam um sentimento caracterizado de “pânico moral”⁶ que reflete os medos e as ansiedades de um determinado grupo social – hegemônico no momento – que se coloca como guardião de valores morais e da ordem estabelecida.

“Troubling times’ when social anxiety is widespread but fails to find a organised public or political expression, give rise to the displacement of social anxiety on to convenient scapegoat groups. This is the origin of the ‘moral panic’ – a spiral in which the social groups who perceived their world and position as threatened, identify a ‘responsible enemy’, and emerge as the vociferous guardians of traditional values: moral entrepreneurs. It is not suprising, then, that youth became the focus of social anxiety – its displaced object. (HALL & JEFFERSON *et al*, 2006, p. 56)⁷

Essa percepção do jovem enquanto problema social ultrapassa seu contexto de surgimento e continua sendo bastante acionada, no contexto latino-americano até, pelo menos, o início da década de 1990. Jesús Martin-Barbero, ao comentar o processo de desenvolvimento dos estudos juvenis, afirma que, em meados dos anos 1990, ainda havia uma tendência da pesquisa social na Colômbia, implementada majoritariamente por estudiosos da violência, que “identificava cada vez mais os jovens com delinquência e desvio, criminalizando perigosamente a figura da juventude” (2008, p. 11).

Com o desenvolvimento desse campo de estudo e a incorporação de perspectivas oriundas de diversas disciplinas do campo científico, o paradigma biológico e a constituição da adolescência/juventude como a preparação para a vida adulta, com marcas etárias bem definidas, e como um problema social, começam a ser questionados.

Youth is not so much a biological category overlaid with social

⁶ O conceito de pânico moral/ *moral panics* foi introduzido pelo sociólogo Stanley Cohen com a publicação do livro *Folk Devils and Moral Panics – The criation of the Mods and Rockers*, em 1972, na Inglaterra. No estudo, o autor observa dois grupos de jovens, os Mods e os Rockers, na Inglaterra dos anos 60, e suas repercussões na sociedade. Nessa análise, é atribuído aos meios de comunicação de massa um papel central na criação e disseminação de um estigma desviante para as subculturas juvenis. (BARKER, 2008; FREIRE FILHO & HERSCHMAN, 2007; MACHADO, 2004).

⁷ Tempos difíceis’ quando a ansiedade social é generalizada mas não consegue encontrar uma expressão pública ou política organizada, dão origem ao deslocamento da ansiedade social para grupos que servem convenientemente como bode expiatório. Esta é a origem do “pânico moral” - uma espiral em que os grupos sociais que percebiam seu mundo e posição como ameaçadas, identificavam um inimigo responsável e emergiam como guardiões ferozes dos valores tradicionais: empresários morais. Não é surpreendente, então, que a juventude tenha se tornado o foco de ansiedade social - seu objeto deslocado.

consequences as a complex set of shifting cultural classifications marked by difference and diversity. As a cultural construct, the meaning of youth alters across time and space according to who is being addressed by whom⁸ (BARKER, 2008, p. 408).

Percebe-se o desenvolvimento de um paradigma que compreende a juventude e a adolescência enquanto construções sócio-históricas, definidas relacionalmente na interação com as condições sociais vivenciadas pelos sujeitos. “La juventud no es un «don» que se pierde con el tiempo, sino una condición social con cualidades específicas que se manifiestan de diferente manera según las características histórico sociales de cada individuo” (BRITO LEMUS, 1998, p. 181). Nessa perspectiva o corte etário aparece como mais um fator a ser considerado entre outros sociais, econômicos, geográficos, de gênero, etc. E mesmo a referência da idade é bastante instável e culturalmente definida, o que fica evidente ao observarmos os diferentes recortes oficiais utilizados para definir a população adolescente e jovem de um país. No Brasil essa faixa geracional compreende pessoas entre 12 e 29 anos, entre 14 e 30 na Argentina, entre 15 e 24 na Bolívia, entre 15 e 25 em Portugal, etc.

Conceptualizar al joven en términos socioculturales implica en primer lugar no conformarse con las delimitaciones biológicas, como la de la edad, porque ya sabemos que distintas sociedades, en diferentes etapas históricas han planeado las segmentaciones sociales por grupos de edad de muy distintas maneras y que, incluso, para algunas sociedades este tipo de recorte no ha existido. No se trata aquí de rastrear las formas en que las sociedades han construido la categoría “jóvenes”, sino de enfatizar el error que puede representar pensar a este grupo social como un continuo temporal y ahistórico. Por el contrario, para entender las culturas juveniles, es fundamental partir del reconocimiento de su carácter dinámico y discontinuo (REGUILLO CRUZ, 2000, p. 09).

Essa perspectiva histórico-social também fortalece a necessidade de uma compreensão maior sobre as diferenças e similaridades entre a adolescência e a juventude. As políticas públicas brasileiras definem como adolescente aquele que tem idade entre 12 e 18 anos incompletos e como jovem quem está entre 15 e 29 anos. O período de intersecção entre os grupos demonstra que a identificação de faixas etárias é uma primeira característica, mas não suficiente.

(...) além da dimensão de desenvolvimento e preparação, são acentuadas as noções de experimentação e inserção na vida social. Talvez resida aqui a marca diferencial deste período (*da juventude*) em

⁸A juventude não é tanto uma categoria biológica revestida com consequências sociais quanto um conjunto complexo de mudança de classificações culturais marcadas pela diferença e pela diversidade. Como uma construção cultural, o significado da juventude se altera ao longo do tempo e do espaço, de acordo com o que está sendo endereçado por quem.

relação ao precedente, da adolescência: representa um momento distinto do processo de transição para a vida adulta, mais próximo dos âmbitos de circulação e atuação dos adultos, onde a inserção em diversas esferas da vida social toma um relevo maior, embora vivenciada de um modo singular (ABRAMO, 2005, p. 31).

A autora aponta a inserção autônoma em diversos espaços da vida social – tais como, o mundo do trabalho, do lazer, o consumo cultural, espaços de atuação política, sexualidade, etc. – como uma importante condição identificadora do jovem que o singulariza em relação a outras etapas do ciclo de vida como a adolescência e a infância, por exemplo.

Assim, a juventude como um identificador macro, que comporta em si muitas juventudes, ganha novos contornos e pode ser compreendida como uma prática social de inserção definida na interação com os contextos e experiências vividos. Esse entendimento permite a necessária pluralização da ideia de juventude e possibilita pensarmos em jovens urbanos, jovens rurais, jovens ricos, jovens pobres, jovens negros e indígenas, jovens mães, jovem em conflito com a lei, entre muitas outras possibilidades e cruzamentos.

No entanto, cada vez mais, a juventude é um fenômeno social e cultural que ultrapassa as discussões etárias. Ela engloba uma série de ações, movimentos e intervenções características da prática juvenil nos caminhos das sociedades. Para além de ser um momento de transição, a juventude é a reunião de complexidades marcantes. Ela não é passagem para nenhum outro lugar. Na contemporaneidade, a juventude é uma prática, cujo momento etário se retrai ou se dilata de acordo com a participação dos indivíduos e os contextos das dimensões social, cultural, política e econômica (MAIA & PRATA, 2008, p. 05).

Essa configuração da juventude enquanto uma prática social de inserção dialoga com outras duas abordagens, também apresentadas por Helena Abramo (2005) a partir da sistematização feita por Diana Krauskopf (2003).

A abordagem do “jovem como ator estratégico de desenvolvimento” responde às mudanças nas condições de produção provocadas por um, cada vez mais, avançado sistema capitalista de acumulação e geração de riquezas. A sua condição flexível parece ser melhor incorporada pelo grande contingente de jovens desejosos por integrar o mundo do trabalho, aptos a incorporar novas demandas do sistema, muitas vezes em detrimento das suas próprias. Essa abordagem postula a eficácia da inclusão da juventude em espaços estratégicos para o desenvolvimento das comunidades, contudo também credita aos mesmos uma pesada carga nessa inserção.

Essa construção tem se tornado muito comum nas falas de fundações empresarias, organismos multilaterais e organizações não-governamentais com forte relação com o mercado de trabalho. O trecho abaixo, de autoria de Vivianne Senna e Jorge Werthein, respectivamente presidente do Instituto Ayrton Senna e representante da UNESCO/Brasil, evidencia a perspectiva da juventude como vetor estratégico: “são os jovens aqueles que mais matam e mais morrem hoje. Também compõem o maior contingente de pessoas presas. Apesar de tudo isso, são deles que surgem as idéias e as práticas mais criativas para superar esses problemas” (SENNA & WERTHEIN, 2004, p. 11).

Já a proposição da “juventude cidadã como sujeito de direitos” é um abordagem mais recente e dialoga com a pauta dos movimentos sociais pelos direitos de grupos ou coletivos, a partir do reconhecimento de suas especificidades. “Nessa visão, a juventude é compreendida como etapa singular do desenvolvimento pessoal e social, por onde os jovens passam a ser considerados como sujeitos de direitos e deixam de ser definidos por suas incompletudes ou desvios” (ABRAMO, 2005, p. 22).

No Brasil, o movimento social em prol de políticas públicas voltadas para a juventude vem ganhando força desde os primeiros anos deste século, inspirado pelo movimento em defesa dos direitos das crianças e adolescentes que tem como marco legal constituído, desde 1990, o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Alguns avanços são significativos para o fortalecimento da abordagem do jovem enquanto sujeito de direitos: a instituição, em 2005, da Política Nacional de Juventude – formada pelo Conselho, pela Secretaria e pelo Programa Nacional; a realização das primeiras conferências municipais, estaduais e a nacional, em 2008; e, em julho de 2010, a introdução do termo ‘juventude’ na Constituição Federal, por meio da Emenda Constitucional n°. 65.

Essa abordagem é muito presente nas falas dos próprios jovens que participam de espaços de acompanhamento e formulação das políticas públicas e de grupos/coletivos juvenis, além de militantes de movimentos sociais em prol dos direitos humanos e educadores e representantes de ONG’s com perfis mais relacionado à atuação comunitária e luta por direitos.

As quatro abordagens apresentadas – juventude como etapa preparatória, juventude como problema social, juventude como ator de desenvolvimento e juventude

como sujeito de direitos – surgem a partir de contextos sociais específicos e, em diferentes momentos, se apresentam como conceituação predominante. No contexto contemporâneo, contudo, percebemos o acionamento de uma ou outra concepção de acordo com a situação que está sendo alvo do debate e com o ator-emissor do discurso.

Se a ideia do jovem como um problema social não é mais predominante enquanto paradigma explicativo geral, continua sendo bastante acionado, por discursos políticos e midiáticos, quando estão em foco os jovens de classes populares, considerados em situação de vulnerabilidade social e próximos da prática de ações violentas e marginais. Também percebemos um acionamento simultâneo das abordagens. Ao propor a inclusão de jovens no mundo do trabalho como estratégia de combater a violência e a criminalidade – discurso bastante comum em instituições sociais – estão em diálogo as concepções da juventude como vetor de desenvolvimento e como problema social, por exemplo. Já o discurso de grande parte das ONG's e movimentos sociais que implementam ações educativas fundamenta-se na percepção do jovem como sujeito de direitos em diálogo com a ideia de juventude como etapa preparatória.

O conceito de juventude enquanto prática de inserção nos espaços sociais dialoga com as diferentes abordagens possíveis, que são acionadas dependendo do contexto, da situação, de quem aciona e com qual intenção. O nosso interesse é compreender como se dá a construção social do coletivo 'juventude urbana e periférica' a partir da articulação das diversas abordagens disponíveis, revelando quais acionamentos conceituais são prioritários, quais são minimizados e até mesmo invisibilizados nessa construção.

O modo de organização da juventude contemporânea que reconhecemos como grupos juvenis é uma consequência do processo histórico de articulação dos jovens em prol de uma efetiva participação política e do contexto contemporâneo marcado pela fragmentação das grandes narrativas de explicação do mundo.

Helena Abramo (2005) apresenta uma sistematização dos atores que compõem o campo das ações com jovens no Brasil. Segundo a autora, a primeira forma de articulação de grande visibilidade social em torno da participação juvenil foi a identificação do jovem enquanto estudante e, com essa identificação, a constituição dos movimentos estudantis. Esses tiveram uma participação importante e definidora no período que o Brasil viveu sob a ditadura militar (1964-1985). Aos jovens que participavam de ações coletivas era associada a identidade de estudante e, em grande

maioria, de universitários das classes médias.

No processo de redemocratização do país (a partir de 1985), outros atores ganham visibilidade: os partidos políticos com tendências de esquerda e aqueles movimentos que ficaram conhecidos sob a rubrica dos “novos movimentos sociais” (GOHN, 2008 e 2010), os quais pautavam questões relativas aos direitos do trabalho, de moradia, de questões de gênero e étnico-raciais. Entre as questões pautadas mais amplamente, nesse período, não estavam demandas específicas voltadas para a juventude. Neste contexto o jovem era um militante entre os demais sujeitos participantes dos processos de luta política e mudança social.

Com a década de 1990, e mais fortemente com os primeiros anos do século XXI, se fortalecem novas formas de atuação social, que incluem as ações e demandas juvenis, o que alguns autores reconhecem enquanto “novíssimos movimentos sociais” (FEIXA, SAURA & COSTA, 2002). Esses movimentos, colocam em prática formas de articulação que privilegiam um fino diálogo entre questões locais e questões globais. Importa o território, suas relações comunitárias e, ao mesmo, tempo as referências de outros locais, distantes geograficamente mas próximos culturalmente. São grupos que atuam pela melhoria das suas condições de vida, ou seja, por um espaço mais digno, por serviços públicos de qualidade e, de forma concomitante, acompanham os desenvolvimentos tecnológicos e se apropriam deles.

Nesse contexto, o modo como a maioria das pessoas jovens entende e exercita a participação social não está relacionado às formas de organização institucionalizadas como partidos políticos, entidades estudantis ou de classe. A pesquisa *Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas*⁹, realizada em 2005, apresenta alguns dados e problemas instigantes quanto às formas atuais da organização juvenil.

Os rapazes e as moças participantes da pesquisa não rejeitam a política de maneira definitiva. Porém, emitem mensagens que evidenciam profunda desconfiança nos operadores políticos tradicionais – os políticos em sua acepção mais ampla. Nesse sentido os dados não

⁹ A Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas foi realizada entre julho/2004 e novembro/2005, coordenada pelo Ibase – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – e o Instituto Polis em parceria com instituições locais em 8 Regiões Metropolitanas do Brasil- Belém, Belo Horizonte, DF, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Foram entrevistados 8 mil jovens entre 15 e 24 anos de todas as classes sociais, entre eles 913 jovens participaram de grupos de debates para aprofundar questões sobre juventude e participação.

configuram quadro de recusa participativa na esfera política, mas ausência de confiança nos canais institucionais e nas formas tradicionais de se fazer política (CARRANO, 2006, p. 4).

Essa desconfiança nos canais tradicionais, uma percepção ampla do conceito de política e a pluralização dos modos e formatos de ação coletiva marcam o contexto de fortalecimento dos grupos e coletivos que são o foco da nossa observação, neste trabalho.

Ao analisar os dados quantitativos e qualitativos da *Pesquisa Juventude e Democracia*, os pesquisadores envolvidos são unânimes ao apontar “a emergência de outras esferas associativas” e a importância dada pelos jovens às formas de organização que levam em conta seus contextos de inserção social, que pode ser traduzido em um sentimento de pertencimento local/territorial, e na formação de redes de solidariedade (CARRANO, 2006; CORTI, 2006; OLIVEIRA, 2006). Os esforços analíticos a partir dos dados coletados “leva-nos também a constatar que a modalidade de participação mais acessível à juventude e mais sintonizadas com suas buscas subjetivas é a da ação grupal comunitária/voluntária” (LÂNES, 2006). Outro dado importante é a percepção de uma tendência maior de participação em grupos de atuação comunitária – que desenvolvem ações locais relacionadas ao bairro que moram, por exemplo – por parte dos jovens mais pobres das classes D/E (22%) em relação àqueles pertencentes às classes A/B (16,9%).

Ao propor um modelo de análise para a ação coletiva, pesquisadores latino-americanos¹⁰ observam questões e dinâmicas semelhantes aquelas encontradas no contexto brasileiro pela Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia, principalmente, no que diz respeito a desconfiança nos modelos tradicionais de participação e a percepção do campo cultural como cenário privilegiado de lutas e disputas de poder.

Para éstos, la búsqueda de nuevos espacios que les permitan crear sus propios códigos de participación en el espacio público los han llevado a plantear expresiones organizativas contrapuestas a la lógica representativa tradicional, procurando que cada rechazo hacia uno u otro elemento del sistema de representación sea expresado a través de una nueva práctica política. (VALENZUELA, 2007, p. 50)

Também observam uma relação territorial/comunitária como marca importante das ações juvenis,

¹⁰ Reconhecemos um grande e significativo investimento de teóricos latino-americanos sobre questões relacionadas a juventude, participação política e movimentos sociais e, por esse motivo, afirmamos a nossa impossibilidade de tratar com a profundidade adequada esse investimento. Acionaremos algumas proposições de alguns desses autores e esperamos, que mesmo de forma parcial, contribua para a visibilização dessa tradição teórica e um início de articulação com as nossas proposições.

Una consideración adicional a propósito de la acción colectiva juvenil, tiene que ver con las relaciones que ésta establece con los entornos circundantes. De alguna manera, tales relaciones definen territorialidades signadas por las subjetividades implícitas en cada forma de expresión t en cada ámbito de la acción de los y de las jóvenes. (DELGADO, OCAMPO & ROBLED, 2008, p. 212)

A análise do contexto de atuação e dos modos de agrupamento juvenil na cidade de Bogotá, apresentada por Cubides & Guerrero (2008), também dialoga com essa perspectiva. Os autores identificaram três formatos prioritários de organização dos jovens, “coletivos ambientais”, “ações estético-artísticas” e “coletivos comunitários educativos” cada um deles com marcas distintas em relação aos três aspectos eleitos pelos autores como importantes para a análise da situação: o processo de agrupamento, a estrutura organizativa e os territórios/espços de atuação.

Outra análise interessante, também sobre a dinâmica de atuação juvenil na Colômbia, com foco na cidade de Medellín, é feita por Ângela Montoya (2010). A autora identifica dois formatos principais para a compressão da ação juvenil: as organizações juvenis e os coletivos juvenis, assim conceituados.

Afirmamos que las organizaciones juveniles tienen su origen y propósitos fuera del universo juvenil y generan vínculos ideológicos y financieros con instituciones de alta trayectoria adulta de perfiles religioso, político o social. Mientras, los colectivos juveniles son impulsados por los propios jóvenes en respuesta a necesidades o desafíos a la autoridad y a las instituciones adultas; estos colectivos encuentran en la cultura y la estética sus nichos de acción política (MONTTOYA, 2010, p. 63).

Diante desse contexto, a autora afirma, que para os jovens de hoje, as questões relacionadas ao “universo sensível” – artes, música, cultural em geral, esporte – apresentam um potencial agregador mais eficiente do que articulações tradicionais de participação política. E reforça uma concepção que compreende a importância das práticas juvenis e sua dimensão de ação política,

(...) presentan una dimensión política en distintos sentidos: el primero, porque apuntan a la visibilidad del sujeto joven y la búsqueda de reconocimiento y legitimación social de sus prácticas; el segundo, porque entran en la escena del «mercado político» para lograr que sus proyectos sean considerados en los presupuestos oficiales, y el tercero, porque toman distancia o incluso se convierten en grandes cuestionadores (desde la disidencia o la resistencia) de las prácticas políticas hegemónicas (MONTTOYA, 2010, p. 80/81).

Na relação comparativa com a organização juvenil que percebemos no Brasil¹¹, a partir das contribuições dos autores até agora mencionados, encontramos algumas semelhanças quando comparamos com os formatos de atuação da juventude mais pobres, com maiores dificuldades de acesso aos serviços educacionais, culturais, de saúde e moradia de qualidade.

Essa semelhança pode ser percebida nos formatos e nas estruturas organizativas que estão ancoradas fundamentalmente em torno de expressões artístico-culturais – evidenciada nas muitas articulações com referência no movimento Hip Hop e outras linguagens artísticas, por exemplo – ou de aspectos territoriais/comunitários, evidenciado por grupos que desenvolvem ações com foco no desenvolvimento local. Também podemos reconhecer similaridades quanto a uma certa desconfiança dos jovens nos modos tradicionais de agrupamento político, expressada por pesquisadores dos dois contextos. Ambas perspectivas fortalecem a compreensão em torno do potencial de resistência inscrito nas práticas desses grupos e coletivos juvenis, nos seus mais variados formatos organizativos e modos de atuação.

A utilização que fazemos da concepção de grupo juvenil nesse trabalho está próxima da idéia de *“colectivo” juvenil* apresentada por Montoya por duas razões principais: pela aproximação dos grupos com o campo artístico-cultural como principal instância articuladora e por serem resultados de uma inquietação de jovens diante de contextos desfavoráveis. No entanto, não podemos afirmar que se trata de uma concepção com total similaridade.

Os grupos juvenis, sujeitos dessa pesquisa, têm formas de articulação bastante diversas entre si, e, em alguns casos, se organizam internamente de modo a reproduzir modelos que vivenciam situações mais formais de participação política, como pastorais religiosas, organizações não-governamentais, políticas sociais implementadas pelo setor público, entre outras. E, do mesmo modo, estão assentadas em diferentes graus de relacionamento com instituições do “mundo adulto”. Em alguns casos são resultados de demandas e provocações externas ao ambiente juvenil. Essas características, segundo a distinção feita por Montoya, os excluiria de uma categoria *“colectivos”* e os aproximaria

¹¹ Sabemos que os contextos de organização da sociedade civil, de participação social e movimentos democráticos no Brasil e nos demais países da América Latina são bastante diversos e, portanto, cada lugar tem sua própria história e dinâmica de mobilização, contudo arriscamos algumas aproximações, também como uma tentativa de refazer um sentido de pertencimento nosso ao conjunto e contexto latino-americano.

da concepção de “*organizacione*”.

No entanto, a nossa concepção de grupos juvenis¹² pretende ser ampla o suficiente para reconhecer tanto a existência de diferentes estruturas organizativas internas quanto os diversos modos de relacionamento entre as articulações de jovens e demais instâncias formais existentes no campo sociopolítico. Essas características nos ajudam a compreender novos marcos da ação de mobilização juvenil e devem ser objeto da nossa observação e não condições excludentes.

1.2) CULTURA JUVENIL E RESISTÊNCIA: ABORDAGENS CONTINGENTES

No Brasil, e especificamente no campo de pesquisa ligado à Comunicação, podemos identificar esforços no sentido de consolidar uma trajetória de estudos relacionados à juventude, comunicação e práticas culturais. Nesse contexto, desenvolvem-se estudos que articulam a juventude aos aspectos de seu consumo cultural e constituição de grupos identitários; à apropriação das novas tecnologias e resignificação do uso dos meios; e também, a análises centradas na representação da juventude, ou do jovem, em produtos midiáticos-massivos (filmes, novelas, seriados, minis-séries, etc.). No entanto, ainda ocupam espaço secundário nesse campo de estudos análises preocupadas em compreender o funcionamento de ações culturais-comunicacionais empreendidas por grupos de jovens, com reconhecido pertencimento às periferias de centros urbanos, inseridos em processos coletivos voltados para uma transformação social. Razão que, também, nos impulsiona a contribuir com o adensamento dessa perspectiva.

O contexto urbano contemporâneo é, cada vez mais, marcado por intervenções resultantes de práticas coletivas realizadas, na sua maioria, por grupos de jovens que se articulam em torno de diferentes linguagens artísticas e tecnológicas – dança, teatro, grafite, poesia, vídeo e internet. A cidade, enquanto espaço de diálogo e interação aparece como o território prioritário para as reivindicações de direitos, e entre eles, a construção de representações sociais mais abrangentes e menos discriminatórias dos jovens moradores de comunidades socialmente periféricas.

¹² Para evitar uma excessiva repetição do termo “grupo” utilizo os termos “articulação” e “coletivo” como sinônimos, sem no entanto estar acionando o sentido proposto por Montoya pelas razões acima apresentadas.

Em estudo desenvolvido sobre o Hip Hop e seu papel como fala contra-hegemônica essencialmente juvenil e periférica, Granja & Araújo (2008) afirmam,

Os raps e os grafites presentes nos becos e vielas se transformam na fala contra-hegemônica da população desses espaços, ao retratar o cotidiano da favela e as contradições da realidade. As rimas e os traços dos artistas de rua se contrapõem às representações petrificadas e opressoras daqueles que detêm o poder (GRANJA & ARAÚJO, 2008, p. 224).

Investigações atuais têm dedicado atenção a esses movimentos na tentativa de melhor compreender sua presença nas sociedades contemporâneas. A perspectiva proposta por Maia & Prata¹³ (2008), por exemplo, é de que a juventude dos territórios populares exerce uma “cidadania cultural” através de apropriações das tecnologias de comunicação articuladas às demandas locais, gerando uma cultura comunitária popular com potencial de resistência e oposição aos discursos hegemônicos.

Com essas histórias, miúdas, cotidianas e banais percebemos a emergência do jovem cidadão que se articula por meio de práticas culturais. Esse jovem faz reapropriações dos produtos da acelerada cultura contemporânea. A noção do direito é conquistada por meio de ações matreiras, astutas, amorosas e sedutoras típicas do cotidiano, que moldam o exercício de uma cidadania que consideramos cultural. (MAIA & PRATA, 2006, p. 13)

As reflexões de Borelli & Rocha (2008) contribuem para a compreensão da força dos movimentos juvenis nos centros urbanos e, especialmente, sua condição de centro gerador de narrativas e representações sociais que objetivam afastar-se das imagens hegemônicas constantemente associadas à violência e marginalidade.

Por meio das redes de socialidade – e nem sempre articulados a projetos institucionais – alguns coletivos juvenis se tornam atores sociais, participam e intervêm em processos dentro de suas próprias comunidades, assim como nos espaços públicos das cidades em que residem. Alteram e transformam as estruturas e características originais dos cenários urbanos pela ação da música, do teatro, de leituras e narrativas, da dança e arte popular urbana, entre elas: grafites, pichações, *stickers*; intervêm em movimentos voltados para a ecologia, o meio ambiente, as novas ordens planetárias, entre outras alternativas de participação que adquirem um caráter político por sua intencionalidade e pelas formas por meio das quais se apropriam dos espaços públicos transformando-os, mesmo que efemeramente, em “lugares seus” (BORELLI & ROCHA, 2008, p. 32/33).

Em diálogo com essas proposições e atenta às condições sociais desfavoráveis que caracterizam a inserção da juventude pobre na sociedade brasileira, nossa

¹³ Proposição resultante do trabalho empírico realizado pelos autores com jovens da Candelária, sub-localidade da favela da Mangueira no Rio de Janeiro.

investigação é uma tentativa de identificar o potencial de resistência presente em ações culturais, que tomam forma de textos/produtos, de grupos juvenis. Desse modo, podemos afirmar que a preocupação principal está na percepção de marcas que ajudem a identificar quando, e em que condições, práticas culturais-comunicacionais empreendidas por coletivos juvenis realizam o seu potencial resistente. Isso implica a desconstrução de uma ideia que associa automaticamente ação juvenil e prática de contestação, exigindo, portanto, uma reflexão sobre resistência e seus principais usos na relação com a cultura juvenil.

O conceito de resistência, no âmbito dos Estudos Culturais, foi amplamente discutido no contexto brasileiro por Freire Filho com a publicação de *Reinvenções da Resistência Juvenil* (2007). O autor nos oferece uma revisão histórica do conceito, evidenciando as principais controvérsias entre as diferentes abordagens presentes nos estudos relacionados à cultura jovem.

O autor problematiza uma passagem, por vezes demasiadamente festiva, do uso inicialmente articulado aos objetivos macro-políticos e coletivos com alvos e protagonistas institucionalizados até sua configuração pós-moderna, que privilegia ações locais e individualizadas e uma dimensão forte de subjetividade e fragmentação. É bastante enfático ao criticar uma constante inadequação do acionamento da ideia de resistência em diversas análises e reflexões acadêmicas atuais.

Despreza-se inteiramente, na abundante safra recente de monografias e antologias, a necessidade impreterível de diferenciação entre os desafios mais substanciais, persuasivos e perspicazes às estratégias e às tecnologias do poder e as posturas meramente acomodatórias, frívolas ou fanfarronas. Qualquer mínimo franzido de sobrelhas é automaticamente situado na linha de frente da confrontação política; o mais contido ar de deboche, avaliado numa perspectiva de emancipação social (FREIRE FILHO, 2007, p. 168).

A questão que envolve o que deve (e pode) ser compreendido e analisado enquanto ação de resistência juvenil vem sendo discutida, pelo menos, desde a publicação de *Resistance through Rituals – youth subcultures in post-war Britain (RTR)*¹⁴,

¹⁴A primeira versão dos artigos que compõe esse livro foi publicada em 1975, em dois volumes do periódico *Working Papers Cultural Studies* (nos. 7/8). No ano seguinte, *Resistance through Rituals – youth subcultures in post-war Britain* foi publicado no formato de livro organizado em quatro partes, a saber, Part I - Theory I; Part II - Ethnography, Part III - Theory II e Part IV - Method. No total são 19 artigos e uma introdução. Em 2006 foi publicada uma nova edição que inclui uma nova introdução escrita pelos próprios organizadores.

pelo CCCS – *Centre for Contemporary Cultural Studies*¹⁵ – em 1976. Esse livro, em formato de coletânea de artigos, é considerado um marco fundador e norteador dos estudos de cultura juvenil, no âmbito dos Estudos Culturais, ao apresentar um panorama das principais características da juventude da classe trabalhadora, no pós-guerra, e suas articulações em torno de diferentes agrupamentos identitários, identificados como subculturas¹⁶. Segundo Freire Filho, os teóricos de Birmingham pretendiam “desconstruir e destronar o conceito mercadológico de *cultura juvenil* e, em seu lugar, erigir um retrato mais meticuloso das raízes sociais, econômicas e culturais das variadas subculturas juvenis e de suas vinculações com a divisão do trabalho e as relações de produção(...)”(2007, p. 33).

O paradigma de análise proposto por *RTR* reivindica uma dupla atenção para as práticas culturais dos coletivos juvenis urbanos, tanto para aquilo que compõe marcas de formação e reconhecimento das subculturas quanto para o entendimento da relação entre essas práticas e as estruturas sociais e culturais formadoras da sociedade na qual estão inseridas. Há um olhar preocupado em analisar a relação entre cultura e poder, e, com isso, compreender e validar novas formas de contestação social. Em uma nova introdução à segunda edição do livro, escrita em 2006, os editores afirmam que no contexto de publicação do livro reconheciam “juventude como uma metáfora para a mudança social¹⁷”. O trecho a seguir explicita as motivações e preocupações que estavam presentes nas reflexões dos teóricos subculturais desde a década de 1970.

In what sense was generational disaffiliation a sign of broader social contradictions? What was the political significance and efficacy of cultural movements, when the ‘political’ was given a much – expanded definition – expanded, as it were, through the cultural? It was in this context that the different approaches in the book have, as a common

¹⁵O CCCS da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, representa a consolidação, e de certa forma o reconhecimento institucional, da perspectiva de investigação teórico-política dos Estudos Culturais. Esse campo de estudo é reconhecido pela articulação das proposições iniciais de Richard Hoogart, Raymond Williams e Edward Thompson ainda nos anos 60, com a liderança de Stuart Hall a partir da década de 70. Em português há uma extensa bibliografia sobre as condições históricas, principais pautas teórico-políticas e temas de interesse dos Estudos Culturais e sua origem britânica, a saber (CEVASCO, 2003; GOMES, 2004; JOHNSON, 2006; SCHULMAN, 2006).

¹⁶O conceito de subcultura juvenil apresenta um duplo caminho explicativo. Por um lado, os pensadores alinhados a Escola de Chicago e seus estudos sobre delinquência juvenil, tendo como marco a publicação de *Delinquent Boys: The Culture of the Gang* (1956) por A. K. Cohen que popularizou o uso do termo; por outro lado a perspectiva dos pesquisadores alinhados ao CCCS que caracterizam as subculturas enquanto grupos com marcas particulares associadas ao consumo de bens culturais para construção de estilos, o livro de *Subculture: The Meaning of Style* (1979), Dick Hebdige é uma referência dessa construção. Para aprofundamento do percurso de elaboração do conceito de subcultura ver (Barros, 2007).

¹⁷ No original “As is widely phrased at the time, youth was a ‘metaphor for social change’ (2006, p.viii)”

underlying thread, questions about the political valency of ‘resistance through rituals’ – the relationship of highly-stylised and culturally-elaborated social movements to class cultures and of cultural politics to other forms of social contestation¹⁸ (HALL & JEFFERSON, 2006, p.ix).

Podemos afirmar, desse modo, que a preocupação em definir limites, características e condições a partir das quais práticas culturais juvenis possam ser compreendidas enquanto ações de resistência e formas de contestação social é uma questão que emerge simultaneamente à própria consolidação dos estudos sobre a cultura jovem. E configura-se como um importante tema no desenvolvimento desse campo de estudos até os dias atuais. “Thus, I would argue that the legacy of resistance studies continues to underpin contemporary research on lived experience in the paradigm, and the lessons these studies have to teach are of continuing relevance”¹⁹ (SAUKKO, 2003, p. 40).

Para a compreensão desse debate e das controvérsias em pauta, torna-se fundamental entender os principais pontos em desacordo entre diferentes proposições teóricas. Aqui, destacamos uma crítica recorrente, proposta por pesquisadores identificados como pós-subculturais ou pós-CCCS²⁰: a romantização do caráter oposicionista das subculturas juvenis, por conferir, automaticamente, um status de prática de contestação social. Cris Barker, ao sistematizar o debate em torno da cultura juvenil, destaca essa controvérsia ao afirmar, “the evidence that young consumers are active creators of meaning is over-whelming, nevertheless, agency and activity do not have to imply resistance. They can also signify active appropriation of hegemonic values²¹” (BARKER, 2008, p. 433).

¹⁸ Em que sentido a desfiliação geracional foi um sinal de contradições sociais mais amplas? Qual foi o significado político e eficácia dos movimentos culturais, quando foi dada uma definição - muito expandida - para “política”, expandida, por assim dizer, através da cultura? Foi neste contexto que as diferentes abordagens no livro formularam, como perspectiva comum, perguntas sobre o valor político de “resistência através de rituais” - a relação entre movimentos sociais altamente estilizados e culturalmente elaborados com culturas de classe, políticas culturais e outras formas de contestação social. (tradução pessoal)

¹⁹ Assim, eu diria que o legado dos estudos de resistência continua a apoiar a investigação contemporânea sobre a experiência vivida no paradigma e as lições que estes estudos têm para ensinar são de relevância contínua. (tradução pessoal)

²⁰ Para um maior entendimento dos temas de debates, características e divergências principais entre os teóricos identificados por subculturais (vinculados à Escola de Birmingham) e aqueles intitulados pós - subculturais (pós - Birmingham) ver: “Capítulo 1- Divertimento e Dissenso: Subculturas, Cenas e Tibos num mundo sem fronteiras” no livro Reinvenções da Resistência Juvenil, de João Freire Filho e o artigo “Das sub-culturas às pós-subculturas juvenis: música, estilo e ativismo político”, do mesmo autor.

²¹ A evidência de que os consumidores jovens são criadores ativos do sentido é superestimada, no entanto, pois agência e atividade não têm que implicar resistência. Eles também podem significar apropriação ativa

As perspectivas, em tensão, evidenciadas por essa crítica são, de um lado, a tentativa dos teóricos do CCCS em articular as práticas culturais com dimensões sócio-históricas da vida dos sujeitos e, com isso, perceber os embates que criam (ou tem potencial para criar) nos domínios da vida cotidiana. Do outro lado, uma perspectiva que articula às subculturas juvenis a intensificação do consumo decorrente do avanço do capitalismo no mundo pós-guerra, priorizando aspectos relacionados à satisfação individual.

Os embates teóricos, quando fundamentados em perspectivas opostas e dicotômicas, tendem a fixar e empobrecer ambos os lados do debate. Nesse caso os críticos acusam-se mutuamente de um mesmo sentido de simplificação das interpretações; de um lado, as subculturas juvenis compreendidas enquanto espaço sempre carregado de sentidos políticos de contestação da ordem dominante; de outro, como âmbito de um simples consumo deslocado de dimensões político-sociais e de caráter hedonista.

Contudo, o afastamento de lugares dicotômicos na análise cultural é uma proposição que fundamenta os Estudos Culturais, e em *RTR*, toma uma forma bastante enfática e definitiva. Nas palavras de Stuart Hall,

No contexto da presente discussão, o que parece mais significativo é a forma como *Resistance through Rituals* se distanciou ativamente das metáforas clássicas de “luta revolucionária” e das antinomias reforma/revolução, ao oferecer uma definição ampliada de ruptura social. No lugar das dicotomias simples da “luta de classe”, a obra inaugura a noção gramsciana de “repertórios de resistência” que, insiste-se ali, sempre foram historicamente específicos e conjunturalmente definidos (HALL, 2003, p. 229).

Desse modo, está colocada a necessidade de compreender as práticas das subculturas juvenis de forma contextualizada, em articulação com as condições sócio-históricas dos sujeitos implicados, e sua potência em provocar alterações em relações sociais estabelecidas de forma hegemônica. Freire Filho (2007) avança nesse debate quando afirma,

Não se tratava meramente, pois, de produzir inventários de padrões de consumo e estilos de vida subculturais; era impreterível avaliar que função a apropriação (criativa, insólita, espetacular) de artefatos da cultura do consumo, do tempo e de espaços territoriais assumia perante as instituições dominantes hegemônicas (FREIRE FILHO, 2007, p.33).

Nessa direção, Chris Barker, a partir da leitura de Hall²²(2003), propõe uma conceituação relacional, conjuntural e normativa. O autor aponta: “However, in context of cultural studies, to describe an act as resistance is a matter not of truth or falsity but of utility and value²³” (2008, p.437).

Embora não avance no aprofundamento do debate em torno dos conceitos de ‘utilidade’ e ‘valor’ nesse contexto, a proposição de Barker (2008) oferece pistas para o estabelecimento de um determinado percurso que direcionam uma análise da resistência a partir da compreensão das características conjunturais de inserção de determinada ação. Essas pistas revelam uma preocupação com aquilo que o próprio autor, referindo-se ao texto de Morris (1996), identifica como certa banalização nos Estudos Culturais quando essas condições de inserção não são devidamente observadas e as práticas juvenis são automaticamente associadas a uma ação resistente.

A nossa perspectiva se coloca na direção de compreender as formas e o contexto que possibilitam uma determinada ação cultural-comunicativa colocar em prática seu potencial de contestação social. E, também, perceber quando esse potencial não se realiza. Essa análise está distante do conteúdo ou da forma das práticas culturais, em si mesmas, e articula-se com as diversas dimensões da vida dos sujeitos em ação.

Ao reconhecer a importância do conceito de resistência no campo dos Estudos Culturais e, também, numa tentativa de identificar as principais abordagens utilizadas pelos pesquisadores desde o seu marco inaugural com *RTR*, Paula Saukko (2003) distingue 3 abordagens analíticas possíveis – *critical contextualistc, textualistc optimism e contingent approach*²⁴ – e advoga na direção da terceira. Para a autora, a primeira abordagem, contextualista crítica, está particularmente interessada nos reais efeitos nas estruturas de dominância (de classe, de gênero) que as ações ditas resistentes são capazes de promover. Essa perspectiva coloca, sob nosso ponto de vista, uma ênfase produtiva na importância do contexto para a análise, contudo acaba desconsiderando as experiências (as nuances, as contradições) vividas pelos próprios sujeitos envolvidos, na medida em que, credita a responsabilidade de reconhecer o sentido das ações nas

²² Do artigo “*For Allon White: Metaphors of Transformation*” publicado em 1996. A tradução brasileira integra a coletânea *Da Diáspora: identidade e mediações culturais*, publicado em 2003.

²³ Contudo, no contexto dos estudos culturais, descrever um ato como resistência não é um problema de verdade ou falsidade, e sim de utilidade e valor (tradução pessoal).

²⁴ contextualista crítica, textualista otimista e abordagem contingente (tradução pessoal)

condições ditas “reais” aos investigadores. Nessa tradição, uma tática resistente é apenas aquela que como resultado imediato transforma efetivamente as condições de vida dos sujeitos.

A segunda abordagem, textualista otimista, está direcionada para aquilo que os próprios investigadores identificam como resistência simbólica e, segundo Saukko (2003), apresentam uma tendência exageradamente otimista em oposição a anterior, bastante pessimista. Nessa abordagem, as lutas simbólicas são reais e contêm um forte impacto político. De forma geral, essa perspectiva é criticada por uma falta de contextualização dos fenômenos e por certo exagero quanto ao potencial de resistência presentes em determinadas ações. “However, as discussed above, arguing that the fact that a resistant activity, like media-consumption, is ineffective’ because it does not change others structures of dominance, denies the activity in question is significance.”²⁵ (SAUKKO, 2003, p. 49). A crítica feita a essa perspectiva observa que ações de consumo cultural podem ser entendidas como resistentes apenas pelo fato de não responderem a uma tendência hegemônica. Assim, o uso de roupas e adereços identificados com o Movimento Hip Hop poderiam ser considerados uma ação resistente.

A abordagem contingente, para Paula Saukko, é aquela que oferece as condições de análise mais produtiva, pois procura compreender a ação resistente a partir de vários pontos de vista, avaliando os efeitos mais moderados. Essa concepção procura observar diversas formas de resistência e postula a não determinação, a priori, de um tipo de resistência como mais importante que o outro, e sim, que cada situação seja considerada em relação ao seu contexto e às suas especificidades.

Therefore, to overcome this polarized and vertical mode of analysis, it may be fruitful to shift towards a more contingent or lateral notion of power and resistance. Instead of thinking whether a particular local resistance has systemic effects, it might be a better idea to explore what kind of specific effects it has, or how it relates to other issue, events and processes in different places and spheres of life²⁶. (SAUKKO, 2003, p. 50)

O benefício dessa terceira perspectiva, que dialoga com as ponderações feitas por

²⁵ No entanto, como discutido acima, argumentar que o fato das atividades de resistência, como o consumo de mídia, são ineficazes porque não mudam outras estruturas de dominação, nega que as atividades em questão são significativas. (tradução pessoal)

²⁶ Portanto, para superar este modo polarizado e vertical da análise, pode ser proveitoso mudar para uma noção mais contingente ou lateral de poder e resistência. Em vez de pensar se uma resistência local em particular tem efeitos sistêmicos, pode ser uma ideia melhor explorar quais tipos de efeitos específicos possuem, ou como se relacionam com outra questão, eventos e processos em diferentes lugares e esferas da vida. (tradução pessoal)

Freire Filho e Barker, está na tentativa de não-determinação a priori e na abertura para a compreensão da variedade de ganhos e conquistas que a resistência juvenil pode provocar, desde aqueles relacionados a aspectos perceptíveis de forma mais objetiva – uma mobilização em torno da instalação de uma escola em determinado bairro periférico, por exemplo – até aqueles que têm efeitos no campo do simbólico – a ação de um grupo de teatro e a transformação na construção da subjetividade que uma experiência de criação artística pode provocar. Diante de uma visão contingente, são ganhos diferentes, mas que contribuem para um processo amplo de transformação social.

O filósofo e historiador de arte Didi-Huberman (2011) traz uma instigante contribuição que gostaríamos de articular ao debate, porque a consideramos relevante para a construção da reflexão contemporânea sobre a questão da resistência, devido a sua percepção bastante crítica do contexto atual, marcado por rígidas relações de poder, que estão assentadas em forças totalizantes sob égide das relações de classe – ainda que perpassadas por outras condições. Mas também, pela sua insistência teórica, e também poética, em buscar os espaços de possibilidade, representado na sua construção pela existência dos ‘vaga-lumes’.

No mesmo momento que escrevo essas linhas, Silvio Berlusconi se exhibe como sempre, sob a luz dos projetores, a Liga do Norte age com eficácia e os *Roms*²⁷ [itálico no original] são fichados, uma boa maneira de colocá-los para fora. Há sem dúvida motivos para ser pessimista, contudo é tão mais necessário abrir os olhos na noite, se deslocar sem descanso, voltar a procurar os vaga-lumes (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 49).

Para empreender essa procura, o autor analisa a resistência a partir da metáfora dos vaga-lumes proposta por Píer Paolo Pasolini, em 1941. É uma imagem poético-ecológica que associa os vaga-lumes – “seres luminescentes, dançantes, erráticos, intocáveis (...)” aos “resistentes de todos os tipos, ativos ou passivos”, chamando a atenção para as pequenas luzes capazes de iluminar ainda que diante de uma grande escuridão. No seu contexto de surgimento, fazia referência às ações da juventude italiana em oposição ao fascismo de Mussolini através de ativismos artísticos, a “dança dos vaga-lumes, esse momento de graça que resiste ao mundo do terror” (p. 25).

Ao propor a continuidade do uso dessa metáfora Didi-Huberman (2011)

²⁷ Há uma nota explicativa do autor esclarecendo que na França esse termo identifica os ciganos do leste europeu.

problematiza a tese posterior do próprio Pasolini, anunciada em 1975, sobre o *desaparecimento dos vaga-lumes* devido à ofuscante claridade dos grandes refletores – o modo de vida burguês, “a sociedade do espetáculo”, a ditadura do capitalismo –, que impossibilitaria a existência das pequenas luzes.

Os vaga-lumes desapareceram, isto quer dizer: a cultura em que Pasolini reconhecia, até então, uma prática – popular ou vanguardista – de resistência tornou-se ela própria um instrumento da barbárie totalitária, uma vez que se encontra atualmente confinada no reino mercantil, prostitucional, da tolerância generalizada (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.41).

Ambos os críticos partilham um sentido de mundo atual marcado pela metáfora dos ‘ferozes’ refletores enquanto símbolo da super exposição do vazio das relações estéticas, políticas e econômicas transformadas em mercadorias. No entanto, a retomada proposta por Didi-Huberman fundamenta-se na possibilidade, nos rastros, nos sinais luminosos, ainda que enfraquecidos, deixados por sujeitos-contemporâneos-vaga-lumes.

Assujeitou-se o mundo, assim, totalmente, como o sonharam – o projetaram, o programaram querem no-lo impor – nossos atuais “conselheiros pífidos”? Postulá-lo é, justamente, dar crédito ao que sua máquina quer nos fazer crer. É ver somente a noite escura ou a ofuscante luz dos projetores. É agir como vencidos: é estarmos convencido de que a máquina cumpre seu trabalho sem resto nem resistência. E não ver mais nada. É, portanto, não ver o espaço – seja ele intersticial, intermitente, nômade, situado no improvável – das aberturas, dos possíveis, dos lampejos, dos apesar de tudo (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 42).

Interessa-nos observar então esses espaços das aberturas, dos lampejos como anunciou Pasolini e propõe Didi-Huberman; os espaços de fronteiras, os interstícios segundo Homi Bhabha; as margens segundo Stuart Hall; as zonas opacas como identifica Milton Santos. “Estes são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços de exatidão. Os espaços inorgânicos é que são abertos, e os espaços regulares são fechados, racionalizados e racionalizadores” (SANTOS, 2006, p. 221).

Em todas essas formulações está presente uma perspectiva que os compreende enquanto espaços menos controlados pelas racionalidades contemporâneas. Dessa condição deriva sua riqueza, resultado da negociação entre necessidades e carências que gera transgressões, mudanças da ordem, do instituído e provoca novas saídas, respostas táticas. Os textos destacados abaixo ratificam essa percepção,

Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social – como ela emerge em formas culturais não canônicas – transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a

encarar o conceito de cultura exteriormente aos *objets d'art* ou para além da canonização da idéia de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente compostas de demandas práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência cultural (BHABHA, 2001, p.240).

Mas, nas margens, isto é, através de um território infinitamente mais extenso, caminham inúmeros povos sobre os quais sabemos muito pouco, logo, para os quais uma contrainformação parece sempre mais necessária. *Povos-vaga-lumes*, quando se retiram na noite, buscam como podem sua liberdade de movimento, fogem dos projetores do “reino” fazem o impossível para afirmar seus desejos, emitir seus próprios lampejos e dirigi-los a outros (Didi-Huberman, 2011,p. 155).

A questão que parece crucial, diante da perspectiva da sobrevivência dos vaga-lumes, apesar da força totalizante dos grandes refletores, das racionalidades dos espaços luminosos, é a de como reconhecê-los. Como identificar tais rastros, signos de resistência (BHABHA, 2001) e avaliar sua potência transformadora? Didi-Huberman enfrenta esse desafio e sugere um caminho teórico-metodológico-poético, “para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo” (2011, p. 52).

Dessa perspectiva queremos destacar a complexidade da proposição resumida em “é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência”, o que implica uma observação sensível às dinâmicas ordinárias e cotidianas dos sujeitos, no sentido de identificar quais forças essas ações mobilizam e que relações de poder elas ratificam, tensionam a que relações de poder elas se opõem. Essa análise quando empreendida no momento mesmo do acontecer e preocupada com a inserção contextual da ação dialoga com a abordagem contingente – proposta por Paula Saukko (2003) – e com a conceituação conjuntural, formulada por Barker (2008) para compreender um ato enquanto resistência.

Acreditamos que essa convocação de um olhar articulado com as demais instâncias da vida social exige uma análise não aprisionada em metáforas²⁸ dicotômicas, e sim, fundamentada em metáforas que permitam compreender de forma não-

²⁸No artigo já citado, “Para Allon White (...)”, Stuart Hall argumenta em prol da identificação de metáforas que ofereçam novas possibilidades de análise para a relação entre social e o simbólico, entre poder e cultura, já que a metáfora clássica de transformação social baseada em oposições e binarismos já não “inspira consentimento”. Ele reconhece o trabalho original de Stallybrass e White, influenciados por Bakhtin, com o desenvolvimento do conceito de transgressão e sua abertura para as idéias de ambivalência e hibridismo.

reducionista “as relações entre o social e o simbólico” (HALL, 2003, p. 220) e entre cultura e poder. Essa perspectiva nos leva a um afastamento de condições preexistentes para a realização do potencial de resistência. No entanto, exige que a prática cultural seja compreendida enquanto um posicionamento diante de determinadas estruturas sociais e regulações e, portanto, uma tomada de posição diante do Outro e da diferença.

Isso nos permite avançar na contra-argumentação a uma ideia bastante presente no campo de estudo, a de que qualquer prática cultural realizada por um grupamento juvenil está inserida numa dinâmica de contestação social. As argumentações de Chris Barker (2008) e Paula Saukko (2003) estão construídas nessa direção. “Resistance is not a quality of an act but a category of judgement about acts²⁹” (BARKER, 2008, p. 438) e “Laclau and Mouffe argue that resistance does not emanate from a particular position (such a class position) but that this position has to be made to mean.³⁰” (SAUKKO, 2003, p. 51) explicitam a perspectiva de que cada ação para ser considerada resistente, ou não, precisa ser levada em consideração a partir da sua inserção no contexto específico, sendo observado que relações de força ela potencializa com sua existência.

Desse modo, nos parece que a realização do potencial resistente está relacionada à dinâmica de tensionamento que as ações culturais-comunicativas juvenis conseguem instaurar em relação aos “outros” posicionamentos hegemonicamente construídos para a juventude da periferia. A negociação entre os posicionamentos demandados, pelas auto-narrativas, e aqueles atribuídos, pelas narrativas potencialmente hegemônicas, e entre os deslocamentos nos limites de definição de “eu” – ator coletivo, juventude periférica – e o “outro” constituem as marcas que evidenciam quais práticas ocupam uma função social de táticas³¹ resistentes.

Essas ressalvas e posturas críticas são fundamentais não para desacreditar o potencial de resistência das ações juvenis, e sim para compreendê-las a partir de suas contextualizações e dinâmicas contemporâneas. Desse modo, acreditamos que as práticas resistentes terão sua ação potencializada na medida em que as marcas de questionamento sejam identificadas contextualmente no momento da interação

²⁹A resistência não é uma qualidade de um ato, mas uma categoria de julgamento sobre atos. (tradução pessoal)

³⁰Laclau e Mouffe argumentam que a resistência não emana de uma posição particular (tal posição de classe), mas que esta posição tem que se fazer-significar. (tradução pessoal)

³¹Na acepção de Michel de Certeau (2011)

comunicativa.

O exercício de análise é o de identificar as operações de tensionamento entre as narrativas propostas pelos jovens nos Diários Criativos (material que será apresentado detalhadamente na próxima seção), entendidas enquanto auto-representações do “eu-jovem E da (minha) periferia”, e as narrativas propostas por outras discursividades sociais com reconhecido potencial de instituir imagens e construções com grande alcance de disseminação e forma legitimadora. Essa potência deve ser reconhecida a partir da percepção das características das práticas em relação ao seu contexto de inserção e as interações provocadas pela sua presença.

Na nossa proposta, os Diários Criativos, entendidos como práticas culturais-comunicativas, devem ser analisados enquanto materializações, “pontos de apego temporários” (HALL, 2000, p.112), que demarcam posicionamentos em relação/em tensão com aqueles oferecidos massivamente. Dessa forma, argumentamos que essas auto-narrativas dos sujeitos podem cumprir um papel de “táticas” de re-invenção e, portanto, de resistência, quando investem na desestabilização de papéis e representações sociais superficiais, preconceituosas e atreladas às relações de poder rigidamente estabelecidas.

1.3 GRUPOS JUVENIS EM AÇÃO: OS DIÁRIOS CRIATIVOS

*A atmosfera espiritual, a cultura e a mentalidade da época não são desvendadas somente a partir das 'grandes obras de arte', mas também como base em documentos triviais da escrita e de gestos e comportamentos "aparentemente irrelevantes."
Willi Bolle*

Diante da explicitação da nossa perspectiva teórica e da articulação de uma hipótese de pesquisa que pretende identificar o potencial de resistência de práticas culturais-comunicativas empreendidas por grupos de jovens, apresentaremos, nessa seção, a situação que impulsiona o nosso processo investigativo e que permite uma interação entre o campo da vivência cotidiana e as reflexões aqui apresentadas.

A experiência de produção e o próprio material expressivo identificado por Diário Criativo, realizados por quatro (4) grupos juvenis da cidade de Salvador, são os nossos objetos de análise e dialogam diretamente com a capacidade dos coletivos de produzirem uma escrita que os insere na trama de discursos que localizam o jovem e a

periferia.

Os grupos que compõem esse campo de análise são formados por jovens moradores da cidade de Salvador, na Bahia, os quais se apresentam enquanto pertencentes a quatro (4) localidades que fazem parte do espaço social reconhecido como periferia da capital baiana. São eles: *Grupo Art'Periférica* do bairro de Pernambués, *Jovens Realistas do Cotidiano* do bairro do Alto do Cabrito, *Grupo de Teatro A Trama dos Arteiros* do bairro de Marechal Rondon e *Grupo Jovem Nova Geração* do bairro de Cosme de Farias.

Esses grupos foram identificados por apresentarem algumas características em comum: são formados, majoritariamente, por jovens; desenvolvem ações de mobilização social, tendo como referência aspectos locais, ou seja, sua comunidade de pertencimento territorial; e participam da Rede Ser-Tão Brasil³², articulação proposta e coordenada pelo CRIA – Centro de Referência Integral de Adolescentes. Contudo, a característica mais relevante que reúne esses grupo, e não outros, enquanto *corpus* analítico dessa pesquisa, é a produção do material expressivo identificado como Diário Criativo.

Importante destacar que os grupos têm origens diferentes que dialogam diretamente com a situação contextual de cada um. Alguns já existiam há algum tempo e se aproximaram da rede coordenada pelo CRIA a partir do momento que algum jovem participante de atividades da instituição passou a também integrar o grupo; em outros casos, as articulações foram formadas partir da provocação feita pela instituição para jovens moradores dessas localidades e, portanto, já surgem enquanto pontos da Rede Ser-Tão Brasil. Os formatos organizativos também são bastante diversos entre si e revelam uma relevante pluralidade que caracteriza a ação juvenil nos dias de hoje. Todas essas condições e características são foco da nossa observação ao longo do trabalho e implicam conseqüências diversas para a ação juvenil. A seguir apresentamos uma breve descrição de cada grupo³³ que integra o nosso campo de investigação.

³²A *Rede Ser-Tão Brasil* existe desde 2003, a partir de uma articulação do CRIA. Hoje é composta por grupos culturais de 15 cidades do interior da Bahia e 15 grupos culturais de comunidades periféricas de Salvador, que trabalham de forma integrada articulando conteúdos políticos, teórico-práticos e metodológicos pertinentes a toda rede, entretanto, preservando as identidades e particularidades de cada grupo. A Rede tem representação em 12 dos 26 Territórios de Identidade do Estado da Bahia. (Trecho retirado do Projeto Tecendo Redes/CRIA/2011) Para maiores informações: <http://redesertaobrasil.wordpress.com/>

³³Essas informações foram recolhidas a partir do documento “Panorama 2008” elaborado no CRIA, em novembro de 2008, tendo como base em entrevistas realizadas com os jovens, individualmente, sobre a

O *Grupo Art'Periférica* do bairro de Pernambués é formado por cinco (05) jovens, sendo três (3) integrantes do CRIA. O temas principais de interesse do grupo são a “estética negra” e as questões relacionadas à etnia e ao preconceito. Esse grupo realiza oficinas de dança, rodas de leitura e desfiles de moda com a participação de crianças e jovens do bairro. As ações acontecem na Escola Municipal Tomás Gonzaga com o apoio da Associação de Moradores de Pernambués.

O grupo *Jovens Realistas do Cotidiano* existe desde 2003, é formado por cerca de quinze (15) adolescentes e jovens, entre 12 e 17 anos entre eles, três (3) participam diretamente das ações de formação do CRIA. O grupo realiza oficinas de dança, teatro e HIP HOP, ministradas por dois (2) jovens, lideranças do grupo. As ações acontecem no Colégio Estadual Helena Mata Pires e na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, ambos no bairro do Alto do Cabrito.

O *Grupo de Teatro A Trama dos Artesãos* do bairro Marechal Rondon é formado por nove (9) jovens entre eles, três (3) são integrantes do CRIA. O grupo realiza montagens teatrais, abordando questões relacionadas à violência, ao preconceito, às desigualdades sociais, etc que são apresentadas no bairro e em outros espaços culturais da cidade. Além disso, os participantes do grupo realizam oficinas de teatro, capoeira, valsa, swing baiano, dança do ventre, artesanato, grafite e estética negra, todas em parceria com o Projeto Escola Aberta (MEC/UNESCO) no Colégio Estadual Prof. Germano Machado Neto.

O GJNG – *Grupo Jovem Nova Geração* – foi organizado em janeiro de 2007, é formado por treze (13) adolescentes e jovens, entre 13 e 18 anos, todos integrantes do CRIA. Eles realizam oficinas de teatro, dança, artesanato, feiras culturais e palestras sobre DST/AIDS para outros jovens do bairro de Cosme de Farias. As ações acontecem no Colégio Estadual Cosme de Farias e contam com o apoio de uma líder comunitária de referência no bairro.

É importante ressaltarmos a diversidade de formas de organização e modos de ação entre eles, o que ratifica a percepção já apresentada de uma grande diversidade de

sua atuação comunitária. Tivemos acesso ao documento por correio eletrônico a partir do contato com as educadoras responsáveis pela sistematização dos dados referente a atuação dos jovens integrantes da Instituição. Importante destacar o período de coleta das informações devido a rapidez com que os jovens alteram essas formas organizativas. Desse modo, o panorama aqui apresentado refere-se ao ano de 2008, período de confecção dos Diários Criativos.

modelos e formatos da ação juvenil coletiva no contexto contemporâneo.

O CRIA – Centro de Referência Integral de Adolescentes – é a instituição comum nessa rede de parcerias e vem, desde 2001, implementando uma proposta de formação de jovens líderes comunitários articulada a uma formação artística. Aos adolescentes e jovens que participam do programa da ONG são propostos dois níveis de participação, que podemos chamar interno e externo. A participação interna se refere à adesão dos jovens a um dos grupos artísticos existentes na instituição e é condição indispensável para ser um jovem *dinamizador cultural* (nomenclatura usada pela ONG em seus documentos institucionais) do CRIA; já a participação externa, é o resultado das provocações, feitas pelos educadores e por outros jovens já atuantes, para que cada menino ou menina realize ações de mobilização social nas suas comunidades de origem, de moradia ou de identificação na cidade a partir da formação de um grupo ou da adesão a algum coletivo já existente.

Em 2008, período em que esse dados foram coletados e sistematizados, cento e sete (107) jovens moradores de vinte e seis (26) comunidades da cidade de Salvador participavam dos programas do CRIA e estavam organizados em sete (7) grupos artísticos³⁴. Destes, oitenta e quatro (84) participavam de uma das dezessete (17) articulações comunitárias que atuavam no momento, enquanto vinte e três (23) não exerciam nenhuma atividade de mobilização nas suas comunidades. Nesse universo de jovens envolvidos numa proposta institucional, o índice de participação em outros grupos é de aproximadamente 73%, muito superior àquele divulgado pela pesquisa Juventude Brasileira e Democracia³⁵, de apenas 26,8%. Situação que nos permite inferir que a participação em grupos de ação local é muito inferior quando se observa um universo de jovens mais abrangente, sem vinculação formal com ONG's ou outras articulações institucionais.

Uma das atividades oferecidas pela ONG CRIA é a “Formação para Atuação Comunitária”, encontros quinzenais com duração de 3 horas cada, que tem como

³⁴No momento desta coleta de dados os grupos eram: Quem descobriu o Amor?; Quanto Custa?; Silêncios Sentidos; Poesia Pé- de-Benção, Diálogos; Clowns Urbanos e Quem somos nós?

³⁵Esse dado é referente a pergunta: “você já participou de algum movimento ou reunião para melhorar a vida do seu bairro ou da sua cidade?” presente nos questionários da Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia. Nessa etapa da pesquisa foram aplicados 9.000 questionários com jovens entre 15 e 24 anos, pertencentes a variadas classes sociais em 8 regiões metropolitanas do Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, Belém e Distrito Federal.

objetivo principal incentivar os jovens a desenvolverem ações de intervenção nas suas comunidades com a formação de novos coletivos ou com a participação em grupos já existentes. O corpus empírico identificado como prioritário para essa investigação é resultado de uma demanda deste espaço de formação, a confecção dos Diários Criativos.

Os Diários foram elaborados a partir da proposta de que cada grupo realizasse um mapeamento cultural a partir de um olhar investigativo sobre suas comunidades de atuação, o qual resultasse numa “síntese criativa” (RABELLO, 2011/entrevista). Essa demanda foi sistematizada, pelo educadores responsáveis pela atividade, em seis (06) questões que foram anexadas nas contracapas dos cadernos. São elas: 1. Que mapas nossos pés traçam? ; 2. De que fonte nós bebemos? ; 3. O que me alimenta nesse bairro? ; 4. O que queremos olhar? ; 5. Que paisagens eu vejo nas minhas janelas? ; 6. Que pulga belisca a minha orelha?.



Fig. 1 - Contra-capa dos Diários Criativos
Fonte: Diários Criativos

Cada grupo, com seu caderno em branco, optou livremente pelas formas de dar respostas e dialogar com essas indagações. Inclusive no que diz respeito ao momento e à condição de fazê-lo, já que os cadernos foram entregues pelo CRIA para representantes dos grupos e devolvidos, como produto acabado, cerca de três (3) meses depois. Todas as intervenções foram feitas pelos jovens em seu ambiente de moradia e/ou ação comunitária. Entre os dezessetes (17) grupos que participavam da Formação para Atuação Comunitária (por meio de 1 ou 2 representantes) apenas cinco (5) finalizaram o

material. Entre esses, apenas um (1) não foi integrado ao corpus empírico dessa pesquisa devido a pouca representatividade das suas inscrições, apenas algumas fotografias de uma ação do CRIA realizada na creche comunitária da localidade de Nova Constituinte, no bairro de Periperi.

Os Diários Criativos são materiais expressivos que revelam um modo de escrita experimentado pelos jovens, em grupo, o qual apresenta a cidade e seus lugares a partir do uso de cada sujeito envolvido na confecção desse material. São escritos que se articulam com base na intenção principal de falar de si e da sua comunidade de pertença de um modo próprio e autoral. Na nossa concepção esses Diários são cartografias, no sentido proposto por Silva *et al* (2008), que contraria formas estatizantes e busca modos de apreensão da dinâmicas de uso do urbano.

É preciso ressaltar, contudo, que a cartografia, os fazeres cartográficos e seus produtos, estão diretamente associados a uma forma de organização do conhecimento sobre o espaço, a uma maneira de conceber, representar e interpretar o mundo, a uma forma de articular saberes e poderes, isto é, a uma configuração imaginária construída a partir de uma perspectiva que privilegia determinados elementos e processos em detrimento de outros. Nossa proposta é sublinhar estes aspectos e, no mesmo movimento, contrariar a visão essencialista e totalizadora do mundo buscando os processos de enunciação do cotidiano da cidade e suas dinâmicas. (SILVA *et al*, 2008, p.2)

São exercícios de registrar a experiência de viver determinado contexto urbano, mas também são modos de alterá-lo a partir da sua crítica e da formulação de demandas. É um escrito que relata e provoca; do presente e do futuro, da vida vivida e do desejo. Um texto elaborado por aqueles “praticantes ordinários da cidade” (CERTEAU, 2011) que a atualizam no uso inesperado e indevido, além daqueles programados, que fazem dos espaços por onde circulam.

A escolha dos Diários Criativos como material preferencial para a análise justifica-se pela necessidade de identificar registros materiais produzidos pelos jovens, a partir dos coletivos de atuação, que expressem suas ideias, perspectivas, formas de ver a sua comunidade, a si mesmo, o seu lugar no mundo dito por outros textos, dito por eles próprios e uma possível relação entre eles. A eleição desse material responde a essa condição. Os Diários são respostas à mesma provocação e, ainda que, manifestem tais respostas de maneiras diversas em cada um deles (fotos, desenhos, textos manuscritos, textos digitados, colagens, grafites), guardam semelhanças no que diz respeito ao formato expressivo no qual as inscrições ganham forma.

Esse material corresponde a sessenta e três (63) páginas de cadernos de desenho em formato A3 compostas por textos manuscritos, colagens, desenhos, recorte de jornais, inserção de objetos, entre outras formas expressivas. Segue, abaixo, um breve resumo do material.

Grupo Juvenil	Diário Criativo
Grupo Art'Periférica	21 páginas e capa com textos manuscritos, desenhos, colagem de fotos, materiais e imagens.
Jovens Realistas Do Cotidiano	08 páginas e capa com textos manuscritos, colagem de fotografias, colagem de materiais e desenhos
Grupo de Teatro A Trama dos Arteiros	20 páginas e capa com textos manuscritos, texto digitados, grafite e colagem de fotos.
Grupo Jovem Nova Geração	14 páginas e capa com textos manuscritos, desenhos, colagem de fotos, colagem de materiais, colagem de copia de jornal antigo e desenho de história em quadrinhos.

Fig. 2 . Tabela 1 – Conteúdo Diários Criativos
Fonte: Construção da Pesquisa

Os quatro (4) cadernos expressam posicionamentos e lugares de fala reivindicados pelos jovens, sujeitos-autores das narrativas. As escolhas feitas para a confecção do material e as forças sociais operantes no seu contexto de produção evidenciam marcas importantes para a análise da função social que cada Diário pode exercer.

Compreendemos cada caderno enquanto uma unidade textual que se organiza em determinadas estruturas internas, as quais identificamos nesse estudo como 'seções'. As divisões em seções são maneiras de organizar o conteúdo e apesar de serem resultados das escolhas de cada grupo, realizadas em seus próprios espaços comunitários, sem prévia orientação sobre formato por parte do CRIA ou de qualquer outra referência institucional apresentaram semelhanças em maior ou menor grau. A partir da percepção dessas semelhanças propomos a identificação de dez (10) seções, além da capa e contracapa. São elas: história da comunidade, apresentação do grupo, histórico do grupo, fotos, história de vida, mapeamento de serviços e atividades culturais, depoimentos e/ou entrevistas, história em quadrinhos, objetivos do CRIA e perguntas e respostas. O quadro seguinte apresenta os quatro cadernos a partir das suas divisões internas e estruturas de conteúdo.

Seções	Comunidades			
	Alto do Cabrito	Cosme de Farias	Marechal Rondon	Pernambués
1. Capa	X	X	X	X
2. Contracapa	X	X	X	X
3. História da Comunidade	X	X	X	X
4. Apresentação do grupo	X	X	X	X
5. Histórico do grupo	X	X	X	-----
6. Fotos	X	-----	-----	-----
7. Histórias de Vida	-----	X	-----	-----
8. Mapeamento de serviços e atividades	X	X	X	X
9. Depoimentos e/ou entrevistas	-----	X	-----	X
10. História em Quadrinhos	-----	X	-----	-----
11. Objetivos do CRIA	X	-----	-----	-----
12. Perguntas e Respostas	X	-----	-----	-----

Fig. 3 - Tabela 2 – Diários Criativos: organização de seções
Fonte: Construção da Pesquisa

Todos os grupos optaram pela confecção de capas próprias e apresentaram a seção mapeamento de serviços e atividades culturais. Todos identificam uma seção para a história da comunidade, para o histórico e para descrição dos objetivos e das atividades desenvolvidas pelo grupo. Com exceção do Grupo Jovem Nova Geração, de Cosme de Farias, todos apresentam fotos das atividades realizadas pelos coletivos. Contudo, algumas divisões internas aparecem apenas em um dos cadernos. Somente o grupo Jovens Realistas do Cotidiano formulou os itens: ‘objetivos do CRIA’, ‘perguntas e respostas’ e uma seção exclusiva de fotografias; já o Grupo Jovem Nova Geração formulou blocos ‘história de vida’, ‘história em quadrinhos’ e ‘depoimentos/entrevistas’, que não aparecem nos demais.

Esses cadernos são leituras-textos da realidade que se impõe aos jovens. Estão impregnados do seu contexto de produção e são capazes de revelá-lo, de expressar a conjuntura de forças operante, as relações de poder e a forma como os sujeitos, nesse caso os grupos juvenis, negociam, se opõem ou reforçam cada uma delas.

Os Diários Criativos, esse material expressivo que colocamos sob análise, funcionam enquanto uma interrupção, um espaço intervalar, diante da rotina e do cotidiano de alguns jovens. É uma tomada de posição que reivindica um lugar próprio,

uma presença. Entre as práticas comuns de ir à escola, ir ao trabalho, ajudar em casa, conversar com os amigos, brincar, ouvir música, ir a festas, namorar, dançar, esses jovens dilataram seu tempo e o preencheram com uma escrita que manifesta sua inquietude diante das condições que vivem. Uma expressão visível para outros que explicita, fundamentalmente, dois processos: de elaboração da subjetividade, a partir do re-posicionamento do marcador “ser jovem” que pode resistir aos posicionamentos então encontrados; e, outro, de reconstituição de um lugar de pertencimento, a periferia. Movimento que, lido com base em uma perspectiva texto-contexto pode revelar marcas, táticas e potencial resistente.

2. PRÁTICAS JUVENIS: MODOS DE APREENSÃO

2.1 TEXTO E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE CULTURAL

O percurso teórico-metodológico que apresentamos está articulado a proposições fundadoras dos Estudos Culturais com as quais buscamos estabelecer um diálogo junto a outras perspectivas teóricas que, embora não sejam identificadas formalmente com esse projeto teórico-político, estão assentadas em perspectivas semelhantes. De forma geral, são contribuições que se fundamentam em uma crítica cultural a partir da ampliação do conceito de cultura, desestabilizando hierarquias e compreendendo produtos e práticas culturais enquanto materializações das relações de poder que marcam os contextos sócio-históricos.

É possível apontar, a partir daí, duas grande reorientações na análise cultural proposta pelos estudos culturais: o padrão estético-literário de cultura, ou seja, aquilo que era considerado “sério” no âmbito da literatura, das artes, da música, passa a ser visto apenas como uma expressão da cultura. Esta refere-se, então, a um amplo espectro de significados e práticas que movem e constituem a vida social. O fato de alargar o conceito de cultura, incluindo práticas e sentidos do cotidiano, propiciou, por sua vez, uma segunda mudança importante: todas as expressões culturais devem ser vista em relação ao contexto social das instituições, das relações de poder e da história (ESCOSTEGUY, 2001, p. 26).

Esse percurso está articulado de modo a oferecer condições para o exercício de uma análise cultural, compreendida aqui enquanto uma perspectiva teórico-metodológica que permite compreender dinâmicas sociais a partir da interpretação de seus produtos culturais. Desse modo, queremos empreender uma análise que esteja atenta tanto ao processo e às condições de produção quanto às formas resultantes desse processo.

Nosso movimento busca superar uma dicotomia entre análises “culturalistas”, preocupadas com a apreensão da cultura a partir de suas condições materiais na relação com a ação dos sujeitos, e “estruturalistas”, que privilegiam o estudo das formas e dos sistemas de significação como determinante para a experiência dos sujeitos.

Enquanto no “culturalismo” a experiência era o solo – o terreno do “vivido” – em que interagem a condição e a consciência, o estruturalismo insistia que a “experiência”, por definição, não poderia ser o fundamento de coisa alguma, pois só se podia “viver” e experimentar as próprias condições *dentro e através* das categorias, classificações e quadros de referência da cultura (HALL, 2003, p.147. *itálico no original*).

Ao analisar a configuração dos Estudos Culturais a partir desses dois paradigmas, Stuart Hall (2003) propõe a articulação entre os melhores elementos de cada um deles como o movimento que melhor corresponde aos desafios colocados por esse campo de estudo no contexto contemporâneo. Essa “terceira posição” (p.156) está assentada numa negociação constante entre as condições materiais e as formas que estruturam a consciência e, portanto, as definem. Sobre esses “melhores elementos” (p.157), o autor afirma:

Eles confrontam – mesmo em modos radicalmente distintos – a dialética entre condições e consciência. Em outro nível, colocam a questão da relação entre a lógica do pensar e a lógica do processo histórico. Continuam a sustentar a promessa de uma teoria realmente materialista da cultura. Em seus duradouros antagonismos, que se reforçam mutuamente, não prometem uma síntese fácil. Entretanto, entre si, definem o espaço e os limites dentro dos quais essa síntese poderá ser constituída (2003, p. 157/158).

Outra concepção formulada pelos Estudos Culturais, que desempenha um papel importante na nossa articulação teórico-metodológica, é a compreensão ampliada da noção de texto. Esta, segundo Itania Gomes (2004), configura-se como outro aspecto decisivo no contexto da virada linguística que o caracteriza.

Texto se refere a específicos modos de organizar expressões físicas com o fim de comunicar. Entende-se por texto uma cadeia de enunciados ligados por vínculo de coerência ou grupos de enunciados emitidos ao mesmo tempo com base em mais de um sistema semiótico. Nesse sentido, são textos um romance, uma conversa, um filme, um videoclipe, um documentário, um programa televisivo da BBC, uma matéria veiculada num jornal impresso ou televisivo ou mesmo todo um telejornal (GOMES, 2004, p. 152).

A partir dessa ampliação da noção de texto, Richard Johnson (2006), ao argumentar sobre a importância de análises atentas ao processo de produção das formas culturais, advoga em uma direção que desestabiliza o texto enquanto objeto de estudo, em sua condição mais estruturada e formal, em prol da reflexão sobre a “vida subjetiva das formas sociais”.

De forma geral, o objetivo é descentrar o “texto” como objeto de estudo. O texto não é mais estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas e culturais que ele efetiva e torna disponíveis. O texto é apenas um *meio* no Estudo Cultural; estritamente, talvez, trata-se de um material bruto a partir do qual certas formas (por exemplo, da narrativa, da problemática ideológica, do modo de endereçamento, da posição de sujeito, etc.) podem ser abstraídas (JOHNSON, 2006, p. 75).

O uso que propomos nessa pesquisa é desse conceito ampliado e, portanto, do

entendimento de cada Diário Criativo enquanto um texto na medida em que corresponde a um material expressivo com unidade, coerência e com o objetivo de comunicar. Propomos também a aplicação dessa perspectiva de descentrá-lo, para que a sua análise possa indicar as repercussões sociais que o material produz.

Diante desses textos, em formato de diários coletivos, elaborados e colocados em disponibilidade pelos grupos juvenis, somos convocados a descrever o modo como iremos evidenciar sua relação enquanto uma prática cultural com as estruturas sociais em operação; e a proceder àquilo que é objetivo central da pesquisa, a identificação do potencial transformador dessas práticas. A tentativa é de analisar, em um movimento paralelo, o texto e seu contexto.

Para a compreensão do contexto e do modo como o Diário Criativo, entendido enquanto um produto comunicacional, se relaciona com ele acionaremos a concepção de mediação social formulada por Jésus-Martin Barbero (2001a; 2001b). Tal perspectiva ratifica o nosso entendimento de que cada texto é, na verdade, um resultado possível a partir de um determinado arranjo de forças sociais existente no momento de sua produção.

Com a formulação da ideia de mediação social, a preocupação inaugural do autor é mudar o modo de olhar para a comunicação massiva e seus produtos, entendê-los com base nas relações constitutivas entre cultura e política, e não como um resultado do desenvolvimento técnico-informacional descolado dos seus contextos de surgimento e disseminação. Ao comentar essa proposição inicial do autor, Itania Gomes (2011, p. 113) afirma que, “em lugar de analisar as lógicas da produção ou da recepção, ele propõe partir do lugar onde se estabelece sua relação de enfrentamento, do lugar onde a relação entre os receptores e os meios acontece – *o campo das mediações*” (itálico no original).

Queremos ressaltar a importância de dois aspectos: primeiro, o olhar analítico para esse lugar onde acontece o enfrentamento – a sociedade, enquanto *locus* do fazer dos sujeitos–; segundo, para a concepção, formulada por Martin-Barbero, de que para entender um processo comunicativo é preciso observá-lo desde as suas dimensões culturais, históricas e políticas. Uma percepção capaz de inverter o foco do olhar do analista ao propor se pensar a comunicação a partir da cultura, ou das “mediações comunicativas da cultura”.

Lo que ahi se produce no es entonces um abandono del campo da

comunicación sino su desterritorialización, un movimiento de los linderos que han demarcado ese campo, de sus fronteras, sus vecinidades y su topografía, para diseñar un nuevo mapa de problemas en el que quepa la cuestión de los sujetos y las temporalidades sociales, esto es la trama de modernidad, discontinuidades y transformaciones del sensorium que gravitan sobre los procesos de constitución de los discursos y de los géneros en que se hace la comunicación colectiva (MARTIN-BARBERO, 2001b, p.64).

Diante dessa perspectiva, o autor constrói a proposição identificada por *mapa das mediações*³⁶, uma articulação teórico-metodológica, como um modelo, para observar essa trama de discontinuidades. Uma formulação que desloca a atenção do meio de comunicação (e sua forma/produto) para as relações de poder que marcam o seu contexto de produção. “Um mapa que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir da mediação e dos sujeitos” (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 300).

Na tentativa de produzir uma ferramenta com alto poder de síntese e de aproximação do modelo com seus interlocutores, Martin-Barbero propõe uma forma gráfica para representá-lo, abaixo demonstrada.



Fig. 4. Mapa das Mediações

Fonte: Prefácio “Pistas para entre-ver meios de mediações” de Jesús Martín-Barbero

Essa forma explicita que o mapa é constituído por dois eixos: o diacrônico,

³⁶ Interessante perceber como ao longo dos seus livros, artigos, entrevistas e ensaios o autor vai refinando, tanto teórica quanto metodologicamente, a sua proposição do mapa das mediações. A primeira versão, escrita em 1987, o denomina enquanto um “Mapa noturno para explorar o campo”, que vai sendo iluminado a cada novo texto – em português as contribuições mais recentes são duas entrevistas disponíveis, respectivamente, nas Revistas Matrizes e FAPESP On Line, ambas concedidas em 2009. Para um detalhamento desse processo de consolidação do Mapa ver: GOMES, 2011 e RONSINI, 2010.

tensionado em um extremo pelas Matrizes Culturais (MC) e em outro pelos Formatos Industriais (FI); e um segundo eixo, sincrônico, composto por Lógicas de Produção (LP) e Competências de Recepção ou Consumo (CR). O eixo diacrônico procura dar conta dos processos históricos de transformação da cultura, ou matrizes culturais, e das tecnologias, ou formatos industriais. Já o eixo sincrônico demonstra que, em um mesmo momento histórico, podem operar forças distintas nos usos e na construção dos sentidos, que vão desde a ação dos sujeitos pela via do consumo até as lógicas de produção. Entre esses pontos móveis de estruturação dos eixos encontram-se quatro (4) principais instâncias de mediação identificadas pelos movimentos de socialidade, institucionalidade, tecnicidade e ritualidade.

O mapa das mediações corresponde a uma tentativa de complexificar os processos culturais, afastando-se de lógicas maniqueístas que facilmente os localizam enquanto práticas hegemônicas ou subalternas, reconhecendo a diversidade de forças que o perpassam e, portanto, constituem tais processos.

Claramente a configuração desses dois eixos permite a Martin-Barbero incorporar a uma proposta metodológica mais consistente a preocupação que ele tem, desde o início, com a heterogeneidade de temporalidades (que aparece em *Dos meios às mediações* como mediação da temporalidade social e que permanece como mediação em *América Latina e os anos recentes*) (GOMES, 2011, p. 117).

Segundo Gomes essa preocupação de Martin-Barbero com a diversidade de forças históricas se expressa na atenção às temporalidades e é um diálogo direto com as tipologias de Raymond Willians a respeito das formações culturais – dominante, residual e emergente. Está relacionada a uma inquietude com as dimensões históricas do processo comunicacional, o que podemos entender enquanto uma preocupação com a complexidade das relações que se estabelecem na sociedade, a partir da percepção dos seus vínculos, das suas articulações, do seu caráter histórico e político.

O emaranhamento de que está feito o residual, a trama nele do que pressiona por trás e o que refreia, do que trabalha pela dominação e o que, resistindo a ela, se articula secretamente com o emergente, nos proporciona a imagem metodológica mais aberta e precisa que temos até hoje. É um programa que não é só de investigação, mas de política cultural (MARTIN-BARBERO, 2001a, p.123).

E é exatamente a partir dessa preocupação com a dimensão contextual, com as diversas forças que a atravessam e do entendimento da indissociabilidade entre comunicação, política e cultura que a análise, possibilitada pelo uso do mapa das mediações como ferramenta teórico-metodológica, se aproxima da nossa proposição.

Esse modelo será útil para a inserção dos Diários Criativos na trama de mediações sociais que o constitui e, com isso, possibilitar uma análise da sua dimensão comunicativa.

Uma função da análise cultural pela via das mediações é o entendimento dos processos hegemônicos não estritamente derivados do poder político e econômico dos setores dominantes ou do sincronismo do relato com o tempo vivido, mas da textura dos distintos modos diacrônicos de experimentar o tempo e o espaço (RONSINI, 2010, p. 14).

Enquanto textos, os Diários Criativos são exercícios de escrita. São formas culturais que, em sintonia com a fragmentação e a aceleração que caracterizam o ambiente contemporâneo e, especialmente, o cotidiano dos jovens, se aproximam de um modo *bricoleur* de compor, uma reunião de vários elementos de origens e ordens distintas. As sessenta e três (63) páginas dos quatro cadernos de desenho são compostas por manuscritos de autoria dos jovens, manuscritos que são cópias de outras fontes, desenhos, recortes de jornais e revistas, imagens fotográficas, grafites, colagem de materiais diversos, enfim, uma grande multiplicidade de material coletado e articulado por um sujeito-autor coletivo, o grupo.

Essa diversidade de material usado pelos jovens para elaborar os seus Diários reforça o sentido, destacado por Jacques Rancière (1995), da escrita enquanto uma operação política de constituição estética de uma comunidade. O escrito revelado ao outro, posto em visibilidade, traz um projeto de algo em comum, uma possibilidade de partilha. “E a escrita é, indissolúvelmente, duas coisas em uma: é o regime errante da letra órfã cuja legitimidade nenhum pai garante, mas é também a própria textura da lei, a inscrição imutável do que a comunidade tem em comum” (RANCIÈRE, 1995, p. 9). Concepção que contribui para uma análise do Diário como um produto acabado, portanto, algo que se descola do seu autor e ganha autonomia sob a forma cultural, e, também, como produto que revela suas marcas de contexto, inclusive dialogando com ele ao propor essa noção de pôr em comum, do comunitário.

O caráter político, destacado pelo autor, é uma consideração importante e vai nos ajudar a compreender como a escrita dos jovens, materializada nos Diários, pode ser uma forma de contrapor, ou desorganizar, aquilo que ele identifica por “palavra soberana”, que podemos entender como as forças discursivas de caráter hegemônico. “A escrita é política porque traça, e significa, uma re-divisão entre as posições dos corpos, sejam eles quais forem, e o poder da palavra soberana, porque opera uma re-divisão

entre a ordem do discurso e das condições” (RANCIÈRE, 1995, p.9).

A incorporação da perspectiva desse filósofo francês oferece a possibilidade metodológica de identificar tanto aqueles movimentos mais explícitos e objetivos, da ordem do dizível, quanto aqueles mais relacionados à ordem do sensível, que explicitam uma demanda por transformação do estado de coisas. O texto dos jovens ao ser disponibilizado junto ao sistema de escritos que compõe a dinâmica de determinada sociedade opera uma visibilização de um mundo antes invisível, não dito, e, nas contribuições mais sutis, provoca o aparecimento daquela escrita, e do que ela provoca em termos de constituição de uma comunidade e de uma nova organização do sensível.

Os Diários Criativos trazem para o âmbito do visível duas construções principais: aquela que propõe marcas de lugar, de constituição de um território vivido; e aquela que diz sobre própria constituição dos sujeitos enquanto jovem. Essa percepção nos levou a acionar dois conceitos – lugar e identificação – como operadores para orientar a configuração do mapa que propomos desenhar a partir da leitura e análise do material expressivo/ corpus empírico dessa pesquisa.

2.2 O LUGAR NOS/DOS DIÁRIOS CRIATIVOS

Um bairro extremamente confuso, uma rede de ruas que anos a fio eu evitara, tornou-se para mim, de um só lance, abarcável numa visão de conjunto, quando um dia uma pessoa amada se mudou para lá. Era como se em sua janela um projetor estivesse instalado e decompusse a região com feixes de luz.
Walter Benjamim em “Primeiros Socorros”.

O texto de Walter Benjamim está aqui como nossas boas-vindas. Ele nos oferece um entendimento dos lugares que o relaciona com aspectos da sensibilidade dos sujeitos. Os espaços da cidade têm significados diferentes para cada um, dependem da relação estabelecida entre lugar e sujeito e do modo como os sentidos são acionados. Na nossa proposição, os lugares na cidade se apresentam a partir da capacidade que têm de provocar nossos sentidos e nossas afetividades. Lugares de amor, de alegria, de esperança, de descrença, de dor e de revolta.

O relato de Benjamim sobre o modo como um bairro antes evitado torna-se totalmente abarcável após o investimento afetivo relacionado à pessoa amada, nos interessa especialmente. Isso porque tal formulação impulsiona uma guinada metodológica que apreenda, simultaneamente, as ações políticas e estéticas nas relações com o lugar, ações que podem ser observadas quando características materiais dos

Diários, além dos conteúdos escritos, são descritas na sua constituição. O lugar, portanto, não se revela somente a partir do conteúdo de uma fala ou dos sentidos produzidos por essa fala, mas também pelas características materiais dos Diários.

Nesse sentido, o conceito de lugar com o qual procuramos estabelecer um diálogo e que auxilia na configuração desse referencial teórico-metodológico tem espaço privilegiado no pensamento do geógrafo Milton Santos. E é exatamente com base em sua contribuição, articulada a de outros autores, que tentaremos produzir a nossa reflexão. Nessa tradição, lugar é compreendido enquanto uma construção dos sujeitos, como resultado de uma ação de produção de conhecimento por aqueles que experimentam determinado espaço, mas também sob a forma de instância mediadora entre o indivíduo e o mundo.

A ideia de que a aproximação dos mundos e dos espaços pelo desenvolvimento, em larga escala, dos meios técnicos e informacionais levaria o indivíduo a uma perda do sentido de pertença a um lugar foi, desde o início, criticada por pensadores ligados a uma geografia da espaço, sob a perspectiva da ação do homem.³⁷ É bastante comum na produção teórica contemporânea a noção de um retorno ao território, ou de reterritorialização em uma direção crítica à tendência, mais evidente entre as décadas de 80 e 90 do século XX em torno do movimento de desterritorialização, característico dos processos de globalização.

Na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender (SANTOS, 2006, p. 212).

Partindo dessa perspectiva que relaciona o corpo no espaço e buscando um afastamento de concepções estatizantes e fixas que conectam os sujeitos aos territórios de forma imobilizadora, acreditamos chegar a uma concepção que caracteriza os movimentos ligados ao lugar a partir da sua potencialidade enquanto ações políticas transformadoras, considerando-as como chave para o alcance de mudanças em escalas maiores. Autores como Santos (1998; 2001; 2006) e Haesbaert (2004) advogam nessa direção.

³⁷ Esse debate pode ser aprofundado no livro: SANTOS, Milton (org). Território – Globalização e Fragmentação. Hucite: São Paulo, 1998. O livro é resultado de um Seminário de mesmo nome realizado na Universidade de São Paulo em 1993. Nele encontramos um intenso debate entre o poder da ação globalizante, fragmentária e uma reconceitualização do território a partir dessas mesmas dinâmicas.

Por enquanto, o lugar – não importa sua dimensão – é a sede dessa resistência da sociedade civil, mas nada impede que aprendamos as formas de estender essa resistência às escalas mais altas. Para isso, é indispensável insistir na necessidade de conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico desse seu aspecto fundamental que é o território (o território usado, o uso do território) (SANTOS, 1998, p.19).

Uma dimensão importante da força do lugar na configuração desse papel político, chamada em causa por Santos, é a possibilidade do tecimento de relações de vizinhança. São tramas “densas” que se estabelecem a partir do compartilhamento de espaços e situações que, na perspectiva do autor, são potencializadas em contextos periféricos nos quais a necessidade dessa comunhão passar a ser maior, porque se relaciona às condições de sobrevivência dos sujeitos.

Essa condição é capaz de instaurar uma dinâmica que produz, por sua vez, exercícios de “horizontalidades”, aquelas práticas conhecidas por buscarem um fortalecimento da coesão local e da sociedade civil, em oposição às ações verticais que dizem respeito aos vetores do poder técnico regulador, os quais garantem um funcionamento da sociedade amparada nos modelos hegemônicos – na economia, na cultura, na política, etc.

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2006, p. 212).

Desse modo, acreditamos que a noção de lugar, acionada enquanto operador analítico, nos ajuda a reconhecer o processo empreendido pelos jovens na construção dessa coesão social a partir das relações de vizinhança. No texto dos Diários, duas dimensões dessa produção do espaço urbano se revelam: a narração das práticas dos grupos juvenis realizadas no âmbito territorial da comunidade e o investimento em compartilhar um “falar sobre” seu bairro/sua comunidade a partir da negociação com outros textos.

Essas duas dimensões produzem um texto que está ligado aos seus lugares de referência não porque o descrevem, mas porque o constituem. Na concepção que nos

oferece o geógrafo Ângelo Serpa, ao estudar as relações entre lugar e mídia, “o espaço urbano também se produz a partir do discurso (...)” (2011, p.16). Esse discurso pode ser tanto aquele formulado por dispositivos de enunciação com alto grau de institucionalização quanto aquele que ora analisamos, formulado por grupos/articulações juvenis de caráter não institucionalizados.

No estudo acima citado, Serpa centra a sua observação em como grupos considerados contra-hegêmonicos se apropriam de meios de comunicação comunitários para empreender uma “concepção/enunciação de lugares a partir da ação e do discurso” (2011, p. 22). Embora com foco marcadamente diverso, há algumas aproximações com o nosso estudo. Por exemplo, a ideia de que discurso e ação são forças de constituição dos lugares, portanto, fruto da ação dos sujeitos, uma construção.

Nesse contexto, parece difícil ainda falar de “lugares” como espaços vividos e de experiência. Em lugares que, de alguma maneira, subvertam ou questionem as lógicas hegemônicas de produção do espaço urbano nas metrópoles capitalistas. Parece, no entanto, que “lugares” existem e persistem nas “brechas” metropolitanas, sobretudo das áreas populares das metrópoles (SERPA, 2011, p.23).

Outras aproximações com o estudo de Ângelo Serpa podem ser identificadas na perspectiva crítica e no reconhecimento das brechas e dos espaços intervalares como *locus* de possibilidade de uma ação transformadora, exercida principalmente pelas classes populares. Concepção que, na nossa perspectiva, oferece a possibilidade do surgimento de textos com as características dos Diários Criativos. Um texto que narra, descreve, cria, demanda, provoca e, portanto, constrói um lugar e um sujeito de um modo próprio.

A forma como os jovens empreendem a construção do material expressivo que acionamos nessa pesquisa se aproxima de uma experiência cartográfica, no sentido proposto por Silva e demais pesquisadores (2008). Trata-se de uma maneira de organizar o conhecimento sobre o espaço, “uma configuração imaginária” (p.2), que privilegia determinados elementos e, por isso, expressa relações de poder. Esses autores, ao desenvolverem o projeto de pesquisa *Cartografias de Sentidos no Hipercentro de Belo Horizonte*, nos oferecem possibilidades interessantes para a articulação do nosso arranjo teórico-metodológico.

Um ponto de partida importante dessa articulação é a perspectiva crítica a uma tendência, hegemônica desde o século XIX, que os produtos cartográficos – mapas, gráficos, plantas, projetos – têm de desconsiderar as dinâmicas sociais presentes nos

espaços então representados. Diante disso, esse grupo de pesquisadores aposta numa alternativa para proceder a uma narração da cidade, do espaço urbano, que a revele em sua diversidade e em seu movimento.

Nossa proposta é sublinhar estes aspectos e, no mesmo movimento, contrariar a visão essencialista e totalizadora do mundo buscando processos de enunciação do cotidiano da cidade e suas dinâmicas. Colocando em relevo as contradições que emergem das articulações estabelecidas entre o oficial e o extra-oficial, das negociações e das formas de uso e ocupação do espaço, o que se pretende é observar a diversidade de sentidos produzidos e em produção no espaço e ampliar a legibilidade, tornando visíveis lugares localizados à margem dos processos culturais, sociais e políticos hegemônicos (SILVA *et al*, 2008, p.2).

Essas proposições nos aproximam duplamente. Em primeiro lugar porque nos oferecem condições de compreender o Diário Criativo enquanto um produto cartográfico, que na sua diversidade oferece ao leitor uma produção de conhecimento sobre determinado espaço urbano. E também porque explicitam a possibilidade de reconhecer esses Diários como um ponto de vista, a partir da articulação de determinados elementos e não outros. É um texto e um mapa, portanto um mapa-texto com o objetivo de localizar e, assim sendo, tornar visível lugares, práticas e sujeitos.

A segunda identificação está na forma de inserção do pesquisador no seu campo de estudos. Ao se incluir no processo, o pesquisador tenta operar num movimento semelhante ao dele, de modo que sua intervenção metodológica esteja de acordo com as premissas teóricas da investigação. Se no projeto *Cartografias de Sentido* a concepção da ferramenta “dispositivos de memória” (2008, p.3) foi o modo encontrado de narrar a cidade sem perder sua diversidade, na nossa pesquisa o procedimento proposto para dialogar diretamente com o fazer dos grupos juvenis na cidade é a elaboração de um grande mapa-texto que, assim como os Diários Criativos, tenta visibilizar a atuação de quatro grupos de jovens a partir da percepção de dinâmicas de negociação e tensionamento com outros textos.

No nosso percurso, a estrutura resultante do procedimento de análise visa estimular outros processos de construção de conhecimento e se apresenta enquanto uma construção temporária e flexível. O que também dialoga com as formulações dos pesquisadores quando afirmam que o projeto *Cartografias* visa elaborar posturas críticas “realizando recortes e combinações discursivas que pudessem estimular outros processos de significação e apresentando imagens conflitantes e redes de convergência

desse espaço, tensionando imaginários configurados histórica e culturalmente” (2008, p.2).

As nossas combinações respondem a uma tentativa de articular um mapa-texto que tenha como centro gerador outro mapa-texto, o conjunto formado pelos Diários, de modo a compreender a potência dessa produção cartográfica elaborada pelos jovens a partir das relações que tal produção estabelece com o seu contexto e com outras projeções que narram semelhantes conjuntos espaço-sujeito. Com isso, experimentamos, enquanto método, um modo de escrita da cidade o qual fundamenta a sua riqueza na junção de fragmentos, uma inspiração nas práticas propostas e implementadas por Walter Benjamin nas suas experiências urbanas.

2.3 MARCAS DE IDENTIFICAÇÃO, MODOS DE PERTENCER

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais organizativas básicas resultou em uma consciência das posições de sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação das diferenças culturais.

Stuart Hall- Da Diapora Identidade e Mediações Culturais.

O segundo vetor de articulação do mapa-texto que propomos acionar diz respeito ao processo de identificação desses sujeitos com o marcador identitário “jovem” e à articulação do sentido de pertencimento aos grupos de ação comunitária. Esse caminho será trilhado a partir de reflexões sobre a noção de identificação numa perspectiva que afirma o caráter transitório e ficcional desse processo sem desconsiderar os aspectos materiais envolvidos. Queremos compreender o tecimento dos sentidos de pertença empreendidos pelos jovens-autores dos Diários Criativos e de que forma eles se expressam narrativamente, a partir da escrita do texto coletivo aqui analisado.

Para o nosso percurso torna-se fundamental uma discussão que parte da noção de identidade cultural, assentada nas formulações de teóricos dos Estudos Culturais, na direção de uma crítica a qualquer sentido de fixidez ou cristalização de posicionamentos. O que se aproxima, portanto, do conceito de identificação.

E uma vez que, como processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2000, p. 105).

Nessa perspectiva, a identificação é entendida enquanto um processo de

articulação, empreendimento sempre em construção, caracterizado por sua fluidez e dinâmica, em articulação com as condições da vida contemporânea que vêm, a cada dia, acelerando os fluxos, redefinindo fronteiras, incorporando novas práticas sociais e exigindo dos sujeitos realocações constantes e contínuas.

A identidade está relacionada, dessa forma, aos posicionamentos que os sujeitos assumem nos processos de identificação que vivenciam, e toma forma de narrativa ou texto identitário, funcionando, nas palavras de Hall (1996), como “pontos instáveis” formulados no interior dos discursos da cultura e da história. Marcas identitárias vão sendo acionadas para fazer e refazer sentidos de pertencimento a determinado grupo em determinado momento: ser jovem da periferia, ser integrante do Trama dos Artistas ou um jovem realista do cotidiano, ser jovem e morador de Cosme de Farias. São sentidos que podem ser acionados e/ou descartados em cada formulação. Essas ações de incluir e excluir, que estão no centro dessa perspectiva identitária, são práticas essencialmente políticas e estão relacionadas às relações de poder que caracterizam a sociedade.

A dinâmica de reposicionamento percebida a partir da emergência de novas e diferentes condições de referência traz a questão da diferença para um lugar importante na reflexão sobre identidades e identificação. A diferença, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), está no centro da perspectiva identitária dos Estudos Culturais, não é, simplesmente, um produto da identidade,

Numa visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva (*se referindo a uma ideia de identidade como norma*), é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual *tanto* a identidade *quanto* a diferença (compreendida aqui como resultado) são produzidas. Na origem estaria a diferença – compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação (SILVA, 2000, p. 76).

No desenvolvimento da sua reflexão, o autor argumenta que a identidade e a diferença além de determinadas mutuamente, “são o resultado de atos de criação linguística” (p.76), o que fortalece a perspectiva de que não são características naturais, e sim criações sociais e culturais ativamente produzidas. Essa distinção e, na verdade, a tensão entre visões essencialistas e visões construcionistas são um debate constantemente retomado pelos teóricos do campo e por aqueles que dialogam com e contra eles.

Stuart Hall (2000) afirma que existem pelo menos dois caminhos para se pensar a identidade: de um lado, aquele que adota um entendimento de cultura enquanto “cultura partilhada”, por isso ligado, de alguma forma, às características essenciais que marcam a diferença de um grupo em relação ao outro. E está vinculado fortemente ao passado e à história. O segundo caminho, com o qual ele passa a argumentar favoravelmente, procura articular a ideia do que somos com a ideia do que nos tornamos.

Têm haver não tanto com as questões “quem somos nós” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2000, p. 109).

Kathryn Woodward (2000) comenta essa segunda concepção e explicita o caráter político dessa abordagem, já que a aproxima de uma construção que pertence ao passado, em articulação com a memória, mas também aos posicionamentos futuros que respondem às demandas sociais.

Ao ver a identidade como uma questão de “tornar-se”, aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum (WOODWARD, 2000, p. 28).

Essa perspectiva construcionista convoca para o debate um olhar mais detido sobre as formas culturais que resultam dos posicionamentos dos sujeitos. No nosso caso, o Diário Criativo enquanto narrativa identitária oferece posições, ainda que temporárias, as quais nos permitem : 1) uma aproximação dos sentidos acionados pelos autores quanto ao seu processo de identificação com o segmento jovem; 2) uma diferenciação quanto àqueles “outros” com os quais não se identificam – adultos, crianças, pais, mães, professores, etc e 3) Construção de um posicionamento identitário que responda às suas demandas, desestabilizando imagens cristalizadas e fixas.

A formulação da noção de identidade, aqui acionada, está em diálogo com a *abordagem discursiva* proposta por Foucault, fortemente incorporada pelos Estudos Culturais. Nela identificamos as narrativas identitárias enquanto parte do conjunto de textos e práticas significativas que compõe uma determinada formação discursiva.

By ‘discourse’, Foucault meant ‘a group of statements which provide a language for talking about – a way of representing the knowledge about... Discourse is about the production of knowledge through language. But... since all social practices entail *meaning*, and meaning shape and influence what we do – our conduct – all practices have a

discursive aspect³⁸(HALL, 1997, p. 44).

Desse modo, a utilização do termo “narrativa” para demarcar a ação dos sujeitos, mesmo que nos limites da “*episteme*” e submetida à regulação dos “sistemas de verdade”, é intencional no sentido de buscar uma sutil diferença da concepção de discurso formulada por Foucault. Essa diferença, que propomos considerar, está relacionada às marcas deixadas pelas escolhas dos sujeitos ao dar forma ao seu posicionamento identitário. Ainda que submetidas e em tensão com os limites da linguagem e das estruturas de poder que configuram os sistemas de verdade de um dado momento histórico, as narrativas deixam um “rastros resistente”. Apresentada por Homi Bhabha da seguinte maneira,

Cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia e – o que é mais importante – deixa um rastro resistente, uma mancha do sujeito, um signo de resistência. Já não estamos diante de um problema ontológico do ser, mas de uma estratégia discursiva do momento da interrogação, um momento em que a demanda pela identificação torna-se, primariamente, uma reação a outras questões de significação e desejo, cultura e política (BHABHA, 2001, p. 84).

Essa concepção de identidade coloca em jogo as relações de poder que se estabelecem entre o chamamento, ou interpelação, feito pelos discursos aos sujeitos e a sua capacidade de resistência e negociação com essa discursividade social. A apropriação do conceito de interpelação, formulado por L. Althusser, evidencia uma preocupação com a força do discurso e também com a ação do sujeito, já que as revisões atuais procuram uma postura crítica e reconhecem que uma “suturação” eficaz do sujeito exige não apenas que ele seja convocado a assumir tal posição, mas que ele invista na mesma.

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos os nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (HALL, 2000, p.111/112).

³⁸ Por "discurso", Foucault compreendia "um grupo de declarações que permitem à linguagem um falar sobre - uma forma de representar o conhecimento sobre ... O discurso é produção de conhecimento através da linguagem. Mas ... já que todas as práticas sociais implicam significado, e o significado forma e influencia o que fazemos - nossa conduta - todas as práticas têm um aspecto discursive. (tradução nossa)

Nesse movimento de aproximação e crítica, Stuart Hall também dialoga com as formulações de Foucault a respeito de uma radical historização do sujeito e também sobre as relações de poder estabelecidas e reguladas pelas instituições. No entanto reafirma a crítica de que essa concepção de sujeito, ao menos na maior parte da produção intelectual de Foucault, é demasiadamente autopolicada pelas estruturas disciplinares e não dá espaço para a inserção dos indivíduos nas posições de sujeitos, ou seja, no porque investimos em determinadas posições e não em outras, ou com mais força ou menos força, ou ainda, qual a possibilidade de resistir e negociar.

No diálogo com a obra de Foucault, Stuart Hall (2000) afirma que há nos últimos investimentos do teórico francês “uma consideração das práticas de liberdade que podem impedir que esse sujeito se torne, para sempre, simplesmente um corpo sexualizado dócil” (2000, p.125). Embora também afirme que não se possa falar em nenhuma reconversão à ideia de “agência”.

No debate, Hall afirma a necessidade de complementar a “teorização da regulação discursiva e disciplinar com uma teorização das práticas de auto-constituição subjetiva” (2000, p.126). Desse modo, o autor chega a mais uma contribuição teórica fundamental para o conceito de identidade/identificação nos Estudos Culturais, a psicanálise, ou podemos dizer, o lugar da subjetividade na formação dos indivíduos e nas suas escolhas.

A ‘descoberta’ do inconsciente, de uma dimensão psíquica que funciona de acordo com suas próprias leis e com uma lógica muito diferente da lógica do pensamento consciente do sujeito racional, tem tido um considerável impacto sobre as teorias da identidade e da subjetividade (WOODWARD, 2000, p. 62).

As referências que norteiam esse impacto são as contribuições de Sigmund Freud sobre o papel do inconsciente, fundamentalmente, o desenvolvimento dessa perspectiva por Jacques Lacan: a ênfase do simbólico e da linguagem – como elemento central – na construção da identidade; e a radical contra-argumentação a qualquer ideia de um “eu” unificado. Essa construção teórica propõe que a formação dos sujeitos se desenvolve a partir de uma percepção da diferença, daquilo que não sou, seja pela “Lei do Pai”, seja pela entrada na linguagem – para usar termos caros aos estudos psicanalíticos –, os indivíduos vão constituindo as suas subjetividades pela percepção do Outro e, desse modo, sua unidade depende de algo externo a ela mesma, e é, desde o início, fragmentada. Em diálogo com essa perspectiva, Simone Rocha (2008c) comenta.

Quanto ao apoio na psicanálise, Hall o faz por entender que as ações dos sujeitos são desenvolvidas num nível consciente, mas também

inconsciente, e que nossa identidade se constitui muito fortemente por aquilo que não somos, por aquilo que nos falta, e que é identificado a partir de nossa relação com o outro. Como estamos sempre a nos deparar com este outro, a lidar com a diferença de modo contínuo, isso faz com que nossa identidade torne-se provisória, sempre adiada, a ser constituída, fragmentada. São narrativas, discursos contados a partir do ponto de vista do Outro. Continuamente nos deparamos com o que não somos e, nesse percurso, a descobrir o que somos. É nesse âmago que se constitui, para Hall, uma das faces da constituição do sujeito (ROCHA, 2008c, p. 4).

Nesse embate produtivo entre o chamamento feito pelas estruturas de poder, disciplinares e reguladoras, e a ação dos sujeitos em responder ou não (ou ainda, de que forma responder) a elas encontramos a perspectiva identitária proposta pelos Estudos Culturais e acionada nesta investigação. “Em suma, o que fica é a exigência de se pensar essa relação do sujeito com as formações discursivas como uma articulação” (Hall, 2000, p. 126), como uma via de mão dupla, em permanente fluxo e codeterminação.

Nesse ponto queremos chamar atenção para a ideia de codeterminação. Esta implica um lugar de superação de uma possível dualidade entre um entendimento da constituição dos sujeitos a partir das estruturas ou completamente alheio a elas. Alejandro Grimson (2011), ao elaborar uma crítica às teorias das identidades, afirma que as melhores propostas para superar essa dicotomia objetivismo/subjetivismo têm sido desenvolvidas não como uma mescla das duas, e sim construídas a partir de uma “concepção superadora” (p. 31) capaz de recolocar o modo de relacionamento entre elas. Uma das contribuições do autor para essa mudança de perspectiva, para reelaborar a relação sujeito e estrutura, é a noção de “contextualidade radical”.

La noción de contextualidade radical permite advertir que no hay una relación ahistórica entre sujeto y estructura o, mejor dicho, que sujeto e procesos estructurantes y estructurados”. Lo que existe son situaciones en las cuales las relaciones entre los seres humanos que hacen y las condicionalidades de “las circunstancias que no ha elegido” varían significativamente: no suficiente para creer que hay situaciones de sujetos sin estructuras o viceversa, pero si lo bastante para saber que hay circunstancias que parecen ser de ese modo (GRIMSON, 2011, p. 35).

Diante dessa perspectiva o processo de identificação operado pelos sujeitos está articulado indistintamente entre as condicionalidades escolhidas e aquelas não escolhidas, em tensionamento com aquilo que Alejandro Grinson identifica como configuração cultural. Esta noção busca associar as tramas e práticas culturais com fronteiras de significação, considerando a heterogeneidade de cada espaço específico sem desconsiderar os limites.

Una configuración cultural se encuentra conformada por innumerables elementos de diferente tipo que guardan entre si relaciones de diferencia, oposición, complementariedad y jerarquía. Una identificación, como categoría asociada a sentimientos de pertenencia o bien a agrupamientos de intereses, es un elemento clave de una configuración cultural (GRIMSON, 2011, p. 195).

No percurso de investigação aqui apresentado esse processo de identificação, enquanto uma “construção que se usa”, está em permanente fluxo e será observado a partir das ações de sujeitos, jovens urbanos, materializadas em narrativa no Diário Criativo. A concepção que ancora a reflexão dialoga com a perspectiva de que “ las identificaciones no son idénticas a si mismas. Son prácticas e categorizaciones sociales, y como tales adquieren sentidos distintos en contextos diferentes” (GRIMSON, 2011, p. 249).

Na nossa proposição essas práticas significativas podem deixar “rastros resistentes” e funcionar como uma “ação tática” (CERTEAU, 2011) que configura um lugar de posicionamento, re-invenção e resistência diante das discursividades sociais – entendidas como condicionalidades – com as quais se relacionam. Essa possibilidade depende do afastamento radical de qualquer concepção de grupo ancorada em distinções hierárquicas entre o nós e o outro, que considere a diferença a partir de valoração ou superioridade. É também preciso não ocultar as heterogeneidades e as relações de poder que perpassam a formação de qualquer coletivo.

Diante dessas condições torna-se possível pensarmos nos processo coletivos de identificação, em torno de algumas marcas identitárias, enquanto práticas que fortalecem o sujeito e permitem uma expressão contestadora diante de forças sociais articuladas hegemonicamente.

2.4 DIÁRIOS CRIATIVOS: ENTRE MEDIAÇÕES E PROJEÇÕES CARTOGRÁFICAS

A perspectiva de empreender uma análise cultural capaz de “conectar textos, sociedade, cultura e sujeito” (ROCHA et. al, 2008, p.5) e, dessa forma, identificar campos de possibilidade para uma atuação transformadora de jovens pobres é o objetivo central dessa investigação. Desse modo, o desenho metodológico que propomos busca responder à necessidade de olhar as práticas culturais juvenis na relação com seu contexto sócio-histórico e identificar aquilo que escapa ao previsto, que propõe novos modos de compreensão do lugar desse sujeito (jovens de classes populares, periféricos) nessa sociedade (centros urbanos contemporâneos, nesse caso, Salvador, Bahia, Brasil).

O foco nos Diários Criativos busca reconhecer duas dimensões da atuação dos grupos de jovens: 1) a das práticas empreendidas nas comunidades e narradas nos Diários e 2) a da elaboração do texto em si mesmo, que resulta em um produto comunicacional, portanto, também em uma prática cultural.

Dessa forma, o desafio está na construção de um desenho metodológico que corresponda à intenção do estudo das práticas culturais a partir das suas características intrínsecas, enquanto um produto, em conexão com o contexto. Acreditamos que somente com essa articulação seremos capazes de chegar ao desafio maior de identificar o potencial resistente, quando ele se realiza e em que condições. Importante destacar a concepção conjuntural do conceito de resistência que norteia esse estudo, a de captar a resistência no momento de sua ação – conforme apresentamos no capítulo 1 –, sintetizada na seguinte provocação: “para conhecer os vaga-lumes é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 52).

Para o alcance desse objetivo propomos um arranjo procedimental articulado em dois momentos, com movimentos inversos, porém complementares. Em ambos a relação de tensionamento é a linha mestra do empreendimento analítico. O primeiro momento desloca-se do texto para o contexto na medida em que busca reconhecer, a partir das marcas deixadas no próprio texto, o processo de produção de cada Diário, levando em conta a identificação das principais “mediações sociais” (MARTIN-BARBERO, 2001a) vivenciadas pelos seus produtores.

A importância de compreender o emaranhado de forças sociais que compõe a situação contextual de produção dos Diários Criativos, tendo como aporte teórico-metodológico o mapa das mediações de Jesus Martín-Barbero, foi apresentada na primeira seção desse capítulo e, entre outras possibilidades já explicitadas, nos permite localizar esse material expressivo enquanto uma leitura-texto produzida pelos grupos, um modo de inserção social desses sujeitos.

A proposição que desloca o debate no campo da comunicação, de um olhar instrumental para a atenção ao uso social dos meios, argumenta a importância do olhar para as práticas comunicativas inseridas nos seus contextos sócio-históricos e, somente dessa forma, serem capazes de atribuir-lhes sentido.

Para a operacionalização da nossa proposição, acionaremos o mapa das

mediações – “um mapa que sirva para questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho –, mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo, o prazer” (MARTIN-BARBERO, 2001a, p. 300)– e daremos atenção especial ao processo de identificação das diversas dimensões de Institucionalidade, Socialidade, Tecnicidade e Ritualidade que conformam o contexto de produção de cada um dos Diários Criativos. Esses aspectos constroem a dimensão comunicativa do material.

Entender o jogo atual da mediação pressupõe como ponto de partida abandonar a idéia de que mediações vêm só de meio e são de certa maneira sua extensão. Estou entendendo mediações como processos estruturantes que provêm de diversas fontes, incidindo nos processos de comunicação e formando as interações comunicativas dos atores sociais (OROZCO GOMES, 2006, p. 88).

O entendimento apresentado por Orozco Gomes da força estruturante das mediações e da sua incidência nos processos comunicacionais fortalece a nossa proposta metodológica de identificar forças sociais que impactam de forma significativa o contexto sócio-histórico de produção dos Diários e, portanto, de atuação dos grupos juvenis. Perspectiva que também ratifica a possibilidade, aqui apresentada, de identificação dos regimes de socialidade, institucionalidade, tecnicidade e ritualidade operantes no contexto, tendo como referência as marcas deixadas no próprio material expressivo. Prática que se configura enquanto uma característica importante dessa investigação: olhar o contexto a partir do produto, considerando que essa relação é codeterminada de tal forma que permite um deslizamento analítico texto-contexto.

O segundo movimento vai do contexto para o texto na medida em que busca posicionar os modos de ser jovem e morador de espaços periféricos da cidade formulados pelos autores dos Diários em relação a outras discursividades, outros lugares de fala, com significativa presença no contexto social. Para empreender essa articulação e ser capaz de identificar os deslocamentos e as negociações operadas entre diferentes conjuntos discursivos propomos a confecção de um mapa-texto como uma forma de localizar, posicionar, a escrita desses jovens. Essa “projeção cartográfica” (SILVA et. al, 2008) ganha operacionalidade a partir de dois conceitos: o de lugar (SANTOS, 2006, 2001) e o de identificação (HALL, 2000; GRIMSON, 2011), conforme perspectivas já apresentadas. Esses operadores surgiram nos contatos preliminares, com a leitura e os primeiros olhares interpretativos voltados para os Diários, e revelam a necessidade dos autores de falar da relação entre periferia e juventude.

A elaboração do modelo que identificamos como mapa-texto tem uma

significativa inspiração benjaminiana e dialoga com o modo de escrita da cidade empreendido pelo autor alemão – filósofo, escritor, crítico e jornalista – nos seus escritos de caráter literário. Acionaremos, em especial, textos que compõem a sua obra *Rua de Mão Única*³⁹, que são referências de um tipo de produção na qual ele exercita a escrita da cidade a partir da junção de fragmentos resultantes das suas experiências com o espaço urbano. Segundo Wille Bolle, um dos seus comentadores no Brasil, este livro ⁴⁰,

Trata-se de uma representação da metrópole moderna, assim como ela se ergue diariamente diante dos seus habitantes uma imensa aglomeração de textos: placas de trânsito, outdoors, sinais, letreiros, tabuletas, informações anúncios, cartazes, folhetos, manchetes, luminosos – uma gigantesca constelação de escrita (BOLLE, 1994, p. 273).

Essa “aglomeração de textos” a qual se refere Bolle ou a “nuvens de gafanhotos de escritura”, construção do próprio W. Benjamin, são marcas de um modo de entender a cidade a partir da multiplicidade de estímulos em forma de escritos com os quais o habitante do espaço urbano se vê obrigado a lidar. Importante lembrar que o livro referido foi escrito em 1928 e que, portanto, reflete a preocupação de Benjamin em expressar os modos como os cidadãos experienciavam a cidade. Preocupação similar com a que possuímos aqui.

E, antes que um contemporâneo chegue a abrir um livro, caiu sobre seus olhos um tão denso turbilhão de letras cambiantes, coloridas, conflitantes, que as chances de sua penetração na arcaica quietude do livro se tornaram mínimas. Nuvens de gafanhoto de escritura, que hoje já obscurecem o céu do pretense espírito para os habitantes das grandes cidades, se tornarão mais densas a cada ano seguinte (BENJAMIM, 2011, p.25).

Segundo essa perspectiva, a imersão no espaço urbano e nas suas escrituras produz naquele que vive a cidade um tipo de experiência que conduz a novos escritos como forma de partilhar o vivido e deixar a marca do sujeito no espaço. Para Walter Benjamin uma forma interessante de expressar essa necessidade é o modo fragmentário identificado como “imagens de pensamento”, textos que se assemelham aos fluxos do instante, escritos em ritmo que procura aproximar-se do modo como as

³⁹A primeira publicação, no original *Einbahnstrasse*, data de 1928 e foi feita pela editora Ernst Rowohlt. A primeira tradução brasileira é de 1986, publicada pela editora brasiliense como parte integrante do volume II de “Walter Benjamin - Obras Escolhidas”.

⁴⁰ Willi Bolle apresenta uma crítica à forma com que o título do livro *Einbahnstrasse* foi traduzido, *Rua de Mão Única*, e popularizado no Brasil. Para esse autor a tradução mais adequada é *Contramão*, “(...) por ser mais sintética, mais usual e por reproduzir o *gestus* do autor de fazer a leitura da escrita da cidade a contrapelo” (BOLLE, 1994, p.272). No entanto, nesse trabalho optamos por *Rua de Mão Única*, tanto por ser o uso mais reconhecido no Brasil quanto pelos nossos aprendizados iniciais no idioma alemão.

sensações e sentidos surgem no caminhar pelas ruas das cidades.

A imagem de pensamento enquanto fragmento urbano registra a experiência da metrópole, o aparelho gigantesco da vida social, a escrita da cidade. Ela é antagonista do escritor, questionando sua formação e seus projetos, e ameaçando sua organização de experiência e memória (BOLLE, 1994, p. 296).

Essa relação da experiência urbana com a escrita é retomada de variadas maneiras na reflexão de W. Benjamim. Em um dos seus fragmentos, “Porcelanas da China”, o autor faz uma analogia do seu conceito de texto a uma estrada, o que nos leva a uma metáfora do ato de escrever como um movimento de abertura de novos caminhos, um processo de novas descobertas internas relacionadas ao íntimo de cada sujeito. O texto, assim como uma estrada, nos oferece caminhos e permite explorar o território.

Interessante perceber, nessa construção metafórica entre estrada e texto, a distinção que o autor propõe entre aquele que caminha na estrada e aquele que a sobrevoa, e entre aquele que lê o texto e aquele que interfere⁴¹ nele.

A força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano. Assim também é a força de um texto, uma se alguém o lê, outra se alguém o transcreve. Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem, e, para ele, ela se desenrola segundo as mesmas leis do terreno em torno. Somente quem anda pela estrada experimenta algo do seu domínio e de como, daquela mesma região que, para o que voa, é apenas a planície desenrolada, ela faz sair, a seu comando, a cada uma de suas voltas, distâncias, belvederes, clareiras, perspectivas, assim como o chamado do comandante faz sair soldados da fila (BENJAMIN, 2011, p. 14).

Essa observação reforça a semelhança entre o explorar o espaço e a produção de escritos, para ambas as situações o mais fértil é a proximidade, é a experiência de caminhar, usar, transpirar e não a do olhar externo, aéreo e despreocupado. Traçar caminhos na cidade, assim como escrever textos, exige corporeidade e presença daquele que se propõe a fazê-lo. Sobre o contínuo trabalho daquele que escreve, o fragmento “Proibido Colar Cartazes!” é bastante esclarecedor quando, entre *as treze teses sobre a técnica e o escritor*, afirma “V- Não deixe nenhum pensamento passar incógnito e mantenha seu caderno de notas tão rigorosamente quanto a autoridade constituída mantém o registro de estrangeiros” (BENJAMIM, 2011, p.28).

⁴¹ A ideia usada pelo autor – disponível na tradução em português – é referente ao ato de transcrição ou cópia de obras literárias, técnica usada em longo período na história da humanidade como forma de guarda e transmissão de formas culturais. Em *Fisiognomia da Metrópole Moderna*, Willi Bolle esclarece que “Evidentemente, não se trata de um copiar mecânico, mas de um ritual de atenção. Só a ele se revelam os múltiplos sentidos e as perspectivas ocultas do texto” (BOLLE, 1994, p. 305). Por isso, propomos o uso do termo interferir, por considerar que dialoga com o sentido original.

Na nossa proposição, o mapa-texto também é confeccionado a partir da reunião de fragmentos da vida urbana, contudo, estes têm origens discursivas diversas. Não são fragmentos elaborados pelo mesmo sujeito-autor – como as imagens de pensamento *benjaminianas* –, mas são coletados e organizados pelo mesmo sujeito-mapeador – nesse caso, o pesquisador/analista deste trabalho – que passa a ser então o autor de um mapa-texto montado com base em diversos fragmentos coletados em espaços físicos e virtuais relacionados à cidade aqui observada. Essa coleta, no entanto, não é espontânea, e sim guiada pelo objetivo de compreender a ação de jovens, articulados em grupos, que propõem outras formas de viver a/na cidade de Salvador da Bahia.

Entre muitas possibilidades de montar esse mapa-texto identificamos três tipos de fragmentos textuais contemporâneos para compor o nosso mosaico de escrita do urbano: textos oficiais; midiático-massivos e locais. Acreditamos que essa escolha dá conta de uma pluralidade razoável de olhares, agregando narrativas de sujeitos com diferentes inserções e posições de poder na estrutura formal da sociedade.

Importante destacar que nessa montagem os fragmentos são peças em articulação que não obedecem a nenhum tipo de hierarquia social que credita um texto ou outro como mais verdadeiro, mais correto, mais real. Postulamos que essa composição, em um arranjo não simétrico, será capaz de oferecer sentidos, ainda que efêmeros e transitórios, para a compreensão dos lugares, espaços vividos, de atuação dos jovens e seus processos de subjetivação, identificação.

Os textos oficiais têm origem nas narrativas do Poder Público, seja da Prefeitura Municipal de Salvador, seja do Governo do Estado da Bahia; os textos locais são aqueles resultantes da voz de pessoas “comuns”, nesse caso de jovens que articulados em grupos produziram um material expressivo identificado como Diários Criativos; já os textos midiático-massivos são aqueles publicados em veículos de comunicação de ampla disseminação e alcance.

3. CONTEXTOS DE PRODUÇÃO – MEDIAÇÕES SOCIAIS NA CONSTITUIÇÃO DOS DIÁRIOS CRIATIVOS

O exercício de interpretação dos contextos de produção dos Diários Criativos tendo como referencial o “mapa das mediações”(MARTIN-BARBERO, 2001a) é relevante devido à amplitude dessa proposta teórico-metodológica, a qual permite o reconhecimento das diversas forças sociais que operam simultaneamente, configurando o modo de ser dos sujeitos e a sua capacidade de ação a partir de (e com) determinado arranjo social. Desse modo, acreditamos ser possível reconhecer, no texto cultural, tanto a dimensão da experiência vivida quanto aquela que se pretende alcançar, o que faz o material expressivo funcionar como uma tomada de posição, um ato político diante da estrutura de forças operante. Identificar essa dupla dimensão confere à pesquisa um caráter político-estratégico, na medida que a coloca entre as práticas interessadas em contribuir com o reconhecimento da ação de sujeitos mobilizados em prol de mudanças sociais.

Na nossa proposição, os Diários Criativos são artefatos comunicacionais que resultam de um determinado “uso social dos meios” e, por isso, são capazes de revelar o arranjo de forças hegemônico no seu contexto de produção.

Conforme apresentado no capítulo anterior, a perspectiva teórico-metodológica discutida pretende analisar a apropriação e partilha de valores a partir dos campos de força articulados pelos vértices dos eixos propostos pelo mapa das mediações – matrizes culturais, lógicas de produção, formatos industriais e competências de recepção (consumo) – reconhecidos como dimensões de socialidade, institucionalidade, tecnicidades e ritualidades, desenvolvidas a seguir. Esses campos de força, segundo Martin-Barbero explicitam as articulações entre comunicação, cultura e política que configuram as práticas e marcam um determinado contexto social.

Importante reafirmar que as instâncias de mediação que identificamos em cada um dos Diários e que ressaltamos nesse estudo são apenas aquelas que se deixaram ver,

com mais força, no material expressivo submetido para análise. São aquelas cujas marcas se tornaram mais evidentes em determinado momento. Tal fato implica o nosso reconhecimento de que muitas outras forças atravessam a experiências desses sujeitos e conformam suas leituras de mundo, ainda que não estejam contempladas nesta pesquisa.

Nas seções seguintes, apresentamos as principais dinâmicas que constituem cada um dos quatro (4) campos de força identificados pelo mapa das mediações. No campo da socialidade são identificados os padrões que marcam a constituição dos grupos juvenis na relação com os seus contextos sócio-territoriais, as formas pelas quais cada um deles efetiva constituição de um arranjo coletivo. Em seguida, a observação das dimensões institucionais reconhece tanto as forças estratégicas que constroem de forma significativa a produção dos grupos, quanto a possibilidade de constituição de “novas institucionalidades” a partir da articulação de forças locais. O campo das técnicas evidencia quais as habilidades, as destrezas discursivas, são importantes para a utilização do caderno de desenho como plataforma de expressão. Já na última dimensão do mapa, identificamos as ritualidades empregadas na constituição do sentido de grupo, de afirmação do sujeito coletivo em cada um dos contextos sociais.

3.1 SOCIALIDADES

Na proposição articulada para este estudo, a socialidade, instância que resulta da relação entre as matrizes culturais e as competências de recepção ou consumo, vai nos dizer sobre a inserção cultural dos jovens autores dos Diários Criativos, das relações que esses jovens estabelecem entre si e com seu contexto sócio-territorial e de que modo tais relações influenciam o consumo cultural e, conseqüentemente, a produção desse material expressivo enquanto uma leitura-texto do mundo em que vivem.

A socialidade (itálico no original), gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se, é por sua vez lugar de ancoragem da práxis comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder (MARTIN-BARBERO, 2001a, p. 17).

Para melhor compreender esses modos de encontro entre os jovens do grupo e deles com seus contextos, acessamos marcas inscritas no próprio material expressivo,

que explicitam as principais forças sociais operantes na configuração dos diferentes padrões de socialidade. Essa observação revela três principais vetores que impactam a constituição dos grupos juvenis de atuação comunitária aqui analisados: o pertencimento territorial como importante dimensão articuladora das relações sociais; a constituição de fortes vínculos internos ao coletivo; e a existência de uma figura externa ao grupo, no papel de liderança adulta. Na seção seguinte, apresentamos detalhadamente como esse padrão de sociabilidade de cada grupo é constituído e torna-se visível nos Diários Criativos.

3.1.2 MODOS DE SER

O grupo Art'Periférica é formado por Jean, Edson, Érika, Cristian e Maricleide, e realiza oficinas de dança, rodas de leitura e desfiles de moda com a participação de crianças e jovens do bairro. As ações, normalmente, acontecem na Escola Municipal Tomáz Gonzaga com o apoio da Associação de Moradores de Pernambués. O comentário abaixo, sobre uma atividade comemorativa ao dia da mulher, explicita algumas características.

Ação que o grupo Art'periférica pretende fazer, comemorando o dia da mulher negra guerreira. Tendo apresentações de desfile afro dança, debate sobre a mulher nos espaços que vive e os seus direitos? Tendo a Oficina de Juventude cujo tema é juventude e participação e os movimentos de Rap *[sic]* (ART'PERIFÉRICA, 2008, s/p).

No Diário Criativo desse grupo encontramos muitas referências ao bairro enquanto dimensão impulsionadora de todo o investimento feito pelos jovens. Podemos afirmar que a razão de existir do Art'periférica é fazer de Pernambués um lugar melhor de se viver e, ao mesmo tempo, tornar visível essa possibilidade. “Precisamos apontar para várias coisas boas que existem no meu bairro”, diz a frase que compõe a primeira página do Diário. O texto abaixo funciona como uma autodescrição do grupo e destaca essa centralidade do bairro/lugar de referência.

O grupo Art'periférica desde 2003 vem atuando no bairro de Pernambués. Sempre olhando a comunidade como seu alvo para a mobilização e articulação, com objetivo e valores para serem alcançados, olhando o futuro e o presente. *[sic]* (ART'PERIFÉRICA, 2008, s/p).

No entanto, encontramos, no material, poucas referências ao processo de formação e mesmo de atuação do grupo. Como esses cinco jovens se encontraram? Como

surgiu a proposta de constituição do grupo? Há alguma regularidade/sistemática nas atividades realizadas por eles? A pouca atenção dos jovens autores do Art'Periférica a informações dessa natureza nos possibilita inferir que o processo de formação do grupo e as dinâmicas que fizeram esses cinco jovens se encontrarem não ocupam espaço privilegiado na sua autonarrativa, no seu modo de falar de si e de caracterizar o grupo. O texto que apresenta o objetivo de uma das atividades, a Feira Ser-Tão Brasil, deixa alguns rastros da dinâmica de atuação do grupo,

Objetivo: Mostrar a comunidade as potencialidades que a arte transformadora tem através da história do bairro e a sua ancestralidade, trazendo apresentações e personalidades negra do bairro, e valorizando os caráctes raciais e culturais para revelar a cultura local e de bairros vizinhos e diciminar todo o movimento cultural e integrar com instituições e escolas locais para a Feira Ser-tão Brasil acontecer e trazer uma visibilidade maior para o bairro de Pernambués [sic] (ART'PERIFÉRICA, 2008, s/p).

Articulação de grupos e instituições, valorização das questões étnicas e da cultura local, disseminação de experiências através de feiras culturais, oficinas, apresentações, desfiles de moda entre outras atividades parecem ser marcas da atuação desse grupo.

Uma rápida passagem, registrada em folhas pautadas que não compõe a estrutura formal do Diário, mas que foram entregues pelos jovens aos educadores do CRIA junto ao caderno, aponta para uma característica específica da relação entre os jovens do Art'Periférica: a formalização de um lugar de liderança no grupo, denominado "coordenador". "O grupo Art'Periférica é composto por Jean Nogueira Silva coordenador do grupo, Edson, Erika, Cristian e Maricleide." (DIÁRIO JRC, 2008, s/p)

Esse traço de hierarquização interna não é comum entre os coletivos juvenis que, na maioria das vezes, prezam uma relação igualitária entre os membros dos grupos e uma gestão coletiva dos mesmos. Contudo, se a existência de um coordenador é algo incomum na constituição de grupos de jovens, é bastante presente na estrutura de ONG's e outros formatos de organizações sociais. Situação que já aponta para marcas institucionais presentes no contexto de produção desse material e, mais amplamente, no contexto de vida dos jovens integrantes de ONG's e projetos sociais.

Isso nos leva a uma percepção de fragilidade na coesão do grupo, uma vez que coloca a mediação institucional como condição mais relevante para o encontro entre eles do que outros componentes no âmbito da socialidade, conforme detalharemos a seguir.

Assim, podemos reconhecer duas características no padrão de socialidade do grupo Art'Periférica: 1) uma forte inserção contextual, ou seja, o bairro de Pernambués como a principal dimensão articuladora do coletivo e; 2) certa fragilidade na constituição de laços entre os jovens do grupo, a qual é expressada pela necessidade de se incorporar modelos hierárquicos de organização grupal, com a definição da figura de um coordenador, por exemplo.

Já o Grupo Jovens Realistas do Cotidiano (JRC), do Alto do Cabrito, explicita no Diário Criativo sua dinâmica de constituição. A seção dedicada a contar a história do grupo é composta por duas páginas de texto manuscrito, transcrito abaixo, tendo como título o nome do grupo, oito (8) fotografias dos jovens em atividade e a sigla JRC desenhada nos espaços livres da página.

O grupo JRC existe há quase cinco anos através de uma ação de Claudia no seu colégio para valorização da cultura na escola, e com o passar do tempo o grupo que tinha o apoio do Colégio Teresa Helena Mata Pires foi acabando pois muitas meninas ficaram grávida que era a maioria mulher algumas teve que trabalhar e saiu do grupo, até que o grupo acabou por um tempo. Após Claudia entrar no CRIA teve que ativar de algum modo. Como já tinha o grupo só tinha que compor de pessoas novas. Até que achamos o apoio da Paróquia Sagrado Coração de Jesus cedendo o espaço e gerando novas pessoas para o grupo, agora o grupo tem 15 pessoas, sendo Julielson o instrutor de dança e musica e Claudia de teatro e musica também *[sic]* (JRC, 2008, s/p).

A formação do JRC é marcada por dois momentos distintos, ambos diretamente ligados aos ambientes culturais de inserção da jovem Claudia e sua motivação em formar um grupo. Os contextos explicitados como fundamentais são a escola, a organização não-governamental e o grupo religioso. O processo também está marcado por uma dimensão hierárquica entre os integrantes, nesse caso os papéis sociais são diferentes; enquanto Cláudia e Julielson são “instrutores” os demais jovens aparecem como componentes do grupo, que inclusive podem ser substituídos como aconteceu na dinâmica acima relatada.

De acordo com o texto do Diário, o grupo de jovens foi formado devido ao desejo de aproximar “a cultura” do ambiente escolar. Podemos refletir sobre essa formulação e questionar: segundo a leitura desses jovens, quais referências culturais estão ausentes na escola?

As instituições educacionais são formas culturais bastante sólidas e que exercitam justamente o processo de formação das pessoas para a participação em

determinados ambientes sociais considerados normativos. A cultura letrada é um deles, as regras de cordialidade e boa conduta são também exemplos de conjuntos culturais muito significativos no ambiente escolar.

A nossa leitura dessa ausência sentida e explicitada indica fragilidade da relação de pertencimento entre esses jovens e o espaço educacional formal. Eles consideram que “a sua cultura” não está na escola, ou seja, aquilo que os identifica, os convoca a sentir-se parte de algo, não é oferecido no âmbito escolar. Por isso, tentam aproximar esses dois mundos. As imagens do grupo que acompanham o texto fortalecem essa observação na medida em que mostram cenas de ação coletiva em roda, em debate, expressões artísticas como dança e interpretação, num ambiente de integração e proximidade entre eles, como observamos na imagem abaixo.



Fig. 5 – Histórico do grupo
Fonte: Diário JRC

O segundo momento de articulação do grupo Jovens Realistas do Cotidiano está diretamente relacionado a dois contextos específicos: a participação da jovem Claudia nas atividades de formação artística do CRIA e o apoio da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, conforme já apresentado no texto acima.

O trecho seguinte, “Após Claudia entrar no CRIA **teve** que ativar de algum modo.” (JRC, 2008, s/p. **negrito do autor**), retirado da página acima, cria uma tensão

interessante para análise. O uso da expressão “teve” demonstra uma relação ambígua entre desejo e obrigatoriedade, o que nos leva a pensar se a necessidade vem do desejo da jovem e de seus companheiros de grupo ou de uma resposta a uma ação realizada pelo CRIA de estimular que seus *jovens dinamizadores* organizem grupos comunitários ou participem de articulações já existentes. Esse espaço de incentivo institucional está explicitado em diversas passagens nesse Diário Criativo. Na capa do caderno um pequeno manuscrito destaca a formação do grupo gestor⁴² e sua influência direta na constituição dos coletivos.

A formação do grupo gestor nos ajuda a fortalecer nossos grupos comunitários, e estar pensando em mobilizações precisas no nosso Bairro. E principalmente que seja capaz de trazer retornos legais para o que estamos lutando [*sic*] (ART'PERIFÉRICA, 2008, s/p).

Já a relação com o grupo religioso é considerada importante pela cessão do espaço físico para as atividades artísticas, bem como por ser um polo agregador de adolescentes e jovens, portanto, um espaço já culturalmente consolidado para reuniões entre eles. Nesse contexto, a jovem apresentada como idealizadora do JRC encontrou um ambiente favorável em prol da mobilização de outros interessados na formação do grupo. Essa condição demonstra a força de articulação que grupos religiosos – tradicionalmente ligados a Igreja Católica, mas também, na atualidade, com importante representação junto a Centros Evangélicos – têm, especialmente, em bairros populares e periféricos.

Outro importante traço de sociabilidade é a presença majoritariamente feminina como característica do JRC. A gravidez precoce é uma das razões acionadas pelo texto para explicar a desarticulação do grupo na sua formação inicial. Tal fato associado às difíceis condições sociais que obrigaram esse primeiro grupo a buscar por trabalho remunerado impediram sua participação em atividades voluntárias de articulação e mobilização social.

Com a organização do segundo formato do grupo, a presença feminina continua sendo maioria de acordo com as imagens fotográficas apresentadas ao longo de todo o caderno. A reflexão sobre essa presença feminina nos aproxima da percepção de Jesus Martin-Barbero que advoga sobre certo protagonismo das mulheres na constituição dos

⁴²Atividade oferecida aos jovens integrantes do CRIA, em caráter opcional, organizada em encontros mensais, com cerca de 4 horas de duração, cujo principal objetivo era estimular a organização de grupos comunitários e fortalecer a gestão compartilhada da *Rede Ser -Tão Brasil*.

laços de sociabilidade nos territórios.

O acesso a cotidianidade do bairro passa necessariamente pelo reconhecimento do protagonismo das mulheres. (...) E elas fazem o bairro a partir de uma percepção do cotidiano configurada basicamente na maternidade. Uma maternidade social que em vez de se fechar na família faz do bairro seu espaço de instalação e exercício (MARTIN-BARBERO, 2001a, p. 285).

Na sua reflexão, o autor está se referindo a presença das mulheres líderes comunitárias que conseguem adensar as relações de vizinhança a partir da expansão do espaço familiar de modo a tecer redes de solidariedades nos bairros, especialmente aqueles de origem popular. “Nessas condições, a mulher se constitui como a recriadora de uma sociabilidade primordial que é ao mesmo tempo encontro e mediação” (2001a, p. 285). Elas desenvolvem papéis concomitantes de lideranças políticas, trabalhadoras e mães na tessitura das relações de sociabilidade local.

Contudo, há uma explícita diferença, o autor não está se referindo as jovens mulheres, aquelas integrantes do grupo juvenil, e sim às suas mães, tias, madrinhas e avós. E essa distinção não se dá pela idade, simplesmente, mas pela condição de inserção na sociedade, pelos papéis já ocupados. Ainda assim, consideramos relevante o acionamento dessa proposição para pensarmos na influência que essas mulheres exercem sobre as mais jovens, nos fortes exemplos de mães e avós guerreiras que inspiram um modo coletivo e comunitário de experimentar o cotidiano e as adversidades. É claro que essa inspiração não se restringe ao mundo feminino. Os jovens meninos também são impactados por esses e outros modelos de liderança comunitária.

Outra característica relevante da dinâmica de funcionamento do JRC – semelhante aquela identificada no Art’Periférica – é a nomeação de dois jovens como “instrutores” de dança, música e teatro, o que indica um modo de organização e de definição de papéis também influenciados por modelos tradicionalmente utilizados em projetos e programas sociais, desenvolvidos tanto pela sociedade civil organizada quanto por instituições governamentais. Normalmente são atividades realizadas a partir de linguagens artísticas, em formatos de oficinas e cursos, as quais contam com a condução de um instrutor/educador que, muitas vezes, é um jovem que já participou de outros projetos ou tem forte vinculação com determinado grupo/ação cultural. Essa forma de organização é usada, por exemplo, no Programa Escola Aberta – parceria entre a UNESCO e Secretarias Estaduais de Educação – que será apresentada com mais

detalhes posteriormente. Essa condição é um reflexo híbrido de duas instâncias de mediação: a socialidade quando reflete os modos de organização do grupo e a institucionalidade na medida em que está diretamente influenciado por formas estratégicas partilhadas socialmente.

Diferente do padrão de socialidade exercido pelo grupo Art'Periférica, percebemos que o processo de constituição do grupo JRC é algo bastante destacado no texto do Diário, ocupa um lugar central na sua autonarrativa. É decisivamente marcado por forças institucionais que impactam sua articulação, tais como a escola, a igreja e organizações/projetos sociais. Por outro lado, as marcas do contexto socioterritorial, embora visíveis, não aparecem como um vetor fundamental na definição da socialidade exercitada pelo grupo.

No Diário Criativo do Trama dos Arteiros, grupo da comunidade Marechal Rondon, identificamos uma característica singular em relação aos demais coletivos aqui analisados. Nesse caso, o coletivo juvenil opta por uma linguagem artística, definida a partir da organização do grupo de teatro, para colocar em prática uma "(...) ação pró-ativa do público e principalmente de educadores e jovens lideranças na construção de uma cultura de paz em suas comunidades e escolas" *[sic]*(Trama, 2008, s/p).

Essa forma de organização implica outra diferença significativa, a ampliação do território de atuação do grupo, que, apesar de afirmar como pertencente a determinada comunidade e ter como um dos objetivos "disseminar as atividades teatrais realizadas no bairro de Marechal Rondon" (Trama 2008, s/p), pretende atuar em diferentes lugares na cidade de Salvador, como, por exemplo, espaços comunitários e instituições voltadas para a educação.

As informações do Diário revelam que o grupo é, atualmente, formado por oito (8) jovens: Gil Correia, Léo Reis, Marcos Oliveira, Nida Amado, Marli Souza, Jô Fernandes, Israel Conceição e Rodrigo Lima, embora já tenha passado por outras formações desde a sua primeira articulação com o nome de "A idéia é essa". O surgimento do grupo é uma consequência da ACC – Atividade Curricular em Comunidade –, projeto de extensão da Universidade Federal da Bahia, realizado entre 2003 e 2005 na referida comunidade. Desde então, o coletivo se apresenta como "um grupo de teatro independente" (Trama, 2008, s/p) formado por atores moradores do bairro.

Em relação às dinâmicas de organização interna do grupo que constituem marcas de socialidade, é interessante observar dois aspectos: a clara referência ao modo de produção coletivo com a partilha de funções, aparentemente, sem hierarquizações entre os jovens, e ao fazer artístico como elo entre eles. O trecho citado abaixo ratifica e problematiza essas observações.

O grupo se destaca por realizar a produção do espetáculo, elaborando o cenário e o figurino, além de dividirem diferentes funções como: setor de divulgação, mobilização social, secretária, maquiagem, equipe técnica, técnicas de voz, técnicas de corpo, clown e estudo teórico sobre arte educação.

O destaque do grupo é a grande força física, conseguida graças à utilização das técnicas do teatro físico, possibilitando maior desenvoltura corporal e qualidade nas movimentações de cena. O grupo utiliza a transposição corporal como poesia estética para seus trabalhos artísticos (o verbo é ação) (TRAMA, 2008, s/p).

O grupo demonstra um elaborado nível de organização, por conta da identificação das diferentes demandas para a execução de um espetáculo teatral e pelo compartilhamento das funções de forma igualitária, sem a presença de “coordenadores” ou “instrutores” como identificamos em outros grupos. Contudo, há evidências da figura do “diretor”, o que revela alguma hierarquização no momento de construção dos espetáculos, mas que parecem ser dissolvidas nos demais espaços de atuação e organização do grupo. O Trama dos Arteiros exibe uma coesão interna que parece ser pautada numa participação mais equânime dos seus integrantes, sem distinções entre “instrutores/coordenadores” e participantes das ações.

Outra condição que se destaca na narrativa de constituição do grupo é a consciência da função do processo artístico, da atividade criativa, como uma importante dinâmica transformadora. No texto manuscrito intitulado “Transformação”, os jovens se declaram para a arte teatral, ratificando a nossa observação, “Neste momento quero declarar todo o meu amor por você. Você me deu a minha vida, me incluiu na sociedade, me deu voz e modelou todo o meu corpo” (Trama, 2008, s/p).



Fig. 6 – Trecho espetáculo “A brincadeira acabou”.
Fonte: Diário Trama dos Arteiros

A percepção dessas características informa a nossa compreensão sobre as dimensões conformadoras da socialidade no contexto de elaboração desse Diário Criativo. Elas demonstram a constituição de um grupo de teatro comunitário com fortes vínculos internos, exercitados pela prática de refletir sobre as consequências do fazer artístico nas vidas dos próprios integrantes; e também fortes vínculos externos, expressos na articulação do grupo com outras ações sociais implementadas no bairro Marechal Rondon e pela afirmação presente em diversos momentos de serem um grupo de teatro pertencente à referida comunidade.

O seguinte material, objeto da nossa observação, é o Diário Criativo do *Grupo de Jovens Nova Geração (GJNG)*. Este dedica sua primeira página de texto para apresentar o coletivo juvenil. O manuscrito está organizado em dois pequenos blocos a partir das seguintes chamadas: “História do Grupo” e “Objetivos do Grupo”. Apesar disso, não encontramos nas informações apresentadas referência direta aos participantes, não sabemos quantas pessoas estão envolvidas nessa ação comunitária, nem seus nomes e suas idades. Estão todos definidos pela marca comum “jovens”.

Em uma tarde de sábado no dia 7 de janeiro de 2007, nos reunimos na casa de D. Isabel, discutimos os problemas existentes no bairro e chegamos a conclusão de formarmos um grupo de jovens. Todos os presentes concordaram, foi quando D. Isabel nos apresentou vários nomes de grupos, inclusive o G. J. N.G. e este foi o mais escolhido, e naquele momento nasceu o Grupo Jovem Nova Geração (GJNG, 2008, s/p).

O processo de constituição do grupo apresentado está diretamente relacionado

ao incentivo de uma mulher adulta, D. Isabel, líder comunitária do bairro e mãe de um dos jovens integrantes do GJNG (informação que não aparece no caderno, mas que tivemos acesso devido a observação-participante em uma das atividades do grupo). De acordo com o texto, percebe-se a influência da líder comunitária na escolha do nome do grupo, é ela quem apresenta algumas possibilidades para que os jovens ali reunidos façam a escolha.

Essa presença marcante de uma mulher, adulta, mãe e referência no bairro confere ao grupo Nova Geração um traço particular em relação aos demais aqui analisados: a existência de um adulto como orientador das ações desenvolvidas pelo GJGN e, por isso, certa dependência dessa figura. O destaque dessa figura feminina retoma a idéia do papel da mulher na recriação de laços comunitários, como mencionado anteriormente, e também marca o modo de constituição desse grupo. Nesse contexto, o conceito de “maternidade social” (Martin-Barbero, 2001a) como um espaço de ampliação de laços familiares parece bastante adequado à relação que se estabelece entre o jovens do GJNG e D. Isabel.

No Diário, o grupo também apresenta um pouco do seu modo de atuação na comunidade. “Desenvolvemos várias ações como: a festa do dia das mães, dia internacional da mulher, caminhada pela paz junto com o grupo G-25, apresentações da quadrilha de São João e muitas outras ações.” (GJNG, 2008, s/p). Aqui, percebemos a figura de mãe/mulher como articuladora também das questões/temas pautados pelo grupo, já que entre as quatro atividades mencionadas diretamente duas estão relacionadas ao papel e à importância da mãe/mulher na sociedade. Outra marca de atuação do grupo são as atividades de rua, com grande potencial de mobilização da comunidade, como as festas populares e caminhadas, o que demonstra uma tentativa de sensibilizar um maior número de pessoas com o fortalecimento da relação de vizinhança a partir da ocupação do espaço urbano.

Como já afirmamos, uma dimensão importante para a definição do padrão de socialidade dos grupos é a relação destes com seus contextos sócio-culturais. Estamos interessados em perceber de que maneira o ambiente comunitário, o bairro de moradia desses jovens, impacta a articulação do coletivo. Para aqueles do Grupo Jovem Nova Geração, o bairro Cosme de Farias é uma marca fundamental, a qual se expressa na imersão que o grupo fez para entender e explicar aos seus interlocutores os marcos

históricos de formação da comunidade e a sua situação nos dias de hoje. São seis (6) páginas de textos manuscritos que tematizam a história e formação do bairro.

Essa imersão parece responder também a uma necessidade de conectar a figura pública que dá nome ao bairro com a história do lugar e com o grupo de jovens, de modo a transferir algumas características de um para outro. Tomemos como exemplo a biografia do Major Cosme de Farias apresentada no Diário e a maneira que a condição de defensor dos pobres e líder da luta contra o analfabetismo é acionada: um mecanismo explícito de transferência para caracterizar a comunidade enquanto um lugar de gente batalhadora que deve seguir o exemplo de sua figura inspiradora, e, diante disso, como o GJNG se apresenta para ocupar esse lugar.

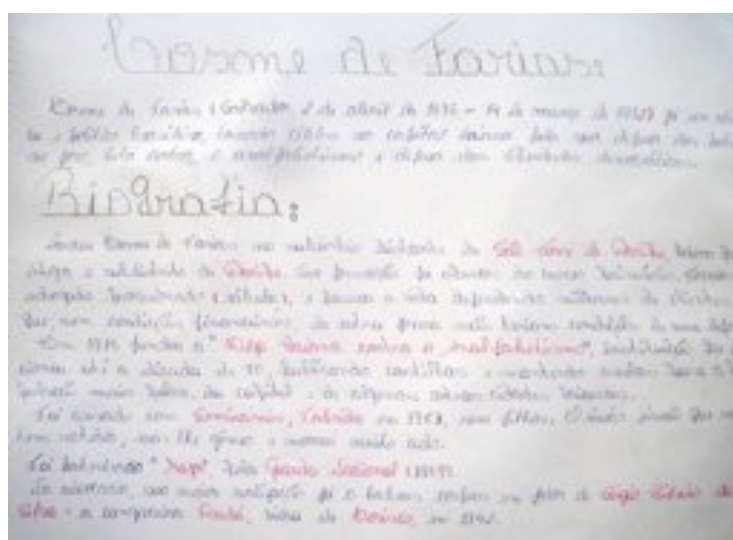


Fig. 7 Biografia Cosme de Farias
Fonte: Diário GJNG

Esse Diário revela, portanto, um padrão de socialidade para o GJNG extremamente depende de duas figuras externas a sua própria constituição e que representam o mundo adulto: Dona Isabel, que traz a força da mulher e mãe como inspiração de liderança a ser seguida, e o Major Cosme de Farias, personagem histórico, símbolo de resistência de engajamento social a ser buscado.

3.2 INSTITUCIONALIDADES

A mediação social identificada por institucionalidade articula as dimensões das matrizes culturais e das lógicas de produção. Segundo Martín-Barbero,

A institucionalidade tem sido, desde sempre, uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam estabilidade à ordem constituída e, da parte dos cidadãos – maiorias e minorias –, buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer, isto é, re-constituir permanentemente o social (2001a, p. 17).

Na nossa análise, tentamos identificar uma dupla dimensão institucional, aquela relacionada aos discursos de forças estratégicas que permeiam – constringendo ou não – o texto dos jovens e aqueles movimentos dos próprios jovens a procura de “outras institucionalidades”.

Quando usamos o conceito de “estratégia”, estamos nos referindo à construção teórica proposta por Michel de Certeau, que a entende enquanto uma ação operada por um sistema de poder instituído e reconhecido socialmente em oposição e complementariedade ao conceito de “tática” – já discutido em capítulo anterior nesse trabalho. Assim definido, “Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado” (2011, p. 93).

Partindo dessa perspectiva, a análise dos quatro (4) Diários Criativos revela duas (2) principais forças estratégicas operando no contexto de produção do material: o CRIA, como instituição formuladora da demanda e espaço de articulação e encontro dos jovens-autores dos Diários; e a Mídia, entendida, pelos jovens, enquanto “instituição” formuladora de discursos massivos e reprodutora de imagens e representações hegemônicas. Ainda que com menor influência, explicitamos a marca institucional do discurso acadêmico presente apenas em um dos Diários, mas com efetiva participação nessa situação específica.

Os Diários também revelam a tentativa de constituição de outras institucionalidades, próprias e autorais, que teriam a função de substituir aquelas que, na concepção dos jovens, não os representam e não expressam as suas verdades. Para esse fim, o principal arranjo é a inserção de cada grupo numa configuração de rede local, formada por outros grupos de atuação, a qual fortalece a ação de cada ponto e o insere numa dinâmica mais ampla.

3.2.1 “MENINO DE ONG”

Uma importante mediação institucional na constituição dos quatro Diários Criativos é o Centro de Referência Integral de Adolescentes. Conforme, apresentado no primeiro capítulo, trata-se da Organização Não-Governamental (ONG) que propôs a elaboração do referido material e ofereceu o caderno com páginas em branco, mas com uma inserção de perguntas e palavras-chave na contracapa, como já detalhado em capítulo anterior desse trabalho.

As marcas dessa mediação institucional operada na relação do CRIA com os grupos estão presentes de modo diferente, porém constante, em cada um dos quatro cadernos que compõe o nosso corpus de análise. Diante dessa condição comum a todos, discutiremos abaixo a especificidade de cada um deles.

No caderno do grupo Art’Periférica as marcas dessa mediação aparecem de forma diversa. Uma delas, como se vê na página reproduzida abaixo, é a apresentação da *Feira Ser-Tão Brasil* enquanto uma das atividades prioritárias do grupo. Contudo, sabemos, a partir de pesquisas de campo, que essa ação integrou o projeto *Cultura na Feira-revelando comunidades com arte*, elaborado pelo CRIA e contemplado com recursos financeiros pelo *Prêmio Avon Cultura de Vida*, o qual previa a realização de cinco (5) feiras comunitárias, em parceria com os grupos de jovens previamente identificados pela Organização. Essa referência, feita pelo grupo, revela uma indissociação entre a ação do CRIA e a ação do grupo, explicitando, portanto, uma forte identificação entre eles.

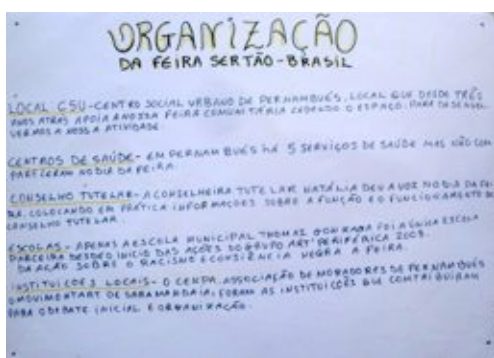


Fig. 8 Organização Feira Comunitária
Fonte: Diário Art’Periférica

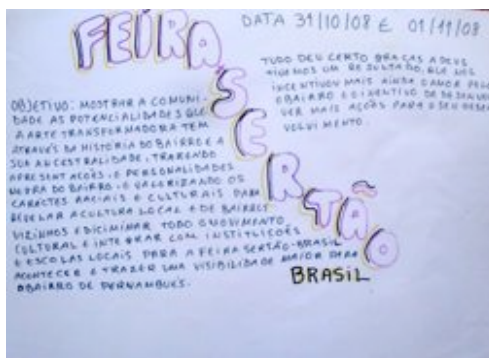


Fig.9 Objetivo Feira Comunitária
Fonte: Diário Art’Periférica

Outras marcas não são explicitadas, mas podem ser facilmente reconhecidas, como a definição da estrutura de organização do grupo semelhante àquela da ONG,

conforme apresentado no item anterior. Ou ainda com a incorporação de questões, expressões e vocábulos usados nos projetos e textos informativos da Instituição – que tivemos acesso através das visitas para coleta de material. O tema da valorização da memória cultural da comunidade, fortemente trabalhado pelo CRIA, é retomado, por exemplo, na inscrição “Valorizar nossos mestres”, feita pelo Art’Periférica no seu Diário.

Ao longo dos textos manuscritos no caderno, ainda identificamos a adoção de termos usados no cotidiano de organizações sociais como mobilização, articulação, disseminação, visibilidade, etc., que acabam revelando uma determinada inserção institucional, caracterizada pelo uso desses termos – e por que não “jargões”? – pelos jovens autores.

O Diário do grupo Jovens Realistas do Cotidiano também apresenta fortes e explícitas marcas dessa relação institucional com o CRIA. É o único caderno que formaliza uma seção chamada “Perguntas & Respostas” para dialogar diretamente com as questões provocadoras que se encontram na contracapa elaborada pela equipe de educadores do Centro de Referência. “De que fontes nós bebemos?”, “O que me alimenta neste bairro?”, “Que paisagens eu vejo na minha janela?”, “O que queremos olhar?” são perguntas manuscritas na primeira página do caderno seguidas de respostas diretas. Uma delas está aqui reproduzida:

De que fonte nós bebemos?

De uma fonte inesgotável. Que a cada dia vai renovando-se de coisas boas e naturais como: cultura, arte, conhecimento e integração com o próximo e mais que tudo com o orgulho de certa forma de está tentando mudar nossa sociedade [sic] (JRC, 2008, s/p).

A dinâmica instaurada pelo grupo com a seção de perguntas e respostas coloca a elaboração do Diário como uma resposta direta a uma demanda institucional, chamando atenção para uma interpretação dessa produção como cumprimento de tarefa, quase como uma atividade escolar. Essa observação questiona a voz do grupo sobre o bairro. Aqui, retorna uma questão já evidenciada anteriormente, a elaboração do Diário trata-se de uma necessidade sentida pelo grupo de ocupação de um lugar de fala ou uma resposta a uma demanda externa? E, mais ainda, essas dinâmicas são excludentes?

Outra marca evidente dessa mediação institucional é a transcrição, manuscrita em piloto cor azul, do objetivo do CRIA – texto encontrado nos materiais de divulgação e nos documentos formais da organização, aos quais os jovens dinamizadores têm fácil acesso. Essa inscrição está colocada de forma bastante deslocada de contexto, não se

relacionando com as demais seções e textos do Diário. Funciona como uma reafirmação da forte ligação do grupo com o Centro de Referência e tem pouca densidade na unidade textual que compõe o caderno.

A capa do Diário do Grupo Jovens Realistas do Cotidiano também é uma importante marca dessa pouca distinção entre o grupo e o CRIA, conforme imagem reproduzida abaixo. Ela é composta por quatro (4) imagens e quatro (4) textos e papéis coloridos em forma de pequenos recortes que compõe o fundo e as laterais da página. Entre as imagens, três (3) são fotografias dos jovens durante realização de atividades e uma (1) do Encontro Ser-Tão Brasil, ação artística realizada pelo CRIA; quanto aos textos, três (3) deles são recortes de material de divulgação da Instituição e um (1) manuscrito – sendo que todos eles tematizam ações realizadas pela ONG, são elas: Projeto Prazer em Ler, Pesquisa Escola e Comunidade, Encontro Ser-Tão Brasil e Formação do Grupo Gestor.



Fig. 10 Capa do Diário
Fonte: Diário JRC

A capa desse Diário, enquanto uma porta de entrada para o diálogo, ratifica uma expressiva indissociabilidade entre o grupo comunitário e a instituição que estimulou a sua formação, ou, em outra direção, um forte sentido de pertencimento dos jovens integrantes do grupo JRC ao projeto desenvolvido pelo Centro de Referência.

Já no caderno do grupo de teatro Trama dos Arteiros não encontramos referências diretas ao CRIA. Essa mediação institucional aparece em menor grau,

principalmente quando comparada às marcas visíveis nos demais Diários Criativos. No entanto, sabemos que o Centro de Referência é a força institucional que formulou a demanda de elaboração do produto e é um dos espaços de encontro dos jovens integrantes do Trama dos Arteiros. Além disso, a linguagem teatral é uma marca da forte relação do grupo com o CRIA, que desenvolve, desde 1994, uma metodologia própria de criação teatral assentada na experiência dos jovens e na perspectiva de construção coletiva. Essas marcas estão presentes na produção artística do Trama, evidenciado pelo texto da peça “A Brincadeira Acabou!”. Desse modo, reconhecemos que as marcas dessa institucionalidade estão presentes, mesmo que pouco explicitadas diretamente pelo grupo.

No caso desse Diário, a mediação institucional também se expressa no modo de organização do conteúdo que dialoga com alguns dos itens apresentados na contracapa, e mais explicitamente com o item “Dos Serviços Públicos (Educação e Saúde)”. Esta relação dá origem às seções denominadas Mapeamento de Educação e Mapeamento de Saúde, nas quais são apresentados textos manuscritos com informações sobre o funcionamento das Escolas e do Centro de Saúde do bairro. Nelas, os jovens-autores reconhecem alguns avanços e fazem críticas à qualidade dos serviços prestados. Podemos afirmar que essas seções dialogam diretamente com a demanda formulada pela ONG de um “Mapeamento Cultural das Comunidades de Salvador” (título da contracapa).

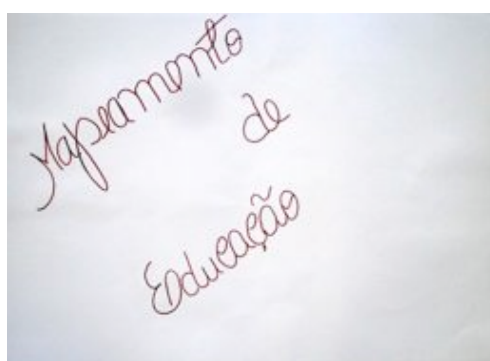


Fig. 11 Mapeamento de Serviços
Fonte: Diário Trama dos Arteiros



Fig. 12 Mapeamento de Serviços
Fonte: Diário Trama dos Arteiros

As imagens das páginas acima evidenciam a presença da demanda institucional e demonstram uma certa quebra na unidade do Diário. O modo de confecção e apresentação dessa seção de Mapeamento é bastante diferente das outras seções e parece funcionar como uma resposta direta ao CRIA, enquanto nas demais intervenções

a força autoral se mostra mais evidente. Um movimento de cumprir a tarefa demandada e escapar da estrutura por outros espaços, brechas possíveis.

No Diário do Grupo de Jovem Nova Geração, também não encontramos referências diretas ao CRIA, nem às atividades propostas pela instituição que contam com a participação de alguns dos integrantes do grupo diretamente. Contudo, a marca dessa mediação institucional é bastante evidente no modo de organização das seções do Diário a partir das questões formuladas pela instituição na contracapa dos cadernos. O GJNG responde diretamente a demandas do mapeamento cultural em três (03) das dez (10) temáticas sugeridas: “histórias da comunidade”; “dos serviços públicos (educação e saúde)” e a “Comunicação”. Essas seções ocupam espaço majoritário no Diário: entre as vinte e quatro (24) páginas que compõem o material, dezenove (19) são usadas para expor esses conteúdos.

Outra marca bastante evidente da relação do CRIA com o GJNG é a imersão na história do bairro e na biografia do Major Cosme de Farias para a realização de uma atividade piloto realizada pela instituição em parceria com os jovens: a montagem de um espetáculo teatral sobre a história da comunidade. Essa ação aconteceu durante o ano de 2008, mesmo período de confecção do caderno, e teve como resultado a peça teatral “De Quinta das Beatas a Cosme de Farias”, que foi apresentada na própria comunidade em diversos espaços, escolas, associações de moradores, etc. Embora em momento nenhum tenham sido explicitadas no Diário – tivemos acesso a essa informação no processo de coleta de dados no CRIA e em atividade de observação- participante na comunidade –, as marcas dessa ação institucional são evidentes na confecção do material.

Postulamos que essas observações quanto às marcas de presença do CRIA, enquanto instância de mediação institucional, na confecção dos Diários Criativos são capazes de revelar a força da organização na atuação dos grupos juvenis. Os Diários nos revelam os diferentes graus dessa relação Grupo X CRIA e diferentes dimensões dessa influência.

Os Diários dos grupos Art’Periférica, Jovens Realistas dos Cotidiano e Nova Geração apresentam marcas explícitas da relação com o CRIA, ainda que tenham particularidades importantes. A narrativa do JRC é construída a partir de um diálogo direto com as questões provocadoras: o material foi elaborado numa perspectiva de oferecer respostas àquilo que foi perguntando e utiliza muitos materiais produzidos pela

própria instituição. Já o material produzido pelo Art'Periférica e pelo GJNG revelam as marcas institucionais pela forma de organizar o conteúdo, apresentado em acordo com as macroprovocações feitas na contracapa; além disso, o Art'Periférica e o JRC articulam a sua estrutura de organização interna de maneira muito próxima à do CRIA e, de maneira geral, a um padrão hierárquico percebido nas ONG's e projetos sociais; o GJNG, por sua vez, demonstra a forte marca institucional na sua motivação para investir nos componentes históricos da comunidade de Cosme de Faria, em um movimento de diálogo intenso com o modo de fazer teatro do CRIA, o qual inicia o seu processo formativo com duas questões guia – Quem sou eu? Quem somos nós? – que, nesse caso, respondem à demanda por construir essa identidade do coletivo “nós”, moradores desse lugar.

O material produzido pelo grupo Trama dos Arteiros visibiliza menos essa dimensão institucional da relação com o CRIA. As marcas estão presentes e são reconhecíveis principalmente nas seções identificadas pelo grupo como de Mapeamento, que parecem responder diretamente a demanda do Centro de Referência. Também na escolha do teatro como linguagem artística prioritária essa mediação institucional está fortemente presente. Contudo, nos momentos de apresentação do grupo, em suas atuações e em seus posicionamentos políticos, a marca da instituição CRIA quase não aparece, o que nos indica um maior grau de amadurecimento da proposta e de coesão interna do grupo. E, podemos dizer, um maior grau de afastamento desse campo de forças.

3.2.2 É NOTICIA!

A força discursiva dos meios de comunicação massivos também funciona como uma importante instância de mediação institucional. Em todos os Diários encontramos referências à “mídia” e, em maior ou menor grau, um diálogo direto entre a narrativa dos jovens e aquela que eles identificam como “da mídia”, ou seja, com origem nas grandes redes de comunicação disseminadas pela televisão, rádio, jornal impresso ou internet. Essa referência é acionada nos textos dos jovens, na maioria das vezes, para afirmar um desejo de questionar as imagens e representações comumente disseminadas pelos meios massivos. Contudo, no processo de elaboração dos Diários, no momento de composição das páginas, observamos um movimento quase natural de utilização dos

textos midiáticos para reforçar ou complementar algum ponto de vista que os grupos de jovens desejam defender.

Percebemos que a aproximação com a força estratégica do massivo é evidente, também, nos formatos usados para organizar seções e temas nos Diários. O uso de entrevistas, seções de perguntas e respostas, histórias de vida, textos descritivos precedidos por título e uso de legenda em imagens são formas de organização de conteúdo que se aproximam de modelos tradicionalmente usados pelos meios de comunicação de massa, especialmente os meios impressos.

Interessante observar, nessa questão, uma mediação cruzada entre a força institucional do discurso da mídia e a força institucional dos programas educativos de organizações sociais, que comumente propõem atividades de leitura crítica dos conteúdos produzidos pelos meios massivos e a produção de mídias próprias. Tais ações colaboram na geração de uma postura mais atenta e, por isso, mais complexa dos adolescentes e jovens integrantes dessas organizações na relação com o conteúdo veiculado por meios massivos. O Centro de Referência Integral de Adolescentes é uma dessas instituições que estimulam um olhar bastante crítico e, a partir dele, a produção de mídias alternativas com a finalidade de disseminar imagens nas quais os jovens sintam-se incorporados e representados.

Essas observações ratificam a intrínseca relação entre a produção cultural dos meios populares e aquela dos meios massivos, contribuindo para a concepção do massivo não enquanto “um mecanismo isolável, ou um aspecto, mas uma nova forma de sociabilidade” (MARTIN-BARBERO, 2001a, p.322). Abordagem que dificulta uma análise simplista e dicotômica sobre o consumo dos meios de comunicação de massa e as possibilidades de interação e criação dos sujeitos.

A percepção de contradições entre o objetivo anunciado pelo grupo juvenil e a operacionalização da narrativa dos Diários, esta última muitas vezes negociada com as mesmas forças com as quais se expressa um embate – no caso dos discursos midiáticos, por exemplo –, fortalece uma perspectiva que procura compreender as dinâmicas de produção de forma não dicotômica, superando posições estáticas em torno do uso dos conceitos hegemônico X contra-hegemônico para analisar disputas políticas no campo cultural. No entanto, essa mesma percepção exige a identificação das condições necessárias para que a ação de resistência possa provocar alterações nas relações de

poder e que efetivamente ocupe novos espaços sociais, não funcionando como válvulas de escape da tensão social.

O caderno do grupo Art'Periférica nos oferece a oposição como ponto de partida da sua proposição narrativa quando, na primeira página, afirma que “Precisamos apontar para várias coisas boas que existem no meu bairro. E esquecer um pouco das ruins porque a mídia já traz isso vários instantes na TV, no rádio, jornal e etc.” [sic] (Art'Periférica, 2008, s/p). Esse texto está escrito dentro do desenho de uma mão que – com o dedo indicador entre as palavras Pernambuco e educação – aponta, ligado por uma linha tracejada, para um recorte de revista com a imagem de um grupo de homens negros num jogo de capoeira contornado pela frase “cultura popular o meu bairro tem”. O que nos permite dizer que a configuração dessa página está voltada para destacar esse tipo de produção da comunidade.



Fig. 13. Apresentação Comunidade
Fonte: Diário Art'Periférica

Quanto ao formato, identificamos, nesse Diário, três (3) seções de entrevista que correspondem a três (3) dos temas propostos pelo CRIA como chaves para o Mapeamento Cultural (cf. contracapa): Saúde, Educação e Cultura. As entrevistas são guiadas pelas seguintes questões: “O posto de saúde tem um atendimento bom?”; “Escolas municipais e estaduais de Pernambuco: será se fazem seu papel?”; “Atividades de incentivo à cultura. O que a comunidade acha disso?”; e contam com as respostas de cinco (5) moradores da comunidade. Todos os entrevistados são identificados não apenas pelo nome seguido da idade – Junior 35 anos; Célia 40 anos; D. Maria Eugenia 62 anos; D. Lurdes, 67 anos e Manoela, 15 anos –, dialogando com um formato clássico de

identificação de fontes no jornalismo, mas também pelo tempo que moram na comunidade – 1 ano, 17 anos, 39 anos, 10 anos respectivamente e a jovem Manoela que “nasceu em Pernambués”.

A escolha dos entrevistados chama, ainda, bastante atenção pelo desequilíbrio entre representantes do mundo adulto e do juvenil, apenas uma “jovem” tem voz na narrativa apresentada. Isso nos leva a questionar a adoção, pelo próprio grupo, de critérios de representatividade e autoridade, comumente usados em narrativas consideradas hegemônicas, como idade e experiência de vida, desconsiderando critérios mais inclusivos da voz juvenil, como a vivência direta das situações, estar concernido ao problema e ter capacidade de analisar criticamente a questão.

No Diário do Grupo Trama dos Arteiros, a relação com o discurso estratégico formulado por organizações midiáticas de alcance massivo também aparecem como um ponto de partida para o diálogo proposto no caderno. É bastante expressivo o texto “Prazer, eu sou Marechal Rondon” apresentado sob o título da página “História de Marechal Rondon”. Este é o primeiro texto, na forma escrita, a que o leitor tem acesso, se considerarmos a leitura linear desde a capa.

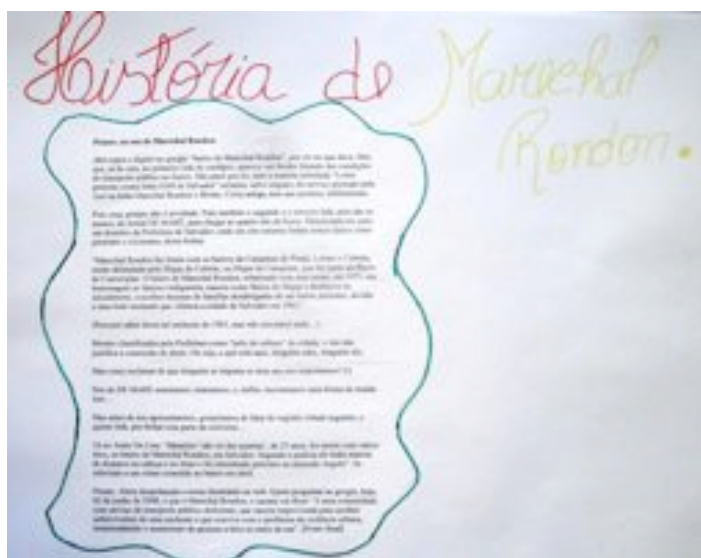


Fig. 14 – Texto: Prazer, sou de Marechal
Fonte: Diário Trama dos Arteiros

O texto acima referido explicita uma tentativa de identificar informações sobre o bairro a partir da inserção do nome do mesmo no mecanismo de busca “Google” e dialoga com as várias referências encontradas (estas serão apresentadas detalhadamente em capítulo posterior). Sobre o conteúdo produzido por veículos de

comunicação de alcance massivo, temos a seguinte observação,

Ta no Aratu On Line: “Mauricio ‘nao sei das quantas’, de 25 anos, foi morto com vários tiros no bairro de Marechal Rondon, em Salvador. Segundo a policia ele tinha marcas de disparos na cabeça e no tórax e foi encontrado próximo ao mercado Argolo”. Se referindo a um crime cometido no bairro em abril. Pronto. Abriu despedaçada a nossa identidade na web. Quem perguntar ao Google, hoje, 2 de junho de 2008, o que é Marechal Rondon, o sacana vai dizer: é uma comunidade com serviço de transporte público deficiente, que nasceu improvisada para acolher sobreviventes de uma enchente e que convive como o problema da violência urbana, testemunhando o assassinato de pessoas a tiros no meio da rua. [Ponto Final] *[sic]*(TRAMA, 2008, s/p).

Novamente, percebemos que o principal incômodo dos jovens na relação com os meios de comunicação massivos – nesse caso, o Portal de Notícia da TV Aratu, afiliada ao SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) – diz respeito ao o conteúdo disseminado sobre o bairro e a rotina diária de viver na periferia de Salvador.

Importante observar que o trecho acima está inserido por técnica de colagem no Diário Criativo e, embora não esteja explícita uma marca de autoria, é possível perceber, pela passagem “Nós, do De Maré”, que ele faz parte de outra iniciativa de organização local, a qual reúne moradores do bairro. Essa pista no texto do caderno nos leva ao Jornal de Maré, “O Jornal Cultural do Bairro de Marechal Rondon, Salvador” (disponível em <http://jornaldemare.blogspot.com.br/>), e confirma intenção semelhante àquela formulada pelos Diários: falar sobre o bairro e sobre ser jovem nesse lugar, em uma tentativa de acionar novos conteúdos, marcar um novo lugar de fala para os jovens e, mais especificamente, instaurar uma relação comunicativa menos desigual.

No Diário do grupo Jovem Nova Geração também há uma referência direta ao desejo de contrapor o discurso estratégico, reconhecido pelo grupo como ‘midiático’. Na primeira página de texto escrito, encontramos a seguinte formulação “O objetivo deste grupo é mostrar a verdadeira face de Cosme de Farias que ainda não é mostrada na mídia, e dar para aos jovens uma formação de uma qualidade de vida melhor” *[sic]* (GJNG, 2008, s/p). Essa formulação apresenta uma oposição direta entre verdade e falsidade que está relacionada ao discurso do grupo e o discurso dos meios massivos de comunicação, respectivamente.

Essa dicotomia entre o discurso da verdade e aquele da não verdade, apresentada de forma tão marcante no início do material expressivo, acaba tomando novos contornos durante a confecção do Diário. O conteúdo que compõe a seção “História da Comunidade

de Cosme de Farias” é formado, em grande medida, por textos publicados em jornais de grande circulação e material divulgado pela Assessoria de Comunicação da Prefeitura em *website* institucional, os quais, embora acionados pelos jovens para integrar seus escritos, nem mesmo são identificados enquanto citações, como texto de outro autor.

Ainda assim, o procedimento de análise permite prosseguir com essa identificação, já que a forma jornalística do texto segue padrões reconhecíveis, como o uso de títulos, fontes oficiais, dados quantitativos e construções mais formais que usualmente não fazem parte do repertório dos textos de autorias exclusiva dos jovens. A página do caderno reproduzida abaixo é um exemplo desse método de composição usado no Diário do GJNG, que incorpora discursos midiáticos e de veículos institucionais de comunicação sem visibilizar essa utilização.

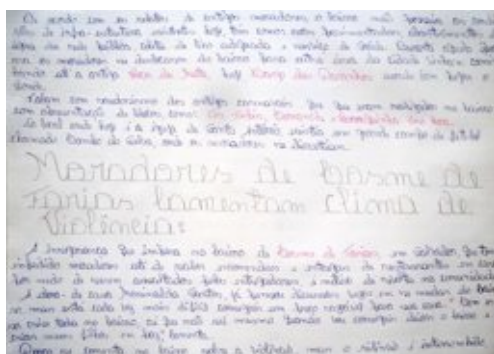


Fig. 15 – Apresentação Comunidade
Fonte: Diário GJNG



Fig. 16 Matéria publicada A Tarde On Line
Fonte: Portal A Tarde On Line

Essa apropriação desestabiliza a dicotomia apresentada inicialmente pelo grupo de jovens entre seu discurso sobre a comunidade de Cosme de Farias e aquilo que é disseminado pelos discursos midiáticos e/ou institucionais. As fronteiras aqui ganham uma maior porosidade e a relação entre os discursos se apresenta de forma incontestável. Claro que devemos chamar atenção para o movimento de escolha feito pelos jovens: qual texto acionar, do que ele está falando e de que maneira? Com certeza, essas questões são definidoras para a montagem desse mosaico de vozes que *re-mixa* discursos tradicionalmente separados a partir de categorias como hegemônicos e contra-hegemônicos, estratégicos e táticos.

A incorporação do material publicado pelo Jornal a Tarde com a manchete “Moradores de Cosme de Farias lamentam clima de violência” é um bom exemplo dessa ação de escolha. Ao acionar essa matéria, o GJNG pauta a questão da violência urbana e a apresenta como um dos problemas do bairro. Segue reproduzindo o texto exatamente

como publicado, no entanto, ao final, edita seu conteúdo e não apresenta as informações que descrevem uma série de cinco (5) assassinatos, nomeada pelo jornal como “chacina”. Interessante observar também que os demais textos acionados apresentam a realização de obras de melhoria da localidade e chama atenção para o restabelecimento de âmbitos de convivência entre os moradores no espaço público.

Da relação com o discurso veiculado por meios de comunicação massivos, identificamos a necessidade, nos três (3) grupos que acionam essa dimensão institucional⁴³, de afirmar o Diário enquanto um produto comunicacional de oposição que vai desvelar a realidade do bairro e de ser jovem naquele lugar. A proposição formulada pelos grupos está ancorada numa dicotomia entre nós X eles e na crítica a uma representação preconceituosa e com poucas nuances normalmente construída pelo discurso autorizado dos grandes meios. Essa crítica aos conteúdos, no entanto, não se estende aos formatos, já que os grupos acabam por usar formatos semelhantes aos hegemônicos quando organizam as suas próprias ideias.

O Art'Periférica opta pelo uso das entrevistas como principal forma de apresentar uma outra Pernambués e acaba reproduzindo padrões de critérios de escolha de fonte, por exemplo. O Trama dos Artelros se refere a uma iniciativa de mídia própria, o Jornal de Maré, que, apesar de ser em formato de blog, usa o nome “Jornal”, talvez numa tentativa de oferecer credibilidade aos escritos ao marcá-los como parte de um “Jornal”, formato com autoridade reconhecida socialmente. A situação mais complexa, no entanto, é o uso feito pelo GJNG, que inicia o seu material expressivo afirmando sua necessidade de “mostrar a verdadeira face de Cosme de Farias que ainda não é mostrada pela mídia” (2008, s/p), mas, ao longo da sua confecção, reproduz fielmente diversos trechos publicados em jornal impresso ou assessoria institucional.

Essa percepções demonstram um relevante grau de indissociabilidade entre os formatos narrativos disseminados pelos meios midiáticos de alcance massivo e as práticas populares de narração e a dificuldade de alterar radicalmente esse padrões. A crítica ao conteúdo é explicitada pela formulações de novos modos de narrar e representar os lugares e os sujeitos, contudo está assentada, muitas vezes, em formatos e padrões semelhantes aqueles utilizados pelos grandes meios de comunicação. O que,

⁴³ O Grupo Jovens Realistas do Cotidiano não faz nenhuma referência ao discurso midiático nem à Mídia como força institucional operante no contexto de produção do seu Diário.

no entanto, não deve levar a um efeito automático de minimização da sua potência.

3.2.3 RASTROS ACADÊMICOS

Outra dimensão de institucionalidade presente exclusivamente no Diário do grupo Trama dos Arteiros é a relação com o saber acadêmico, nesse caso, com o Projeto Atividade Curricular em Comunidade (ACC) da Universidade Federal da Bahia. Conforme explicitado no texto, a presença de uma atividade acadêmica foi condição catalisadora para a articulação de jovens moradores de Marechal Rondon, interessados em arte em torno da disciplina Teatro Educação, oferecida nos moldes da ACC. Dessa forma, o grupo de teatro pôde se formar e estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem com os professores e alunos da Universidade. Esse conhecimento, articulado institucionalmente, também aparece no texto dos jovens quando eles se referem às técnicas do teatro físico⁴⁴ como característica do grupo, demonstrando negociação com a reflexão acadêmica sobre o fazer teatral contemporâneo.

Interessante observar que, no percurso narrado, o grupo faz questão de visibilizar essa marca institucional de origem, mas, ao mesmo tempo, destaca a característica de “grupo de teatro independente” (Trama, 2008, s/p) em uma tentativa de desassociar essa força estratégica do estágio atual de amadurecimento do Trama dos Arteiros.

3.2.4 AS REDES E OS LUGARES

Conforme pontuamos, essa análise busca identificar uma dupla institucionalidade: tanto as forças estratégicas que marcam o contexto de confecção dos Diários Criativos quanto as novas institucionalidades que esses mesmos Diários instituem.

Procuramos compreender, justamente, que a força da produção táctica dos grupos juvenis, autores dos cadernos, é resultado da sua interação com os diversos arranjos

⁴⁴ Segundo Seixas (2009, p.3), “A definição comum para Teatro físico é de um trabalho que pode se utilizar de texto, mas tem como foco principal o trabalho físico dos artistas, seus corpos seus movimentos no espaço. Um teatro extremamente visual onde a gestualidade/movimentação é o elemento primordial, colaborando ou às vezes substituindo a dramaturgia textual, também podendo substituir o cenário ou elementos cênicos pelo movimento/corpo dos artistas”.

sociopolíticos à disposição, nos aproximando de uma concepção “não-reprodutivista nem culturalista” do consumo proposta por Martin-Barbero, “que nos permita uma compreensão dos diferentes modos de apropriação cultural, dos diferentes usos da comunicação” (2001a, p.301).

A perspectiva anunciada por Martin-Barbero está em consonância com aquela proposta pelos Estudos Culturais de origem inglesa, que também opera numa lógica não dicotômica e sim fundamentada em uma “dialética da luta cultural” (HALL, 2003, p.255), a qual reconhece o lugar das forças culturais “em dominância” e seus efeitos concretos na sociedade e a possibilidade de recriações das condições de inserção sociopolítica.

Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas (HALL, 2003, p. 255).

Nesse sentido, constatamos que a apropriação feita pelos grupos juvenis a partir dos Diários Criativos pode contribuir para a constituição de “novas institucionalidades” (Martin-Barbero, 2001a, p. 284) na medida em que pretenda instituir um novo lugar de fala, uma outra voz com autoridade para falar da experiência de ser jovem e morador de comunidades periféricas; e na medida em que não seja uma irradiação das vozes historicamente acionadas como legítimas – instituições de atendimento, especialistas, imprensa, representantes governamentais. Nestor Garcia Canclini ratifica essa proposição ao dialogar com Martin-Barbero,

Nas solidariedades duradouras e personalizadas da cultura de bairro e dos grupos artísticos, nos grafites e na música jovem, nos movimentos de mulheres e populações pobres, (Martin-Barbero) vê as fontes de uma institucionalidade nova, fortalecendo a sociedade civil (2001a, p. 25).

Na construção dos Diários, de forma geral, é muito claro o esforço de constituir os grupos como voz autorizada a partir das constantes referências aos seus objetivos, sua formação, sua ação local. Esses grupos organizados nas comunidades acabam por criar articulações em formato de redes, tanto no âmbito local – que exercem sua atuação nos territórios do entorno – quanto no âmbito das conexões que ultrapassam barreiras espaciais, articulando grupos que se identificam por sua perspectiva de ação e não pela sua localização geográfica. Isso contribui para a consolidação de uma nova instância institucional, aquela que marca o lugar dos grupos jovens de atuação comunitária como uma força social importante na constelação das lutas políticas no contexto

contemporâneo. Em cada um dos Diários é possível a percepção de atores que compõem essas redes, mesmo que expressos de maneira bastante diversa, conforme detalhamento abaixo.

No caderno do Art'Periférica são apresentados o Terno de Reis de Seu Silvano, o Grupo de Capoeira do Mestre Canjiquinha, o CEMPA, a Associação de Moradores de Pernambués, a Escola Municipal Thomaz Gonzaga, o CSU- Centro Social Urbano e o Grupo Movimentarte de Saramandaia (comunidade vizinha). Estas instituições de variados perfis – comunitárias, governamentais, sociais, artístico-culturais – compõem a rede de articulação local do Art'Periférica, uma conexão de atores locais em prol do desenvolvimento da comunidade. O grupo de jovens não está sozinho e, por isso, se fortalece enquanto nó da rede ao partilhar sentidos comuns.

Já no caderno dos Jovens Realistas do Cotidiano essa rede local é apresentada sob a denominação de Cultura Comunitária e descrita da seguinte forma, “O Cabrito também tem uma ótima diversidade cultural, pois á vários grupos que fazem arte de uma maneira legal e objetiva” [*sic*] (JRC, 2008, s/p). O Diário apresenta uma lista de alguns desses grupos e descreve brevemente o foco de atuação de cada um deles., Temos nessa rede: o Grupo É ao Quadrado, que tem banda percussiva, grupo de teatro, dança e teatro infantil; a Paróquia Sagrado Coração, que realiza ações de assistência, além de ter um grupo de futebol; a AMACA, que oferece cursos de informática e telemarketing e promove festas relacionadas às manifestações da cultura popular; vários grupos de Capoeira; e o próprio JRC, que aparece como mais um nó dessa rede. Desse modo, o grupo apresenta a sua compreensão da ideia de cultura comunitária, uma ação colaborativa com muitos atores e objetivos comuns: o desenvolvimento local e a viabilização de maiores oportunidades no bairro.

O grupo de teatro Trama dos Arteiros não destaca no seu texto a presença de outras iniciativas de caráter comunitário no bairro de Marechal Rondon que possam explicitar a constituição de uma rede local de atuação. Contudo, é oferecido um grande destaque para a realização do Projeto Escola Aberta no Colégio Estadual Prof. Germano Machado Neto, constituindo esse lugar enquanto ponto de encontro e de articulação na comunidade. O texto manuscrito, destacado em seguida, explica o funcionamento dessa ação e seu potencial articulador,

Nesse colégio acontece o projeto “escola aberta” que são todos os fines

de semana, que são oficinas que fica aberta a comunidade de Marechal Rondon, dando oportunidade dos jovens de está junto com a arte e educação. Aqui percebemos a importância que é esse projeto tem, porque vemos crianças, adolescentes, adultos, idosos, participando, e que nos alegra em saber que a cada dia que passa as pessoas se interessa em aprender junto, e não esta na violência que muito ruim [sic] (TRAMA, 2008 s/p).

Após a página de abertura dessa seção dedicada ao “Projeto Federal Escola Aberta” (Trama, 2008, s/p), seguem sete (07) páginas que apresentam o nome da linguagem usada na atividade, escritas com caneta hidrográfica colorida e moldes de letras usados comumente em atividades escolares, acompanhadas de imagens fotográficas da ação. Esse padrão só não é usado para apresentar a Oficina de Grafite, que além da fotografia está identificada por uma inscrição de um grafite desenhado na página de caderno. O ambiente criado nessa seção do Diário – exemplificado com as imagens abaixo – permite dizer que o Colégio Estadual é um ponto de encontro do bairro, funcionando como um polo gerador de iniciativas culturais em um sentido comum àquilo que é exercitado pelo Trama dos Arteiros. Desse modo, o colégio parece funcionar como uma instância aglutinadora de diferentes ações protagonizadas por diferentes sujeitos/ grupos, inseridos, contudo, numa outra dimensão institucional, já que participam de um Projeto definido estrategicamente a partir de uma parceria entre o poder público e uma agência de desenvolvimento supranacional.



Fig. 17 Apresentação Escola Aberta
Fonte: Diário Trama dos Arteiros



Fig. 18 Oficinas
Fonte: Diário Trama dos Arteiros

No Diário Criativo do grupo Nova Geração também não encontramos referência a outras organizações da sociedade civil e/ou coletivos que possam configurar uma rede local de atuação comunitária. No entanto, o texto é enfático ao oferecer ao leitor muitas informações sobre as redes públicas de educação e saúde, distribuídas em nove páginas do caderno.

Esse acionamento é caracterizado por um constante entrecruzamento de um tom

estratégico e outro tático na elaboração do Diário pelo GNJG. Os escritos oscilam entre informações oficiais, possivelmente oferecidas pelas próprias instituições ou coletadas em material informativo institucional, e passagens autorais com críticas, reivindicações de melhorias ou reconhecimento de boas iniciativas. Os trechos a seguir são exemplares,

Trecho I: Com a reforma, atualmente, o centro passou a possuir a área física de 30 m², que juntamente com a implantação do SUS e conseqüente municipalização, aumentou em 100% a demanda do centro de saúde no período de 5 anos, onde em 2001 possuímos cerca de 15 mil prontuários e atualmente contamos com 30 mil prontuários (GJNG, 2008, s/p).

Trecho II: Aqui na comunidade já temos os agentes comunitários, os quais visitam muitas famílias. Porém nós precisamos do Programa Saúde da Família e um serviço de atenção a Saúde do Adolescente [sic] (GNJG, 2008, s/p).

Interessante observar uma utilização flutuante dos lugares do eu/narrador do texto, ora fala-se a partir do lugar do centro de saúde ou da escola, ora fala-se enquanto “a comunidade”. Essa postura ratifica a percepção, comentada anteriormente, de uma grande porosidade entre as fronteiras de autoria e de origem discursiva. No fazer dos jovens autores desse Diário, o texto é elaborado com base no acionamento de outros textos com origens e objetivos diferentes, os quais são atualizados durante uso pelo grupo. Essa atualização pode resultar em novos sentidos, em contestações ao estabelecido estrategicamente ou na reprodução dos mesmos, revelando ausência de crítica no movimento de uso de outras proposições –no caso das reproduções, instaurando uma contradição interna no material expressivo.

A constituição das redes, portanto, é um marca importante que dialoga com um sentido de fortalecimento da atuação de cada grupo a partir da sua inserção em um coletivo mais amplo, com o qual compartilha objetivos semelhantes no que diz respeito à atuação juvenil comunitária. Os Diários Criativos dos Grupos Art’Periférica e do JRC explicitam nos seu material expressivo outros pontos dessa rede de solidariedades locais. Interessante observar que em ambos, além da apresentação dos nomes dos grupos e de uma breve caracterização, a rede se apresenta, também, de forma gráfica – seja pelo uso da imagem fragmentada do palhaço, que mesmo em partes constitui uma unidade, seja pelo uso de fichas de mesmo formato, porém de diferentes cores, para compor a página denominada “Cultura Comunitária”.

O Diário do Trama dos Arteiros não explicita a presença de outros grupos locais,

mas apresenta uma unidade escolar como ponto gerador de articulações na sua comunidade cujas ações se baseiam em uma série de atividades de caráter comunitário que são ali desenvolvidas, visibilizando um contexto mais amplo do que aquele referente a sua própria atuação. Já o GNJG não faz referência a outras iniciativas, apenas apresenta alguns espaços de atuação do poder público nas áreas de educação e saúde que, diferente do acionamento feito pelo Trama dos Artesãos, não parecem se constituir como um ambiente gerador de articulações em prol da comunidade. Tal fato indica uma frágil articulação desse grupo com as demais forças locais.

3.3 TECNICIDADES

Outra mediação social, chamada em causa pelo “mapa noturno” de Jesus Martin-Barbero, é a tecnicidade, articulada pelos vetores identificados no modelo por Lógicas de Produção e Formatos Industriais. “As perguntas geradas pela tecnicidade indicam então o novo estatuto social da técnica, o restabelecimento do sentido do discurso e da *práxis* política, o novo estatuto da cultura e os avatares da estética” (Martin-Barbero, 2001a, p.19).

Na interlocução que estamos propondo desse modelo teórico-metodológico com a análise dos Diários Criativos, a tecnicidade nos chama atenção para o uso do caderno enquanto plataforma de expressão e para as implicações quanto às competências que esse formato exige – o uso da escrita como linguagem principal, mas também desenhos, colagens, recortes de jornais e revistas, criação de histórias em quadrinhos, etc. –, justificado pela afirmação do próprio autor ao dizer que “a tecnicidade é menos assunto de aparatos do que de operadores perceptivos e destrezas discursivas” (2001a, p.18). Afinal, que destrezas são convocadas para a elaboração desse material expressivo? E qual função elas desempenham?

A primeira questão a ser analisada é o uso da escrita. O que nos leva a refletir sobre como a capacidade de manejar bem a norma culta exigida pelos padrões da escrita formal dificulta, até mesmo impossibilita, a expressão de grupos e pessoas que se sentem afastados dessa prática que, historicamente, esteve relacionada aos lugares de poder, aos grupos e forças hegemônicos socialmente. Diante disso, torna-se importante reconhecer o ganho político quando essa barreira é ultrapassada e a

expressão ganha forma e volume em inscrições visíveis a outros, portanto torna-se uma escrita, na concepção proposta por Jacques Rancière e acionada nesse trabalho. “Há escrita quando palavras e frases são postas em disponibilidade, à disposição, quando a referência do enunciado e a identidade do enunciador caem na indeterminação ao mesmo tempo” (Rancière, 1995, p. 8).

3.3.1 EXERCÍCIOS DE ESCRITA

A atividade que propôs a elaboração dos Diários contou com a participação de jovens representantes de 17 grupos de atuação comunitária e para todos eles foi entregue um caderno com as páginas em branco e a contracapa elaborada pelo CRIA (conf. Fig. 1). Alguns meses depois, apenas cinco (5) grupos consideraram o trabalho finalizado e devolveram o material aos educadores da instituição⁴⁵. Esse pequeno resultado quantitativo nos chama atenção para a insegurança desses jovens quanto à formalização das suas ideias e sentimentos diante de uma página em branco e, ainda mais, pela perspectiva do material ser visibilizado além do seu grupo de interação direta. É um Diário com intenção de tornar-se público, e não um escrito individual, ou ao menos restrito ao grupo, um compartilhamento entre “nós”. Sua função social é ser visível.⁴⁶

Observações quanto à dificuldade do escrito e à potencialidade das expressões que ganham forma e um maior grau de permanência dialogam com a concepção de escrita política proposta por Jacques Rancière (1995), que afirma o valor político do ato de escrever e como esse é uma tomada de posição. É uma maneira de dar forma a uma comunidade, de partilhar o que há em comum e ao mesmo tempo identificar divisões, separações entre o nós e outros e também “entre a ordem do discurso e das condições” (p.8):

O conceito de escrita é político porque é o conceito de um ato sujeito a um desdobramento e uma disjunção essenciais. Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e como os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa

⁴⁵ Entre eles, quatro (4) Diários foram acionados como corpus empírico prioritário dessa investigação. O 5º, elaborado por um grupo de Paripe, apresentou-se insuficiente enquanto material de análise devido às pouquíssimas inscrições feitas no caderno.

⁴⁶ Importante esclarecer que ao propor a elaboração dos Diários, o CRIA afirmava a importância da circulação do conteúdo, apresentando como objetivo final a edição de um livro a partir do material elaborado pelos jovens, com ampla circulação e distribuição.

comunidade com sua própria alma (RANCIÈRE, 1995, p. 7).

Desse modo, o saber operar a escrita aparece como uma fundamental mediação que articula todos os Diários Criativos a partir de um uso social da técnica, ou podemos dizer, uma tomada da possibilidade de dizer de si e da sua comunidade, determinando novas relações entre o discurso e as condições de existência e, portanto, resistindo às convencionalidades estabelecidas pelas narrativas dominantes.

O ato político de pôr a escrita em operação é ainda mais relevante quando as dificuldades no exercício dessa destreza estão intimamente relacionadas à insegurança quanto ao uso da norma padrão, às regras que impõem o certo e o errado na grafia e concordância das palavras, à sintaxe das frases. Para os jovens autores dos Diários Criativos há, em muitos casos, um hiato entre a sua grande capacidade de expressão oral e suas habilidades no uso da grafia, considerada correta pela norma padrão, das palavras. Razão que dificulta, e muitas vezes impossibilita, a expressão escrita dos grupos sociais que acreditam nessas ditas imperfeições⁴⁷.

A ponte sobre esse hiato, que nos permite atravessá-lo, é reconhecer que a importância do que os sujeitos têm a dizer supera a forma e, com isso, libertar-se dos constrangimentos impostos pela norma, a qual é um discurso estratégico e, portanto, assentado em rígidas relações de poder. Reconhecemos que o conjunto dos Diários Criativos é um exemplo dessa superação e, portanto, pode ser identificado enquanto uma ação táctica esta, segundo Michel de Certeau “deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha” (2011, p.95).

No Diário do Art’Periférica a escrita está presente a partir da articulação das palavras e frases em disponibilidade, as quais dizem do lugar Pernambués, dos sonhos, desejos e frustrações dos jovens integrantes do grupo e da opinião de outros moradores sobre a educação, a saúde e a cultura na comunidade. São escritos que procuram revelar o lugar com base na relação com seus moradores: “Eu amo o meu bairro”; “Essa comunidade me pertence”; “Violência não precisamos viver com isso/ Arte é essencial

⁴⁷Esse importante tema das variações linguísticas conforma o campo de estudo da Sociolinguística e tem uma vasta tradição no Brasil. Não pretendemos aprofundar o debate, e sim reconhecer aquilo que pode ser caracterizado como uma das principais conquistas desses estudos, a desconstrução da ideia de erro e a proposição de desassociar a língua da gramática normativa. Uma boa fonte para aprofundar essa discussão é Bagno (1999 e 2007). Vales destacar a seguinte pressuposição: “Respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano porque a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e o nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos” (BAGNO, 1999, p. 144).

na minha comunidade/ Direitos queremos conquistar aos poucos no bairro.” (Art’Periférica, 2008, s/p). São escritos que se posicionam politicamente que marcam um lugar de fala, articulam uma demanda e propõem uma mudança.

Os Diários enquanto textos são compostos por inscrições que utilizam outros formatos e diversos materiais. O caderno do grupo Art’Periférica apresenta a confecção de figuras humanas em cartolina de cor preta com adereços dourados, lantejoulas, búzio, palha e fitinhas do Senhor do Bonfim para compor a capa, são materiais articulados em tal unidade e coesão que claramente compartilham sentidos.

A página que propõe a valorização dos mestres da cultura afro-baiana utiliza, em primeiro plano, a colagem de elementos significativos de palha e madeira, como o abanador usado nos tabuleiros de acarajé e em rituais do candomblé. A utilização desses diversos formatos e da unidade entre eles expressa uma proximidade com aquilo que se quer dizer, percebemos a habilidade em construir uma narrativa a partir de fragmentos do cotidiano, de pano, de palha, de corda, de papel, de revistas, de palavras e ideias que são costurados com a linha da vivência do dia a dia.



Fig. 19 Mapeamento da cultura afro-baiana
Fonte: Diário Art’Periférica

O uso do texto manuscrito também é uma forte escolha do Diário dos Jovens Realistas do Cotidiano, é usado como formato exclusivo na seção de perguntas e respostas; em interação com as fotografias nas seções que apresentam o grupo e suas atividades; em diálogo com o desenho da comunidade; e margeado por fichas coloridas na seção “Cultura Comunitária”.

O Caderno do grupo JRC apresenta um grande investimento no uso das imagens dos próprios jovens desenvolvendo atividades artísticas, em momentos de grande descontração, mas também naqueles com alto grau de atenção e dedicação ao exercício proposto. Algumas imagens são fotografias individuais, em um formato de retrato, mas a maioria delas são do grupo reunido, do coletivo em ação. Chama nossa atenção a imagem do grupo em pé, em roda e de mãos dadas acompanhando o texto manuscrito, em formato de RAP, que apresenta o JRC, e seus objetivos, enquanto ator coletivo na comunidade do Alto do Cabrito. “Indagando as pessoas e quebrando preconceitos. Falando da realidade e os defeitos”. [sic] (JRC, 2008, s/p)



Fig. 20 Apresentação do Grupo
Fonte: Diário JRC

Esse intenso uso das imagens dialoga, na nossa concepção, com a necessidade de dar um corpo àquela voz inscrita no Diário; de mostrar seus rostos, seus sorrisos e sua alegria de estar juntos; de exhibir a sua pele negra, seus cabelos – às vezes trançados, às vezes penteados –, seus adereços – chapéus, colares, etc. –, seu modo de se vestir; características que os singularizam e ao mesmo fortalecem o grupo.

Já o diário do grupo Trama dos Arteiros está organizado em quatro (4) seções: apresentação do bairro de Marechal Rondon, do Projeto Escola Aberta, do Grupo de Teatro e o mapeamento dos serviços públicos de educação e saúde. Utiliza a escrita prioritariamente para falar do grupo de Teatro, da sua origem e da sua forma de organização, além de reproduzir dois (2) trechos muito significativos do espetáculo A

brincadeira acabou!, encenado por eles. No entanto, também aciona imagens de duas cenas da apresentação e um mosaico com fotografias – rostos em close – dos integrantes do grupo de jovens.

Já a seção dedicada ao mapeamento apresenta apenas textos manuscritos com caneta esferográfica em folhas pautadas e utiliza formato de perguntas e respostas. Para falar das atividades desenvolvidas pelo Projeto Escola Aberta são priorizadas imagens fotográficas que retratam o desenvolvimento das ações. A caracterização do bairro é constituída a partir de duas expressivas inserções: o texto “Prazer, eu sou de Marechal Rondon” – já comentado na discussão sobre institucionalidades – e um desenho que comentaremos a seguir.

O Diário do Grupo de Jovens Nova Geração utiliza predominantemente o manuscrito como forma de inscrição no caderno. São longos textos escritos com caneta esferográfica azul, tendo algumas palavras em destaque, escritas em vermelho ou rosa. O grupo utiliza, com frequência, títulos para separar os manuscritos, que são grafados a lápis e em tamanho maior do que o texto ao qual se refere.

Importante observar quais palavras são destacadas pela cor diferente e que função elas desempenham na construção dos sentidos propostos pelo grupo. No texto de depoimento de uma adolescente do bairro, apresentado na imagem abaixo, identificamos o destaque para o nome e a idade da menina, o nome do grupo e o nome do colégio que leva o mesmo nome do bairro. No olhar para o texto, antes de uma leitura, saltam aos olhos “Ione Grazielle” + “12 anos de idade” + “Jovem Nova Geração” + “Colégio Cosme de Farias” e dessa forma elaboramos um primeiro sentido, que nos convida a saber mais dessa menina de 12 anos que mora e estuda em Cosme de Farias e já participa de ações culturais na sua comunidade. Essas palavras em destaque também explicitam uma forte relação da adolescente com dois ambiente coletivos: o grupo de jovens e a escola. O que ressalta uma estrutura contextual e afirma que ela não está sozinha.

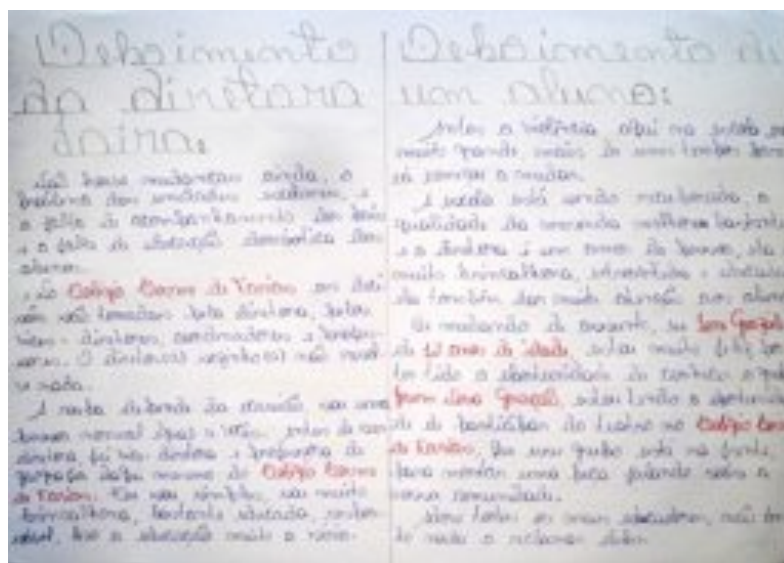


Fig. 21 Depoimentos
 Fonte: Diário GJNG

Nesse caderno também encontramos o uso de dois tipos de colagens: imagens coloridas impressas em papel ofício que ilustram os manuscritos, numa relação de exemplificação do que está sendo apresentado; e também colagem de materiais, cartelas de pílulas anticoncepcionais, suas instruções de uso e preservativos masculinos.



Fig. 22 Colagem elementos
 Fonte: Diário GJNG

A configuração dessa página, reproduzida acima, destaca-se de todas as demais seções do caderno e coloca a gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis como tema relevante para o grupo, além de ser equânime quanto ao gênero, tanto o comportamento feminino quanto o masculino é pautado. O uso desses materiais para a configuração da página retrata uma proximidade com a questão e, especialmente, com

os objetos. Estes parecem incorporados à prática dos jovens ou, ao menos, ao discurso institucional de uma política de saúde consciente que o grupo quer ratificar.

Os Diários Criativos se apresentam enquanto exercícios de escrita que tematizam o jovem, seus lugares, seus pertencimentos e postulam um lugar de fala visível, entre tantos outros. As técnicas operantes que se apresentam enquanto diferentes destrezas e habilidade têm o uso do texto escrito – entendido da forma mais convencional, articulação de palavras e frases – como a principal. É um formato que por si traz um ganho político quando acionado por grupos com as características dos jovens autores dos Diários – jovens, moradores de periferias, na maioria negros e pobres – porque provoca empoderamento com a expressão de seu ponto de vista a partir do uso social de uma técnica, um poder, originariamente do outro, do estratégico, do hegemônico.

Outras destrezas também são fundamentais para a elaboração desses textos resistentes. A colagem de materiais diversos, por exemplo, aproxima o texto das práticas cotidianas, um Pano da Costa que a avó usa em casa, um abanador que a madrinha tem, um brinco da irmã, a camisinha que é distribuída no posto de saúde, tudo isso no caderno o transforma numa extensão comunicável da experiência vivida cotidianamente em casa e nas ruas dessas comunidades.

3.3.2 O DESENHO N(D)OS CADERNOS

A utilização do desenho também é bastante comum nos Diários Criativos e, na maioria delas, é uma técnica usada para representar graficamente as comunidades. O grupo JRC faz essa utilização a partir de um desenho bastante simples, feito com caneta esferográfica preta e azul. Apresenta uma elevação sobre a inscrição do nome “Alto do Cabrito”, com um animal – o cabrito – no seu cume, ladeado por construções urbanas, algumas identificadas como “mercado”, “igreja”, “farmácia” e “AMACA/Teatro”, que representam instituições importantes na construção da sociabilidade do lugar.



Fig. 23 Apresentação Comunidade
Fonte: Diário JRC

O grupo Art'periférica também utiliza o desenho à mão livre ao longo do seu diário. Em uma mesma folha, na frente e no verso, estão dois desenhos feitos com caneta hidrográfica de cor preta, reproduzidos abaixo, que funcionam como aberturas para o texto manuscrito apresentado na folha seguinte, o qual traz informações sobre o bairro. A primeira imagem colocada sob o título “História e Trajetória de Pernambués” [sic] apresenta algumas edificações sob o sol, com a presença de dois indivíduos e uma possível referência a uma flor; entre as construções apenas uma delas recebe uma marca de singularização, a cruz no alto enquanto símbolo religioso. O desenho no verso dessa página é o detalhe de um rosto que diz: “Um olhar sobre nossa comunidade”.



Fig. 24 Desenho Pernambués
Fonte: Diário Art'periférica

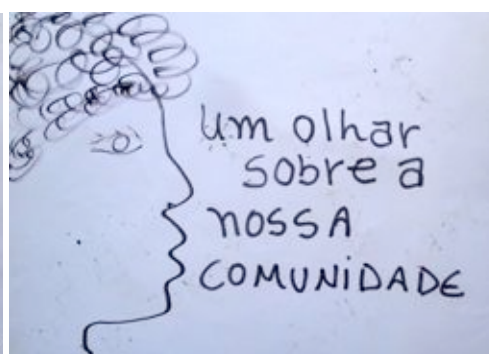


Fig. 25 Desenho Jovem
Fonte: Diário Art'Periférica

A terceira imagem é o desenho estilizado de um palhaço, também feito com

hidrográfica preta, mas com uma leve borda de cor verde. A partir da composição de uma variedade de formas que se associam pela temática contida nos escritos que as preenchem, o Diário apresenta um mosaico que representa a rede de grupos e iniciativas de ações culturais no bairro. Aqui, o manuscrito e os traços de desenho se articulam com harmonia, compondo uma unidade na diversidade, como vemos na página reproduzida abaixo.

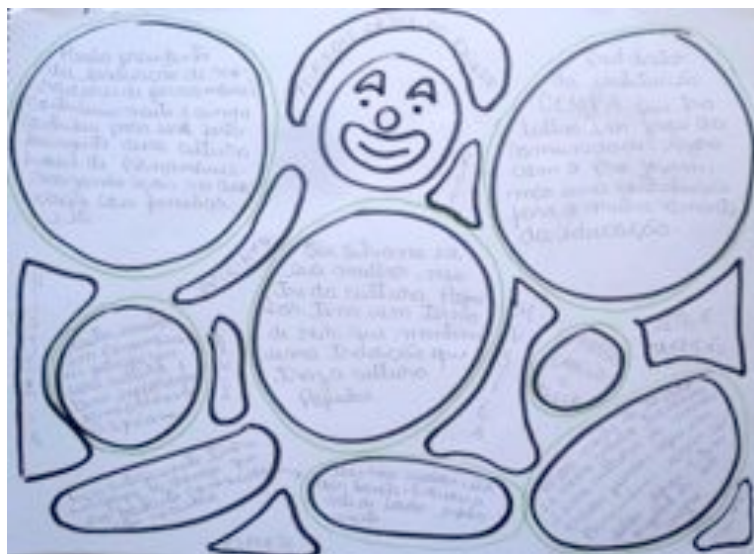


Fig. 26 Articulação Comunitária
Fonte: Diário Art'Periférica

Encontramos o mesmo princípio no Diário do JRC, porém com a utilização de outra técnica, a colagem de fichinhas coloridas. A seção intitulada “Cultura Comunitária” é composta por texto manuscrito margeado por fichas coloridas, estas representam as diversas iniciativas culturais do bairro e juntas formam a rede de ação cultural que nos referimos na seção anterior. Nesse caso, também percebemos uma eficaz sintonia entre o manuscrito e a técnica de colagem de materiais reutilizados.

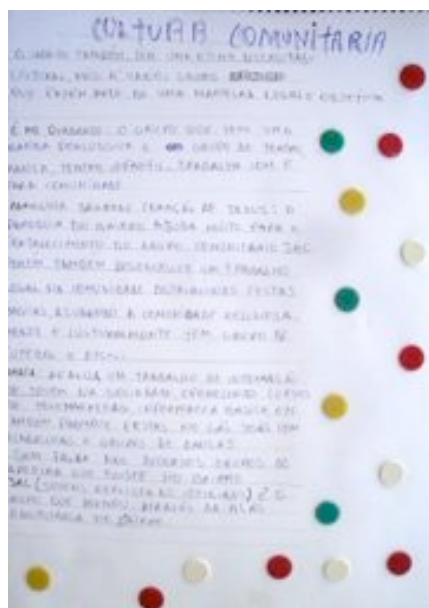


Fig. 27 Cultura Comunitária
Fonte: Diário JRC

O grupo Trama dos Arteiros apresenta, na primeira página do seu caderno, um desenho muito significativo e que, na nossa percepção, forma um conjunto com a capa do mesmo, já que este apresenta uma pequena seta indicando a sua continuidade. As duas imagens, estão reproduzidas abaixo.



Fig. 28 Capa
Fonte: Diário Trama dos Arteiros



Fig. 29 Jovem Marechal
Fonte: Diário Trama dos Arteiros

O desenho, feito a lápis, apresenta um jovem negro, sustentado pelo nome Marechal, abaixo do desenho. O jovem tem desenhado na cabeça símbolos urbanos: prédios, casas, escadas, além de postes de eletricidade e um trecho de uma rua asfaltada. Podemos afirmar que esse desenho evidencia a relação da juventude de Marechal Rondon com o Movimento Hip Hop, seja pelo traço do desenho, pela caracterização do jovem, do seu gesto com a mão, do formato de letra utilizado, pela assinatura do desenho, seja pela relação com a cultura de rua tematizada nessa construção. Esse jovem, com a sua comunidade na cabeça (em um trocadilho simplório) convida o leitor

para partilhar com ele sua experiência de viver nesse lugar. Funciona como ponto de partida do diálogo proposto pelo Diário.

No caderno do Trama dos Arteiros, outra intervenção expressa a relação com o Movimento. A inscrição – reproduzida abaixo –, feita com hidrocor nas cores vermelha e preta, aparece em diálogo com a foto de um jovem que faz um grafite⁴⁸ no muro do Colégio Germano Machado Neto – provavelmente um registro da oficina oferecida no âmbito do Projeto Escola Aberta. Essa página aciona uma das linguagens criativas – o traço da escrita de rua – do Movimento Hip Hop e ratifica a nossa observação. Interessante ressaltar o uso dado à folha de papel, que passa a ser um suporte para uma linguagem que tradicionalmente se expressa em lugares públicos de grande circulação de pessoas. Essa ação sobre o papel, que toma forma de uma assinatura, é um forte marcador identitário que aciona um conteúdo simbólico de ampla disseminação, o lugar do Hip Hop enquanto força de contestação da juventude contemporânea moradora das cidades.



Fig. 30 Oficina de Grafite
Fonte: Diário Trama dos Arteiros

O Diário dos jovens moradores de Cosme de Farias é o único a utilizar o desenho para compor uma história em quadrinhos que, nesse caso, apresenta o tema do uso de drogas e suas implicações na vida dos jovens. Contudo, o investimento no desenho dos quadros é bem simples, o formato foi acionado muito mais como uma forma de veicular

⁴⁸ “Esta intervenção relaciona técnicas de desenho de letras, rostos, paisagens e outras criações com sprays automotivos de várias cores e tintas aplicadas com rolinhos. Para grafitar os muros, paredes, tapumes e outras superfícies na cidade, os praticantes se organizam em grupos que trabalham às vezes dias inteiros na produção de suas imagens” (MATOS & MIGLIANO, 2010, p.9).

o conteúdo do diálogo entre os dois personagens do que pelas possibilidades de instaurar um discurso visual pautado em narrativas não-lineares.



Figs. 31 e 32 História em Quadrinhos
Fonte: Diário GJNG

A HQ com o título “Essa viagem tá por fora” apresenta o diálogo entre Fred e Juarez. Destacaremos alguns trechos que contribuem para o entendimento da nossa análise.

J - Vai Fred?

F- Eu não curto isso Juarez.

J- Pô cara você não sabe o que está perdendo. Altas gatas, isso sem falar no melhor...

F- O quê?

J - A **lombra** Uuuh!

(...)

J- Como assim coisas negativas Fred?

F- Eu demorei pra reconhecer que eu só servia para os meus amigos de fumo, porque eu bancava o vicio deles. Na sociedade eu era visto com olhares de desconfiança e pavor já que por várias vezes eu andei com **pessoas de mal costume**. Quer saber mais Juarez?

(...)

J - E na vida amorosa Fred. As drogas também interferiam?

F- E como interferiam Juarez, eu era cercado de garotas, essas que se divertiam com as minhas loucuras, que fazia quando estava sob efeito da **erva maldita**. Até que um dia me apaixonei. Arlei era o nome dela, uma garota linda mas não era **usuária**. Tentei conquista-la, mas ali estava ela, **a maldita droga** colocando barreiras entre eu e meus pais. Logo o tempo foi passando e minha linda Arlei se casou, e mais uma vez lá estava a **maldita droga** fazendo com que eu a procurasse (GJNG, 2008, s/p) grifo nosso.

A utilização de algumas expressões como “pessoas de mal costume”, “usuária”, “erva maldita”, “maldita droga” posiciona o texto escrito pelo GJNG muito próximo dos discursos reguladores e afastado de uma perspectiva juvenil, mesmo que essa seja de crítica ao uso. Usuária/o, por exemplo, é uma expressão normalmente usada no âmbito das instituições de saúde, enquanto “erva maldita” é uma forma acionada por discursos

religiosos de cunho bastante conservador. O conteúdo da HQ aciona alguns elementos que podem ser associados a práticas juvenis – como a utilização de gírias e modos próprios de falar – mas esses elementos são subsumidos pela força de uma perspectiva conservadora que acaba por dar o tom ao tratamento da questão.

A intervenção gráfica, através do desenho é uma habilidade acionada em todos os quatro Diários. O seu uso está normalmente voltado para a caracterização da comunidade, para a criação de uma imagem do lugar. Interessante um olhar simultâneo para os três (3) desenhos abaixo e a percepção de algumas similaridades, principalmente, quanto as marcas do espaço urbano: pequenas casas, construções desordenadas, via asphaltada, postes, fios, mas também pessoas, gente que vive nesses lugares.



Fig. 33 Pernambués pelo

Grupo Art'Periférica



Fig. 34 Alto do Cabrito pelo JRC



Fig. 35 Marechal Rondon pelo Trama

3.4 RITUALIDADES

“A mediação das ritualidades remete-nos ao nexu simbólico que sustenta toda a comunicação à sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição” (Martín-Barbero, 2001, p.19). As ritualidades, quarta dimensão do mapa, é resultado da articulação entre os formatos industriais e as competências de recepção, ou consumo, e podem ser compreendidas enquanto gramáticas de ação. No caso dessa análise, identificamos a sua operação no contexto de produção dos Diários a partir das marcas que inscrevem os modos de fazer dos grupos comunitários sob a lógica do coletivo, da construção de um “nós” que reúne, identifica e posiciona esses jovens em relação aos demais grupos sociais. A construção de um sentido de grupo é uma ritualidade importante e, embora esteja mais visível ou menos visível em cada um dos cadernos, é um traço comum entre eles.

3.4.1 A COSTURA DOS NÓS

No Diário do grupo Art'Periférica há uma intensa dicotomia entre a construção do sujeito coletivo e a expressão individual de um jovem. Percebemos um movimento entre três modos de dizer: 1) a voz do grupo, o exercício de construção de um sujeito coletivo; 2) a voz de um jovem expressando seus desejos e angústias pessoais; 3) a voz de um pelo outro, ou seja, de alguém que representa o grupo, que fala por todos. As passagens abaixo explicitam a nossa observação:

Trecho 1: O Grupo Art'periférica a partir da sua existência, vê a importância e o sentido do mapeamento comunitário que é primeiramente revelar o que a comunidade tem, e o seu desenvolvimento através da saúde, educação e cultura etc... (...)

Trecho 2: Sou morador de Pernambués, lá tem vários políticos, candidatos a vereador, tem alguns que eu nunca ouvi falar, e só vi pela primeira vez aparecendo aqui em Pernambués esse ano de eleições 2008. (...)

Trecho 3: O mapeamento foi feito por Jean Nogueira Silva do grupo Art'Periférica de Pernambués. Essa síntese foi super importante para nós do grupo Arte Periférica despertou o amor pela comunidade referida e a vontade de desenvolver algo mais que mobilize e mude a comunidade de alguma forma e mostre para as pessoas de outros bairros que Pernambués é um bairro rico em Arte e tem defeitos mas também tem muitas qualidades.
[sic] (ART'PERIFÉRICA, 2008, s/p).

Apesar de identificarmos nesse Diário um esforço grande de construir o grupo comunitário enquanto uma presença forte e atuante na comunidade, encontramos poucas referências ao seu modo de funcionamento, aos ritos, às maneiras de construção desse sujeito coletivo no dia a dia dos jovens e na atuação comunitária. O que nos leva a uma percepção da fragilidade do sentido de coletividade, o que faz o grupo excessivamente dependente das mediações institucionais – do CRIA, especialmente – para garantir a sua existência.

No Diário dos Jovens Realistas do Cotidiano, as ritualidades que envolvem a construção do sentido de coletivo a partir da consolidação do pertencimento ao grupo são percebidas, fundamentalmente, no que se refere às imagens selecionadas para compor o caderno. Na maior parte dessas fotografias o grupo está junto, em roda, de mãos dadas, abraçados, ratificando o sentido de coletividade, do fazer em conjunto. Segundo suas próprias palavras “JRC sempre na união//Jovens Realistas do Cotidiano na ação” (JRC, 2008, s/p). Há, contudo, algumas imagens que deixam ver uma pequena distinção entre os jovens: Claudia apresentada como idealizadora; Julielson e a própria Cláudia enquanto instrutores; e o restante do grupo que não têm seus nomes revelados, parecem ocupar o lugar de *público-alvo* da atividade, sem uma inserção de maior expressividade na constituição do grupo. Retratos individuais ou mesmo imagens tendo um ou outro no centro da fotografia e/ou da ação captada revelam certa hierarquia na construção do nós que identifica o grupo Jovens Realistas do Cotidiano. É um coletivo, no entanto seus integrantes têm papéis diferenciado na formação do conjunto.

No diário do Trama dos Arteiros a constituição do sujeito coletivo é uma dimensão bastante evidenciada. Não aparecem falas individuais, nem marcas de autoria. Os textos explicitam posições do grupo e revelam marcas comum a todos: são jovens, são moradores da comunidade, querem se expressar através da linguagem artística e acreditam no potencial dessa ação. O texto abaixo é revelador dessa dimensão de ritualidade,

O grupo “A Trama dos Arteiros” é um grupo de teatro independente onde vendemos nosso espetáculo e pertencemos a comunidade de Marechal Rondon, onde fazemos parcerias com a escola aberta e no centro comunitário. O texto é coletivo e a cena “Revoltado” faz parte de uma das cenas do espetáculo, onde falamos da sociedade e da nossa comunidade [*sic*] (TRAMA, 2008, s/p).

Seus rostos, em destaque, formam um mosaico que, com diferentes pedaços –

seus modos de ser particulares –, constituem um todo coerente, o grupo.



Fig. 36 Jovens integrantes do Grupo de Teatro
Fonte: Diário Trama dos Arteiros

No Diário do Grupo de Jovens Nova Geração, a dimensão de ritualidade na constituição do coletivo é muito pouco visível. Os nós que articulam esses jovens e os modos de fazer em grupo não aparecem de forma evidente. Não encontramos informações sobre os integrantes do grupo, seus nomes, idades e seus corpos não aparecem. Estão representados pela denominação ampla e genérica de “jovens”, têm como especificidade serem moradores do bairro Cosme de Farias e o fato de se incomodarem com um destino violento para seus amigos e conhecidos. “O grupo nasceu a partir do momento que começamos a ver alguns jovens e adolescente, nossos conhecidos e amigos, se infiltrarem nas drogas e morrendo por traficantes e policiais” *[sic]* (GJNG, 2008, s/p). Os ritos de constituição do coletivo não ocupam lugar significativo na elaboração desse Diário Criativo.

Sobre a mediação da ritualidade, com foco na dimensão de constituição do sentido de coletivo expressado nos quatro (4) Diários Criativos aqui analisados, observamos uma radical diferença entre três práticas: um forte investimento nos rituais de constituição do “nós” percebido no texto do Trama dos Arteiros; um reconhecido investimento da consolidação de um “nós” modelado por hierarquias internas, que adota a marca identitária “jovem”, porém com diferenças entre “coordenadores”, “instrutores” e aqueles outros jovens, como vimos no Art’Periférica e no JRC; e, por último, uma situação com pouco investimento ritualístico nessa consolidação do sentido de coletivo, caso do GJNG, onde a condição do grupo aparece como algo naturalizado, como uma prática quase natural de organização.

Percebemos que, embora com efeitos e funções diferentes, a ritualidade em torno da constituição do coletivo é uma dimensão importante para esses jovens. A existência do grupo – enquanto sujeito socialmente reconhecido – parece agregar valor às suas ações e fortalecer seus posicionamentos. O sentido agregador é importante, embora este não esteja acompanhado de um modelo único, nem de formas rígidas. Elas são flexíveis e capazes de se adequar aos diferentes contextos vividos. Acreditamos ser essa uma grande potência.

4. COMPOSIÇÃO DO MAPA-TEXTO

Propomos a construção de um mapa-texto para compreender duas importantes dinâmicas: 1) o lugar de fala de jovens moradores de periferias sobre sua própria condição juvenil e 2) de que modo este articula-se a outros lugares de fala socialmente reconhecidos. O formato proposto é uma reunião de fragmentos textuais sobre temáticas semelhantes, porém com diferentes origens discursivas. Tal reunião foi elaborada com base em duas referências principais: as imagens de pensamento benjaminianas, com seu modo fragmentário de apreender e partilhar a experiência do urbano; e os próprios Diários Criativos, com sua escrita hipertextual conformada a partir da junção de diferentes inscrições, manuscritos originais, cópias, desenhos, colagens, etc.

Com essa composição, acreditamos ter a possibilidade de reconhecer, ainda que sempre parcialmente, a estrutura de forças discursivas operantes no contexto contemporâneo e de que modo elas posicionam a juventude periférica. Nesse sentido, a proposição concentra-se na articulação de dois grandes temas em formato de mapa-texto: a elaboração do sentido de lugar, vivido e partilhado pelos jovens e nomeado de diferentes maneiras, como bairro, comunidade e/ou periferia; e a elaboração do sentido de jovem enquanto agente político, tomando como princípio o reconhecimento dos processos de subjetivação acionados pelos diferentes conjuntos textuais.

O mapa-texto é, então, configurado a partir de três (3) conjuntos textuais: oficial, midiático-massivo e local. Os textos oficiais são aqueles formulados e disseminados pelo Poder Público, como a Prefeitura Municipal de Salvador, o Governo do Estado da Bahia ou mesmo órgãos públicos e secretarias dos âmbitos municipal, estadual e federal. Já os textos midiático-massivos são aqueles veiculados em meios de comunicação de amplo alcance, e reconhecidos como fontes autorizadas, nesse caso é formado por matérias jornalísticas publicadas pelo veículo de mídia impressa A Tarde. Os textos locais, por sua vez, são aqueles resultantes de esforços coletivos de pessoas “comuns”, do uso ordinário da capacidade de articular ideias, sentimentos e expectativas e da iniciativa compartilhá-las em um formato de escrita reconhecido socialmente, nesse caso são acionados os Diários Criativos.

Esse três lugares de fala representam uma tentativa de reconhecer que a

construção de qualquer representação ou imaginário é permeada por elaborações com diferentes origens que estão sempre em processo de negociação, revelando sobreposições momentâneas e circunstanciais.

Para pensar a produção de conhecimento associada ao lugar da juventude das periferias na dinâmica urbana contemporânea, acreditamos que as proposições elaboradas pelos sujeitos sociais - Poder Público, Mídia e Grupos Juvenis - são significativas o suficiente para constituir a base de uma análise sólida sobre a questão. O uso feito pelos próprios jovens de textos elaborados e disponibilizados pelo poder público e pela mídia massiva na elaboração dos Diários Criativos inspira e ratifica essa proposição.

4.1 MARCAS DE LUGAR

Propomos que a constituição dos lugares, enquanto espaços vividos e marcados pela ação dos sujeitos, é um processo multifacetado e dinâmico. Processo marcado pela simultaneidade de intervenções de diferentes origens – do Poder Público, de organizações locais, de políticos em campanha, de práticas cotidianas de moradores, daqueles que passam com regularidade ou daqueles que visitam esporadicamente esses espaços, das atividades de organizações comunitárias de amplo alcance, das ações midiáticas, etc – e também pelos diversos discursos que tematizam e constituem o lugar, ao mesmo tempo em que conferem visibilidade e um modo de representá-los.

O espaço urbano também se produz a partir do discurso, dos conteúdos veiculados nas mais variadas linguagens, expressando a um só tempo, diferenças e similaridades, que diferenciam lugares, mas também os relacionam com o mundo, através do rádio, do vídeo ou da internet. O discurso fabrica o lugar: o lugar da vida cotidiana, da repetição, do trabalho (ou ausência dele), mas também da criatividade e da subversão. (SERPA, 2011, p. 16)

Desse modo, o nosso mapa-texto pretende oferecer algumas diferentes apreensões sobre quatro (4) lugares que compõe a cidade de Salvador – Pernambués, Alto do Cabrito, Marechal Rondon e Cosme de Farias – partindo de uma identidade comum em torno do pertencimento a espaços periféricos. Nesse movimento buscamos identificar processos de negociação, embate ou aceitação entre essas apreensões. Desse modo, acreditamos ser possível identificar o potencial de ações táticas que pretendem subverter lógicas e representações formuladas pelos discursos da ordem do estratégico, do institucional, e, por isso, com tendências hegemônicas.

Acreditamos, também, que a riqueza do mosaico de textos oficiais, midiáticos e locais desenvolvido a seguir permite ao leitor traçar diferentes caminhos e modos de usar, permite a criação de uma variedade de trajetos e traçados a partir do recorte proposto para o espaço que representa.

Nesse sentido, ressaltamos que conhecer um lugar é sempre algo temporário e parcial, um saber em fluxo resultante do cruzamento de determinadas informações e vivências articuladas por aquele que se debruça sobre a ação de desvendar tal espaço, em determinado momento. Os lugares foco da nossa observação nessa pesquisa são aqueles com os quais os grupos Art'Periférica, Jovens Realistas do Cotidiano, A Trama dos Arteiros e Grupo Jovem Nova Geração declaram seu pertencimento, sua identificação. Explicitaremos aqui um momento, em fluxo, de produção de conhecimento sobre esses lugares (d)na cidade.

4.1.1 TEXTOS OFICIAIS

O primeiro conjunto textual que acionaremos na composição do nosso mapa-texto é aquele de origem oficial, no sentido mais institucional possível, já que é resultado de discurso elaborado e disseminado por órgãos públicos. Nesse caso analisaremos, de forma articulada, duas diferentes construções: a representação gráfica da cidade de Salvador, em forma de mapa turístico, produzida pela Empresa de Turismo Salvador S/A (SALTUR), e o Projeto Vida e Memória Cultural dos Bairros de Salvador, produzido pela Fundação Gregório de Mattos, ambos resultados de políticas públicas municipais da área de Turismo e Cultura, respectivamente.

A SALTUR S/A é a estrutura organizacional e política, no formato de empresa pública, responsável pelas ações governamentais relacionadas ao Turismo da cidade de Salvador. Devido a sua função estratégica para a atual gestão do município, está vinculada diretamente ao Gabinete do Prefeito, sem subordinação a qualquer Secretaria de Governo. Conforme informação publicizada no site institucional – <http://www.salvador.ba.gov.br> –, a Empresa tem como missão “fomentar as atividades turísticas, promovendo Salvador como destino nacional e internacional, oferecendo aos visitantes e à comunidade, infraestrutura e serviço de qualidade, gerando emprego e renda para o Município”.

Diante da intrínseca relação que o discurso do turismo estabelece com a cidade de Salvador – apresentada comumente a partir de uma “vocação turística” – acreditamos que elabora es desse ator governamental para localizar a cidade no contexto contemporâneo

e caracterizá-la como possível destino turístico nos interessa por explicitar um determinado tipo de compreensão dessa cidade, suas incongruências e articulações com demais modos de ver esse lugar.

A Fundação Gregório de Mattos (FGM) é uma organização da administração direta vinculada à Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer que, segundo informações institucionais, tem a missão de “formular e executar a política cultural do Município do Salvador”. O Projeto Vida e Memória Cultural dos Bairros de Salvador, realizado pela FGM, será acionado na composição do nosso mapa-texto a partir do seu produto final, o site *Salvador Cultura Todo Dia*, que é apresentado com o seguinte objetivo,



Fig. 37 Imagem Site Salvador Cultura Todo Dia
Fonte: Fundação Gregório de Mattos/ PMS

O site responde à necessidade inquestionável de descentralização dos modos de conceber a cultura, e favorece mecanismos de democratização da oferta e de valorização da visibilidade de um número mais amplo de iniciativas. (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, disponível em <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br>)

Uma promessa de visibilização mais democrática de Salvador e a percepção de uma cidade plural é o que nos chama atenção nessa iniciativa do Poder Público e o que credencia esse conjunto textual a compor o nosso mosaico de textos e vozes sobre a cidade e alguns dos seus lugares. “Salvador tem uma riqueza enorme de modos de vida, de horizontes e relevos, aqui apresentados em polos culturais.”, diz o texto oficial, apresentado pela Fundação Gregório de Mattos.

A FGM organiza a cidade em 8 áreas culturais que contêm todos os bairros da cidade e são assim identificadas: Brotas, Centro, Federação, Liberdade, Miolo Central, Orla Atlântica, Península e Comércio e Subúrbio. Nesse estudo, dedicaremos maior atenção à

três (3) deles: Miolo Central, área na qual Pernambués está inserido; ao Subúrbio, onde estão localizados Alto do Cabrito e Marechal Rondon e à Brotas, em que se insere Cosme de Farias.

Segundo o site *Salvador Cultura Todo Dia*, o Miolo Central, área urbana de alta concentração populacional da cidade de Salvador, é constituído por 26 polos culturais, denominação usada pela FGM para organizar o espaço geográfico sob uma perspectiva de proximidade cultural. O texto de apresentação informa alguns dados que contribuem para a caracterização dessa área,

Assim designada a porção central do município de Salvador, com cerca de 41 bairros e ocupando cerca de 35% da área total do município. O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano para a Cidade de Salvador (PLANDURB) denominou assim esse espaço, limitado pela BR-324 e a Avenida Luis Vianna Filho (Av. Paralela), Saramandaia e zona norte da cidade. (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, disponível em <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br>)

A área identificada por Subúrbio é constituída por treze (13) polos culturais, entre os quais estão incluídos Alto do Cabrito e Marechal Rondon. Os dados disponíveis no site afirmam que o Subúrbio Ferroviário é formado por vinte e dois (22) bairros nos quais residem 24,55% da população de Salvador. É apresentada como uma região de alta concentração de “comunidades populares” que enfrentam carências de diversas ordens, mas também por uma cultura popular bastante significativa para a história da cidade.

Assim, “A Suburbana”, como é conhecida, concentra boa parte das comunidades populares da cidade que convive com a falta de emprego, abandono, violência urbana, moradia precária e pobreza, paralelo à história antiga da formação de Salvador, com praias e locais belíssimos e com a rica cultura popular retratada, por exemplo, nos diversos grupos de capoeira, samba, música, terreiros e casas de candomblé, e na simbologia natural do Parque de São Bartolomeu. (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, disponível em <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br>)

A terceira e última área foco da nossa atenção é a região nomeada como Brotas, na qual Cosme de Farias é um dos nove (9) polos culturais identificados. Segundo as características apresentadas no site *Salvador Cultura Todo Dia*, essa região é composta por um conjunto de morros que se localizam entre quatro (4) grandes avenidas de vale: Vasco da Gama, Juracy Magalhães, ACM e Bonocô. “Considerado o segundo bairro mais populoso de Salvador, Brotas se caracteriza pela diversidade de sua população, abrigando todas as classes sociais.”, afirma a Fundação Gregório de Mattos.

As descrições disponíveis para essas (três) 3 regiões da cidade demonstram, ainda que por razões diferentes, a importância que elas desempenham no conjunto urbano do qual são parte. Seja porque 35% da área total do município integra o “Miolo Central”, seja porque quase 25% da população soteropolitana residem no Subúrbio, ou seja por se tratar do segundo “bairro” mais populoso da cidade, somos informados pelo texto oficial, tornado público pela Fundação Gregório de Mattos, da relevância desses lugares para a dinâmica urbana da cidade de Salvador.

Já o texto oficial, visibilizado pela SALTUR, em formato de mapa turístico, apresenta outra forma de ver e entender a cidade e seus lugares. O mapa turístico disponível no *website* da Prefeitura de Salvador apresenta o “Miolo” de Salvador e o Subúrbio (de acordo com as referências geográficas anteriormente mencionadas) como uma homogênea área verde. As figuras abaixo demonstram essa observação,



Fig. 38 Imagem do link SALTUR
Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Salvador

A observação do mapa, exibido em detalhe abaixo, demonstra duas áreas verdes que ocupam os espaços identificados por Miolo Central de Salvador – localizado entre a BR-324 e a Avenida Paralela – e por região do Subúrbio – localizada entre a BR-324 e a Av. Suburbana – em oposição às demais áreas da cidade representadas pela cor bege, na qual está incluída a região de Brotas.

De todos os 41 bairros que compõe o chamado “Miolo Central” apenas Pernambués e Cabula têm seus nomes mencionados no mapa, talvez pela proximidade destes com as fronteiras que definem geograficamente a região ou por sua ocupação mais heterogênea em termos de classes sociais. Já dos 22 bairros que integram a região do Subúrbio Ferroviário nenhum deles é mencionado no desenho turístico da cidade.



Fig. 39 Mapa Turístico Salvador
Fonte: Site PMS - SALTUR

No mapa não há referência a espaços habitados nessas áreas verdes, apenas desenhos de árvores e vegetação. Na região do Miolo de Salvador há referência ao Centro Administrativo da Bahia (CAB), que está localizado no bairro de Sussuarana – também integrante dessa área – e ao Hospital São Rafael, localizado no bairro São Marcos. Para o mapa turístico a região não existe enquanto lugar de moradia: não existem ruas, vias, ou construções, e sim uma densa floresta tropical. Podemos dizer que a ocupação na região está resumida à existência do CAB para fins administrativos e do Hospital São Rafael para emergências médicas.

Essas observações nos permitem a seguinte indagação: trata-se de uma estratégia institucional de invisibilização desses lugares ou simplesmente uma saída prática encontrada por aqueles que desenham os mapas turísticos e pre-definem os locais de interesse dos visitantes? Entre uma e outra alternativa, diferentes apenas no grau de intencionalidade, percebemos uma simplificação do espaço urbano, uma tentativa de apagar alguns pedaços, realçar outros e, com isso, construir uma certa Salvador.

Já a região de Brotas está incluída na parte bege da representação, quer dizer, na parte habitada, segundo os critérios gráficos do próprio mapa. Conforme a descrição do site *Salvador Cultura Todo Dia* está cercada pelas avenidas de vale e é reconhecida pela nomenclatura da região que agrega outros sub-bairros. Contudo, em sua representação turística, essas outras localidades também não aparecem. Na imagem, a região de Brotas é caracterizada por um espaço vazio na cor bege. Não há nenhum ponto de destaque nessa grande área situada entre as tais Avenidas.

Ainda no website da Prefeitura Municipal de Salvador encontramos outra

representação gráfica - relacionada ao link *Unidades Municipais* - que contribui para a nossa reflexão sobre cidade e modos de apresentação. Como se vê, abaixo.



Fig. 40 Mapa de Salvador/Unidades Municipais
Fonte: Site PMS

Neste mapa, resultado de imagem de satélite, encontramos uma diferente representação do Miolo de Salvador e do Subúrbio Ferroviário. Aparecem como regiões densamente povoadas, com áreas verdes em pequenas proporções. Na região do Miolo Central percebemos, inicialmente, dez (10) localidades: Pernambuco, Sussuarana, São Marcos, Mata Escura, Nova Brasília, Cajazeiras, Mussurunga, Boca da Mata, Águas Claras e São Cristovão. Já no Subúrbio aparecem Lobato, Valéria, Ilha Amarela, Praia Grande, Coutos, Fazenda Coutos e Periperi. Como uso da ferramenta de aproximação da imagem outros nomes vão surgindo.



Fig. 41 Mapa Salvador - detalhe Unidades Municipais
Fonte: Site PMS

Os ícones na cor amarela, presentes na imagem acima, representam unidades da administração municipal e, quando clicados, exibem um quadro de texto com o nome do

órgão/autarquia e sua localização. O que queremos ressaltar com o acionamento desse mapa é: a alta concentração das unidades administrativas na região denominada pela Prefeitura como Centro de Salvador; a ausência delas nas regiões do Miolo Central e do Subúrbio; e uma presença, ainda que bastante discreta, na região de Brotas. É um tipo de representação que ratifica uma visão oficial que entende a cidade a partir da distinção centralidade X periferia e exhibe o afastamento do Poder Público dos lugares mais pobres da cidade.

Ainda na composição desse mapa-texto, destacamos algumas marcas oferecidas pela Fundação Gregório de Mattos para os bairros, identificado no discurso oficial como polos culturais. Essa denominação procura afirmar a perspectiva de valorização de todos os lugares da cidade, de todas as expressões culturais vividas e partilhadas, sendo anunciada da seguinte forma:

Salvador tem uma riqueza enorme de modos de vida, de horizontes e relevos, aqui apresentados em polos culturais. Aceite nosso convite e mergulhe na vida e memória desses lugares incríveis que a gente de Salvador soube construir ao longo do tempo, e que são a evidência de sua resistência, beleza e força. (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, disponível em <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br>)

Neste contexto, Pernambués aparece associado à localidade de Saramandaia, formando um conjunto devido a sua proximidade geográfica. São vizinhos, ressalta o texto de apresentação.

O bairro de Pernambués está localizado próximo à Estação Rodoviária, tendo como limites o bairro do Cabula ao norte, a Avenida Paralela ao sul, ao leste, a Avenida Luís Eduardo Magalhães e a área federal do 19º Batalhão de Comando e ao oeste, o bairro de Saramandaia. O nome Pernambués tem origem indígena e significa mar feito à parte ou tanque de água. O local é composto basicamente por moradias populares e pequenos comércios. A área, por possuir uma densa aglomeração humana, enfrenta muitos problemas de estrutura que as associações de moradores tentam solucionar, junto ao poder público, a exemplo do Grupo Alerta Pernambués e da Sociedade Beneficente 10 de Julho. Saramandaia, bairro vizinho à Pernambués, tem o seu nome inspirado na novela homônima da Rede Globo que foi exibida no ano de 1976. Habitado por uma população de baixa renda, mas extremamente batalhadora, o bairro tem conseguido driblar um dos maiores problemas sociais da cidade: a violência. (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, disponível em <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br>)

O texto procura dar visibilidade ao fazer da população para enfrentar as adversidades da vida nesses dois lugares de Salvador. Exemplos de ação coletivas são mencionados, assim como os esforços individuais; uma população “extremamente batalhadora”. Contudo, as características inicialmente ressaltadas para constituir esses

lugares na cidade são aquelas relacionadas à carência, aos problemas de estrutura e à violência.

O texto, em linhas gerais, localiza Pernambués como um lugar de moradias populares, intenso comércio local e problemas de estrutura urbana, mas que conta com o trabalho de associações de moradores para melhorar o dia a dia. Já Saramandaia aparece como um lugar pobre, marcado pela violência com a qual os moradores têm que aprender a lidar, ou “driblar”, com esforços próprios.

O fragmento apresentado a seguir localiza o bairro Alto do Cabrito.

O Alto do Cabrito localiza-se entre os bairros de Marechal Rondon, Lobato e Pirajá, sendo possível seu acesso pela Av. Suburbana e BR-324. A ocupação do Alto do Cabrito é uma das mais antigas da cidade, tendo sido palco de batalhas ligadas às lutas pela Independência da Bahia no século XIX. Seu povoamento data da década de 1950, por ocasião da instalação de uma fábrica de beneficiamento de mamona e, visando garantir o abastecimento de água para a fábrica, represou-se uma parte do rio Camurujipe, formando o Dique de Campinas. O bairro chamava-se, então, Getúlio Vargas, numa reafirmação do espírito patriótico do local. Provavelmente, sua população original dedicava-se à plantação de hortas, que abasteciam a Feira de São Joaquim, a maior de Salvador (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, disponível em <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br>).

Importante observar que para caracterizar essa região foram acionadas marcas históricas, que apresentam uma memória ligada ao bairro. Palco das batalhas pela Independência, sua ocupação é antiga, seu povoamento data da década de 1950, seu primeiro nome foi uma homenagem ao ex-presidente Getúlio Vargas, todas são informações reveladora de um trajeto, traz à cena mitos fundadores. No entanto, podemos questionar: e agora? Nesse momento, o que podemos dizer do Alto do Cabrito? Quem são seus moradores? O que cabe a esse lugar no conjunto urbano do qual ele faz parte? Porque a mudança do nome do local? São perguntas sem respostas. É um passado sem presente.

Situação muito semelhante acontece com a apresentação da localidade de Marechal Rondon. Novamente o destaque está nas informações sobre a formação do bairro, acompanhadas de definições geográficas de limites e vizinhanças. E Marechal, hoje? Depois da enchente de 1963, o que dizer desse lugar?

Marechal Rondon faz limite com os bairros de Campinas de Pirajá, Lobato e Cabrito, sendo delimitado pelo Dique do Cabrito, ou Dique de Campinas, que faz parte da Bacia do Camurujipe. O bairro de Marechal Rondon, rebatizado com esse nome, em 1973, em homenagem ao famoso indigenista, nasceu como Baixa do Dique e destinava-se, inicialmente, a acolher dezenas de famílias desabrigadas de um bairro próximo, devido a uma forte enchente que vitimou a

cidade de Salvador em 1963(FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, disponível em <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br>).

Já o fragmento textual que apresenta o bairro de Cosme de Farias, localizado na região de Brotas, procura trazer alguma marca do presente, apesar de também dedicar bastante atenção ao processo de constituição do local. De Fazenda e propriedade da Igreja Católica à comunidade popular e bastante populosa. Cosme de Farias pode ser compreendido ainda a partir de uma organização em diferentes comunidades, conforme descrito abaixo. Revela-se, portanto, alguma marca do presente, de uma dinâmica local e contemporânea.

Inicialmente este bairro pertencia a uma fazenda de propriedade da família Saldanha, passando depois a se chamar Quinta das Beatas. Em 1951, depois da morte das beatas, a fazenda, onde se originou o bairro, foi incorporada ao patrimônio da igreja católica. O bairro passou a chamar-se Cosme de Farias depois que o próprio major, rábula defensor das causas dos desfavorecidos, passou a morar no local em 1968. Cosme de Farias está situado entre os bairros de Brotas, Bonocô e Vila Laura e é um bairro com a predominância de moradias populares, sendo um dos mais populosos de Salvador. O bairro pode ser dividido em sete comunidades: Alto do Cruzeiro, Alto Formoso, Baixa da Paz, Baixa da Silva, Baixa do Sossego, Baixa do Tubo e Campo Velho (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, disponível em <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br>).

A interpretação desses textos oficiais explicita algumas contradições. Enquanto o discurso do Turismo, na forma de mapa, invisibiliza alguns lugares em detrimentos de outros e traz à luz aqueles considerados “de interesse turístico”, numa política excludente e fragmentária, o discurso das políticas culturais municipais faz uma promessa de revelar toda a cidade, nas suas diferenças e complexidades. A elaboração do site *Salvador Cultura Todo Dia* apresenta-se como uma ação nesse sentido e explicita seus objetivos,

- a oferta abrangente de informações sobre a programação cultural dos bairros,
- a coleta sistemática de dados sobre a vida e sobre a memória das comunidades, e ainda,
- a construção de um processo de articulação e planejamento local dos atores e autores culturais de Salvador. (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, disponível em <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br>)

No entanto, as informações disponibilizadas não cumprem esse objetivo plenamente. Elas conferem visibilidade aos diferentes lugares que compõem a cidade de Salvador, revelam uma lógica de cidade mais diversa e plural àquela dos mapas turísticos, contudo ainda apresentam os bairros mais populares por duas vias principais:

a da carência, daquilo em falta, do que está ausente e aquela que destaca marcos históricos relacionados a sua formação, com pouca conexão com o momento presente. Onde estão as informações sobre a programação, a vida e as expressões culturais desses lugares? O texto oficial não consegue chegar até lá.

4.1.2 TEXTOS MUDIÁTICOS

Acreditamos que a riqueza da montagem desse mapa-texto dos lugares está diretamente relacionada à capacidade de reunirmos fragmentos diversos com origens discursivas diferentes. Com esse emaranhado de vozes, acreditamos fazer emergir um sentido – ou vários sentidos que se revezam, se sobrepõem ou mesmo se contrapõem – para esses lugares na dinâmica da cidade.

Os textos veiculados por meios de comunicação massivos são acionados, nesse estudo, para apresentar um modo de ver a cidade, em especial aqueles espaços identificados socialmente como periféricos, e como tal publicizados pelo ator social reconhecido como Mídia. Ressaltamos, mais uma vez, a parcialidade do conjunto textual aqui apresentado que, como qualquer outro, é resultado de escolhas, de recortes e opções feitas no processo de pesquisa e de sistematização do material.

O nosso interesse em apresentar conteúdos produzidos por instituições da grande mídia com amplo alcance e visibilidade responde a uma percepção que compreende a posição estratégica desses meios na construção de discursos e na consolidação de representações e imaginários. Ainda assim, reconhecemos, consoante ao explicitado ao longo do trabalho, a importância dos demais atores sociais na consolidação da trama discursiva que conforma a contemporaneidade.

O conjunto textual midiático, aqui apresentado, é formado a partir da seleção de material veiculado em mídia impressa no ano de 2008 (01 de janeiro à 30 de junho), período que corresponde ao momento de confecção dos Diários Criativos. O veículo escolhido foi o Jornal A Tarde⁴⁹ por ser – na ocasião – o jornal impresso de maior circulação na cidade de Salvador e no estado da Bahia.

Para a primeira fase de identificação do material midiático foram utilizadas duas palavras-chave no mecanismo de busca da versão digitalizada do jornal impresso. São

⁴⁹ O jornal é integrante do grupo corporativo A Tarde que, na época, era composto pelo jornal impresso, uma plataforma on-line, uma rádio, uma agência de notícias, oito sucursais no interior da Bahia e uma em Brasília (SCHWINGEL, 2008).

elas: juventude e periferia. A escolha dessas palavras justifica-se pela necessidade de identificar os modos de constituir o lugar – a periferia – e a juventude operados pelas narrativas midiáticas.

Com essa primeira etapa, identificamos 267 resultados para *juventude* e 208 resultados para *periferia*, totalizando 475 matérias publicadas no A Tarde nesses períodos. Após esse primeiro resultado, realizamos a leitura de todas as matérias identificadas de modo a restringir o corpus empírico àquelas que tivessem relação direta com o tema da pesquisa: a juventude moradora de bairros da periferia de grandes centros urbanos e, especificamente, da cidade de Salvador na Bahia.

Esse primeiro resultado para a palavra *juventude* dizia respeito a todos os textos com a citada palavra, como por exemplo, aqueles temas relacionados à juventude das classes médias e altas, ao time de futebol Juventude, ao roteiro cultural voltado para a juventude, às notícias relacionadas ao vestibular e a cursos de pós-graduação, entre outras ocorrências que não tinham relação com a pesquisa. O mesmo aconteceu com os resultados para *periferia* que, apesar de apresentarem maior relação temática, também trouxeram um grande contingente de matérias não associadas ao cruzamento com a juventude.

Desse modo, após a leitura, chegamos a 58 matérias que passaram a formar o fragmento midiático na composição do mapa-texto⁵⁰ – a exclusão de um número significativo de resultados gerados pelo sistema de busca deve-se prioritariamente ao fato de que esse sistema não é capaz de fazer nenhum cruzamento entre as duas palavras-chave. Esse material foi, então, acionado por nós sob duas perspectivas: a da compreensão disseminada pelo texto massivo dos lugares reconhecido socialmente como periferia e, na próxima seção, quanto às marcas propostas para a compreensão da juventude moradora desses lugares.

No texto midiático, aqui sistematizado, a cidade de Salvador se apresenta com grande diversidade. As localidades mais pobres aparecem, são visíveis, são tematizadas. A questão que propomos observar com atenção é o modo como isso acontece. Para dizer o quê?

Identificamos o acionamento de dois modos principais de reconhecer o espaço social das periferias de Salvador: 1) são lugares marcados pela violência urbana, nos quais

⁵⁰ Desse conjunto, optamos por incluir como anexo dessa Tese apenas aquelas que foram citadas textualmente.

imperam sentimentos de medo, insegurança e impunidade e 2) são constituídos essencialmente pela carência, pela falta e, por isso, dependem da ação de sujeitos externos a sua própria dinâmica comunitária – tais como organizações não-governamentais, projetos de cunho social, etc. – para alcançar alguma melhoria.

Entre as 58 matérias jornalísticas, 28 tematizam situações de violência vividas em determinados lugares – Boca do Rio, Pernambués, Peloporco, Pirajá, São Caetano, Calabar, Alto das Pombas, Mussurunga, Alto do Cabrito e Fazenda Coutos – que têm em comum a marca “periferia” e, portanto, passam a representar o todo do espaço periférico, numa compreensão dicotômica da cidade que reafirma a oposição centro-periferia. Destacaremos algumas delas que consideramos significativa para a compreensão desse modo “midiático” de ver a cidade.



Fig. 42 Trecho da página 4 do Jornal A Tarde de 14 de maio de 2008
Fonte: Jornal A Tarde

Publicada em 14 de maio de 2008, a manchete destaca “Crime afasta servidor da Codesal da periferia” e segue com o texto que relata um caso de agressão sofrida por servidores da Defesa Civil ao chegarem numa área sob risco de deslizamento. Também destaca outros bairros – entre eles Pernambués – nos quais situações semelhantes têm acontecido com frequência.

Criminosos têm ameaçado as equipes técnicas da Defesa Civil em bairros da periferia de Salvador. O medo que situações piores aconteçam fez com que a diretoria da Codesal alterasse o esquema de vistorias nos finais de semana nos bairros considerados “de risco”. (...) No último sábado, duas equipes foram agredidas no bairro de Narandiba. (...) Situações de agressões e ameaças tem

acontecido também em outros bairros como Pernambués, Beiru, Bairro da Paz, Baixa Fria e Alto de Coutos. (SANTANA, 2008, p. 4)

A matéria “Escola é refém da violência”, com a chamada “Tráfico de drogas e ausência do poder público nas comunidades da periferia deixam inseguros estudantes e professores”, é mais um investimento na representação do medo e da insegurança como vetores significantes para a compreensão desses lugares. Nesse texto, as escolas também aparecem como espaços inseguros. “A violência que atinge os jovens na comunidade ultrapassa os portões dos colégios”, constata a matéria a partir de depoimento de uma professora do Colégio Arthur Salles, localizado em Marechal Rondon.

A imagem fotográfica usada na reportagem também é bastante simbólica quanto à constituição desse espaço violento: dois veículos estacionados, uma Kombi de transporte escolar e uma viatura policial lado a lado, e, no meio deles, bem ao fundo da imagem, um adolescente que caminha para a escola.



Fig. 43 Trecho da página 11 do Jornal A Tarde, 17 de abril de 2008
Fonte: Jornal A Tarde

O texto relaciona, ainda, o comportamento violento dos alunos na escola ao ambiente socio-cultural no qual estão inseridos. “A violência física e a agressão verbal fazem parte do cotidiano desses jovens e virou a forma trivial de brincadeiras entre eles” (VIEIRA, 2008, p.11), declara o texto que, novamente, elabora uma condição de violência associada ao modo de vida dos jovens nesses lugares.

Das onze (11) matérias publicadas no mês de janeiro de 2008, que integram o nosso corpus, seis (6) relatam mortes violentas ocorridas em lugares não-centrais da

cidade. Uma abordagem também frequente é aquela que denuncia a violência policial como marca desses lugares. A matéria “Entidades exigem punição para policias que matam”, publicada em 25.01.08, relata quatro casos de mortes de jovens em decorrência da prática de uma polícia violenta que amedronta os moradores do lugar e instaura um clima de terror nas comunidades. Situação vivenciada pela família de Djair na noite de 15 de janeiro de 2008 na comunidade Alto da Esperança - mais conhecida como Pelaporco, frisa o texto jornalístico – em destaque na matéria abaixo, ou com a família de Lucas, também de 16 anos, assassinado durante uma abordagem policial em São Caetano, em local bem próxima a sua residência.



Fig. 44 Página 4 do Jornal A Tarde, 16 de janeiro de 2008
Fonte: Jornal A Tarde

Os moradores acusam a PM de ter assassinado Djair com dois tiros quando o menino retornava para casa depois de um jogo de futebol com os amigos. A polícia alega que houve reação da vítima e apresentou uma arma e drogas na 2ª CP. Um jovem que diz ter assistido a tudo de uma janela nega a versão da PM. “Djair correu na direção da casa quando ouviu tiros”, afirmou a testemunha, assegurando que o adolescente se defrontou com dois militares na ladeira e retornou correndo. “Vi ele sendo baleado pelas costas e arrastado”, lembrou o rapaz. (CRINO & OLIVEIRA, 2008, p. 4)

A marca da carência também é recorrente na caracterização dos espaços periféricos, como podemos identificar no texto, publicado em 13 de junho de 2008,

“Entregues à própria sorte”.

Calabar, Alto das Pombas e Mussurunga. Os recentes palcos da violência ligada ao tráfico de drogas em Salvador têm outra marca em comum: enfrentam dificuldades estruturais para promover segurança, educação, lazer e cultura aos seus moradores, especialmente às crianças. Em todos eles faltam áreas de lazer adequadas, escolas públicas estruturadas e unidades policiais. (BRITO, 2008, p. 4)

Nesse contexto, a atuação do Estado é precária e as políticas públicas são deficientes, conforme denuncia o Jornal A Tarde : “Bairros e comunidades atingidos pela violência sofrem com ausência de garantias sociais básicas do Estado” (BRITO, 2008, p. 4)

A carência, por sua vez, é combatida por ações da sociedade civil organizada e é, na maior parte das vezes, dependente de uma dinâmica exterior à própria comunidade. São instituições que identificam esses lugares enquanto seus campos de atuação e promovem ações em prol da melhoria das condições de vida e do desenvolvimento local. É exemplo disso, a nota “Jovens do Uruguai debatem violência”, publicada em 25.01.2008, que esclarece se tratar de uma atividade organizada pela Associação Vida Brasil para discutir a violência.

Nesse conjunto, doze (12) matérias tematizam essa situação e apresentam ações de diversas ONG’s e outras instituições que têm como lócus de atuação bairros e comunidades que compõe a periferia de Salvador ou, em alguns casos, a periferia de determinado bairro que, de modo geral, apresenta melhores condições sociais, como é o caso do Calabar – ao lado do bairro da Barra – e do Alto das Pombas, na região da Federação.

Outra ação, com duas (2) recorrência nesse material, é o trabalho de preparação para o vestibular desenvolvido por ONG’s. Estes “cursinhos sociais” são apresentados como uma porta de saída da situação de carência e um caminho para se chegar até a Universidade, conforme matérias publicadas em fevereiro e março, respectivamente: “Cursinho social: porta de saída” e “Cursinhos sociais abrem as portas das Universidades”. Estas apresentam o trabalho de algumas dessas instituições, tais como, o Instituto Cultural Steve Biko, Arquitetos do Futuro, Oficina da Cidadania, Quilombo Educacional Milton Santos, e seu objetivo em comum de oferecer “oportunidade de estudos a milhares de jovens pobres da periferia” (PORTUGAL, 2008, p. 3).

Outras iniciativas são destacadas com o “Projeto Cultura na Feira”, proposto pelo CRIA e aprovado pelo Prêmio Avon Cultura de Vida (atividade citada no Diário do grupo

Art'Periférica); o trabalho desenvolvido há 30 anos pela Sociedade Primeiro de Maio no bairro de Alagados; o projeto de formação profissional da ONG Ação pela Cidadania; ação de inclusão sócio-digital da CIPÓ e Casas Brasil em Fazenda Coutos e Plataforma; a formação em dança do Ballet Esperança e Cia. Mudança em Coutos; entre outras noticiadas pelo Jornal A Tarde nesse período.

O fragmento midiático, que compõe esse mapa-texto, oferece alguns trajetos principais, os quais levam o leitor por caminhos que identificam os bairros onde mora a população mais pobre da cidade – nomeados periféricos, populares – como lugares inseguros, violentos e marcados pela escassez. Também como lugares dos quais é possível e necessário sair, em que a rota de fuga é sempre o melhor caminho.

Pouquíssimos traçados ligados à presença, à riqueza, à produção de belezas são apresentados. Em todo o conjunto de 58 matérias, apenas uma apresenta um lugar da periferia a partir de uma dinâmica cultural significativa. “Dança, teatro, cinema, literatura, cultura afro-brasileira, enfim, arte. Tudo isso misturado com uma receita muito bem elaborada que, ainda por cima, resulta em inclusão social na periferia” (IERVESE, 2008, p.9), são as ideias iniciais da matéria “Plataforma para Inclusão”, publicada em 09.06.2008. Esta faz referência à programação do Centro Cultural de Plataforma, bairro localizado na região do Subúrbio de Salvador, por ocasião das comemorações de um (1) ano de funcionamento.



Fig. 45 Trecho da página 9 do Jornal A Tarde de 09 de junho de 2008
Fonte: Jornal A Tarde

Essas são observações que revelam uma dificuldade ainda bastante evidente do texto midiático em garantir uma pluralidade de visões e formas de compreender os diferentes lugares que compõe a cidade.

4.1.3 TEXTOS LOCAIS – DIÁRIOS CRIATIVOS

O Diário Criativo, material que dá forma à categoria de texto que identificamos como local, se apresenta como mais um fragmento na nossa composição, mas também enquanto um outro mapa-texto, com uma unidade interna própria que dialoga, contesta e negocia com diversas vozes e variados textos.

Conforme já apresentado, cada um dos quatro (4) Diários que compõem o corpus empírico dessa tese apresenta uma estrutura de organização interna própria, que responde as necessidades de expressão dos grupos. Alguns temas são recorrentes e aparecem em todos os cadernos, com a apresentação de marcos históricos e contemporâneos das suas comunidades/bairros de referência, o que configura uma ação bastante propositiva de constituição desses lugares, assentada na experiência de viver naquele espaço e no desejo de transformá-lo.

Desse modo, apresentaremos as marcas deixadas, nos Diário, que indicam esse processo de constituição dos lugares, compreendendo que o investimento feito pelos grupos é bastante diverso. Os grupos de Pernambués e Cosme de Farias, por exemplo, dedicam bastante atenção e espaço à apresentação dos bairros enquanto os grupos do Alto do Cabrito e de Marechal Rondon, embora também o façam com muita propriedade, dedicam menos espaço físico do caderno ao tema.

A primeira página do Diário Criativo do grupo de jovens moradores de Pernambués convida o leitor a conhecer uma “comunidade” e logo afirma que ela é diferente daquela mostrada pelos meios de comunicação massivos. “Precisamos apontar para várias coisas boas que existem no meu bairro. E esquecer um pouco das coisas ruins porque a mídia já traz isso vários instantes na TV, no rádio, jornal e etc.” *[sic]*, diz o texto manuscrito no desenho de uma mão com o dedo indicador apontado para a palavras educação e pernambués, conforme fig 13- pag 106.

As palavras cidadania, periferia, história, histórias, favela, Grupos Art’Periférica e algumas imagens de recortes de revista acompanhadas das frases: “A minha comunidade precisa de arte”, “cultura popular meu bairro tem” “a violência fez com que as pessoas se privasse de algo” também compõem esse convite e já indicam um determinado caminho. Pernambués, um lugar da periferia, com histórias pra contar, que vive a sua cultura e convive com a violência. Educação e cidadania, são metas, são objetivos e também realidade nesse lugar.



Fig. 46 Comunidade fala o que pensa
Fonte: Diário Art'Periférica

Para mostrar mais da sua localidade, o Diário está dividido em três (3) grandes categorias – Saúde, Educação e Cultura – a partir das quais apresenta situações e opiniões de moradores do bairro. Conforme o próprio Diário anuncia, nesse espaço “a comunidade fala o que pensa”. Após uma breve descrição sobre os serviços públicos de saúde disponíveis para os moradores, o texto sobre a primeira categoria conclui “a qualidade em saúde de Pernambués não é tão fraca, mas precisa de algumas coisas para serem acrescentadas” *[sic]* (Art'periférica, 2008, s/p). Nesse espaço, são apresentados quatro (4) depoimentos de moradores com base no questionamento “O Posto de Saúde tem um atendimento bom?”. As falas de Júnior, de 35 anos, que trabalha numa casa de folhas e mora há 1 ano no bairro; de Célia, de 40 anos, que vende doces e mora há 17 anos; de D. Maria Eugênia, de 62 anos e que mora em Pernambués há 39; e D. Lurdes, de 67 anos, que há 10 anos reside no local, divergem entre si. Dois deles consideram que o posto de saúde atende muitos bem as suas necessidades, um deles considera razoável e o outro acha que a Unidade não trata bem seus pacientes.

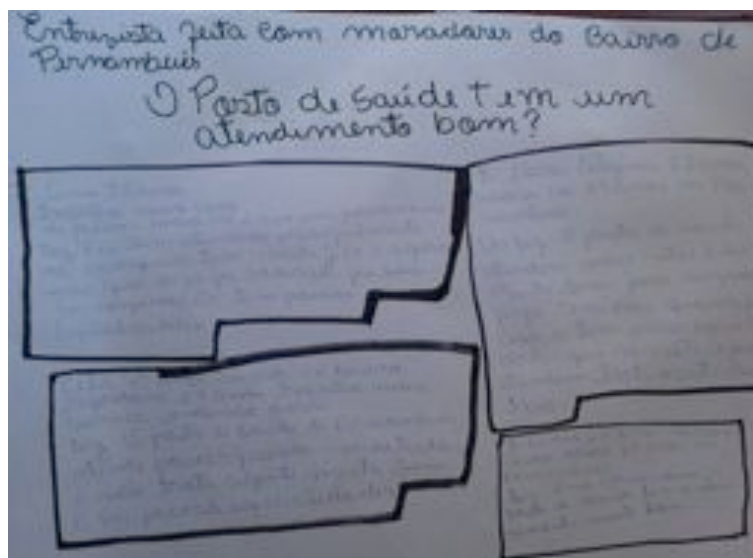


Fig. 47 Entrevista Moradores Pernambués
Fonte: Diário Art'Periférica

Em seguida, somos apresentados a uma lista de nove (9) nomes de escolas públicas do bairro, antecedidas pela pergunta: “Escolas Municipais e Estaduais de Pernambués. Será se fazem seu papel?” [sic] E mais três (3) depoimentos aparecem em seguida. Neles há uma convergência em torno da ideia de que a educação pública “não é tão ruim” e que falta interesse dos jovens pela sua própria formação.

A seção seguinte, Cultura, procura evidenciar a relação do bairro com as matrizes culturais africanas a partir da colagem de elementos em palha e madeira, do desenho de búzios e de frases como, “Vamos revelar essa Cultura”, “Valorizar nossos mestres”, “Nosso cabelo é *bleck*”, “Arte e Tradição”.

O texto a seguir é representativo desse posicionamento, “Nosso modo de se vestir e o nosso cabelo trançado é uma cultura de massa. Várias pessoas aqui em Pernambués usam cabelos afros e tem orgulho de ser negro” [sic] (Art'periférica, 2008, s/p). Nessa observação, há uma negociação interessante com o termo “cultura de massa” que, aqui, se contrapõe a uma fala socialmente aceita, a qual coloca a cultura negra como “de gueto”, de minoria. Em Pernambués, não. Aqui somos maioria, somos a massa, diz o Art'Periférica.

Ainda na perspectiva de caracterização do bairro, a partir dos aspectos culturais e artísticos, são apresentados depoimentos de moradores e exemplos de pessoas de referência para a cultura local – como Seu Silvano, líder do Terno de Reis; Paulo da Associação de Moradores ou Fred da CEMPA⁵¹. As falas registradas no Diário, de forma

⁵¹ O Diário não menciona o significado dessa sigla.

geral, afirmam a necessidade de mais opções de atividades culturais e maior envolvimento dos jovens nas tradições locais. “Manoela diz: a comunidade é rica em cultura mas a comunidade explora muito pouco e se torna esquecida” (Art’periférica, 2008, s/p) ou “Júnior diz: aqui em Pernambués tem poucas atividades, que acha que o jovem merece ser mais incluído nessas atividades” [sic](Art’periférica, 2008, s/p)

Com suas páginas de escritos, desenhos e colagens o grupo Art’periférica nos oferece o seu olhar sobre esse lugar na cidade de Salvador, sintetizado pelo grupo da seguinte maneira,

Pernambués é um bairro que está situado em um lugar muito perto de Shoppings e bairros populares. É um bairro periférico, que tem suas coisas ruins e boas como dizem a população do bairro referido. A violência perpetua mais existe várias formas de serem combatidas. [sic] (Art’periférica, 2008, s/p)

O Diário do Grupo Jovens Realistas do Cotidiano também propõe um modo de compreender o seu lugar na cidade, nesse caso o Alto do Cabrito, comunidade com a qual o coletivo juvenil declara seu pertencimento. Essa relação está inscrita de muitas formas, entre elas no cabeçalho da terceira página do caderno, conforme reprodução abaixo. Os vínculos são apresentados a partir de uma rede de expressões/conceitos que se estabelece ao redor do nome do grupo JRC : “Alto do Cabrito!”, “Suburbana!”, “Grupo da Comunidade!”, “Brasil...”, “CRIA...”, “JRC...”.



Fig. 48 Trecho página de apresentação
Fonte: Diário JRC

A 5ª página do caderno do JRC é o espaço dedicado a caracterizar esse lugar, transformar o bairro Alto do Cabrito – espaço geográfico localizado na região da Avenida Suburbana em Salvador – na comunidade de pertença desses jovens, que se declaram, “realistas”. Essa seção é composta por um texto manuscrito e desenhos.

O texto tem como principal característica o acionamento de marcos históricos sem, contudo, obedecer a uma noção clássica de passagem temporal. A primeira referência acionada é da existência de uma fazenda de criação de cabritos no local onde está localizado o bairro hoje. Em seguida, a comunidade é identificada como terra dos índios tupinambás (referência ao século XVI); como palco de lutas pela independência

do Brasil (século XIX, Batalha de Pirajá, 1822); e ainda como região próxima ao primeiro local de descoberta de petróleo na Brasil (bairro do Lobato, em 1939). Todas as marcas acionadas representam momentos da história do lugar, acontecimentos de um passado ora mais distante ora mais próximo que, em articulação, são acionados para falar do lugar de hoje. “Diz o povo...”, “Diz a lenda...” são marcas desse afastamento temporal explicitadas no texto. Interessante observar como a referência histórica acionada pelo texto oficial, também é retomada, com força, nesse Diário.

O Cabrito também foi palco da independência do Brasil, na batalha de Pirajá foram muitos os combatentes eram índios, brancos, negros, lutando por liberdade. Também um dos motivos pela ocupação do Alto do Cabrito e adjacências foi a descoberta do primeiro poço de petróleo no Lobato as famílias do interior vieram para Salvador e não tinha como voltar se distribuíram pelo Subúrbio, Cabrito, Pirajá, Lobato, etc. [sic] (JRC, 2008, s/p.)

A página, conforme fig. 27, é composta pelo manuscrito margeado por inscrições do nome do bairro em diferentes formatos, tamanhos e cores e sustentado pelo desenho de um morro com construções urbanas, tendo na sua parte alta o desenho de um cabrito – que já foi objeto de nossa reflexão na seção 3.3.2/ fig. 23. Como já observamos, entre as construções aparecem em destaque, com letreiros identificadores, duas igrejas, um mercado, um teatro e uma associação comunitária apresentando a construção de uma identidade para o bairro a partir dos seus espaços de convivência comunitária (social, cultural e religioso) destacados no desenho. Parece-nos, nessa inscrição, que é feita a atualização da história, numa relação complementar entre manuscrito e desenho, passado e presente, dias de ontem e dias de hoje.

A página seguinte – que já foi analisada detalhadamente no item 3.2.4 – com o título Cultura Comunitária também é uma forma usada pelos jovens de apresentar a dinâmica atual da localidade, com foco nas ações culturais e sociais, e continuar o dialogo texto-desenho iniciado na página anterior. “O Cabrito também tem uma ótima diversidade cultural, pois há vários grupos que fazem arte de uma maneira legal e objetiva” diz o texto antes de enumerar quatro (4) grupos/articulações presentes no bairro: É ao Quadrado, Paróquia Sagrado Coração de Jesus, AMACA e o próprio JRC, entre esses grupos, dois também são referidos no desenho.

Também, o grupo de Teatro Trama dos Arteiros, em seu Diário Criativo apresenta seu modo de compreender e constituir o lugar Marechal Rondon, que integra a ideia mais ampla de periferia da cidade de Salvador. As duas primeiras páginas do caderno

são muito significativas nessa construção. A primeira traz o desenho – fig. 29/p.125, já comentado no item 3.3.2 – de um jovem que tem a comunidade na cabeça, ou a cabeça na comunidade, que é representada por símbolos urbanos: rua asfaltada, escadaria, postes de eletricidade e pequenas moradias. Aqui, uma primeira imagem, essencialmente urbana, associada ao jovem negro e ao tipo de letra usado para escrever “Marechal”, abaixo do desenho, oferecem ao leitor um significativo ponto de partida que reverbera a relação da juventude do lugar com o Movimento Hip Hop, e suas motivações transformadoras da realidade urbana.

Na página seguinte temos o título “História de Marechal Rondon” que apresenta o significativo texto “Prazer, eu sou Marechal Rondon”. Conforme já comentado é um trecho retirado do Blog Jornal de Maré – outra iniciativa de jovens da localidade. Esse texto traz um formato bastante interessante porque dialoga, de forma crítica, com outras vozes socialmente legítimas sobre a vida no lugar, as mesmas usadas na montagem do nosso mapa-texto: textos oficiais e textos midiáticos.

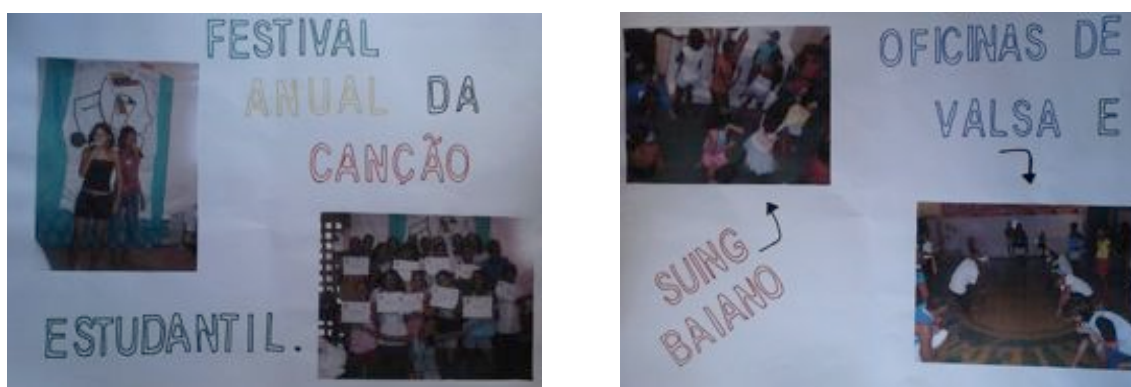
O texto descreve os principais resultados de uma pesquisa feita no mecanismo de busca *Google* com o nome do bairro e se contrapõe às imagens oferecidas por algumas das fontes encontradas, a Prefeitura de Salvador e a emissora de TV Aratu. Faz uma crítica direta ao modo como essas narrativas identificam o bairro, numa explícita oposição entre “eles” (os meios de comunicação, a prefeitura) e “nós” (grupo comunitário) no que diz respeito ao acionamento de marcas que identifiquem a comunidade. “Mesmo classificados pela Prefeitura como ‘polo de cultura’ da cidade, o site não justifica a concessão do título. Ou seja, o que rola aqui ninguém sabe ninguém diz.”, afirma o grupo Trama dos Arteiros, se referindo ao site Salvador Cultura todo dia da Fundação Gregório de Mattos, que também integra o nosso mapa-texto.

A fala do coletivo juvenil tensiona as representações que encontram disponíveis e afirma “ter encontrado uma forma de mudar isso...” (Trama, 2008, s/p). Qual seria? O leitor pode se perguntar, para logo em seguida compreender que se trata da atuação do Grupo. O trecho abaixo é bastante revelador desse movimento de busca, articulação e tensionamento das imagens e compreensões disponíveis sobre o lugar.

Abri aspas e digitei no Google “bairro de Marechal Rondon”, pra ver no que dava. Deu que, já de cara, no primeiro link do cardápio aparece um bróder falando das condições do transporte público no bairro. Não parei para ler, mas a matéria intitulada “Leitor protesta contra a linha 0349 de Salvador” reclama, salvo engano, do serviço prestado pela Axé na linha Marechal Rondon X Brotas. Coisa antiga, mas que perdura, infelizmente. (...)
Pronto. Abriu despedaçada a nossa identidade na web. Quem perguntar ao

google hoje (02 de junho de 2008) o que é Marechal Rondon, o sacana vai dizer “é uma comunidade com serviço de transporte público deficiente, que nasceu improvisada para acolher sobreviventes de uma enchente e que convive com o problema da violência urbana, testemunhando o assassinato de pessoas a tiros no meio da rua” [ponto final] [sic] (TRAMA, 2008, s/p).

Para retirar esse “ponto final” sobre o qual o grupo se refere e abrir novas possibilidades de compreensão, o Trama dos Arteiros passa a desenvolver um movimento para mostrar o que vem antes do ponto final, desestabilizando a ideia de um ponto final, uma interpretação conclusiva e estática. Em outras palavras, dizer o que, para eles, ninguém diz. Imagens de jovens, crianças e adultos em plena expressão de criação e atividade ocupam seis (6) páginas do caderno, as quais mostram um ambiente de beleza e cooperação. Como os exemplos exibidos abaixo.



Figs. 49 e 50 Oficinas Projeto Escola Aberta
Fonte: Diário Trama dos Arteiros

Ainda como parte do movimento de caracterização do lugar Marechal Rondon, o Diário do Trama dos Arteiros organiza a seção que identificamos como Mapeamento de Serviços e Atividades, presente também nos Diários do Art’Periférica e do GJNG.

Essa seção é composta por textos manuscritos que apresentam brevemente as condições das escolas do bairro e da unidade de saúde, e foi dividida em duas partes identificadas pelas chamadas “Mapeamento de Educação” e “Mapeamento de Saúde”.

Sobre a primeira, o caderno mostra uma diversidade de situações: reconhece que boas práticas vêm sendo desenvolvidas em uma determinada escola, enquanto faz críticas à qualidade do ensino de outra unidade escolar. Tal iniciativa corresponde ao desejo de mostrar aspectos positivos e negativos da vida nesse lugar. Interessante perceber a preocupação do grupo com a inclusão de outras vozes, outras opiniões, que se configuram, por exemplo, com o uso do formato de “entrevista” no item “Mapeamento de Educação”.

3 – Nas escolas públicas existem projetos especiais?
SPE (saúde e prevenção da escola)
PSE (Programa Saúde na escola)
Escola Aberta e outros?

R - Colégio Estadual Prof. Germano Machado Neto – Projeto Escola Aberta
Escola Petrina – SPE

4 - O que os jovens da comunidade pensam da educação formal do bairro?
Na conversa com os jovens eles abordam muito o tráfico que está diminuindo graças aos projetos de arte e educação que estão ocorrendo no bairro (TRAMA, 2008, s/p).

Seguindo a mesma estrutura, os serviços de saúde disponíveis no bairro são apresentados a partir dos aspectos positivos e negativos. O texto manuscrito em folha de caderno descreve a seguinte situação:

A parte boa é:

- atende a todas as comunidades
- antes de da remédios para evitar a gravidez sempre tem uma palestra antes explicando sobre sexualidade, e isso é uma coisa que ajuda muito.
- sempre atende todos os pacientes.

Negativo

- alguns funcionários são muito grossos e até para dar informação trata mal
- por mais que atendem todos os pacientes, o atendimento são muito lento, demorado.

[sic] (TRAMA, 2008, s/p)

Essa iniciativa de inclusão de outras vozes, além do grupo autor dos cadernos, está presente em três (3) dos quatro (4) Diários: no material do Art'Periférica, do Trama dos Arteiros e também do Grupo Jovem Nova Geração, que será apresentado detalhadamente a seguir.

O Diário Criativo elaborado pelo GJNG dedica-se a um intenso trabalho de exposição de marcas de constituição do lugar Cosme de Farias inserido na dinâmica da cidade de Salvador. São seis páginas do caderno que apresentam um longo texto manuscrito dividido em cinco (5) diferentes trechos: 1) *História da Comunidade de Cosme de Farias*, retirado do site da FGM Salvador Cultura todo Dia 2) *Moradores de Cosme de Farias lamentam clima de violência*, a partir da matéria publicada no portal A Tarde On Line em 29/10/2007 no canal Cidades 3) *Cosme de Farias ganha praça totalmente recuperada*, a partir de nota divulgada pela Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Salvador – Secom – no site oficial da Prefeitura em 07/12/2007 4) *Praça em Cosme de Farias vira local de convivência*, também a partir de texto divulgado pela Secom, 10/12/2007 e 5) *Cosme de Farias: Salvador*, com informações retiradas da *Wikipédia*.

Importante observar que a escrita sobre a comunidade, a qual revela aquilo que

os jovens do GJNG querem visibilizar sobre o seu bairro, está essencialmente ancorada em textos disseminados, prioritariamente, pela voz oficial da Prefeitura de Salvador, a qual é referência para 3 (três) itens da seção “História da Comunidade”; e pela plataforma A Tarde on line, referência para um dos itens. Em alguns casos, como no item sobre a História do bairro, o texto é citado integralmente conforme publicado pela FGM e sem nenhuma marca de autoria que indique sua fonte; em outros casos, como aquele já comentado na seção 3.2.2, a matéria jornalística é usada como texto base, mas sofre intervenções e edições por parte do grupo.

Mais uma vez, percebemos o acionamento de textos oficiais e midiáticos pelos próprios grupos juvenis, o que contribui para a validade da nossa proposição metodológica de articular o mapa-texto a partir de seleção de material de autoria das mesmas “instituições” sociais.

O item *Cosme de Farias: (Salvador)* é um bom exemplo dessa negociação entre diferentes textos empreendida pelo grupo. A parte inicial do texto (1º e 2º parágrafos) é uma citação exata daquilo que está publicado no site Wikipédia – embora sem nenhuma referência –, já a parte final, que complementa as informações iniciais, parece ser texto de autoria do grupo ou de outra fonte não identificada.



Fig. 51 Apresentação bairro
Fonte: Diário GJNG

Em relação ao conteúdo acionado pelo grupo para compor a seção que caracteriza o lugar Cosme de Farias segundo a percepção desses jovens, são destacadas informações sobre dados geográficos do bairro, informações sobre situação de violência urbana e realizações do Poder Público atual. A referência religiosa que aparece com maior ênfase é o Candomblé. Segundo o Diário, existem 15 terreiros no bairro, sendo o

Ilê Obá Fé Kanfe Olorum o mais conhecido entre eles. Relatos de antigos moradores também são incluídos nesse mosaico composto pelo GJNG. Interessante notar a atenção dada para as melhorias das condições de vida no bairro, ao mesmo tempo em que reconhecem a violência como principal problema enfrentado pelos moradores.

De acordo com relatos de antigos moradores o bairro não possuía as condições de infra-estrutura que existem hoje, tais como: ruas pavimentadas abastecimento de água da rede pública, coleta de lixo adequada e serviço de saúde. (...) A insegurança que impera no bairro de Cosme de Farias, em Salvador, que tem impedido moradores de até receber encomendas e entregas de restaurantes em casa por medo de serem assaltados pelos entregadores, é motivo de revolta na comunidade. [sic] (GJNG, 2008, s/p).

A última página dessa seção apresenta uma colagem a partir de dois temas: dinâmicas socioculturais do bairro nos dias de hoje – manifestações da cultura religiosa afro-baiana e ações de mobilização social local – e acionamento da memória do Major Cosme de Farias. A imagem da página, reproduzida abaixo, dá conta da negociação feita pelo grupo entre memória histórica e condições atuais.



Fig. 52 Imagens Bairro Cosme de Farias
Fonte: Diário GJNG

A relação com a biografia do Major Cosme de Farias é recorrente na elaboração do Diário Criativo do GJNG. A história de vida dessa figura pública que dá nome ao bairro é marcada pela superação de dificuldades e dedicação a causas sociais e parece ser acionada como uma referência e inspiração para os jovens do grupo comunitário. A capa desse material elaborada com uma imagem ampliada em preto e branco do Major, explicita a busca dessa relação.



Figura 53 Capa
Fonte: Diário GJNG

Segundo os escritos disponíveis no caderno, trata-se de homem nascido em uma família pobre que devido ao seu esforço individual, tornou-se rábula, defendendo os mais pobres, e posteriormente, um político baiano empenhado na luta contra o analfabetismo. Viveu parte de sua vida na localidade que, em 1968, foi batizada com seu nome. Essa referência procura associar a história de luta do Major, em defesa dos mais pobres, com a trajetória de mobilização social do bairro que leva o seu nome.

A apresentação dessas marcas permite identificar a pluralidade de referências acionadas pelos grupos de jovens. Há dois grandes investimentos comuns entre eles, a visibilização desses lugares inseridos na dinâmica da cidade de Salvador e a desestabilização das representações associadas exclusivamente a violência e a carência. Desse modo, a ação principal dos textos locais, os Diários Criativos, é provocar o reconhecimento da pluralidade de dinâmicas que caracterizam o lugar “periferia” e especificamente cada um dos seus bairros/ comunidade de pertencimento.

Na costura desses caminhos entre os fragmentos oficiais, midiáticos e locais percebemos também uma diversidade de movimentos que desconstrói interpretações assentadas em dicotomias e posições simplistas. Todos os quatro (4) Diários se contrapõem à estratégia de invisibilização usada no texto oficial dos mapas turísticos. Os esforços de cada um deles estão concentrados em mostrar a existência vibrante de cada lugar com suas carências e riquezas.

No entanto, há também movimentos de cooperação com textos oficiais, quando o conteúdo do site institucional da FGM Salvador Cultura Todo Dia ou o material de

assessoria de imprensa da Secretaria de Comunicação são acionados pelo GJNG para constituir as marcas do lugar Cosme de Farias, por exemplo. Ou ainda de negociação e postura crítica quando o Grupo Trama dos Artistas reconhece a ação da Prefeitura de identificar os bairros populares como polos culturais da cidade, mas exige uma política que reverbera esse “título”, que efetivamente visibilize a vida cultural das localidades.

A relação com o texto midiático é pautada em todos os Diários, a intenção descrita nos cadernos é sempre de oposição ao conteúdo disseminado pelos meios de comunicação massivos, embora na confecção dos textos essa relação seja ambígua, inclusive de incorporação em alguns momentos.

Desse modo, percebemos que na confecção dos seus textos, os grupos tanto elaboram fortes posições críticas, como revelado no texto “Prazer, sou de Marechal Rondon” ou na primeira página do Diário do Art’periférica (pg.17), como se apropriam de conteúdos e informações veiculados pelos meios, como na seção “História da Comunidade” elaborada pelo GJNG. Observamos existir, simultaneamente, dinâmicas de oposição, negociação e colaboração entre os textos acionados na montagem do mapa-texto, o que reforça a nossa perspectiva de afastamento de posições dicotômicas para a compreensão das ações táticas e seu potencial de resistência.

4.2 – MODOS DE SER JOVEM: IDENTIDADES E PERTENCIMENTOS

Conforme apresentado no primeiro capítulo desse trabalho, propomos a compreensão da juventude enquanto uma prática de inserção social, longe de determinismos etários ou condições biológicas. A construção contemporânea dos conceitos jovem e juventude dialoga com as quatro abordagens macro sistematizadas por Helena Abramo(2005): juventude enquanto problema social; como uma etapa preparatória; enquanto ator estratégico de desenvolvimento e como sujeito de direitos. Percebemos que o acionamento de cada uma dessas abordagens, ou de uma combinação entre elas, dialoga com determinadas condições, como, por exemplo, de que jovens está se falando, ou quem está falando e com que objetivos.

Acreditamos que compor um mapa-texto a partir das marcas acionadas por diferentes fragmentos textuais para constituir os modos de ser jovem e pertencer à juventude das periferias revela muitos desses mecanismos de cooperação, negociação e embate operados entre os textos e nos Diários Criativos, explicitando as táticas acionadas nesse material para dialogar e/ou contestar as compreensões hegemônicas

sobre os jovens moradores das periferias das grandes cidades.

4.2.1 TEXTOS OFICIAIS

Para explicitar marcas presentes em textos oficiais propomos um olhar analítico sobre os seguintes documentos: o plano estadual da juventude aprovado pela lei n.º. 1835/2010 em novembro de 2011; a carta assinada pelo Governador do Estado da Bahia, Jaques Wagner, que encaminha o Projeto de Lei para apreciação na Assembleia Legislativa do Estado – fevereiro de 2010 –; e a primeira edição da Revista Jovem Nova Geração de janeiro de 2010, uma publicação da Secretaria de Relações Institucionais do Governo da Bahia.

Acreditamos que esses documentos e, principalmente, o Plano Estadual da Juventude, representam de forma exemplar o olhar institucional sobre o jovem enquanto sujeito de direitos e sobre a juventude enquanto grupo identitário, que, apesar de sua diversidade interna, apresenta condições comuns que habilitam o uso da noção de grupo e a garantia da necessidade de atenção às suas demandas específicas.

A formulação de uma legislação voltada para a população jovem brasileira é uma das consequências da organização da sociedade civil em torno de questões juvenis e do reconhecimento público das especificidades de um grupo de pessoas que não se identifica com outros grupos sociais já reconhecidos política e socialmente, as crianças e adolescentes e a vida adulta.

No Brasil, essas demandas ganham reconhecimento a partir do final da década de 90 do século XX e tornam-se amplamente visíveis na primeira década dos anos 2000. Como marcos recentes desse processo, destacamos, em 2005, a instituição do Conselho Nacional da Juventude e, em 2008, a organização das primeiras conferências municipais, estaduais e a nacional pautando a juventude como uma importante questão política a ser debatida no país.

A carta do governador do Estado da Bahia, Jaques Wagner, que encaminhou o Projeto de Lei 18.532/210 para apreciação da Assembleia Legislativa do Estado é enfática ao associar a elaboração do Plano Estadual da Juventude ao processo de realização das conferências e ao envolvimento de diversos setores da sociedade civil,

“A proposição resultou de um processo dialógico democrático, já que foi discutida por milhares de jovens e dezenas de entidades em 23 encontros realizados em toda a Bahia, envolvendo especialistas, acadêmicos, gestores públicos, parlamentares, movimentos sociais e representante da sociedade civil.(...)”(WAGNER, 2010).

Desse modo, percebemos que a estratégia de legitimação usada pelo texto oficial, aqui colocado sob análise, está apoiada na sua condição democrática, enquanto documento resultante de um processo participativo que representa a voz de um coletivo identificado por “juventude baiana”. Observamos que a marca oficial tenta ser minimizada em prol de uma associação com a sociedade civil organizada.

Desta maneira, acreditando no processo de diálogo e participação social como o melhor método para a construção de políticas públicas, a exemplo da Conferência e do Conselho Estadual de Juventude, o Governo do Estado da Bahia tem certeza que a proposta que agora se apresenta é a mais verdadeira expressão da vontade plural da juventude baiana. (PLANO ESTADUAL, Apresentação, 2010. Disponível em www.juventude.ba.gov.br)

Mesmo reconhecendo a pluralidade de forças sociais que participam da elaboração de um documento com as características acima mencionadas, reafirmamos a nossa proposição de acionar o Plano Estadual da Juventude como documento de referência para perceber um modo oficial de compreender o jovem e a juventude. Nossa posição se deve ao seu alto grau de institucionalidade na medida em que se trata de um documento em forma de Lei, aprovado pela Assembleia Legislativa do Estado em 1.11.11 e sancionado pelo Governador em 17.11.11 e, portanto, o primeiro instrumento legal que trata dos direitos dos jovens na Bahia.

A Lei 1835/2010 que aprova o Plano Estadual de Juventude estabelece que o mesmo será executado ao longo de 12 (doze) anos, a partir da sua publicação, o que caracteriza essa ação de política pública com um certo grau de longevidade, o que podemos associar a uma tentativa de minimizar os efeitos gerados por mudanças de Governo e filiações político-partidárias. O Plano será implementado a partir de 5 (cinco) eixos orientadores: I- Emancipação e autonomia juvenil, II - Bem-estar Juvenil, III - Desenvolvimento da Cidadania e Organização Juvenil, IV - Apoio à Criatividade Juvenil e V - Reconhecimento das Diversidades. Cada um dos eixos orientadores está organizado em diretrizes que os especificam e detalham.

Focaremos nossa atenção nas diretrizes acionadas para o reconhecimento das diversidades, visto que queremos identificar como o texto oficial compreende a especificidade do jovem morador de espaço periférico do contexto urbano. Nesse contexto, as diretrizes que demarcam especificidades inerentes ao coletivo “jovem” são: jovem negro e negra, jovem indígena, jovem rural, jovem deficiente, jovem LGBTTT, jovem mulher e jovem em conflito com a lei e com restrição de liberdade.

A ausência do segmento “jovem urbano” e existência do segmento juvenil “jovem rural” – acompanhado do reconhecimento de suas demandas específicas na seção III do Capítulo V do Plano Estadual – nos permite tecer algumas primeiras considerações.

Podemos considerar que a condição “urbana” tem a potencialidade de ser associada a todos os demais segmentos, exceto ao jovem rural, e que o jovem morador das cidades não é identificado enquanto grupo, inicialmente, por essa condição e sim pelo cruzamento dessa com alguma outra característica em evidência, ser negro(a), estar em conflito com a lei, ser mulher, entre outros. No entanto, essa ausência fragiliza a formulação de algumas demandas específicas, por exemplo ser um jovem negro e morador de espaços urbanos periféricos traz condições bastante diferenciadas quanto à segurança e violência do que ser um jovem negro e morador de localidades consideradas centrais na dinâmica das cidades. Essa observação reflete, ainda, a ausência de um recorte social. Esta condição social não aparece diretamente implicado em nenhuma dessas “diversidades” reconhecidas pelo Poder Público, mas pode estar implicado em todas elas.

Outra perspectiva importante para a configuração da condição juvenil, apresentada nesse documento, é a proposição de incorporar os jovens ao desenvolvimento não como beneficiários mas como sujeitos de direito, reforçando a perspectiva do jovem, independente da sua identificação segmentada, enquanto sujeito de direitos e autônomo diante da sua inserção no mundo da vida. Essa perspectiva está explicitada no primeiro inciso do Art. 1º que apresenta os “Objetivos Estratégicos” do Plano Estadual.

I - incorporar integralmente os jovens ao desenvolvimento do Estado da Bahia não somente como beneficiários, mas também como sujeitos ativos, por meio de uma política estadual de juventude voltada aos aspectos humanos, sociais, culturais, educacionais, econômicos, desportivos, religiosos e familiares; (PLANO ESTADUAL, 2010, s/p. Disponível em www.juventude.ba.gov.br)

Ainda no Art 1º, acima referido, identificamos o acionamento da marca “local de residência” quando o texto especifica quais particularidades serão consideradas na garantia dos direitos da juventude, no inciso VI, assim apresentado.

VI - garantir os direitos da juventude, considerando gênero, orientação sexual, raça, etnia, deficiência e **local de residência**, nas mais diversas áreas: educação, ciência e tecnologia, cultura, comunicação, desporto, lazer, participação política, trabalho e renda, saúde, meio ambiente, terra, agricultura familiar, entre outras, levando-se em conta a transversalidade dessas políticas de maneira articulada; (PLANO

ESTADUAL, 2010, s/p. Disponível em www.juventude.ba.gov.br) *grifo nosso*

A inclusão dessa condição sociogeográfica como marca diferencial de inserção do jovem na sociedade minimiza os efeitos da ausência da diretriz “jovem urbano”, comentada acima porque reconhece as diferenças no acesso aos direitos decorrente do pertencimento territorial. Reconhece ainda que ser jovem e morar em um bairro reconhecido socialmente como periférico traz implicações distintas de ser jovem e morar num lugar reconhecido socialmente como central. Essas implicações são de ordem objetivas como condição das moradias, qualidade dos serviços de educação, saúde, saneamento básico, cultura, etc. e subjetivas como as representações que predominam no imaginário coletivo sobre o jovem pobre como potencialmente violento, marginal, etc.

Identificamos, ao longo desse texto oficial, outras passagens que reforçam essa perspectiva territorial como definidora das possibilidades de inserção social dos jovens. No Capítulo V – Do Reconhecimento das Diversidades, a seção I que trata das especificidades de jovens negros e negras apresenta como uma das suas ações programáticas “ampliar ações de qualificação profissional, desenvolvimento humano, participação política, combate à violência e de reforço à cidadania e identidade dos jovens negros, **especialmente nas áreas de grande aglomeração urbana**. (Plano estadual, 2010) *grifo nosso*. E no Cap. II – Do Bem estar Juvenil, a seção II destaca a necessidade de priorizar a ações de segurança pública nas áreas com maiores taxas de violências, que, segundo estudos como o Mapa da Violência 2011 e a Pesquisa Juventude e Políticas Sociais no Brasil (CASTRO, 2009), coincide com as localidades consideradas periféricas no contexto urbano.

III - estimular, no âmbito das políticas públicas de segurança, ações de prevenção da violência, promoção da cidadania e controle social, reforçando a prática do policiamento comunitário, com **prioridade nas áreas com altas taxas de violência** e promovendo formação nas áreas de direitos humanos e mediação de conflitos, conforme as diretrizes apontadas pelo PRONASCI; (PLANO ESTADUAL, 2010,s/p Disponível em juventude.ba.gov.br) *grifo nosso*

Desse modo, ratificamos a nossa observação de que o texto oficial, acionado para a composição do nosso mapa-texto, reconhece as particularidades de ser jovem no contexto urbano e, especialmente, de que a inserção territorial pode dificultar, ou até mesmo impossibilitar, o acesso aos direitos básicos desses jovens homens e mulheres.

Nesse fragmento de mapa-texto também é recorrente a proposição que defende

uma mudança de paradigma para compreender o lugar do jovem na sociedade brasileira. Essa perspectiva é reiterada, como linha central de argumentação, na Revista Jovem Geração, material publicado pela Secretaria de Relações Institucionais – setor administrativo ao qual a política de juventude está ligada no âmbito estadual.



O jovem era tratado como um problema a ser resolvido – problema com a violência, com o desemprego, o analfabetismo, dentre outros. A partir da construção da Política Estadual de Juventude, o Governo do Estado passa a tratar a juventude baiana não mais como uma questão a ser resolvida, mas como solução, como elemento fundamental do novo processo de transformação social, econômica, política e cultural que a Bahia passa a construir. (BAHIA..., 2010, p.5)

Fig. 54 Página 5 da Revista Jovem Geração
 Fonte: Revista Jovem Geração / Secretaria de Relações Institucionais

Desde o editorial até grande parte das matérias publicadas na Revista, identificamos a ênfase do discurso oficial em caracterizar uma dicotomia entre a compreensão do jovem enquanto problema a ser resolvido pela polícia e por outras instituições de controle e o jovem como peça-chave de desenvolvimento social. E se apresentar como defensor dessa segunda abordagem. “Juventude deixa de ser encarada como problema e passa a ser parte importante das soluções que a Bahia precisa”, afirma o texto oficial, conforme imagem reproduzida acima.

4.2.2 TEXTOS MUDIÁTICOS

Os textos acionados para compor o fragmento que localiza os modos de compreensão da juventude moradora das periferias de Salvador oferecidos por textos midiático-massivo integram o corpus já apresentado para compor a abordagem Lugar no nosso mapa-texto. São 58 textos publicados na versão impressa do Jornal A Tarde que foram coletados a partir das palavras-chave juventude e periferia, conforme já

detalhados.

O nosso olhar nessa seção dedica-se à percepção de marcas que caracterizam o ser jovem e morador de espaços urbanos não-centrais proposto pela mídia massiva. O trabalho de análise e interpretação desse conjunto de textos nos possibilita apresentar três (3) principais marcas acionadas para caracterizar o jovem das periferias, são elas: o jovem como alvo de violência urbana, o jovem como autor de atos violentos e o jovem como público beneficiário de ações sociais. Com uma recorrência numérica pouco expressiva, mas devido a sua relevância na constituição do imaginário social, também destacamos a visibilização do jovem pobre a partir de histórias de vida que revelam situações exemplares na superação das dificuldades sociais.



Fig. 55 Trecho da página 4 do Jornal A Tarde de 2 de janeiro de 2008.
Fonte: Jornal A Tarde.

A marca que aparece com maior frequência é aquela em que os jovens das periferias são apresentados com alvo de violência, como o panorama apresentado na matéria acima. Das 21 matérias que correspondem a essa caracterização, a maioria tematiza a morte violenta de jovens moradores de espaços periféricos da cidade de Salvador e, entre elas a maior recorrência tem como causa violência policial. Casos como o de Djair, 16 anos morador da comunidade do Pelaporco; Lucas, também de 16 anos, morto da ladeira de São Caetano; Alexandre, de 17 anos, assassinado em Portoseco Pirajá; Ricardo, de 21 anos, da comunidade do Bate Facho; Diego, de São Cristovão; ou mesmo de Bismarque, de 17 anos, morador de uma comunidade pobre no

interior do Estado são histórias que se repetem com enredos muito semelhantes. A matéria publicada em 05 de maio de 2008, sob o título “Comunidade planeja novos protestos”, é um dos textos que ratificam essa percepção,

Djair morreu aos 16 anos na invasão da Pelaporco. Ricardo tinha 17 quando foi assassinado na área do Bate Facho. Já Edvandro perdeu a vida aos 19 durante uma ação policial no Cabula. Assim como Diego de Jesus Sampaio, de 17 anos, todos eles eram jovens, afrodescendentes, de baixa renda e sem ligação com a criminalidade. “Esta havendo um processo de extermínio da juventude negra. E isso só vai acabar quando houver mudança na política de segurança pública”, comenta Hamilton Borges, integrante da campanha Reaja ou será Morto, Reaja ou será Morta! Desde 2005, esse movimento alerta sobre os crimes contra jovens da periferia de Salvador. (COMUNIDADE... 2008, p. 08)

Outros tipos de violência contra jovens também são tematizados, como a violência sexual e a ação de grupos ligados ao tráfico de drogas.

Érico Brás, 29, é morador de Fazenda Coutos e, mesmo trabalhando constantemente o tema em apresentações, acha complicado falar de violência. “Infelizmente não vejo uma saída imediata, demora para vermos os resultados do poder público nessas comunidades”, justifica. Brás relata que alguns de seus amigos de infância já morreram, e outros, ele considera que estão em risco, por estaremos envolvidos no mundo das drogas. “Vivo essa realidade aqui no bairro, o tráfico domina, e os adolescentes não têm outra opção, caem nas drogas, abrem a concorrência de pontos, e começa uma disputa”, destaca. (REBOUÇAS, 2008, p. 5)

Essa percepção está relacionada à questão da violência no cenário urbano e articula-se com dados bastante recentes sobre violência e juventude que apontam o jovem, majoritariamente do sexo masculino, como maior vítima da violência urbana no Brasil, especialmente em casos de homicídios. Segundo estudos feitos pelo IPEA (Castro, 2009), pode-se caracterizar a faixa etária entre 15 e 29 como de alto risco para os meninos, sendo expressivamente maior para os jovens pobres.

Ao lado da caracterização do jovem como alvo de violências está tematizado com bastante força o jovem da periferia como agente da violência urbana. Entre as situações visibilizadas a maior parte está relacionada ao envolvimento desse jovem com o tráfico de drogas e aos atos violentos decorrentes dessa conjunção. Alguns textos tematizam roubos e furtos como práticas associadas aos jovens das periferias.

Um das matérias, citando o delegado-titular da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes, afirma que a grande maioria das pessoas que são presas por infrações relativas ao tráfico de drogas são jovens moradores das periferias, embora reconheça a incapacidade da força policial em atuar em outros seguimentos da sociedade.

Cerca de 90% dos que prendemos são traficantes negros ou pardos, entre 18 e 25 anos, e residentes no subúrbio. Não significa que somente eles sejam traficantes acontece que nossa estrutura não permite aprofundar a investigação e atingir pessoas em graus mais elevados.” (DELEGACIA..., 2008, p. 4).

A naturalidade como essa informação aparece colabora ainda mais para uma naturalização da imagem do jovem negro e pobre das periferias enquanto um sujeito sem direitos ou, podemos dizer, aos quais a ausência de garantia dos direitos não causa tanto incômodo.

A relação com o uso de drogas e substâncias psicoativas também é acionada como explicação para atos violentos em diversos ambientes, como nas escolas, conforme aponta o texto da matéria “Escola é refém da violência”, publicada em 17.04.2008, comentada na seção anterior. Essa relação também está evidenciada na entrevista do sociólogo Luis Flávio Sapori, publicada em 11.06.08, que apresenta a situação do uso do crack, ainda em baixo grau de organização, porém bastante violenta,

Mas o crack é a droga da pobreza, da miséria. É barato, todo mundo pode ter, revender. Deteriora as relações. Não há quadrilhas, há gangues de garotos, sem experiência com armas, mas usando cada vez mais armas de fogo, lutando por território nas periferias (SAPORI, 2008, p.4)

Essa recorrência temática contribui muito acentuadamente para a constituição da imagem de um sujeito violento, o que passa a reforçar a condição de suspeito para o jovem pobre (KLIKSBURG, 2006). Uma recente pesquisa, realizada em âmbito nacional, oferece indícios que consolidam essa relação “jovem pobre” & “suspeito de conduta não adequada” quando demonstra que pessoas entre 15 e 24 anos sofrem mais abordagens policiais do que o restante da população. Essa faixa etária representa 26% da população brasileira e 49% dos indivíduos que já foram abordados pela polícia (Castro, 2009). Dessa forma podemos afirmar que se estabelece uma relação entre vítimas e autores da violência urbana e, sob essas condições, um sujeito foco de ações sociais e de políticas públicas.

Diante dessa articulação é que encontramos mais um forte conjunto de características que apresenta esse jovem a partir da sua situação de vulnerabilidade social, portanto como público prioritário de ações sociais com origem no Poder Público ou na sociedade civil organizada. Na relação entre juventude e o Estado os principais temas são os programas existentes para acolher essa população, como o Projovem e o ProUni em âmbito federal, e as legislações em vigor ou em processo de debate público como o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e a PEC (Proposta de Emenda

Constitucional) da Juventude.

Também é tema recorrente a necessidade de elaboração de políticas públicas adequadas para as demandas da juventude brasileira nos diferentes níveis municipais, estaduais e federal. Em uma das matérias há uma referência feita pelo Presidente Luis Inácio Lula da Silva sobre a importância do investimento público direcionado para os jovens das periferias,

O Presidente da República destacou também o Programa Universidade para Todos(ProUni), como instrumento para facilitar o ingresso do estudante de baixa renda no ensino superior. Lula informou ainda que, neste ano, o ProUni “possivelmente” forma 60 mil alunos. “O que dá uma dimensão extraordinária do que foi o alcance de jovens da periferia chegando à Universidade” (ROCHA FILHO & JUNGBLUT, 2008, p. 12)

A ação de ONG's e outras formas de ação da sociedade civil são temas relevantes para a constituição do jovem a partir do potencial para sair das condições de vulnerabilidade social que lhe afligem. Os projetos apresentados pelas matérias que compõem o nosso mapa-texto são variados desde aqueles ligados a educação formal, como cursinhos pré-vestibulares sociais promovidos pelo Instituto Cultural Steve Biko, pela ONG Arquitetos do Futuro, Oficina da Cidadania, pelo Quilombo Educacional Milton Santos; passando por atividades com foco na arte-educação e expressão cultural como aquelas desenvolvidas pelo CRIA, Rede de Desenvolvimento Social (Redes), Associação Vida Brasil, Sociedade Primeiro de Maio, Observatório das Favelas; e por atividades voltadas para a educomunicação implementadas pela CIPÓ e profissionalizantes realizadas pela ONG Ação pela Cidadania. Apesar da diversidade de modelos e focos de atuação, o posicionamento oferecido por esses textos midiáticos é, na grande maioria dos casos, do jovem enquanto beneficiário, público-alvo de projeto e ações sociais. Alguns trechos exemplificam nossa observação.

Para mobilizar a juventude do subúrbio ferroviário e reduzir ocorrências violentas, começará amanhã o Ciclo de Oficinas de Comunicação e Juventude no Subúrbio Ferroviário de Salvador, nas Casas Brasil de Fazenda Coutos e Plataforma. (AÇAO..., 2008, p.5)

A partir de hoje, 200 jovens do Centro Histórico de Salvador começam a mergulhar no universo técnico e artístico do audiovisual. Às 16 hs, no Largo Pedro Arcanjo, acontece a aula inaugural do projeto intitulado TV Pelourinho, que tem a intenção de capacitar jovens para o mercado de trabalho da televisão. (VIEIRA, 2008, p. 8)

Esse panorama revela um tom bastante assistencialista na constituição dessa juventude das periferias. Aqui o sujeito jovem aparece como alguém que precisa ser ajudado por instâncias exteriores as suas próprias redes de sociabilidade. O trecho a

seguir, extraído da matéria “ Rede que apresentou estudo sugere estratégia”, sobre a divulgação dos dados referentes ao Mapa da violência dos municípios brasileiros 2008 e a adoção de medidas preventivas contra a violência, colabora para o nosso entendimento.

“Medidas simples, como a restrição ao consumo de álcool e a implantação de atividades com foco na juventude, apresentam resultados significativos em pouco tempo”, disse Julio Jacobo Waiselfisz, diretor de pesquisas do Instituto Sangari, que analisa a mortalidade por homicídios em geral (RIBAS, 2008, p4)

Ainda nessa perspectiva queremos comentar a presença do jovem das periferias no caderno juvenil do Jornal A Tarde, são seis (06) matérias publicadas nos meses de fevereiro, maio e junho de 2008 no Caderno Dez!. Este com circulação semanal, às terças-feiras, foi reconhecido nacionalmente como um trabalho de referência enquanto suplemento juvenil na imprensa brasileira (Prêmio ANDI –Agência de Noticias dos Direitos da Infância – 2005/2006) a partir da avaliação de alguns critérios como: relevância social, número de fontes por matéria, utilização de dados estatísticos e abordagem de temas pouco presentes na cobertura midiática em geral.

A maior parte das matérias publicadas no Dez! que compõe o nosso corpus empírico analisa a existência, a implementação de políticas públicas para a juventude e seus aspectos considerados críticos ou problemáticos. No período analisado, foram abordados os seguintes temas: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) como legislação de referência, porém com dificuldades de implementação; críticas ao acompanhamento do Projovem (Programa Nacional de Inclusão de Jovens); necessidade de elaboração de políticas públicas para a juventude e a implementação dos espaços de controle social (como os Conselhos) no Estado; debates em torno da PEC da Juventude– Proposta de Emenda Constitucional 138/03 que estava na pauta para votação na Câmara dos Deputados (essa questão ficou na pauta até 2011, quando foi finalmente votada e aprovada).

Nesse espaço midiático jovem da periferia, ainda que reconhecido como vulnerável socialmente, aparece com sujeito de direitos e como alvo de preocupações e debates sociais.

Outro conjunto de referências que queremos destacar é a presença de histórias de sucesso de adolescentes e jovens pobres que estão fundamentadas no esforço individual e na superação de obstáculos para reverter as condições sociais desfavoráveis.

Criado na Federação, Lázaro é ex-integrante do Bando de Teatro Olodum e um dos protagonistas do filme Ó Pai Ó, que retrata entre outras coisas, a violência na capital baiana. O filme, que agora vai virar série de TV, tem no elenco, além de Lázaro, outros atores do Bando que também conhecem e convivem de perto com esta realidade, mas que buscaram na arte, uma alternativa de vida de não-violência, como é o caso do ator Jorge Washington, 44 anos, morador da Liberdade. (REBOUÇAS, 2008, p.5)

Nesse conjunto percebemos dois modos distintos: o compartilhamento de trajetórias de personalidades conhecidas e com resultados já alcançados, como fazem as duas (2) matérias que destacam a vida do rapper MV Bil e do ator Lázaro Ramos e a apresentação de potenciais histórias de sucesso como aquela de três (3) meninos e uma menina que foram selecionados para a concorrida escola de balé clássico, Bolshoi.

Ser selecionado para o Bolshoi é uma oportunidade única para esses meninos, pois lá eles recebem formação completa e quando saem podem ser bailarinos, coreógrafos, críticos de dança, produtores, figurinistas, ou podem fazer, por exemplo, uma faculdade de arquitetura e trabalhar como cenógrafos” comenta Silvana Albuquerque, coordenadora da Seleção. (LUZ, 2008, p. 10)



Fig. 56 Trecho da página 10 do Jornal A Tarde de 8 de março de 2008
Fonte: Jornal A Tarde

Nos dois casos, o destaque é a condição de superação decorrente de um esforço individual – normalmente relacionado a caminhos artísticos – que ao oferecer histórias exitosas e constituir jovens moradores de espaços periféricos como exemplos a serem seguidos, acaba desconsiderando a necessidade de políticas de acesso amplo, que

ofereçam oportunidades de desenvolvimento para todos os jovens inseridos em situações de precariedades e violências.

Esse exercício de organização privilegiou um olhar para as marcas mais recorrentes acionadas para constituir o 'jovem da periferia' no texto midiático. Dessa forma, foi possível reconhecer marcas de um posicionamento oferecido por esse conjunto, o que não impossibilita a existências de outros, ainda que menos recorrentes. A percepção desses "outros posicionamentos" é muito importante porque desestabiliza uma posição conservadora de tomar a narrativa da mídia – e qualquer outro conjunto textual – como homogêneo, sem brechas nem possibilidades de negociação.

4.2.3 TEXTOS LOCAIS - DIÁRIOS CRIATIVOS

Com objetivo de concluir o nosso movimento de composição do mapa-texto a partir de três (3) fragmentos textuais com diferentes origens discursivas, seguiremos com a identificação da contribuição dos Diários Criativos para constituir um modo de ser jovem e morador dos quatro (4) lugares da cidade que representam, no nosso estudo, a idéia de periferia urbana. Buscaremos reconhecer nesses textos a seguinte indagação : o que é ser jovem para esse jovens?

A capa do Diário do Grupo Art'Periférica (reproduzida abaixo) é bastante significativa. Apresenta, em técnica de colagem, duas figuras negras, um homem e uma mulher, exibindo adornos nas cabeças e pescoços. Os materiais utilizados são cartolina preta, papel dourado, pano de chita, búzios, palha e lantejoulas douradas. As figuras exibem uma clara referência à cultura afro-baiana a partir da escolha dos materiais para composição da capa.



Fig. 57 Capa Diário
Fonte: Diário Art'Periférica

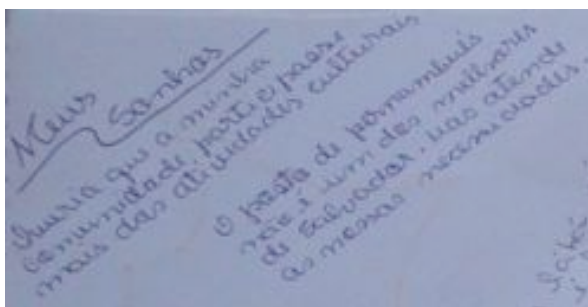
A página apresenta ainda uma margem feita com fitinhas do senhor do Bonfim da Bahia de cor amarela e o nome do bairro manuscrito na parte superior e na parte inferior da Capa. Estão presentes o búzio e a palha artigos imediatamente associados ao candomblé, o pano de chita muito usado nas festas populares da Bahia e a reconhecida fitinha do Senhor do Bonfim que além de fazer uma referência à fé católica, já explicita o sincretismo religioso como marca de constituição do povo desse lugar Bahia-Salvador-Pernambués.

A elaboração dessa capa nos oferece uma primeira caracterização, um ponto de partida para o diálogo que se segue com a leitura do Diário, o qual afirma uma identificação desses jovens com a matriz africana que compõe a dinâmica de formação cultural do povo baiano. A relação de pertencimento dos jovens integrantes dos quatro grupos, aqui analisados, com o conjunto de referências da matriz cultural negra é acionada em muitos momentos. Em alguns casos, como no Diário do Art'Periférica a questão étnica é explicitada e se transforma, inclusive, em uma de suas pautas políticas, como vemos na relação entre a essa capa, a fig. 19/p.119 que apresentam a noção de cultura local para o grupo e a afirmação “Nosso modo de vestir e o nosso cabelo trançado é uma cultura de massa. Várias pessoas aqui em Pernambués usam cabelos Afros. E tem orgulho de ser negro”(2008, s/p). Em outros casos ela aparece na experiência diária dos meninos e meninas de classes populares de Salvador, ainda que não sejam acionadas como pauta política.



Fig. 58 Eu e o meu Bairro
 Fonte: Diário Art'Periférica

Na busca por marcas na narrativa que revelem o ser jovem de/em Pernambués identificamos a página manuscrita (reproduzida acima). Escrita em primeira pessoa, revela um jovem e seus sentimentos, angústias, alegrias, desejos e sonhos. É uma expressão bastante pessoal, escrita numa relação de cumplicidade entre o sujeito que escreve e o papel a sua frente.



“Essa comunidade me pertence” (...) “Meus sonhos – Queria que a minha comunidade participasse mais das atividades culturais” (...) “As vezes tenho vontade de morar em outras comunidades, isso eu não posso negar mas as vezes eu AMO O MEU BAIRRO”(…) [sic] (ART'PERIFÉRICA, 2008, s/p).

Fig. 59 Detalhe página Eu e o meu Bairro
 Fonte: Diário Art'Periférica

Essas expressões nos chamam atenção pela diferença em relação à maior parte dos escritos desse e demais Diários que procuram um tom mais impessoal na escrita. No entanto, não há uma marca autoral que indique ao leitor efetivamente quem escreve – apenas sua idade “eu mesmo tenho 17 anos...” que marca, em um diálogo com as definições etárias o seu pertencimento ao grupo definido oficialmente como “jovem”. Sabemos que se trata de um menino, morador de Pernambués, mas podem ser muitos outros que também afirmam um pertencimento àquele lugar, reconhecendo limitações impostas justamente por isso, expressando frustrações, mas reafirmando sua

participação num processo de mudança.

As falas que caracterizam a ação do grupo de jovens ou mesmo a avaliação de uma das atividades realizada pelo grupo reforçam a nossa percepção, “Tivemos um resultado que nos incentivou mais ainda o amor pelo bairro e o incentivo de desenvolver mais ações para o seu desenvolvimento” (Art’Periférica, 2008, s/p)”.

A seção sobre o serviço público de educação no bairro também apresenta características que compõem os modos de ser jovem nesse lugar, porém sob a ótica de educadores e não dos próprios jovens, como faz questão de destacar o Diário com a frase “Isso são os professores que dizem” e com setas apontado para duas observações, conforme imagem abaixo. Nessas falas são explicitadas duras críticas ao descaso de jovens alunos com a sua formação que inserem o lugar do professor nessa constituição dos modos de ser jovem. É uma inclusão que parece reconhecer um lugar de fala sobre os jovens autorizado para o professor, ao mesmo tempo que cria uma distinção entre aqueles que se comportam dessa maneira não adequada e outros que fogem dessa caracterização. Cria instabilidade numa identificação do modo de ser jovem.



Fig. 60 Fala dos Professores
Fonte: Diário Art’Periférica

Queremos começar a analisar o processo de constituição do ser jovem no Alto do Cabrito a partir da Seção “Perguntas e Respostas”, que dá início aos escritos desse Diário em um movimento direto de negociação com as perguntas feitas pelo CRIA na contracapa do caderno.

De que fonte nós bebemos?

De uma fonte inesgotável. Que a cada dia vai renovando-se de coisas boas e naturais como: cultura, arte, conhecimento e integração com o

próximo e mais que tudo com o orgulho de certa forma de está tentando mudar nossa sociedade.

O que me alimenta nesse bairro?

O que me alimenta é o prazer de estar tendo um retorno, pois tudo que fazemos de bom ou ruim voltam. Mais no nosso caso tudo de bom que passamos e ensinamos vai ter um retorno bom. Sem falar que ainda existem pessoas no meu bairro que tentam mudar as coisas também, é isso que nos incentiva mais e mais.

Que paisagens eu vejo da minha janela?

Eu vejo muitos conflitos na minha comunidade. Mas também eu vejo um sol lindo e um dia maravilhoso e é isso que nos dá forças para tentar tirar as paisagens ruins como: violência, discriminação racial e social, alienação de classes, medicação e etc.

O que queremos olhar?

No mundo em que vivemos muitas vezes escolhemos o que olhar, mas muitos hoje tentam não olhar o que está na nossa cara e deixam passar despercebidos do meio em que vivemos. Mais hoje podemos olhar o mundo de outra forma. De uma forma que tudo um dia pode mudar de algum jeito. Então não olhe só as coisas ruins olhe as boas e sempre que ver mais ruim “que tal tentar mudar o que você está vendo”.

[sic] (JRC, 2008. s/p).

Esse texto revela, do ponto de vista do sujeito, o jovem que integra o JRC, a importância da ação comunitária como estratégia de mudança social. Também explicita que essa mudança é consequência de um tipo de escolha, entre tantas que são possíveis diante desse contexto. Há uma interessante dimensão da transformação de uma experiência sensível, expressa na ideia de mudar o olhar, o modo de ver, referida várias vezes nesse texto. Nele, o autor reconhece as dificuldades enfrentadas e também as riquezas do lugar, valoriza as iniciativas do seu grupo (JRC) e de outros sujeitos e coletivos que atuam no mesmo lugar. O jovem se coloca a partir da sua condição de agente transformador da realidade, ao mesmo tempo que inclui e provoca o seu leitor a também alterar o estado de coisas, “que tal tentar mudar o que está vendo?”. Interessante perceber que esse movimento de convocação e, de certo modo, de responsabilização, é realizado de jovem para jovem.

O texto da terceira (3ª) página do Diário, escrito com hidrocor colorido, em duas colunas, com formato de um Rap, apresenta o coletivo juvenil do Alto do Cabrito a partir da sua preocupação com a realidade do local e destaca seu modo de atuar realizando ações de arte e de educação. Este valoriza os jovens integrantes do grupo como pessoas “de fibra” que querem combater preconceitos através da poesia e do hip hop. Também evidencia a dimensão do real e a contrapõe com aquilo que os jovens desejam, explicitando um espaço entre essas instâncias. É justamente nesse intervalo entre a realidade e o desejo que a atuação transformadora pode acontecer.

Vamos nesse plano falando a realidade do que queremos.
O que nos incomoda e também o que não queremos
Trazendo a arte, cultura e diversão
Falando do Brasil e da educação
JRC pessoas de muita fibra
JRC galera na ativa
JRC sempre na união
Jovens Realistas do Cotidiano na ação
Indagando as pessoas e quebrando preconceitos
Falando da realidades e os defeitos
Poesia para mecher com seus pensamentos
Falando a verdade para que fiquem atentos
Então quem está aqui preste muita atenção
Hip Hop na cabeça e amor no coração
[sic] (JRC, 2008, s/p).

A abordagem central, ao apresentar o modo de ser um jovem “realista”, continua sendo a função transformadora da ação juvenil e as características associadas à força, fibra, garra e capacidade de articulação, ou “união” nas palavras do grupo.



Fig. 61Fotos
Fonte: Diário JRC

Uma característica bastante peculiar desse Diário é o expressivo uso de imagens fotográficas do grupo em ação inclusive com uma seção exclusiva para essa finalidade. A oitava (8ª) página do caderno é formada por cinco (5) imagens. Na maioria delas, os jovens estão desenvolvendo atividades artísticas em grupo, contudo há uma centralidade na figura de uma jovem, que a leitura do Diário nos indica ser a “fundadora do grupo” e principal articuladora das ações. Essa condição reforça a percepção já comentada de uma composição do JRC a partir de modelos hierárquicos, com a

reprodução de relações educadores/educandos, comuns em organizações da sociedade civil que trabalham com adolescentes e jovens, mas também pode ser analisada com base na construção de jovens referências no contexto da ação comunitária.

Há nessa página uma série de legendas que acompanham as imagens, são elas: “a cor dessa cidade sou eu”; “hora de tirar foto”; “junta povo legal”; “levanta a cabeça e estica o braço”; e “ ai,ai, ai minha perna !” Entre elas queremos destacar a primeira que explicita um sentido de pertencimento desse jovem morador do Cabrito com a sua cidade, Salvador. Essa breve referência está amparada em uma construção de sentido amplamente reconhecida a partir da letra da música “A cor da cidade”, gravada na década de 90 por Daniela Mercury, com grande repercussão local e nacional.

Esse conjunto de imagens e legendas cria na página do caderno um ambiente de descontração e integração entre os jovens, fortalecendo o sentido de pertencimento ao grupo e coesão. Também expressa momentos de concentração e dedicação ao propósito da atividade, além de exibir seus rostos, seus corpos em ação, ocupando um espaço de visibilidade que esse jovens, na sua ampla maioria negros e negras pobres, dificilmente ocupam.

O jovem negro desenhado na primeira página do Diário do Trama dos Arteiros é aquele que convida o leitor a entrar na narrativa que vem a seguir. A partir da sua postura assertiva com o dedo indicador apontando para frente, como quem diz, “*Vamos juntos?*”, o jovem de Marechal convida o leitor para um diálogo que tem, desse modo, uma primeira imagem do seu interlocutor principal. As marcas associadas a esse desenho já foram detalhadamente comentada na seção 3.3.2/pag. 127

Assim, passaremos a identificação de outros vestígios até agora menos destacados para constituir o jovem de Marechal. Acionaremos dois textos, em destaque no Diário, que são apresentados como trechos do espetáculo “A brincadeira acabou!” de autoria do grupo Trama dos Arteiros. A cena “Revoltado” e o texto “Transformação” ocupam a décima segunda e a décima terceira página, respectivamente, e são inscrições interessantes para identificar os modos com que o grupo constrói a figura do jovem periférico e visibiliza essa construção a partir dos espetáculos encenados.

“O texto é coletivo e a cena Revoltado faz parte do espetáculo, onde falamos da sociedade e da nossa comunidade”, declara o grupo de jovens. O trecho escolhido para compor a página do caderno descreve uma cena em que um rapaz se revolta com as suas péssimas condições de vida, com a dificuldade de ter atendimento no sistema público de

saúde, com a qualidade da educação, com o preconceito e com a violência policial. Ao final, convoca a todos os seus espectadores para acabar com a brincadeira e “rasgar o diploma de bem comportado”.

Nesse país onde todos os dias somos sacaniados, tendo todos os nossos direitos negados e desrespeitados, isso pra quem corre atrás deles se não, você nem sabe que tem direitos nesse país! Que brincadeira é essa que fazem com a gente, quando temos que procurar emprego tendo boa aparência. Que boa aparência é essa? (...) E a brincadeira da nossa educação...aliás que educação? Eu não me vejo nos livros didáticos...parece brincadeira.(...) E a polícia que chega a periferia, bota a mão na cabeça, deita, deita vagabundo, xinga e bate e ... [sic] (TRAMA, 2008, s/p).

Outro trecho importante nessa cena faz uma analogia entre um comportamento humano passivo e sem críticas ao padrão domesticável de um cão de estimação. Contudo, faz uma ressalva importante, como se vê abaixo, destacado em negrito.

Quando a sociedade nos diz que temos que ser animais programados para obedecer e sobreviver alienado, sempre abaixando a cabeça e dizendo muito obrigado. É igual como minha vizinha faz com o cachorro dela. (IMITANDO ALGUÉM FALANDO COM UM CÃO). Negão deita, negão gira, finja de morto, saia, saia negão, oh eu já disse que tem que comprar um corrente mais grossa para negão e fazer uma casinha para ele no quintal, **pois ele ta crescendo, ta ficando forte, ta com latido muito alto.** [sic] (TRAMA, 2008, s/p, *negrito nosso*).

Os dois trechos da peça “A brincadeira acabou !” provocam o jovem a se movimentar, a sair do lugar e buscar, em ação, uma mudança da sua condição de vida. É uma convocação para uma postura crítica diante das carências e dificuldades que enfrentam no dia a dia.

O texto “Transformação”, que segundo informações no próprio Diário também integra o espetáculo já citado, procura expressar um ponto de vista mais pessoal da experiência de encontro desses jovens com a arte e, especificamente, com a linguagem do teatro. Desse modo, eles compartilham o seu próprio processo de transformação no sentido de maior auto-confiança e autonomia.

Neste momento quero declarar todo o meu amor por você. Você mudou minha vida, me incluiu na sociedade, me deu voz e modelou todo o meu corpo. Levou-me para lugares inesquecíveis, fazendo eu perceber que eu posso ser tudo que eu quiser.
E acredite eu posso ser tudo que eu quiser ser. (...)
É acho que todo ser humano nasce com esse instinto... O instinto de ser ator. Com desejo de mudança, de transfigurar-se, transformar-se em alguma coisa, de poder estar em outros lugares. Desejo...Desejo de mudar a própria realidade. Desejo de tirar do papel e ser...Ser de verdade o que quiser ser [sic] (TRAMA, 2008, s/p).

O Trama dos Arteiros também mostra sua cara em imagens fotográficas, que revelam cenas de apresentações públicas, do grupo em ação. São três (3) jovens mulheres e 5 (cinco) jovens rapazes que compõem o grupo de teatro. Outras fotografias

revelam a juventude do bairro, sempre em atividade no contexto do Projeto Escola Aberta, conforme já comentado. São oficinas em diversas linguagens – musica, danças, capoeira, estética negra, teatro, grafite – que apresentam esse jovens, em nada periféricos, e sim na centralidade desses processos produtivos e criativos, sem nenhum traço de carência e passividade.

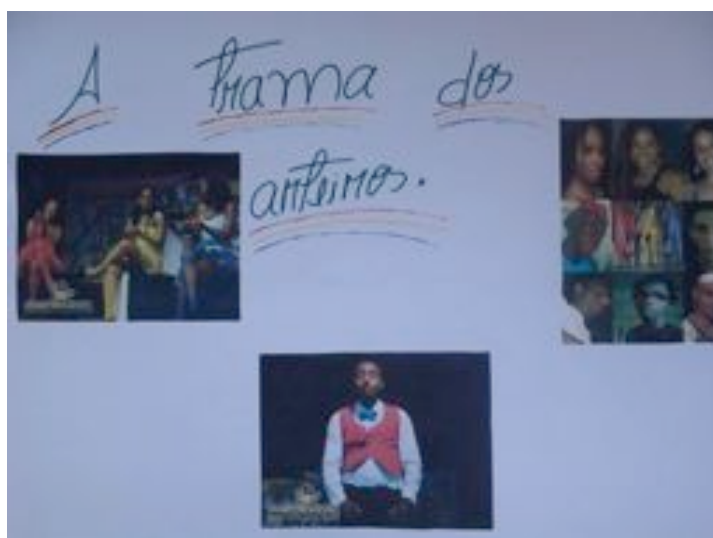


Fig. 62 Imagens do Grupo de Teatro
Fonte: Diário Trama dos Arteiros

No Diário do Grupo Jovem Nova Geração (GJNG) identificamos poucas marcas de constituição desses jovens moradores de Cosme de Farias. Conforme já comentado em seções anteriores, os sujeitos aqui envolvidos no exercício de escrever a cidade a partir do seu lugar de moradia e atuação comunitária se mostram muito pouco. Sabemos que são jovens e que estão juntos por um desejo de interferir em um destino comum de amigos e vizinhos que são assassinados pelas disputas do tráfico de drogas ou pela ação policial.

Desse modo, identificamos algumas construções que parecem ser endereçadas a esse jovem vizinho, amigo, primo e comentaremos o que escapa a partir delas. Nesse material encontramos duas seções peculiares que não aparecem nos demais Diários, são elas: histórias de vida e história em quadrinhos.

A seção histórias de vida apresenta dois conteúdos distintos. Em um primeiro momento descreve a biografia do Major Cosme de Farias a partir de texto retirado da Wikipedia, com poucos acréscimos autorais (conforme detalhamento na seção anterior). O segundo momento, traz depoimentos de duas mulheres, lavadeiras, moradoras da comunidade – Maria Helena de 74 anos e Janete de 50 anos – que exaltam o orgulho da

sua profissão, e, em seguida, apresenta a história de Jorge Conceição. Apesar de diferentes, os três relatos estão articulados em prol do compartilhamento de uma história de vida marcada por condições adversas que foram superadas com o esforço individual.

Eu, Maria Helena lavei roupas a mais de 50 anos, só que neste momento estou aposentada por causa da minha coluna, mais não vai parar por ai não, porque vem minhas netas que vão seguir a profissão da avó e da bisavó que eram lavadeiras com orgulho.

(...)

Janete teve que trabalhar quando pequena, pois tinha que ajudar em casa porque vinha de família pobre. Sem muito estudo ela veio para Salvador e se sustentou lavando roupa. Simples honesta e trabalhadora.

(...)

Um jovem de família pobre que lutou muito para sobreviver vendendo jaca, geladinho e outros, junto com sua irmã mais velha, Antonia Isabel, para ajudar os seus pais a criarem seus irmãos menores. Este jovem fez quatro vestibular para Medicina e perdendo, mesmo assim não desistiu de seus ideias, mais uma vez prestou vestibular para geografia, ingressou na Universidade em 1997 [sic] (GJNG, 2008, s/p).

O acionamento desses relatos de vida explicitam uma estratégia de atuação que considera relevante dar visibilidade a momentos e esforços individuais de superação, como situações exemplares a serem seguidas pelos mais jovens. Nessa seção, o grupo de jovens destaca trajetórias de vida das mais diversas, desde personalidades até pessoas comuns, ressaltando a importância do empenho individual para superar as dificuldades. Essas histórias são apresentadas na condição de situação exemplar e objetivam motivar outros jovens em condições sociais semelhantes. Orgulho, garra, persistência são características valorizadas pelo texto dessa seção, embora possamos reconhecer também certo grau de conformismo com a situação, principalmente no relato das lavadeiras.

A história em quadrinhos “Essa viagem está por fora”, apresentada na nona página do caderno revela mais algumas marcas da juventude de quem, ou, com quem esse material quer falar.

(...)

Juarez: Como coisas negativas, Fred?

Fred: Eu demorei para reconhecer que só servia pro meus companheiros de fumo porque eu bancava o vício deles. Na sociedade eu era visto com olhares de desconfiança e pavor, já que por várias vezes andei com pessoas que tinham mal costume. Quer saber mais Juarez? (...)

(GJNG, 2008, s/p)

Conforme observamos em seção anterior – 3.3.2–, o diálogo estabelecido entre Fred e Juarez reproduz de forma muito próxima uma abordagem adulta e profissional

sobre o uso das drogas e a condição juvenil. Por um lado, o texto que é dito pelos personagens corresponde ao comportamento juvenil desejado pelas instituições de saúde e de controle; por outro, ele pode ser reconhecido com um explícito afastamento dos jovens das periferias do perfil de usuários de maconha e outras substâncias, o que significa um lugar ambíguo ocupado pelo Diário dos jovens de Cosme de Farias. Em muitos momentos, ele se revela como um texto com pouca crítica e embate com os discursos e as representações estabelecidos por vozes autorizadas socialmente. O GJNG pouco mostra as suas contribuições para constituir o jovem desse lugar, usa como método principal o acionamento de construções já reconhecidas socialmente e procura interagir com elas.

As marcas inscritas nessas folhas de caderno revelam um intenso processo de procura do “seu” lugar no mundo e, nesse movimento, os jovens que se revelam e são revelados pelos Diários Criativos acionam uma forte referencia do local, do espaço vivido. Eles são jovens de Marechal ou do Cabrito, pertencem a esses lugares porque se apropriam deles. E a partir dessa localização podem se deslocar e partilhar, simultaneamente, outros pertencimentos: ser do CRIA, do hip hop, da igreja, da periferia.

Jovem, inquieto, sujeito de direitos, consciente do seu papel de vetor de mudança, que afirma pertencimento a uma matriz cultural negra da Bahia, que reconhece o grupo, ou coletivo, como dimensão potencializadora de sua força enquanto agente de mudança. Mas também, em muitos momentos, inseguro diante das dificuldades, às vezes cansado do papel de referência ou liderança, outras vezes reproduzindo falas “oficiais” como forma de atestar autoridade à sua observação. São movimentos de ir e vir, de se dizer a partir de outros e tantos ditos sobre si, mas que revelam uma incessante busca por novos espaços e formas de presença que desestabilize consensos excludentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU “QUE MAPAS NOSSOS PÉS TRAÇAM”?

Um mapa que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos.

Jésus Martín-Barbero.

Para iniciar a seção de fechamento, ainda que provisório, da reflexão apresentada por esse percurso acionamos, por empréstimo, uma das perguntas que aparecem na contracapa dos Diários Criativos. Ela questiona sobre os mapas que traçamos com a nossa caminhada. É exatamente com esse sentido de reconhecimento do caminho percorrido que queremos iniciar esse capítulo. Quais mapas traçamos com o percurso investigativo apresentado até aqui? Aonde nos levam ou nos fazem chegar?

O nosso movimento esteve orientado pela necessidade de localizar a atuação política de jovens moradores de lugares periféricos, articulados em grupos e inseridos na estrutura de forças sociais que formam a sociedade em que vivem. Essa localização possibilitou reconhecermos a existência de um potencial resistente associado a tais práticas e às condições sob as quais ele se efetiva. Dessa forma, produzimos um mapa-texto capaz de nos guiar pelos caminhos de uma possível atuação juvenil com função transformadora, isto é, pautada por dinâmicas de contestação da desigual realidade na qual estão inseridos.

Nesse sentido, a escolha metodológica foi consequência da perspectiva teórica de interdependência da relação entre contexto de produção e objeto expressivo, manifestada aqui na opção pelo paradigma das mediações de Martín-Barbero e na análise interna dos Diários Criativos. Enquanto a primeira nos permitiu reconhecer as condições nas quais os grupos estavam inseridos durante o processo de confecção dos Diários, a segunda possibilitou uma imersão na escrita dos grupos a partir dos próprios materiais expressivos.

Quando tratados isoladamente cada um desses aspectos tende a reduzir a importância do outro. Se o foco estiver na agência dos sujeitos, há uma tendência em restringir a força das mediações sociais no condicionamento das práticas sociais; por outro lado, se as mediações estão em primeiro plano na análise, há um risco de ofuscar o potencial inventivo de tais práticas. Diante disso, a nossa proposição é analisar ambos os aspectos articuladamente.

A constituição dos sujeitos e a configuração adquirida por determinada sociedade se dão na interação entre elas, desse modo não se sustenta uma dicotomia entre mundo real e seus materiais expressivos. A escrita na sua relação com o lugar serve para articular a experiência do sujeito e proceder a configuração do mundo no próprio momento de sua formulação expressiva-constitutiva. Assim, textos coletivos – sejam de grupos juvenis, movimentos sociais, movimentos de mulheres, entre outros – podem ser reconhecidos enquanto formulações que configuram a realidade social no momento de sua expressão. A interação entre sujeito e contexto é dinâmica e um elemento constituidor das realidades.

Importantes aspectos da constituição dos modos de estar junto dos jovens foram identificados para a definição de tipos de consumo cultural, que resultam em práticas comunicativas específicas daquele sujeito coletivo. Ao identificar esse campo de força em operação, a partir dos Diários, percebemos três principais instâncias demarcadoras de padrões de socialidade nos contextos dos grupos juvenis: o pertencimento local, os vínculos de coesão grupal e uma força externa como principal motivadora das articulações. Elas aparecem em maior ou menor grau na dinâmica de cada grupo, conforme retomaremos a seguir, e permitem que identifiquemos a força de atuação dos grupos como sujeito coletivo.

O Diário do Art'Periférica demonstra que o lugar – Pernambués – é uma importante dimensão articuladora do grupo, enquanto os laços de coesão interna do próprio grupo são frágeis. Há um forte movimento de centralização na figura do “coordenador”, o jovem Jean. O texto desse Diário afirma falar em nome de um coletivo, contudo esse sentido parece bastante comprometido. Há pouco espaço para os modos de estar junto vivenciados pelos integrantes do grupo, o que na nossa concepção fragiliza a força de expressão coletiva, nesse caso.

Já a dimensão coletiva dos Jovens Realistas do Cotidiano é bastante evidente, embora marcada por uma hierarquização de papéis. O grupo é pautado insistentemente no texto do seu Diário e revela, com detalhes, os movimentos que o constituem. Expressa um modo de organização interna semelhante ao padrão usado por ONG's e projetos sociais com a definição de diferentes papéis entre instrutores e educandos. No entanto, nesse caso, pessoas jovens ocupam ambas as funções, não há referência significativa do mundo adulto. O JRC está assentado numa concepção do jovem como protagonista, o que

está explícito na relação de referência dos meninos e meninas do Alto do Cabrito com seus instrutores – Cláudia e Julielson – e evidenciado pelas imagens do grupo em ação. Outras instâncias importantes na constituição desse campo de força são a presença do feminino e a marca do grupo enquanto lugar de acolhimento que ela implica.

O Diário do Trama dos Arteiros também evidencia nos seus escritos os modos de encontro entre os oito (8) jovens moradores de Marechal Rondon e a formação do grupo como resultado de um desejo desse coletivo. Esse texto enfatiza os vínculos internos do grupo e aciona a experiência artística, fundamentada na linguagem teatral, como impulsionadora dessa coesão.

O Trama apresenta um modelo de organização mais próximo daquele comumente observado em grupos de teatro populares, comunitários, no qual os integrantes partilham todas as funções, desde as artísticas até as organizacionais: arrumam o palco, instalam o som, ensaiam, representam, cobram ingresso na bilheteria, etc. Esse grupo apresenta, ainda, uma forma única de lidar com a sua referência territorial. Eles se identificam como “pertencentes” ao bairro de Marechal Rondon, contudo desejam que sua atuação extrapole as fronteiras geográficas desse lugar para, num movimento de retorno, tornar Marechal visível pela sua produção cultural. O grupo apresenta o objetivo geral de promover a cultura de paz e a cidadania em escolas e comunidades da cidade de Salvador e destaca como um dos seus objetivos específicos “disseminar as atividades teatrais realizadas no bairro de Marechal Rondon.” (Trama, 2008, s/p). Essas características evidenciam uma dimensão de socialidade que, ao pautar as especificidades daquele grupo naquele lugar, opera um movimento de ampliação do seu sentido, ou seja, insere o Trama no contexto ainda maior de grupos artísticos populares que atuam em prol de mudanças no estado de coisas.

Já o Grupo Jovem Nova Geração apresenta a constituição de seus laços comuns de forma muito dependente da motivação de um fator externo ao próprio grupo. No caso específico, de uma líder comunitária e também mãe de um dos jovens. É marcante a ausência em todas as catorze (14) páginas do caderno de qualquer referência à formação do grupo: quem são esses integrantes do Nova Geração? Quais são seus nomes? Como são seus rostos? Essas informações não aparecem e deixam uma marca evidente de fragilidade na coesão do grupo.

Esses diferentes modos de constituição do coletivo e de elementos acionados

ratificam duas percepções importantes para a nossa reflexão. Uma delas, valida a pluralidade de formatos organizativos da atuação juvenil, mesmo que em contextos semelhantes, dificultando a identificação de um deles como melhor, mais eficiente ou mesmo mais resistente que outros. A outra, contudo, permite-nos identificar duas condições que fragilizam a proposição dos jovens. Em primeiro lugar, quando essa exibe uma forte dependência de elemento externo ao grupo, como acontece com o GJNG, ou quando está centralizada em um único sujeito, com frouxas relações de parceria. A força da sua enunciação, enquanto ator coletivo, parece ser minimizada nesses casos. Em segundo lugar, ao colocar o território, a experiência vivida com outros na materialidade das ruas, casas, escolas ou postos de saúde, como elemento essencial para o sentido de comum entre os sujeitos, que define, portanto, a ideia de uma comunidade.

As institucionalidades que medeiam as vivências desses sujeitos nesses territórios são variadas e possuem diferentes graus de interferência nas relações entre eles. A análise dos Diários Criativos revelou uma dupla relação institucional operando na confecção desses materiais expressivos: a dimensão regulada pelos discursos estratégicos e a dimensão de uma “outra institucionalidade”, resultante do investimento dos próprios sujeitos-autores dos Diários em constituir novos modos de articulações locais.

Na constituição do campo das forças estratégicas, identificamos dois (2) vetores com relevante contribuição, são eles: o discurso de organizações sociais, especificamente do CRIA, e o discurso da grande mídia.

Esses quatro grupos juvenis e, especialmente, a elaboração dos Diários Criativos têm uma relação direta e explícita com o Centro de Referência Integral de Adolescentes e, em muitos momentos, ao longo dessa pesquisa, esse pertencimento foi evidenciado. Para o desenvolvimento dessa reflexão os Diários são considerados textos próprios dos grupos, um material autoral com marcas coletivas, e autônomos enquanto produto comunicacional. Sua relação originária com a demanda formulada pelo CRIA, no entanto, não pode ser minimizada nem muito menos desconsiderada. A nossa proposta foi evidenciar essa origem e incluí-la como elemento de análise, entre outras, de igual ou maior relevância.

Os Diários Criativos explicitam marcas dessa presença institucional de diferentes maneiras, conforme já apresentamos detalhadamente no capítulo 3, que se evidenciam

em quatro (4) principais arranjos: 1) uma indissociação entre atividades propostas pela ONG e aquelas realizadas pelo Grupo em um sentido de incorporação dessas ações, como, por exemplo, a realização da Feira Ser-Tão Brasil – indicada pelo Art’Periférica – ou mesmo a formação do grupo gestor, mencionada na capa do caderno do JRC; 2) a semelhança na estrutura organizacional, a definição de coordenadores, instrutores de linguagens artísticas e oficinas nos grupos; 3) a incorporação de questões e bandeiras de militância propostas pelo CRIA, como, por exemplo, a valorização da memória cultural dos bairros e dos mestres populares da cultura visibilizada pelo Art’Periférica e pelo GJNG, ou a utilização do teatro como linguagem principal de ação acionada pelo Trama dos Arteiros e; 4) a organização da estrutura interna dos próprios Diários que, em alguns momentos, dialoga com as questões formuladas pelo CRIA – a presença de seções de “mapeamento de serviços e atividades culturais” em todos os cadernos é um exemplo significativo.

Ao observarmos o funcionamento dessa instância de mediação não queremos identificar graus de influência – alto, médio e baixo – que definam automaticamente a capacidade de autonomia dos grupos, pois tal postura levaria à seguinte lógica linear: baixa influência do CRIA implicaria alto grau de autonomia e, portanto, eficiência da atitude resistente; por sua vez, alta influência do CRIA implicaria baixa ou nula capacidade transformadora. O uso do mapa das mediações auxilia, precisamente, na negação dessa perspectiva porque insere o sujeito no centro de um sistema perpassado por diferentes campos de forças que atuam com intensidades diversas em cada ponto do mapa, ou seja, depende de cada rearranjo dos vetores operantes em determinado contexto.

Desse modo, recusamos duas posições comuns nos discursos sobre a relação entre ONG’s e projetos sociais e a juventude beneficiária desses programas: de um lado, a perspectiva que confere uma potência resistente ao material apenas pelo fato dele ser resultado de um processo educativo que prevê a formação de jovens enquanto sujeitos críticos e transformadores de suas realidades; de outro, um panorama que desconsidera qualquer possibilidade de resistência devido justamente à situação de “institucionalização” desse jovens-autores, como se, nesse caso, a dimensão reguladora do discurso institucional impedisse o aparecimento de práticas de caráter libertário e contestador.

Concluimos, a partir desse estudo, ser real o aparecimento de zonas de possibilidade nas quais a prática juvenil pode se tornar resistência. Identificamos que, até mesmo no campo dos discursos reguladores, há transbordamentos, coisas que escapam. E nesses momentos os sujeitos reelaboram as estratégias e fazem novos usos, apropriando-se dessa prática gerada pelo uso. Se o Diário responde a uma demanda institucional que o condiciona de determinado modo, ele também passa a ser uma plataforma para expressão de demandas próprias de cada grupo. Mesmo o texto do GJNG que, como observamos anteriormente, explicita um baixo grau de autonomia, expressa questões que afligem seus membros, dando forma e existência aos problemas.

Em nossa comunidade, nós temos 1 escola pública estadual e 02 escolas municipais e 23 escolas privadas. Para uma população de 43 mil habitantes ter somente 3 escolas da rede pública, isto é um absurdo! (...) D. Célia mãe de e filhos nos diz que fica aborrecida quando chega a época das matrículas e ela nunca consegue colocar os filhos para estudarem perto de onde moram. Outras mães reclamam do descaso da Secretaria de Educação, com nossas escolas públicas, principalmente aqui na comunidade [sic] (GJNG, 2008, s/p. Sublinhado do autor).

A segunda dimensão de mediação institucional com relevante presença nos Diários Criativos é o papel do midiático-massivo na constituição dos discursos e, especificamente, a relação dialética de afastamento e incorporação entre os grupos juvenis e os grandes meios de comunicação. Para analisar essa presença na estrutura de forças que caracterizam a inserção contextual dos jovens autores dos Diários Criativos reforçamos a compreensão do discurso midiático como uma das forças operantes no mapa das mediações.

Para a efetiva utilização dessa concepção é importante explicitarmos a apropriação que fizemos do mapa das mediações. Este foi elaborado inicialmente – entre outros objetivos – para revelar a pluralidade de forças operantes nos meios de comunicação massivos e superar a ideia da tecnologia como mediadora central, destacando o que Martín-Barbero chamou de “mediadores socioculturais”, como escolas, família, igreja, bairro, etc.

O que busco com esse mapa é reconhecer que os meios de comunicação constituem hoje espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural, mas também alertar, ao mesmo tempo, contra o *pensamento único* que legitima a ideia de que a tecnologia é hoje o “grande mediador”, entre as pessoas e o mundo, quando o que a tecnologia medeia hoje, de modo mais intenso e acelerado, é a transformação da sociedade em mercado, e deste em principal agenciador de mundialização (em seus muitos e contrapostos

sentidos) (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 20. *Itálico do autor*).

Portanto, nessa formulação inicial compreender a comunicação massiva a partir das mediações era a perspectiva central do autor. No uso aqui proposto, há um deslocamento dos meios de comunicação de um lugar central para um dos vetores operantes no campo de forças que constitui a vida social, ou seja, o discurso dos meios enquanto uma instância de mediação institucional.

Esse descentramento, no entanto, opera em sintonia com a concepção do próprio Martín-Barbero sobre o massivo que, desde suas formulações iniciais, apresentou uma proposta de compreender as mediações históricas do comunicar, portanto, um entendimento da comunicação a partir da cultura. Perspectiva que insere a produção de discursos dos meios massivos em um movimento ambíguo entre “a materialização da racionalidade de uma certa cultura e de um modelo global de organização do poder” (2001, p.268) e a possibilidade de dialogar com narrativas populares acionadas pela memória cultural. Desse modo, sua perspectiva se afasta de análises folcloristas – que defendem uma autenticidade, uma essência popular a ser preservada – e também de uma ótica simplista de dominação cultural da classe hegemônica através dos discursos dos meios de comunicação massivos. Contudo, a sua crítica continua bastante atenta ao funcionamento dos modos de dizer, às dinâmicas de incorporação e recusa das demandas dos sujeitos. Nas suas palavras, “um novo modo de funcionamento da hegemonia” (2001, p. 322) exercido pelos meios midiáticos massivos.

A relação de porosidade comentada acima é bastante visível na análise dos Diários. Há uma explícita referência a um descontentamento com o modo como as juventudes das periferias são abordadas pelo conjunto discursivo que os grupos reconhecem como midiático. Os Diários do Art’Periférica, do Trama dos Arteiros e do GJNG apresentam a oposição ao conteúdo veiculado por meios massivos como um importante elemento definidor da sua existência enquanto produto comunicacional ao mesmo tempo em que acionam elementos dessa mesma rede discursiva, o que pareceria explicitar uma contradição e, portanto, retiraria toda a força da crítica feita pelos Diários e a coerência da abordagem que eles propuseram.

A nossa proposição, no entanto, inverte essa lógica ao demonstrar que os grupos, ao perceberem a força que essa mediação institucional tem na configuração de suas realidades podem implementar ações táticas de reordenamento de conteúdos e

formatos numa perspectiva mais próxima àquela em que se sentem representados. Dessa forma, todo o investimento dos Diários é dizer o que eles querem que seja dito e o que eles acreditam não ter espaço em outros meios de comunicação. Contudo, o modo de tecer os textos demonstra ser difícil sustentar uma oposição entre nós (Diários) e eles (mídia) em todos os momentos. Em alguns Diários há fragilidade nas fronteiras: encontramos abordagens simplistas e preconceituosas, como aquelas expressas pela HQ *Essa viagem está por fora*, e abordagens complexas na mídia, como a matéria *Plataforma para Inclusão*, publicada no Jornal A Tarde.

Outra observação importante, percebida na análise, foi a dificuldade dos jovens das periferias – como qualquer outro sujeito inserido nos modos contemporâneos de produção – em produzir e circular sentidos em formatos radicalmente diferentes daqueles disseminados pelos meios massivos. Ainda que o modo de operar – isto é, os formatos com os quais sentimos segurança para expressar ideias – seja algo difícil de ser radicalmente transformado, a resistência aos modelos aparece nos detalhes, nas brechas. Um exemplo dessa apropriação tática possível está na utilização feita pelo Trama dos Arteiros do blog denominado “Jornal de Maré”. Nesse produto, que aciona um formato da mídia massiva – o Jornal, o grupo faz uma crítica, de forma bem-humorada, a falta de pluralidade de representações e imagens sobre o bairro no ambiente virtual, ao mesmo tempo que contribui para sua diversificação.

Outro exemplo, discutido no capítulo 3, é a prática do GJNG de interferir em um texto originalmente publicado no jornal A Tarde, suprimindo informações que eles não querem visibilizar e adicionando outras que não constavam na versão, digamos, “original”. Novamente a dimensão que nos interessa ressaltar é a da complexidade, da relação de negociação com as marcas institucionais que configuram o campo de tensão, a partir do qual o Diário Criativo se torna possível.

Ainda nessa dimensão pudemos identificar que o fazer dos grupos, expresso nos Diários, cria uma dimensão institucional inesperada: uma rede de pontos que configuram um novo texto sobre a juventude e as suas periferias. Essas redes são exercícios de constituição de um coletivo que, por essa condição, é capaz de agregar valor e ocupar mais espaços na disputa por reconhecimento e autoridade de lugar de fala. Um bairro ou uma comunidade que se fortaleça em torno de práticas críticas e transformadoras consegue configurar uma determinada imagem e, portanto, pode

competir com outras construções? Acreditamos que sim.

Na nossa perspectiva, movimentos como esses que foram apresentados pelos Diários Criativos, os quais o JRC denomina “cultura comunitária” e Martín-Barbero identifica como “uma nova institucionalidade” (2001a, p. 284) configuram redes de atuação em uma dinâmica de consolidação de novos sujeitos coletivos e provocam, também, um fortalecimento da sociedade civil.

Considerando cada Diário como manifestação de uma relação entre técnica-uso-lugar específico (Martín-Barbero 2001; Santos 2006), percebe-se uma plataforma de expressão dos jovens, o lugar a partir do qual as técnicas ganharam efetividade com seu uso. O relevante para a nossa análise foi perceber como o próprio processo de elaboração do material, a necessidade de dizer algo, definiu as destrezas convocadas – trata-se de uma percepção inversa, que não se pautou pela definição da técnica a priori, mas respondeu à necessidade de cada produto comunicacional – e também identificou os ganhos que cada uso propiciou junto aos macro-objetivos formulados pelos grupos.

A diversidade de operações realizadas pelos jovens nas páginas em branco demonstra um alto grau de inventividade na relação entre o que eles querem dizer e como dizer. São textos manuscritos, textos digitados, recortes de imagens, fotografias, colagens de objetos de uso cotidianos, desenhos, recortes de jornais, uso de canetas coloridas, pilotos, lápis, tintas, cartolinas, papéis coloridos, enfim, uma pluralidade de formatos acionados em diferentes momentos pelos quatro(4) grupos juvenis. Cada uma dessas operações requer uma destreza, o conhecimento de um modo de usar.

Queremos chamar atenção para o acionamento do escrito entendido aqui como a formalização da linguagem oral em uma plataforma compartilhável em diferentes tempos e espaços. Esse exercício aparece na dinâmica de elaboração dos Diários carregado de sentidos políticos transformadores. Para essa percepção foi fundamental a articulação com as propostas do teórico francês Jaques Rancière (1994) em torno da sua concepção de escrita política.

Desse modo, pudemos compreender a elaboração do Diário Criativo a partir das destrezas técnicas que ele suscitou – uso do texto escrito, da norma culta, do recorte, da composição de elementos, dos desenhos, etc. –, como uma ação de pôr em comum, de tornar visível uma determinada posição com base na articulação entre a ordem do discurso e a das condições vividas. Cada inscrição, cada texto, desenho ou colagem é um

modo encontrado pelo grupo de dar forma a sua experiência sensível, portanto capaz de operar transformações no regime de visibilidade hegemônico, aquilo que o referido autor identificou como “palavra soberana” (1994, p. 08).

Em uma leitura bastante inspiradora dos escritos de Rancière sobre política e estética, Ângela Marques (2012) identifica a produção de “cenas dissenso” enquanto uma das três dimensões estéticas da política, ao lado da “produção do comum” e dos “modos de resistência”. Dedicamos, aqui, atenção ao que a autora propõe a partir do entendimento do fazer político como produção do dissenso, “que se constituem quando ações de sujeitos que não eram, até então, contados como interlocutores, irrompem e provocam rupturas na unidade daquilo que é dado e na evidência do visível para desenhar uma nova topografia do possível” (MARQUES, 2012, p.3).

Essas observações corroboram com as nossas interpretações de que os jovens autores dos Diários Criativos vão descobrindo a sua importância como atores políticos no processo de atuação, nesse caso, no uso das suas capacidades ao construir esse novo texto. Queremos dizer que, nesse aspecto, mais importante do que o Diário enquanto produto acabado, a força transformadora está no processo de constituição dessa escrita, aquilo que Rancière, sob a ótica de Marques (2012), define tornar-se um “ser de palavra”.

Rancière questiona a estrutura de um “mundo comum” sustentado pela racionalidade, universalidade e consenso, para revelar que os sujeitos não se apresentam prontos como interlocutores de um debate, conscientes de sua fala e de seus posicionamentos em uma ordem discursiva, mas se tornam seres de palavra justamente nesses momentos em que se engajam em espaços de enunciação (MARQUES, 2012, p. 6).

Isso nos possibilita compreender os Diários Criativos enquanto um produto comunicacional capaz de instaurar uma “cena polêmica” a partir da desestabilização de consensos em torno do papel social da juventude periférica, das suas formas de marcar seus lugares no mundo e demandar outros espaços e não previstos.

O trecho seguinte do espetáculo montado pelo Trama dos Arteiros parece funcionar como um bom exemplo dessa interrupção do mesmo, promovida pelos Diários.

E a policia que chega à periferia, bota a mão na cabeça, deita, deita vagabundo, e xinga e bate e ...
E o ônibus lotado voltando para casa saindo do trabalho? Há isso

quando se tem trabalho.
E o mensalão e o dinheiro na cueca e a luta pela terra.
Nós sabemos que a lista é grande.
Estão brincando com a gente!
E todo dia tem mais gente ganhando seu diploma de bem comportado.
Rasgue esse negócio rapaz! Se não a brincadeira não acaba.
(TRAMA, 2008, s/p. Negrito nosso)

A quarta e última dimensão do mapa das mediações que serviu como guia para nossa reflexão é a das ritualidades. Ela expressa, na apropriação que fizemos, os movimentos de constituição do sujeito coletivo – o grupo juvenil – enquanto ator social. Revela novos modos de estar junto que respondem às necessidades dos sujeitos em diálogo com seus respectivos contextos de atuação. Os marcos ritualísticos e a dimensão transformadora desse empreendimento foram as questões que nos mobilizaram, mais fortemente, na observação dos Diários a partir dessa mediação.

Os Diários Criativos revelam, cada um a sua maneira, um significativo investimento dos jovens na configuração do sentido de grupo. Apesar de algumas passagens apresentarem um tom mais individual, principalmente no Diário do Art'Periférica, a tônica dos escritos é de ser um produto coletivo, feito a muitas mãos. A diversidade de grafias e traços – no mesmo caderno, inclusive – é um aspecto interessante a ser observado.

Apresentar o texto como fruto de um trabalho coletivo parece trazer duas importantes consequências: garantir maior autoridade para o próprio texto enquanto formulação de demandas, expectativas e pontos de vista de um grupo e fortalecer a juventude na qualidade de ator social no conjunto da sociedade, dando mais peso a seu papel político – expressando, desse modo, maior capacidade de mobilização da juventude das periferias.

Todos os quatro (4) Diários reservaram um espaço para apresentar o grupo, embora este no caderno do GJNG seja bastante reduzido. São escritos que falam da formação, dos objetivos e das características principais de cada um. As imagens usadas também explicitam marcas ritualísticas: rodas, mãos dadas, palco, danças, abraços, sorrisos, tranças nos cabelos, debates e conversas.

Além de todas as marcas já evidenciadas, queremos chamar atenção para o ritual de batismo refletido nas escolhas dos nomes – Grupo Art'Periférica, Grupo Jovens Realistas do Cotidiano, Grupo de Teatro Trama dos Artesãos e Grupo Jovem Nova

Geração. Cada um deles expressa as marcas que querem chamar atenção: Arte, Periferia, Realidade, Cotidiano, Artistas/Arteiros, Trama-Enredo, Nova Geração e no fim, ou enfim, Jovens mais fortalecidos porque estão em grupo.

Mesmo com todas as diferenças apresentadas ao longo do capítulo 4, podemos identificar algumas marcas comuns aos quatro (4) Diários no que diz respeito ao investimento na construção social dos lugares na cidade com os quais os jovens-autores reafirmam, insistentemente, seus pertencimentos territoriais. Tal construção que está articulada em torno da ideia de “periferia” da cidade, um espaço não homogêneo formados de muitos espaços reconhecíveis – nesse caso Pernambués, Alto do Cabrito, Marechal Rondon e Cosme de Farias – que, apesar das peculiaridades de cada um deles, apresenta marcas comum que justificam a simplificação presente no termo. Ao menos em determinadas situações.

Desse modo, identificamos nos Diários duas principais dimensões em operação pelos jovens quando se trata de constituir seus lugares, narrar seus pertencimentos territoriais na cidade: 1) tornar esses lugares visíveis na dinâmica de constituição dos sentidos que delimitam a cidade de Salvador; 2) desestabilizar as imagens comuns que associam esses lugares às experiências de violência e de escassez. Para isso a vida nesses bairros é mostrada a partir de imagens complexas que explicitam violências, tiros, policiais que matam, jovens que morrem, jovens mobilizados por uma causa ou ação, espetáculos teatrais, escolas que não funcionam, postos de saúde precários, escolas abertas a ações artísticas, o transporte público caótico, rodas de conversa e de capoeira, a ocupação dos espaços públicos, a ausência de equipamentos culturais, feiras culturais, seminários, etc.

Para compor o fragmento oficial do nosso mapa-texto acionamos duas diferentes representações: o discurso oficial voltado para o setor do Turismo e o discurso oficial do campo político da Cultura. A primeira abordagem exercitou, com muita força, o apagamento das regiões consideradas não centrais na elaboração da cidade de Salvador. Os lugares nos quais os jovens autores dos Diários Criativos moram, estudam, às vezes trabalham, compram, namoram, não existem nessa representação da cidade. E, como nem existem, ficam impedidos de despertar algum interesse daqueles que visitam a capital baiana.

Já no texto oficial da Cultura eles têm lugar. São reconhecidos como pólos

culturais e, portanto, teriam o que dizer, o que mostrar. Contudo, isso efetivamente pouco acontece. As informações disponibilizadas reafirmam momentos históricos, visibilizando acontecimentos relacionados a uma memória daquele lugar: como surgiu, quando e por que se chama Alto do Cabrito ou Marechal? A imagem desses lugares fica sem presente. O que acontece nesses lugares agora, hoje? Inquietação que aparece no Diário do Trama dos Arteiros, quando eles afirmam: “Mesmo classificados pela Prefeitura como 'pólo de cultura' da cidade o site não justifica a concessão do título. Ou seja, o que rola aqui, ninguém sabe, ninguém diz” *[sic]* (Trama, 2008, s/p).

E a “Mídia”? Ela é acionada pelos Diários Criativos como principal contradiscurso, ou seja, como representação daquilo que eles não querem. De quais maneiras os textos midiáticos localizaram esses lugares na cidade? O primeiro aspecto relevante é a visibilização desses lugares: eles são tematizados, ocupam espaços importantes na dinâmica do veículo de mídia impressa escolhido como corpus empírico para essa análise. São reportagens, entrevistas, editoriais, artigos, fotografias em destaque, enfim, a periferia de Salvador aparece em diferentes seções no Jornal. No entanto, sua aparição está condicionada a dois principais modos de ser: 1) lugares violentos e 2) lugares de ausência, de falta. É evidente que essas duas dimensões são as principais e não as únicas. Existem outros modos – lugar solidário ou lugar criativo, por exemplo – que, por vezes, também aparecem e exercem uma importante função desestabilizadora do próprio conjunto ao qual pertencem, o dos textos da mídia de alcance massivo.

O processo de autoidentificação dos autores dos Diários enquanto jovens também foi acionado na composição do mapa-texto, assim como o reconhecimento das marcas de definição dos modos de ser jovem na/da periferia formuladas pelos textos oficiais e pelos textos midiáticos. Essas marcas de identificação são entendidas na sua condição de processo, de posições assumidas em caráter transitório, o que, no entanto, não minimiza sua importância para a localização dos sujeitos e a definição dos seus sentidos de pertencimento a determinado grupo ou posição.

O texto oficial afirmou uma pluralidade de condições que caracterizam os modos de ser jovem. Com isso, caminhou na direção de superar uma tendência homogeneizante da abordagem macropolítica ao reconhecer a diversidade de identificações que geram, também, diversos modos de pertencimento. Concepções expressas no “Reconhecimento da Diversidade”, no contexto da Política Estadual de Juventude, por exemplo. Entre essas

condições específicas estão recortes de gênero, de orientação sexual, de pertencimento étnico e, também, de pertencimento territorial. Tais recortes dialogam com a concepção dos jovens-autores dos Diários no sentido de percepção de marcas peculiares que identificam a juventude de classes populares e moradora das periferias da cidade.

O fragmento oficial do mapa-texto também oferece um posicionamento que localiza o jovem enquanto sujeito de direitos e ator estratégico do desenvolvimento, contrariando posições que já foram o centro do discurso oficial: a juventude como problema social e principal público beneficiário de ações de cunho assistencialista.

Já o conjunto de textos midiático oferece três (3) principais posições para identificar essa juventude: como alvo de violência – da polícia, de outros jovens, do Estado –; como autor de atos violentos; como público beneficiário de ações sociais. E uma quarta, com frequência menor, mas com alto poder de constituição do imaginário social: o jovem pobre como aquele que poder ter “sorte” e ser resgatado daquela condição.

Os modos de ser jovem, apresentados nos Diários, estão articulados a duas importantes condições que aproximam esses sujeitos: a relação de pertencimento aos lugares onde vivem e ao grupo do qual fazem parte. Desse modo, o nosso olhar investigativo esteve dedicado à forma como esses jovens se identificam a partir do funcionamento desses três marcadores identitários,: ser jovem, da periferia e integrante de determinado grupo. Contudo, ressaltamos que muitos outros operam simultaneamente – gênero, sexualidade, etnia, religiosidade, filiação político-partidária, etc. – provocando novos posicionamentos e relocalizações dos sujeitos.

A análise dos textos dos Diários nos permitiu reconhecer uma autonarrativa que privilegiou a constituição do marcador juventude periférica com base na função social desse sujeito. Eles se apresentam, de forma geral, a partir da condição de agente transformador da sua realidade e, para isso, se inserem na centralidade de processos artísticos carregados de inventividade. É claro que muitas outras questões são acionadas nos Diários e foram apresentadas ao longo do trabalho, contudo, numa tentativa de síntese, consideramos que a função de agente transformador é a posição principal que os autores querem revelar nesses textos específicos. “Eu vejo muitos conflitos na minha comunidade. Mas também eu vejo um sol lindo e um dia maravilhoso e é isso que nos dá forças para tentar tirar as paisagens ruins como: violência, discriminação racial e social,

alienação de classes, medicança e etc.” [sic] (JRC, 2008, s/p).

Outra marca importante, evidenciada nos textos, é o compartilhamento de um processo de transformação que evidencia mudanças significativas na subjetividade desses jovens, promovendo alteração nos padrões de autonomia, autoestima e segurança. O texto *Transformação* do Trama dos Arteiros exemplifica, com propriedade, essa observação. “Com desejo de mudança, de transfigurar-se, transformar-se em alguma coisa, de poder estar em outros lugares. Desejo... Desejo de mudar a própria realidade. Desejo de tirar do papel e ser... Ser de verdade o que quiser ser” (Trama, 2008, s/p).

Esse desejo de mudança é também um diálogo com as outras formulações sobre os modos de ser dessa juventude que, muitas vezes, predefine papéis sociais a serem ocupados, como aqueles visibilizados pelo texto midiático, por exemplo. A quebra dessas barreiras e a compreensão radical, porque marcada no corpo, do direito a ocupar qualquer espaço na sociedade e se posicionar de qualquer maneira é um ganho político muito significativo. São formas de interromper ciclos de repetição de padrões sociais excludentes e preconceituosos que tentam delimitar até onde esses jovens podem chegar, na concepção proposta por Marques (2012) em diálogo com Rancière, um modo de “fazer figurar o mundo dos ‘sem-parte’ dentro do ‘mundo consensual’” (p. 10).

Os Diários são formas textuais de interromper esse ciclo, inserindo esses sujeitos políticos no contexto social de forma complexa, tensa e até mesmo contraditória. E por todas essas condições e características configuram-se enquanto uma prática resistente que tensiona as condições ditas reais, forçando a abertura de novos espaços para a prática desses jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virginia (org.). **Juventude e Adolescência no Brasil: referencias conceituais**. São Paulo, Ação Educativa, p.19 - 35, 2005.
- ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane; ESTEVES, Luiz Carlos. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2007.
- ABRAMOVAY, Miriam et all. **Gangues, Galeras, Chegados e Rappers – Juventude, Violência e Cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- AÇÃO para jovens no subúrbio ferroviário. **Jornal A Tarde**, 08 mar. 2008, Editoria Salvador & RM, p. 5
- ALCÂNTARA, Deodato. Entidades exigem punição para policiais que matam. **Jornal A Tarde**, 25 de jan de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 04.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado**. (Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro). 2a edição. Rio de Janeiro: Edições Graaal, 1985.
- ARAÚJO, Marianna & COUTINHO, Eduardo Granja. Marginalidade e Cidadania: a comunicação do oprimido. In: **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Intercom. Curitiba, 2009.
- ARAÚJO, Marianna & COUTINHO, Eduardo Granja. Hip Hop: uma batida contra-hegemônica na periferia da sociedade global In: BORELI, Sílvia; FREIRE FILHO, João (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, p.211-228, 2008.
- ART'PERIFÉRICA. **Diário Criativo do Grupo de Jovens Art'Periférica**, Salvador, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: como é, como se faz?**. São Paulo: Loyola, 2006.
- BAHIA. Lei no. 1835/2010 de 11 de novembro de 2010. Institui o Plano Estadual da Juventude. (disponível em www.juventude.ba.gov.br)
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- BARBALHO, Alexandre (org.). Brasil, Brasis: **Idendidades, Cultura e Mídia**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.
- _____. Jovens com idéia na cabeça e câmara na mão: biopolítica e trabalho imaterial na produção audiovisual. **Revista Cinética. Estéticas da Biopolítica - Áudio Visual, Política e Novas Tecnologias**, 2008.
- _____. Juventude, Cidadania e Comunicação. *Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos*. No. 13(2), p. 86-93, maio/agosto 2011.
- BARKER, Chris. **Cultural Studies: Theory & Practice**. London: Sage Publications, 2008.
- BARROS, Lydia. Subculturas: um conceito em construção. In: **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/ Intercom**, Santos, 2007.
- BASTOS, Marco Toledo. Do sentido da mediação: às margens do pensamento de Jesús Martín-Barbero. **Revista FAMECOS**, nº 35, Porto Alegre, p.86 -89, 2008.

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem** (Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira), 9ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BENJAMIM, Walter. **Rua de Mão Única- Obras Escolhidas - Volume II**. São Paulo: Brasiliense, 6ª reimpressão, 2011.
- BERENSTEIN JACQUES, Paola. Corpografias Urbanas: o corpo enquanto resistência. **Cadernos PPG-AU**, p. 93 – 104, ano 5, número especial, 2007.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin**. São Paulo: EDUSP, 1994.
- BOOTH, W.; COLOMB, G.; WILLIAMS, J. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BORELI, Sílvia; FREIRE FILHO, João (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.
- BORELLI, Silvia & ROCHA, Rose de Melo. Juventudes, Mídia e Consumo: a cidade como arena. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo vol. 5 n. 13, p. 27 – 40, jul. 2008.
- BORELLI, Sílvia & OLIVEIRA, Rita de Cassia. Vida na Metrópole: Comunicação Visual e Intervenções Juvenis em São Paulo. In: **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/ Intercom**, Natal, 2008.
- BORELLI, Sílvia & ROCHA, Rose de Melo. Urbanas Juventudes: modos de ser e viver na cidade de São Paulo. In: **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/ Intercom**, Brasília, 2006.
- BRITO, George. Entregues à própria sorte. **Jornal A Tarde**, 13 de jun de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 04.
- BRITO LEMUS, Roberto. Hacia una sociologia de la juventude – Algunos elementos para la deconstrucción de un nuevo paradigma de la juventud. **Revista Ultima Década** no. 9, Viña Del Mar, p.177 - 188, 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.
- _____. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- _____. Introducción: antropología y estudios culturales. In: **Revista Alteridades** 3(5), p.5 - 8, 1993.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo, Studio Nobel, 1997.
- _____. **Culturas Extremas: Mutações Juvenis nos corpos das Metrôpoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CARRANO, Paulo. Juventude e Participação no Brasil – interdições e possibilidades. In: **Revista Democracia Viva n. 30** – Especial Juventude e Política. Rio de Janeiro, IBASE, Jan 2006/mar, p.03-05, 2006.
- CASTELLS, Manuel. Introdução. In: ABRAMOVAY, Miriam et all. **Gangues, Galeras, Chegados e Rappers** – Juventude, Violência e Cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- CASTRO, Jorge; AQUINO, Luseni; ANDRADE, Carla (orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 17. Edição, Petrópolis: Vozes, 2011.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHAUI, Marilena. **Cidadania Cultural** – O direito à Cultura. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. Apresentação. In: SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena** - experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970/1980. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1995.

CIRINO, Helga & OLIVEIRA, Meire. Revolta por morte de garoto. **Jornal A Tarde**, Salvador, 16 de jan de 2008. Editoria Salvador e RM, p. 04.

COMUNIDADE.... Comunidade Planeja novos protestos. **Jornal A Tarde**, 5 de maio de 2008. Editoria Salvador & RM, p. 8.

COULDRY, Nick. Culture and Citizenship – the missing link?. **European Journal of Cultural Studies**, Vol 9 (3), p. 321 - 339, 2006.

CORTI, Ana Paula. Identidades e trajetórias no espaço urbano de São Paulo. **Revista Democracia Viva n. 30** – Especial Juventude e Política. Rio de Janeiro, IBASE, Jan 2006/mar, p.30-31, 2006.

CUBIDES, Humberto & GUERRERO, Patrícia. Modos de agrupación y prácticas políticas de jóvenes contemporâneos en la ciudad de Bogotá. **Revista Ponto-e-Vírgula**, nº 4, p. 178 - 195, 2008.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 24, p.40 - 52 2003 .

DELEGACIA especializada perdeu 50% do numero de agentes. **Jornal A Tarde**, Salvador, 09 mar. 2008, Editoria Salvador & RM, p.4

DELGADO, Ricardo; OCAMPO, Angélica; ROBLEDÓ, Ângela. La acción colectiva juvenil. Un modelo de análisis para su abordaje. **Revista Ponto-e-Vírgula**, São Paulo, nº 4, p. 196 - 216, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DU Gay *et al.* **Doing Cultural Studies: The Story of Sony Walkman**. Sage, London, 1997.

BAHIA...Bahia tem Nova Política de Juventude. **Revista Jovem Geração**, Salvador, Ano 1, nº 1, p.5, janeiro de 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. No Diário dos Estudos Culturais: O ordinário e o cotidiano como tópicos de pesquisa. In: **Anais do XVIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Belo Horizonte, 2009.

_____. Quando a recepção já não alcança: por uma revisão de objeto e método. In: **Anais do XVII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, São Paulo, 2008.

_____. Stuart Hall: esboço de um itinerário biointelectual. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 21, p.61 - 74, agosto 2003.

_____. Anotações para pensar o sujeito nos estudos culturais. **Animus**, Santa Maria - RS, v. II, n. 1, p.69 - 79, 2003.

_____. **Cartografias dos estudos culturais**. Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

FEIXA, C; SAURA, J; COSTA, C.. De jóvenes, movimientos y sociedades. FEIXA, C *et al* (org.): **Movimientos juveniles: de la globalización a la antiglobalización**. Barcelona: Ariel Social, 2002

FILHO, Milton & JUNGBLUT, Cristiane. Lula anuncia uma “pequena revolução”. **Jornal A Tarde**,

18 de mar de 2008, Editoria Política, p. 12.

FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César (org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **Revista Ciberlegenda**. no. 5, s/p, 2001

_____. Louis Queré: dos modelos da comunicação. **Revista Fronteiras Estudos Midiáticos**. São Leopoldo, Unisinos, volume 2, no. 2, p. 37-51, 2003.

_____. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M; GOMES, R.C.; FIGUEIREDO, V.F. (org.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. 1 ed. Rio de Janeiro; Aparecida: Editora PUC- Rio; Editora Idéias&Letras, 2004.

_____. Sujeitos da Comunicação, sujeitos em comunicação. IN: GUIMARÃES, César e FRANÇA, Vera (org.) **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Interações Comunicativas: a matriz conceitual de G.H. Mead. IN: PRIMO, Alex et. al. **Comunicação e Interações: livro da COMPÓS 2008**. Porto Alegre: Sulina, p.71 - 92, 2008.

FREIRE FILHO, João & VAZ, Paulo (org.). **Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006a.

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

_____. Novas Perspectivas para o Estudo da Relação entre Discurso Midiático, Juventude e Poder. **Revista Eletrônica E-compós**, volume 06, agosto de 2006b.

_____. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista Famecos**, no. 27, p.18 -p.29, 2005.

_____. Das sub-culturas às pós-subculturas juvenis: música, estilo e ativismo político. **Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**, vol. 3, no. 1, p.138 -166, 2005.

FRUTOS, Susan. Comunicación y derechos en la constitución de la ciudadanía. **Revista Diálogos de La Comunicación**, n. 59/60, Colômbia, p.174 - 181, 2000.

FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. **Salvador Cultura Todo Dia**. Disponível em www.culturatododia.salvador.ba.gov.br.

GARCES MONTOYA, Ángela. De organizaciones a colectivos juveniles: Panorama de la participación política juvenil. **Ultima década.**, Santiago, v. 18, n. 32, jul. 2010.

GJNG. **Diário Criativo do Grupo Jovem Nova Geração**. Salvador, 2008.

GOMES, Patrícia. Dimensão simbólica do conflito sócio-político e cultural de jovens em seis contextos locais na Colômbia. **E-Compós**, Brasília, v. 11, no. 3, p.1 -p.30, 2008.

GOMES, Itania. Gênero Televisivo com categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martin-Barbero. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 111-130, janeiro/abril 2011.

GOMES, Itania. **Efeito e Recepção**. A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. Rio de Janeiro: e-papers, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilização no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010

_____. **Teoria dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 2008 .

GUARESCHI, Neuza Maria. A mídia e a produção de modos de ser da adolescência. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 30, p.81 - 90, agosto 2006 .

GUIMARÃES, Eloisa. Juventude(s) e periferia(s) urbanas. **Rev. Bras. Educação**, no. 5/6 p.199 -

208, Rio de Janeiro, 1997.

GRIMSON, Alejandro. **Los límites de la cultura**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart & JEFERSON, Tony (org.) **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain**. 2ª edition. Routledge: Oxon, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

_____. “Quem precisa de identidade” In: SILVA, Tomás Tadeu.(org). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. **Representation: cultural representation and signifying practices**. London: Sage, 1997a.

_____. A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**. UFRGS/faced, v. 22, n. 2, jul/dez, 1997b, PP. 15-46

_____. Identidade Cultural e Diáspora. **Cidadania. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, no 24, Brasília: Iphan/MEC, p.68 - 75, 1996.

HARTLEY, Jonh. **Communication, Cultural and Media Studies**. London and New York: Routledge, 2007

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna - Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HEBDIGE, Dick. **Subculture: the meaning of style**. Londres: Methuen, 1979.

HERSCHMANN, Micael & GALVÃO Mariana. Algumas considerações sobre a cultura *hip hop* no Brasil hoje. In: BORELI, Sílvia; FREIRE FILHO, João (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, p. 195 - 210, 2008.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.) **Cultura e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

IERVESE, Carine Aprile. Plataforma para inclusão. **Jornal A Tarde**, 09 de jun de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 09.

JRC. Diário **Criativo do Grupo Jovens Realistas do Cotidiano**, Salvador, 2008.

JOHNSON, Richard. O que é afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomás Tadeu (org). **O que é afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, p. 07 - 131, 2006.

KLIKSBERG, Bernardo. O contexto da juventude na América Latina e no Caribe: as grandes interrogações. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro 40(5), p.909 - 942, 2006.

LAGES, Rodrigo & SILVA, Rosane. Paradigma preventivo e lógica identitária nas abordagens sobre hip hop. **Fractal Revista de Psicologia**, vol. 20, p.135 - 148, 2008

LÂNES, Patrícia. Mitos e verdades em torno da participação juvenil. **Revista Democracia Viva n. 30 - Especial Juventude e Política**. Rio de Janeiro, IBASE, p. 72- 75, Jan 2006/mar 2006.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César. (Org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

LEITE, Julieta. A cidade como escrita: O aporte da comunicação na leitura do espaço urbano. **Arquitextos**, Ano 6, no.67, s/p, São Paulo, dez/ 2005.

LEÓN, Oscar. Adolescência e Juventude: das noções as abordagens. In: FREITAS, Maria Virginia

(org.) **Juventude e Adolescência no Brasil**: referencias conceituais. São Paulo, Ação Educativa, p.9 -18, 2005.

LEWIS, Justin. News and the empowerment of citizens. **European Journal of Cultural Studies** Vol 9(3), p. 303 - 319, 2006.

LUZ, Márcia. Os meninos do Bolshoi. **Jornal A Tarde**, 08 de mar de 2008, Editoria Caderno 2, p. 10.

MACHADO, Carla. Pânico Moral: para uma revisão do conceito. **Revista Interações**, no.7, p.60 - 80, 2004

MAIA, João & KRAPP, Juliana. A cidade contemporânea. Leituras e escritas do urbano. In: **Anais do XVIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2009, Belo Horizonte.

MAIA, João & PRATA, Pedro. Uma história de amor juvenil. **Revista E-compós**, Brasília, V. 11, no. 1, p. 01 - 16, 2008.

MARQUES, Ângela. Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. In: **Anais do XXI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, p. 1 - 14, 2012, Juiz de Fora, MG.

MARTIN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia. **Pesquisa FAPESP Online**, edição 163, p. 10-15, setembro 2009a Entrevista concedida à Mariluce Moura.

_____. Uma aventura epistemológica. **Revista Matrizes**, v. 2, n. 2, p. 143-162, 2009b. Entrevista concedida à Maria Immacolata Vassalo de Lopes.

_____. A Mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELI, Sílvia; FREIRE FILHO, João (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, p. 9-32, 2008.

_____. Tecnicidades, Identidades, Ateridades: Mudanças e opacidades da comunicação no novo século. . In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Mdiatiza**. Rio de Janeiro: Manuad, p. 51-80, 2006

_____. Jóvenes: comunicacion e identidad. **Revista digital de Cultura de la OEI, Pensar Iberoamérica**, no. 0, 2002. Disponível em <http://www.oei.es/pensariberoamerica/numero0.htm>

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001a.

_____. **Al sur de la modernidad: comunicación, globalización e multiculturalidad**. Pittsburgh: Universidad de Pittsburgh, 2001b.

_____. "Aventuras de un cartógrafo mestizo en el campo de la comunicación". **Revista Latina de Comunicación Social**, nº 19, La Laguna (Tenerife), s/p, 1999.

MATA, Maria Cristina. Comunicación y Ciudadania – problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras**, volume VIII(1): p. 05-15, janeiro/abril de 2006.

_____. Comunicación, ciudadanía y poder – pistas para pensar su articulación. **Revista Diálogos de La Comunicación**, no. 64, Colômbia, p.64 - 75, 2002.

_____. De La presencia a La exclusión – La obliteracion del conflicto y poder en la escena mediática. **Revista Diálogos de La Comunicación**, no. 59/60, Colômbia, p.167- 174, 2000.

MATO, Daniel. Cultura, comunicación y transformaciones sociales en tiempos de globalización. In: MATO, Daniel & MALDONADO, Alejandro (orgs.). **Cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización**: perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, p.13 - 84, 2007.

MATOS, Daniela & MIGLIANO, Milene. Intervenções urbanas juvenis e a constituição de espaços simbólicos de resistência no centro de BH. **Revista Ponto Urbe**, São Paulo, Ano 4, Vol. 7, s/p, 2010.

MATOS, Daniela. Juventude urbana e periferia: práticas culturais-comunicativas e seu potencial resistente. **Revista Fragmentos de Cultura**, Goiânia, Vol. 20, no. 1, p.131 -150, 2010.

_____. Arte, experiência e modos de engajamento. **Revista Educação, Artes e Inclusão.** , v.4, p.31 - 48, 2011.

_____. “Em pauta a juventude da periferia”: análise dos posicionamentos no jornal A Tarde. **Revista Culturas Midiáticas**, v.7/2011, p.12 -, 2011.

MENDES JÚNIOR, Walcler. **O sujeito-arquiator: conflitos do discurso urbano e midiático**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

MENDONÇA, Ricardo & VAZ, Paulo Bernardo. Só preto, sem preconceito. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, p. 01 - 15, 2006

MILET, Maria Eugênia. **Uma tribo a mais de mil**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas – UFBA. Salvador, 2002.

MONTOYA, Ângela. De organizaciones a colectivos juveniles: panorama de La participacione política juvenil. **Revista Última Década**, Valparaíso, no. 32, p.61 - 83, 2010.

MOREIRA, Diego. Coproduções na Rede Globo: protagonismo da periferia, sob a ótica da elite. **Revista Fronteiras**, volume 11(03), p.211 - 218, 2009.

MORRIS, Meaghan. Banality in cultural studies. In: STOREY, Jonh(org). **What is Cultural Studies? A Reader**. London: Arnold, p.147-167, 1996.

OLIVEIRA, Julia; SILVA, Lúcia; RODRIGUES, Solange. Acesso, identidade e pertencimento: relações entre juventude e cultura. **Revista Democracia Viva n. 30** – Especial Juventude e Política. Rio de Janeiro, IBASE, p.62 – 65, Jan 2006/mar 2006.

OROZCO-GOMEZ, Guillermo. Comunicação Social e Mudança Tecnológica: Um cenário de Múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatiza**. Rio de Janeiro: Manuad, p. 81-117, 2006,

PEDROSA, Stella; MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida. Juventude, Cultura e Comunicação. **Revista Contemporânea**, v2, n.1, Salvador, p.173 - 194, 2004.

PILKINGTON, Hilary & JOHNSON, Richard. Peripheral Youth – relations of identity and Power in global/local context. **European Journal of Cultural Studies**. Vol.6 (3), p. 259 - 283, 2003.

PIÑA NARVÁEZ, Yosjuan. Construcción de identidades (identificaciones) juveniles urbanas: movimiento cultural Underground, el hip hop en sectores populares caraqueños. In: MATOS, Daniel (org). **Cultura y Transformaciones sociales en tiempos de globalización: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, p.163 - 180, 2007.

PORTUGAL, Jorge. Cursinho Social: porta de saída. **Jornal A Tarde**, 12 de fev de 2008, Editoria Coluna Opinião, p. 03.

PRYSTHON, Ângela. Margens do Mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo. **Revista Famecos**, Porto Alegre, no. 21, p.43 - 50, agosto de 2003.

_____. Estudos culturais: uma (in)disciplina?. **Revista Comunicação e Espaço Público**, 6 (1-2), p.34-141, 2003.

_____. Da periferia industrial à periferia fashion. **Revista Eco-Pós**, Rio de janeiro, Vol. 5(2), p. 56 - 67, 2002.

PRYSTHON, Angela & SOUZA, Gustavo. Negociações na periferia: mídia e jovens no Recife. In: **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM**: Salvador,

2002.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da Escrita**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

REBOUÇAS, Danile. Cursinhos sociais abrem as portas das universidades. **Jornal A Tarde**, 01 de mar de 2008, Editoria Salvador e RMS, p. 13.

_____. Bando de Teatro Olodum: arte contra violência. **Jornal A Tarde**, 18 de jun de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 05.

REGUILLO CRUZ, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles - Estrategias del desencanto**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

RIBAS, Sílvio. Rede que apresentou estudos sugere estratégias. **Jornal A Tarde**, 30 de jan de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 05.

ROCHA, Simone, MATOS, Daniela; SALVO, Fernanda; SOUTO, Mariana. Os estudos culturais e os entrelaçamentos entre comunicação e cultura: uma análise do filme *Cão sem dono*. **Revista Interin**, Curitiba, no. 9, p. 01 - 15, 2010.

ROCHA, Simone. Entre a ideologia, a hegemonia e a resistência: dos modos de endereçamento como um diálogo entre a produção e a audiência de produtos audiovisuais. In: **Anais do XIX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2010, Rio de Janeiro.

_____. A “cultura como recurso” e a auto-explicitação do gesto cultural em programas de televisão. In: **Anais do XVIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2009, Belo Horizonte.

_____. Estudos culturais e estudos de mídia: modos de apresentação dos sujeitos em programas televisivos. **Líbero (FACASPER)**, v. XI, p. 87-98, 2008a

_____. Análise de conteúdo articulada à análise de gênero televisivo: proposta metodológica para interpretação das representações nas narrativas midiáticas. **Revista Fronteira (UNISINOS)**, v. 2008, p. 121-134, 2008b.

_____. Como a noção de gênero televisivo colabora na interpretação das representações? Proposta metodológica de análise integrada. In: **Anais I Colóquio Internacional Televisão e Realidade/UFBA**, Salvador, 2008c.

ROCHA, Rose de Melo & Da SILVA, Josimey Costa. Consumo, cenários comunicacionais e subjetividades juvenis. **Revista E-compós**, Vol 09, p. 01 - 19, 2007.

ROCHA, Rose de Melo. Cenários e práticas comunicacionais emergentes na América Latina: reflexões sobre culturas juvenis, mídia e consumo. **Revista Rumores**, ed. 8, s/p, 2010.

ROCHA FILHO, Milton & JUNGBLUT, Cristiane. Lula anuncia uma “pequena revolução”. **Jornal A Tarde**, Editoria Política, 18 de março de 2008, p. 12.

RONSINI, Veneza Mayora. As perspectivas das mediações de Jesus Martin-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica da recepção. In: **Anais do XIX Encontro da COMPÓS**, Rio de Janeiro, 2010.

RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de sentido**: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. Fluxo Midiático e Cultura Juvenil. **Revista Intexto**, v. 2, no. 11, p. 01 - 11, 2004.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena** - experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970/1980. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

SAUKKO, Paula. **Doing Research in Cultural Studies** – An introduction to classical and new methodological approaches. London: Sage, 2003.

SALLES, Écio. Culturas Transitivas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.) **Cultura e**

Desenvolvimento. Rio de Janeiro: Aeroplano, p.90 - 103, 2004.

SANTANA, Eder Luís. Revolta em enterro de jovem baleado. **Jornal A Tarde**, 05 de mai de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 08.

_____. Crime afasta servidor da Codesal da periferia. **Jornal A Tarde**, 14 de mai de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 04.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. edição. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. & SILVEIRA, M. (orgs.). **Território, globalização e fragmentação.** São Paulo, Hucitec, p. 11 – 20, 1998.

SAPORI, Luís Flávio. “Salvador é uma das 4 capitais mais críticas”. **Jornal A Tarde**, 11 de jun de 2008, Editoria Coluna e Opinião, p. 04.

SCHWINGEL, Carla. Sistemas de publicação de conteúdos no Ciberjornalismo: o caso A Tarde Online. In: **Anais do XVII Encontro da Compós**, São Paulo, 2008.

SCOTT, James. **Domination and the Arts of Resistance.** London and New Haven: Yale University Press, 1990.

SEIXAS, Victor de. O que é teatro físico? **MIMUS – Revista on-line de mímica e teatro físico.** Ano 1, no. 1.

SENNA, Viviane & WERTHEIN, Jorge. Apresentação. In: ABRAMOVAY, Miriam et all. **Gangues, Galeras, Chegados e Rappers – Juventude, Violência e Cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** Rio de Janeiro: Garamond, p.11/12, 2004.

SERPA, Angelo. **Lugar e mídia.** São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Regina & SOUZA, Cirlene. Múltiplas cidades: entre morros e asfaltos. In: SILVA, Regina; FRANÇA, Vera; VAZ, Paulo; GUIMARÃES, César. (Org.). **Imagens do Brasil:** modos de ver, modos de conviver. 1ª ed. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

SILVA, Regina & MIGLIANO, Milene. Redes Culturais em territórios urbanos. In: **Anais do XXVIII INTERCOM**, UERJ, Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Regina. Sociedade em rede: cultura, globalização e formas colaborativas. **BOCC – Biblioteca online de Ciências da Comunicação.** Vol 01, p. 01 – 12, 2005.

SILVA, Regina & FONSECA, Cláudia. Cartografias urbanas: lugares, espaços e fluxos comunicativos. In: **Anais da XVI COMPÓS.** Curitiba: UTP, junho 2007.

SILVA, Regina et. all. Dispositivo de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e no espaço. **E-compós**, Brasília, Vol.11, n.1, p. 1-17, jan/abril 2008.

SILVA, Tomás Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomás Tadeu (org). **Identidade e Diferença.** Petrópolis: Vozes, p. 73 - 102, 2000.

SOUZA, Jailson da Silva. Considerações sobre Juventude e Violência Urbana. **ECO-Pós**, v. 8, no. 1, 2005.

SOVIK, Liv. Pensando com Stuart Hall. In: **Anais do 19º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2010, Rio de Janeiro.

_____. **Aqui ninguém é Branco.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

_____. Porque tenho razão: branquitude, Estudos Culturais e a vontade de verdade acadêmica. **Revista Contemporânea**, Vol 3 (2), Salvador, p. 159 - 180, 2005.

STOREY, Jonh(org). **What is Cultural Studies?** A Reader. London: Arnold, 1996.

SUURPAA, Leena. Hierarchies of difference – Finnish Young people’s conception of group membership. **European Journal of Cultural Studies**, Vol 5(2), p. 176 - 197, 2002.

SZANIECKI, Barbara. Afro-reggae: uma experiência com jovens. **Revista Eco-Pós**, v. 8/no.1, Rio de Janeiro, p.127 - 133, 2005.

TOMMASI, Livia de. Algumas indagações sobre cultura, política e periferia. (mimeo)

TRAMA. **Diário Criativo do Grupo de Teatro Trama dos Arteiros**, Salvador, 2008.

VALENZUELA, Katia. Colectivos juveniles: ¿inmadurez política o afirmación de otras políticas posibles?. **Ultima década.**, Santiago, v. 15, n. 26, jul. 2007

VIEIRA, Amélia. Escola é refém da violência. **Jornal A Tarde**, 17 de abr de 2008, Editoria Salvador e RM, p. 11.

VIEIRA, Eduardo. De olho na criação e autonomia profissional. **Jornal A Tarde**, 26 de mai de 2008, Editoria Caderno 2, p. 08.

WASELFSZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2011: os jovens no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: 1780-1950** (Trad. de Leônidas H.B. Hegenberg; Octanny Silveira da Mota; e Anísio Teixeira), São Paulo: Ed. Nacional, 1969.

_____. **Marxismo e Literatura**. RJ: Jorge Zahar, 1979.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomás Tadeu (org). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, p. 07 - 72, 2000.

YÚDICE, George. **A conveniência da Cultura** – usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMFG, 2004.

Revista Rio de Janeiro - Políticas Públicas de Cultura- Dilemas, Diversidades e Propostas. Rio de Janeiro, Fórum Rio de Janeiro: UERJ, n.15, jan-abril 2005.

Revista Democracia Viva n. 30 – Especial Juventude e Política. Rio de Janeiro, IBASE - Jan 2006/mar 2006.

Política Públicas de/para/com Juventudes - Brasília, UNESCO, 2004.